

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE PERNAMBUCO

CARLOS ALBERTO LIVINO DA SILVA

RELIGIÃO E SEXUALIDADE
*Um estudo sobre o comportamento sexual de
adolescentes em Garanhuns – Pernambuco –
Brasil*

Recife, PE
Março, 2009

CARLOS ALBERTO LIVINO DA SILVA

RELIGIÃO E SEXUALIDADE

Um estudo sobre o comportamento sexual
de adolescentes em Garanhuns –
Pernambuco - Brasil

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação “Strictu
Sensu” da Faculdade de Odontologia
de Pernambuco – FOP /
Universidade de Pernambuco – UPE,
como requisito para a obtenção do
título de Mestre em Hebiatria.

Orientadora:

Profa. Dra. Kalina Vanderlei Silva

Recife, PE
Março, 2009

CARLOS ALBERTO LIVINO DA SILVA

RELIGIÃO E SEXUALIDADE

Um estudo sobre o comportamento sexual de adolescentes em Garanhuns – Pernambuco – Brasil

Dissertação apresentada à Faculdade de Odontologia de Pernambuco / Universidade de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Hebiatria.

Aprovada em, / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. PARRY SCOTT
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profa. Dra. ADRIANA MARIA PAULO DA SILVA
Universidade de Pernambuco - UPE

Profa. Dra. REGINA CELIA DE OLIVEIRA
Universidade de Pernambuco - UPE

DEDICATÓRIA

Aos meus pais,

Já não mais aqui;

À minha esposa Maria,

Pela compreensão e apoio;

A Ana Claudia, minha filha,

Pelo carinho com que me tem ajudado;

A Filipe, meu filho,

Pela entusiasmo com que constrói a vida;

A Pedrinho, meu filho,

Pelo caráter firme e amoroso.

Aos rapazes e moças que participaram deste estudo,

ajudando a compreender aspectos da sexualidade
do adolescente.

AGRADECIMENTOS

Pela vida,

- Ao Senhor Deus,

Pela orientação,

- Profa. Dra. Kalina Vanderlei Silva.

Pelo apoio,

- Faculdade de Ciências e Tecnologias de Garanhuns / UPE,
- Hospital Regional Dom Moura / Secretaria de Saúde de Pernambuco,
- Secretaria de Saúde / Prefeitura de Garanhuns,
- Prof. Dr. Belmiro Cavalcanti do Egito Vasconcelos,
- Profa. Dra. Viviane Colares,
- Prof. Dr. Mário Medeiros,
- Prof. Pedro Henrique de Barros Falcão.

Pela facilitação do contato com os adolescentes,

- Diretores e coordenadores pedagógicos das instituições escolares que participaram deste estudo.

Pela amizade,

- Aos colegas do Mestrado em Hebiatria (2007 – 2008) – Faculdade de Odontologia de Pernambuco – FOP/UPE.

“E tudo era um caos até que a Mente se ergueu e a tudo ordenou”.

(ANAXÁGORAS)

“Da minha aldeia vejo quanto da terra se
pode ver do universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como
outra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
e não do tamanho da minha altura...”

(Fernando Pessoa. Poemas de
Alberto Caeiro, “Da minha Aldeia”,
em “O Guardador de Rebanhos”)

RESUMO

A religião é uma prática humana que institui princípios éticos indutores de condutas que se acredita requeridas pelo transcendente com o fim de comunhão e construção da felicidade. A sexualidade como instrumento da felicidade é, portanto, uma dimensão humana para além da biologia, cujo significado vem sendo historicamente construído em consonância com os parâmetros e valores sócio-culturais, presumindo-se a influência da religião nessa construção, sobretudo durante a adolescência. Este estudo transversal, qualitativo, utilizando a técnica de grupo focal foi realizado com o objetivo de discutir questões da sexualidade adolescente, relativas (1) ao conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção; (2) ao conhecimento de métodos de contracepção; (3) à percepção da sexualidade; (4) às vivências sexuais, e (5) à orientação do desejo sexual. Participaram 90 adolescentes secundaristas de ambos os sexos, sendo 42 religiosos e 48 não-religiosos na faixa etária de 15 a 19 anos, matriculados em escolas públicas e em escolas privadas no município de Garanhuns, PE. Verificou-se entre os adolescentes (1) satisfatório conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis e menor conhecimento das formas de prevenção; (2) maior conhecimento dos métodos de contracepção entre os não-religiosos; (3) concepção de sexualidade mais influenciada pela afetividade entre os religiosos e mais focalizada no sexo entre os não-religiosos; (4) atitudes conservadoras em relação às vivências de sexo, e (5) definição pela heterossexualidade e rejeição de outras formas de orientação do desejo sexual. Concluiu-se que a influência da religião mostrou-se mais significativa em relação às medidas de contracepção, à compreensão do papel da sexualidade na adaptação pessoal e vital e na atribuição de afeto à relação sexual convencional.

Palavras-chave: Religião, sexualidade, adolescência, DST, anticoncepção, vivências sexuais, orientação do desejo sexual.

ABSTRACT

The religion is a human practice that institutes ethical principles inductors of conducts it is believed to be requested by the transcendent with the purpose of communion and construction of the happiness. The sexuality as instrument of the happiness is therefore, a human dimension for beyond the biology, whose meaning has being historically built in consonance with the parameters and sociocultural values, assuming the influence of religion in this construction, and above all during the adolescence age. This transverse study, qualitative, using the technique of focal group was made with the aim of discussing issues related to adolescent sexuality relative to (1) the knowledge of sexually transmitted diseases and forms prevention; (2) the knowledge of contraceptive methods; (3) the perception of the sexuality; (4) the sexual experience, and (5) the orientation of sexual desire. 90 secondary school adolescents of both sexes, took part in this, being 42 with religious background and 48 with no-religious background, in the 15 to 19 age group, enrolled in public schools and in private schools from the municipal district of Garanhuns, Pernambuco, Brazil. It was verified among the adolescents (1) satisfactory knowledge of the sexually transmitted diseases and a smaller knowledge about forms the prevention; (2) a larger knowledge of the contraception methods among the no-religious ones; (3) the conception of sexuality is more influenced by the affectivity between the religious ones and more focused on the sex act in itself among the no-religious ones; (4) conservative attitudes in relation to the sex experiences, and (5) definition for the heterosexuality and rejection to other forms of sexual desire orientations. We concluded that the influence of the religion was shown more significant in relation to the contraception measures, to the understanding of the sexuality role in the vital and personal adaptation and in the attribution of affection to the conventional sexual relationship.

Word-key: Religion, sexuality, adolescence, STD, contraceptive methods, sexual experiences, orientation of the sexual desire.

RESUMEN

La religión es una práctica humana que instituye principios éticos inductores de conductas que, se cree, sean requeridas por lo trascendente con la finalidad de comunión y construcción de la felicidad. La sexualidad como instrumento de la felicidad es, por lo tanto, una dimensión humana más allá de la biología, cuyo significado ha sido históricamente construido en consonancia con los parámetros y valores socio-culturales, con presumible influencia de la religión en esta construcción, sobretodo durante la adolescencia. Este estudio transversal, cualitativo, utilizando técnica de grupo focal fue realizado con el objeto de discutir cuestiones sobre la sexualidad adolescente, relativas (1) al conocimiento de las enfermedades sexualmente transmisibles (DST) y maneras de prevención; (2) al conocimiento de métodos de contracepción; (3) a la percepción de la sexualidad; (4) a las vivencias sexuales, y (5) a la orientación del deseo sexual. Participaron 90 adolescentes, estudiantes de secundaria de ambos sexos, totalizando 42 religiosos y 48 no-religiosos con edades entre los 15 y los 19 años, matriculados en escuelas públicas y en escuelas privadas de la ciudad de Garanhuns, Pernambuco, Brasil. Se ha verificado entre los adolescentes (1) satisfactorio conocimiento de las enfermedades sexualmente transmisibles y menor conocimiento de las formas de prevención; (2) mayor conocimiento de los métodos de contracepción entre los no-religiosos; (3) concepción de sexualidad más influenciada por la afectividad entre los religiosos y más centrada en el sexo entre los no-religiosos; (4) actitudes conservadoras en relación a las vivencias sexuales, y (5) definición por la heterosexualidad y rechazo a otras formas de orientación del deseo sexual. Se concluye que la influencia de la religión se muestra más significativa en relación a las medidas contraceptivas, a la comprensión del papel de la sexualidad en la adaptación personal y vital y en la atribución de afecto a la relación sexual convencional.

PALABRAS-CLAVE: Religión, sexualidad, adolescencia, DST, anticoncepción, vivencias sexuales, orientación del deseo sexual.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Grupo Focal Religioso: Características por religião, sexo, idade e série escolar	42
QUADRO 2 - Grupo Focal Não religioso: Características por sexo, idade e série escolar	42
QUADRO 3 - Grupo Focal Religioso: Características dos grupos menores por Religião, sexo, idade e série escolar	43
QUADRO 4 - Grupo Focal Não-Religioso: Características dos grupos menores por sexo, idade e série escolar	43
QUADRO 5 - Temário proposto para discussão nos grupos focais	44
QUADRO 6 - Temário e proposições discutidas nos grupos focais	45
QUADRO 7 – Conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção / Categorização de Conteúdos	126
QUADRO 8 – Conhecimento de métodos anticoncepcionais / Categorização de conteúdos	129
QUADRO 9 – Percepção da sexualidade na adolescência / Categorização de conteúdos	131
QUADRO 10 – Vivências sexuais na adolescência / Categorização de conteúdos	134
QUADRO 11 – Orientação do desejo sexual / Categorização de Conteúdos	137

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Escolas participantes deste estudo	153
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	154
ANEXO C – Termo do Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito	155
ANEXO D – Ficha de identificação do participante	156
ANEXO E – Normas para transcrição de entrevistas gravadas	157
ANEXO F – Transcrição de entrevista: Grupo Focal Religioso 1 (GFR-1)	158
ANEXO G - Transcrição de entrevista: Grupo Focal Não-Religioso 1 (GFNR-1)	164
ANEXO H – Transcrição de entrevista: Grupo Focal Religioso 2 (GFR-2)	169
ANEXO I - Transcrição de entrevista: Grupo Focal Não-Religioso 2 (GFNR-2)	174
ANEXO J – Transcrição de entrevista: Grupo Focal Religioso 3 (GFR-3)	178
ANEXO K - Transcrição de entrevista: Grupo Focal Não-Religioso 3 (GFNR-3)	183
ANEXO L – Transcrição de entrevista: Grupo Focal Religioso 4 (GFR-4)	188
ANEXO M - Transcrição de entrevista: Grupo Focal Não-Religioso 4 (GFNR-4)	195
ANEXO N – Transcrição de entrevista: Grupo Focal Religioso 5 (GFR-5)	202
ANEXO O – Transcrição de entrevista: Grupo Focal Não-Religioso 5 (GFNR-5)	211

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – RELIGIÃO E SEXUALIDADE: ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E VIVÊNCIAS NA ADOLESCÊNCIA	16
1. Breve história da religião	16
2. O cristianismo no Brasil	17
3. Implicações da religião na vida social	18
4. Religião e sexualidade nas culturas antigas	20
5. Sexualidade na contemporaneidade	24
6. Sexualidade na adolescência e na juventude	26
7. Doenças sexualmente transmissíveis e implicações sanitárias	27
7.1. Propensão às doenças sexualmente transmissíveis	30
8. Métodos de contracepção	31
9. Afetividade e sexualidade na adolescência	34
10. Dimensões do comportamento sexual na juventude e na adolescência	36
11. Religião e sexualidade entre adolescentes	38
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA PESQUISA	40
CAPÍTULO III – RESULTADOS	46
1. Conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção entre adolescentes	44
2. Conhecimento de métodos anticoncepcionais entre adolescentes	58
3. Percepção da sexualidade entre adolescentes	70
4. Vivências sexuais entre adolescentes	85
5. Orientação do desejo sexual entre adolescentes	106
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO	124
1. Conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção entre adolescentes	124
2. Conhecimento de métodos anticoncepcionais entre adolescentes	126
3. Percepção da sexualidade entre adolescentes	129
4. Vivências sexuais entre adolescentes	132
5. Orientação do desejo sexual entre adolescentes	134
6. Alguns comentários e sugestões	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	142
ANEXOS	152

INTRODUÇÃO

A religião é um fenômeno típico da vida humana historicamente presente em todas as sociedades desde os seus primórdios, constatação esta que desperta interesse e influencia diferentes explicativas desse fenômeno, visto sob o olhar da inspiração pelos teólogos. Modernamente, antropólogos e sociólogos têm procurado interpretar a religião à luz das ciências, tratando-a como fato social, e, portanto explicável como fenômeno circunscrito à dimensão do humano. Atrelada à ação social, a religião adquire sentido pelo seu poder para orientar atitudes na construção de valores relacionados às manifestações vitais, e de forma particular, sobre a construção e o exercício da sexualidade.

A sexualidade sob a ótica psicanalítica se constitui na essência da atividade humana, englobando tanto uma determinação anatômica quanto uma construção mental (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 704). Foucault (2005) apresenta-a sob o ponto de vista de uma invenção, uma construção histórica e social, um fenômeno sempre dinâmico que pretende controlar e normatizar as vivências do sexo no âmbito privado, fazendo eclodir uma visão sociológica de diferentes sexualidades humanas. Assim, religião e sexualidade têm dotação psicológica e social para inculcar princípios, normas e valores advindos de grupos majoritários cujo fim é controlar e orientar padrões de vivências sexuais, tidas como normais, para os indivíduos. Dessa forma os adolescentes por suas características psicoafetivas parecem mais afetos à influência dos valores religiosos e sociais nas vivências da sexualidade, consoante às peculiaridades culturais do lugar onde são educados.

Garanhuns é um município que integra a meso-região do agreste pernambucano. Possui uma área de 472,46 km², uma altitude de 842m, implantada no Planalto da Borborema, com a temperatura de média de 20°C e clima mesotérmico, banhada pelo rio Mundaú, a cidade que tem os codinomes de Suíça Nordestina, Cidade da Garoa e Cidade das Flores, dista 228 km da capital do Estado. Sua população geral de 124.996 habitantes destaca a matrícula de 7.412 adolescentes e jovens na rede pública e na rede privada de ensino (IBGE, 2007) e uma população atual de adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos, superior a 13.163, conforme dados oficiais anteriores (IBGE, 2000). A história do município se encontra intimamente ligada ao Quilombo dos Palmares, conserva ainda, as comunidades quilombolas do Castaíno, do Timbó, do Caluete, do Estrela e do Estivas.

Sua principal atividade econômica está alicerçada no comércio, na pecuária leiteira e no turismo rural e urbano (secular e religioso). Dentre as atividades turísticas merecem destaque (1) o Festival de Inverno, (2) a Garanheta (carnaval fora de época) e (3) as romarias à Santa Mãe Rainha e à Santa Quitéria. Entre as Sete Colinas, (1) o Relógio das Flores, (2) o Parque Euclides Dourado, (3) o Parque Ruber van der Linden, (4) o Cristo do Magano, (5) o Monumento do Ipiranga, (6) o Castelo de “João Capão”, (7) o mosteiro de São Bento, (8) o Seminário São José, (9) o Palácio Celso Galvão, (10) as igrejas de Santo Antonio e de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, (11) as capelas da Santa Mãe Rainha e de Santa Quitéria e (12) a Igreja Presbiteriana Central, são pontos turísticos de notória visita.

O município goza de satisfatório status, com Índice de Desenvolvimento Humano – IDH 0,692 (CONDEPE/FIDEM, 2007), situando-se entre os 23 municípios melhores classificados em Pernambuco. A cidade goza ainda de infra-estrutura integrada por uma vasta rede educacional pública e privada de ensino fundamental e médio; comunicações (rádio, televisão, jornais de grande e de pequena circulação) e transportes (urbano e interestadual).

O ensino superior é ministrado por duas universidades públicas: A Universidade de Pernambuco – UPE - Campus de Garanhuns e a Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, que oferecem licenciaturas e bacharelados nas áreas de ciências humanas, biotecnológicas e agrárias. O ensino superior privado é assegurado pela Associação de Ensino Superior de Garanhuns – AESGA (autarquia municipal) e pela Faculdade de Medicina de Garanhuns – FAMEG. A primeira oferece bacharelado nas áreas de administração empresarial e administração hospitalar, Turismo, Marketing e Direito, e a segunda, recentemente chegada ao município, implantou o curso de medicina. Em vias de implantação, um projeto de inclusão digital em convênio com o Ministério das Comunicações e uma faculdade privada de medicina. Sua estrutura social (educação, saúde, economia, transportes, artes, segurança) dá-lhe maior diversidade cultural e religiosa no âmbito do Agreste de Pernambuco por sua condição de cidade-pólo.

A educação no município está historicamente ligada à presença religiosa dos presbiterianos e dos católicos. No ano de 1895, com a chegada dos missionários presbiterianos a Garanhuns, a educação tornou-se um importante meio para a evangelização local e regional. No município os presbiterianos fincaram bases educacionais no Colégio Quinze de Novembro e no Seminário do Norte, este último transferido posteriormente para o Recife (MATOS, 2009). O interesse dos missionários presbiterianos pela evangelização através da educação possibilitou a transferência em 1951, da Escola de Treinamento da Bíblia para Moças – ETBM, do Colégio Agnes Erskine, em Recife, para Garanhuns. Esta escola, atualmente sob a designação de Instituto Bíblico do Norte, vem ministrando Cursos de Bíblia e Educação Cristã, Cursos de Iniciação à Música Sacra, Curso Pré-seminário e outros, para estudantes de ambos os sexos (VIANA, 2009).

A presença católica na educação local surgiu após a iniciativa dos protestantes, com a fundação em 17 de janeiro de 1912, do atual Colégio Santa Sofia, pertencente às Damas de Instrução Cristã, que durante muitos anos ministrou educação exclusivamente para moças. Seguiu-se a fundação do Ginásio de Garanhuns, atual Colégio Diocesano de Garanhuns, em 19 de março de 1915, pelo Monsenhor Benigno Lira. Semelhantemente à instituição co-irmã, o Ginásio Diocesano durante longo período da sua história, voltou-se à educação exclusiva de rapazes, atraindo alunos de diferentes regiões do país. Anos depois, o município recebe o Ginásio do Arraial, atual Colégio Monsenhor Ademar da Mota Valença, fundado pelo clérigo de mesmo nome em 07 de outubro de 1956.

O catolicismo local registra ao lado do empenho educacional, um evento de rivalidade intra-religiosa que culminou no assassinato do bispo Dom Expedito Lopes, em fins da década de 1950, por um sacerdote a ele submisso. O “martírio de

Expedito, que tanta glória espargiu”¹ (cantavam antigos alunos do Ginásio Municipal de Garanhuns) e os testemunhos de graças alcançadas por fiéis, possibilitaram a recente abertura do processo de beatificação do referido padre. A religiosidade de católicos locais mistura-se à fé, como se vê no episódio da guarda de um dos projéteis da arma disparada contra o bispo. Recentemente em novembro passado, um atuante jornalista local, doou à diocese, o projétil (guardado desde 01 de julho de 1957) que “atravessou o braço esquerdo do bispo assassinado”². Cognominado “Bispo dos Pobres”, “Bispo de Coração Mariano” e “Bispo do Perdão”, Dom Expedito Lopes é reverenciado pelos católicos locais por sua doação pastoral aos pobres, pela criação do Instituto das Missionárias de Nossa Senhora de Fátima do Brasil e pelas preces e perdão dispensado ao seu agressor, horas antes da sua morte (RAFAEL, 2009).

Pesquisadores sociais têm estudado com interesse os diferentes matizes da religião e da religiosidade em Garanhuns. Estudando o comportamento religioso de católicos leigos em Garanhuns (THEIJE, 2002) a autora mostrou a influência do gênero na construção de significados que imprimem padrões de conduta à vivência religiosa. Por seu turno, Braga (2004) em análise posterior, enfatizou as dimensões da experiência religiosa e política vivida por católicos leigos da paróquia de São Vicente em Garanhuns, em relação aos preceitos do catolicismo liberacionista.

Neste estudo, fatores inerentes ao autor, auxiliaram a construção e a definição da natureza e dos objetivos explicitados adiante. A condição religiosa do autor (protestante) bem como a atividade que desenvolve como psicoterapeuta em serviço ambulatorial de saúde pública, tem permitido satisfatórias oportunidades de interação com adolescentes. Tais oportunidades levaram a supor que fatores históricos e culturais que impregnam a religião e a religiosidade vividas no município influenciam a dinâmica da sexualidade de adolescentes locais, cujas dimensões e implicações carecem ainda de explicação.

Considerando no rol das características sócio-culturais, a influência da religião na construção social e humana do município, e por outro, a inexistência de estudos similares em Pernambuco, descreveremos aqui, o papel da religião no comportamento sexual de adolescentes religiosos, contrapondo-o ao comportamento sexual de adolescentes não-religiosos. Definimos por comportamento sexual, o repertório de conhecimentos e atitudes em relação à vivência sexual, como (1) conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis e suas formas de prevenção; (2) conhecimento de métodos anticoncepcionais; (3) percepção da sexualidade; (4) vivências sexuais em suas distintas formas; e (5) orientação do desejo sexual.

A histórica diversidade religiosa da população garanhuense põe em destaque o cristianismo, fortalecido pela educação com ênfase protestante e pela educação com ênfase católica. Tal diversidade, com a primazia estatística católica ofereceu satisfatório contexto à análise da influência exercida pela religião no comportamento humano, e de modo particular, sobre o comportamento sexual de adolescentes, com o fim de (1) avaliar o grau de conhecimento de adolescentes em relação às doenças

¹ Estrofe do Hino do Ginásio Municipal de Garanhuns, atual Colégio Municipal Pe. Agobar da Mota Valença.

² Disponível em: <http://www.diocesegaranhuns.org/site/exibepalavrabispo.php?cod_palavra=3> Acesso em 20 jan. 2008.

sexualmente transmissíveis e suas formas de prevenção; (2) relatar as implicações da religião na aquisição de informações relativas aos métodos anticoncepcionais entre adolescentes no contexto atual; (3) resumir a influência da religião na percepção da sexualidade entre adolescentes; (4) descrever formas de vivências sexuais entre adolescentes; e (5) identificar princípios religiosos na orientação do desejo sexual de adolescentes.

Esperamos com este estudo para a elaboração de programas de informação e/ou orientação, ou outras medidas instrucionais de apoio ao desenvolvimento sexual do adolescente. Concomitantemente esperamos também, incentivar a atenção familiar às questões psicossociais e religiosas implicadas no comportamento sexual e na sexualidade do adolescente. Esta proposição se afigura factível como linha de investigação, uma vez que está satisfatoriamente estabelecido o consenso de que a religião permite diálogo interface com áreas de outros saberes (JONES apud OLIVEIRA, 2000, p. 7).

CAPÍTULO I

RELIGIÃO E SEXUALIDADE

ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E VIVÊNCIAS NA ADOLESCÊNCIA

1. BREVE HISTÓRIA DA RELIGIÃO

A religião é uma prática cultural encontrada à origem do homem, e por isso, interpretada como processo; uma construção cultural, um instrumento coletivamente criado para explicar, originariamente, o desconhecido. Essa necessidade de conhecimento, das explicativas primeiras para o fenômeno da morte, evoluiu para uma assimilação racional da natureza, do homem e da sociedade (SILVA e SILVA, 2006; FREIRE, 2008; ROSA, 1996; CABRAL e OLIVEIRA, 1972; UCHOA, 1968).

A religião, como prática, apresenta-se constituída por sistemas de crenças multiformes e de difícil classificação, dada à variedade, tanto das culturas humanas quanto das religiões e religiosidades identificadas pela história e pela antropologia (SILVA e SILVA, 2006, p. 354-358; RICHARDSON, 1995). Estudos antropológicos em culturas antigas identificaram entre os Incas, os Santal indianos, os Gedeo etíopes e os Mbaka centro-africanos, práticas culturais monoteístas, próximas das suas respectivas na religião judaico-cristã (RICHARDSON, 1995).

Sob o olhar judaico, a narrativa dos princípios teo-antropológicos, evidenciados no ato criador da divindade, instituiu o deísmo pela superioridade daquela em relação à criatura, semelhança do seu Criador (BÍBLIA. GÊNESIS, 1.26.). Tal semelhança, definida como “*imago Dei*”, refere-se a um ponto de contato que possibilita a relação do homem com Deus, sendo essa relação, a essência do homem (MODIN, 2003, p. 93). Portanto, como Deus se revela através da Sua Palavra, a “*imago Dei*” desempenha fundamentalmente uma função espiritual-social. No plano ético-moral, a “*imago Dei*” viabiliza a produção de mecanismos necessários à regulação da convivência social, assentada no protótipo da relação de Yahweh (Deus dos hebreus) com patriarca Abraão. A narrativa bíblica mostra que o propósito dessa relação é abençoar a humanidade (BÍBLIA. GÊNESIS, 12.1-3), à medida que Yahweh fosse disseminado entre os povos.

A relação esperada de convivência do homem com o Transcendente – “*imago Dei*” - tornou-se assim, o objeto da educação hebraica. Os hebreus adultos tinham como responsabilidade maior, prestar especial atenção, pedagógica e religiosa, à formação dos jovens, educando-os no “caminho que deve andar” (BÍBLIA. PROVÉRBIOS, 22.6). O ensino da religião e a prática da religiosidade desde tenra idade tornaram-se o caminho hebraico – modelo pedagógico - pressupondo-se nele, o meio para o aprendizado de valores eficazes à construção de uma ética de co-responsabilidade com o amplo desenvolvimento da pessoa.

Os gregos, povo politeísta, voltaram-se à antropologia, com o destaque das questões políticas e sociais. Aristóteles considerou o homem como um ser, primeiramente político, por suas relações bem definidas com o Estado que espera dos seus súditos o exercício da moral através da vida social (JAPIASSU e MARCONDES, 1996, p.16). Assim, a moral estimula necessidades de associação, e esta principia o desenvolvimento de relações indutoras de normas e valores significativos entre pares e, portanto, a formação de uma cultura enquanto característica identitária de um povo. Contrariamente à assertiva aristotélica, Brunner afirma que o homem é um ser teológico, pois o seu fundamento, sua finitude, bem como suas habilidades para compreender a natureza e a si mesmo, encontra-se em Deus (MODIN, 2003, p. 93). Assim, a religião se constitui num código de conduta entre o homem e a Divindade, lócus de origem do código social que permite entender o homem em sua natureza sócio-espiritual.

O cristianismo, herdeiro do judaísmo monoteísta, se refere a um agregado de religiões que têm, em Jesus Cristo, o Senhor e Salvador. Alicerçado nos princípios da particularidade e da universalidade, o cristianismo afirma, em relação à particularidade, que a fé, tal como revelada por Jesus Cristo, se constitui condição imprescindível à salvação; quanto ao princípio da universalidade, de onde surgiu o termo católico, utilizado por Inácio, de modo complementar, estende a salvação a toda a humanidade que se permitir crer na fé revelada, ensinada e mantida através dos históricos concílios ecumênicos. De notória expansão durante a ocupação romana na Judéia, o cristianismo, incorporando-se ao Estado, identificou-se com a Igreja Católica até a cisão com a Igreja Ortodoxa. Posteriormente, a decadência do império romano favoreceu a ascendência da Igreja Católica à condição de religião oficial, guardiã da fé, perseguidora dos não adeptos, obrigando-os à conversão pela força. O propósito fundamental do cristianismo é ensinar as doutrinas bíblicas do Novo Testamento, as quais se constituem diretrizes para reger a vida pessoal e social na prática do bem. Historicamente, se incluem nesta fé, a Igreja Ortodoxa Oriental, o catolicismo em suas ramificações e as denominações protestantes da pós-Reforma, como os anglicanos, os episcopais, os metodistas, os luteranos, os presbiterianos, os congregacionais e, paralelos à reforma, os batistas (SILVA e SILVA, 2006, p. 79-88; MENDONÇA e VELASQUES FILHO, 2002, p. 11-18; MATHER e NICHOLS, 2000, p. 108-127).

2. O CRISTIANISMO NO BRASIL

O cristianismo católico chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses, agraciados, décadas antes da conquista, com o direito do Padroado que lhes conferia autoridade administrativa e teológica sobre a igreja a se instalar. O catolicismo gradativamente se implantou pelo mecanismo da negação das práticas culturais dos nativos e dos africanos (SILVA, 2001, p. 135). Pierucci, (2005, p. 301) relata que os padres jesuítas, representantes primeiros da igreja católica no Brasil, empreenderam a catequese dos nativos e dos negros escravos africanos, tarefa que se afigurou complexa pelo contraste cultural manifesto nas relações entre os padres e as nações que pretendiam converter ao cristianismo. A igreja implantada manteve-se, pelo direito do Padroado, submissa à Coroa Portuguesa durante quatro séculos até o advento da república. Note-se que em 1808, com a Abertura dos Portos às nações amigas, permitiu-se aos imigrantes ingleses protestantes, a prática caseira

dos seus cultos, proibindo-se o proselitismo (SILVA, 2001, p.138), adotando-se assim, uma atitude de liberdade controlada em relação à religião não oficial.

O Brasil República abdicou do direito do Padroado, optando pela declaração da laicidade do Estado brasileiro em matéria de religião, favorecendo a partir de então, a liberdade de expressão religiosa. Ao inscrever na constituição tal direito, por extensão, contemplou-se o direito à liberdade de associação e ainda, o direito de livre concorrência entre igrejas (SILVA, 2001, p. 138). Liberta do jugo estatal, a igreja católica empreendeu um inestimável trabalho de expansão como antes não se conheceu em território nacional, não evitando, mesmo assim, o surgimento de novas igrejas e religiões. Mesmo diante da pluralidade religiosa contemporânea nacional, o catolicismo é estatisticamente a religião dominante na população brasileira (IBGE, 2000).

O protestantismo europeu e americano ao instar-se no Brasil, empreendeu um trabalho doutrinário com o propósito de induzir o abandono das crenças, costumes e valores das classes populares, semelhantemente à estratégia adotada pelo catolicismo. Pierucci (2005), em sua explanação sobre as religiões no Brasil, diz que o protestantismo foi introduzido pelos imigrantes alemães de confissão luterana que se radicalizaram no sul do país a partir de 1824. Inicialmente, o luteranismo preocupou-se com a autopreservação cultural e religiosa evitando a comunicação da fé em idioma que não fosse germânico. No período de implantação, muitas foram as dificuldades enfrentadas pelos alemães, sobretudo, pela ausência de líderes eclesiásticos, até que da Alemanha, a partir de 1886, vieram pastores que fundaram a Igreja Evangélica Alemã no Brasil. Também, imigrantes luteranos americanos chegaram ao Brasil em 1904, fundando a Igreja Evangélica Luterana no Brasil e, após a segunda guerra, foi fundada a Igreja Evangélica de Confissão luterana no Brasil. Em 1810, americanos protestantes de confissão anglicana e de confissão metodista radicalizaram-se em São Paulo.

À semelhança dos alemães, os pioneiros anglicanos optaram pela manutenção da cultura luterana do país de origem e com visível desinteresse pela conversão de brasileiros, condição esta que fez postergar a nacionalização dessa igreja. O protestantismo no Brasil é então categorizado pela imigração e pela conversão, sendo a segunda, fruto das missões inglesas com os anglicanos (1818) e americanas com os presbiterianos (1859 e 1868), os metodistas (1870), os batistas (1881), os episcopais (1889) e os congregacionais (1893), vindas com o propósito de converter brasileiros ao cristianismo protestante. Neste trabalho de evangelização, os metodistas, auxiliados pelas Sociedades Bíblicas na distribuição de bíblias ao povo brasileiro, alcançaram destaque, fato que resultou na criação da Igreja Congregacional no Rio de Janeiro em 1858. Em fins do século XIX, as denominações clássicas do protestantismo, quais sejam: luterana, anglicana e episcopal, metodista, presbiteriana, congregacional e batista, já se encontravam implantadas no país (PIERUCCI, 2005, p. 304-306; SILVA, 2001, p. 138).

3. IMPLICAÇÕES DA RELIGIÃO NA VIDA SOCIAL

A religião cumpre importantes funções sociais, estabelecendo-se como instrumento de organização da vida pessoal e coletiva, de criação e significação do

agir em consonância com padrões éticos e morais, tendo visível influência no ajustamento pessoal (MARCONI e PRESOTTO, 1999, p. 171), através, inclusive, da coerção psicológica. Com o incremento das possibilidades de conhecimento, a função social da religião foi contestada: Marx e Engels apontaram-na como elemento indutor da conformação do sujeito à ideologia do poder. Para Marx, a religião é fruto de projeções mentais eliciadas das ansiedades do homem ante as opressões do poder (LESBAUPIN, 2003, p. 15), uma realidade forjada pela alienação e, portanto, o “ópio do povo” (ALVES, 1999, p. 80 e 91; CHAUI, 1999).

A contestação marxista à religião intenta o desprestígio da sua função construtiva, impingindo-lhe uma dimensão, não só político-ideológica, mas também psicopática, assemelhando-a a recursos de identificação, ou de justificação ou mesmo de defesa do psiquismo ante a percepção de superioridade do opressor. A dúvida introduzida quanto à beneficência do papel social da religião, orientou o exame da questão por neo-marxistas. Luxemburgo e Gramsci, abdicando do viés da essência, adentraram ao papel histórico da religião no processo das transformações sociais, pondo à luz, o seu poder na construção de ideologias progressistas (LESBAUPIN, 2003, p. 27) como instrumento de resistência e evitamento da submissão das classes populares.

Entendimento semelhante ao marxismo instalou-se na psicanálise. Freud, (1913), inicialmente, refletindo sobre a natureza e a cultura, viu na segunda, um conjunto de preceitos impostos, pela elite dominante, à massa menos esclarecida. Nesse sentido, a função da cultura é produzir mecanismos de alívio da ansiedade contra as agressões da natureza, sobretudo, contra o temor da morte. Mas, qual a base dessa proposição? Na psicologia das massas, Freud encontrou a gênese da religiosidade na figura parental. O pai protege, dá segurança, induz à adoção de atitudes, dita regras, torna-se temido, pela criança, pelo poder de punir. Pela educação, o sujeito, diz Freud, harmoniza as forças temidas da natureza, fazendo-as pais ou deuses que podem gratificar o sofrimento impingido pela cultura. Assim, Freud entendeu a religião como pretensa “explicação sobre a origem e gênese do universo, consolo e esperança nas vicissitudes da vida e proibições que apóia com grande autoridade”, e abrigo imaginário contra a natureza (UCHOA, 1968, p. 375). Religião prosseguiu Freud, é uma ilusão, fruto dos desejos inconscientes, semelhante à neurose obsessiva (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 286-288; XAUSA, 1986, p. 178-179; HORDERN, 1979, p. 48). Ainda no âmbito da psicanálise, contrariamente a Freud, Jung vê, na religião, uma das mais antigas e universais expressões da alma, chegando, inclusive a advogar a existência de uma saudável relação entre a saúde psíquica e religiosidade. Em caminho semelhante, William James, ao descrever diferentes estados místicos da consciência, assemelhou a experiência religiosa a uma forma específica de atividade psíquica (XAUSA, 1986, p. 178-181).

Durkheim dedica-se à análise do fenômeno religioso, concluindo que a religião é também um instrumento de promoção da qualidade de vida. Para este sociólogo, a religião contém, ao mesmo tempo, algo de eterno e um poder dinamogênico que vivifica o crente e, por extensão, influi nas transformações sociais. A religião, ao seu olhar, conjuga um sistema de idéias e de forças sui generes que, na impossibilidade de descrevê-las melhor, utilizou a expressão “são forças que levantam montanhas” (SANCHIS, 2003, p. 40-41), talvez numa alusão à

dimensão da fé referida por Jesus (BÍBLIA. MATEUS, 17.20; MARCOS, 11.23). A análise durkheimiana, relativa ao poder da religião, mostra que este é erroneamente concebido pelos crentes; entretanto, não é algo que emerge das defesas do inconsciente para evitar a ansiedade, mas um poder real que permite a humanidade viver (DURKHEIM, 1977). Aqui, um contra ponto é colocado, por se presumir que a ciência não pode apreender, com objetividade, a significação da vivência religiosa, uma vez que a interioridade do homem que se submete à experiência do sagrado está para além da análise sociológica (ALVES, 1999, p. 86).

A antropologia tem se dedicado ao exame da religião e da religiosidade enquanto fenômeno cultural. Uma definição preliminar, diz tratar-se de “crenças em seres espirituais” (TYLOR apud HERSKOVITS, 1964, p. 142), sendo esta uma definição mínima, como bem assegurou a sua autoria. Gaarder, Hellern e Notaker (2005, p. 19-20), compilaram definições interessantes: Schleiermacher, diz que a “religião é um sentimento ou uma sensação de absoluta dependência”; Tiele entende que “religião significa a relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou do qual se sente dependente”. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo), conceitos (crenças) e ações (culto e ética); Glaserapp refere-se à “convicção de que existem poderes transcendentais, pessoais ou impessoais, que atuam no mundo, e se expressa por insight, pensamento, sentimento, intenção e ação”. Já Herskovits (1964, p. 176), contribuindo nesse campo conceitual, refere-se à exigência de um “sistema de crenças em, identificação com e uma força ou poder maiores”. Certamente, essa exigência conceitual parece respondida ao se pensar a religião como sistema de símbolos que se destinam a persuadir e estruturar as motivações do indivíduo, estabelecendo conceitos gerais e existenciais, imprimindo-lhes realidade (GEERTZ, apud HOEBEL e FROST, 1981, p. 353-354).

No campo teológico, a religião é tratada por suas vicissitudes e implicações. Hordern (1979) descrevendo diferentes concepções e críticas teológicas, diz que Barth entende a religião como uma busca de Deus pelo homem, ocorrendo que comumente se encontra um deus consoante os anseios humanos (p. 142); ao ver de Tillich a religião está para além das crenças e práticas tomadas como corretas e das religiões tradicionais, por requerer do crente, uma atitude de profunda humildade ante a divindade reverenciada em temor, atitude esta também encontrada entre indivíduos não religiosos (p. 186); Hamilton define a religião como um conjunto de atividades piedosas e eclesiais nas quais se insere uma visão da divindade a quem se considera capaz de intervir nos problemas humanos (p. 247). O próprio Hordern em sua análise, diz que a religião não é necessariamente boa, por se constituir num campo de batalhas entre a consciência de Deus e o orgulho humano, cujo desfecho pode conduzir à humildade ou à arrogância (p. 165).

4. RELIGIÃO E SEXUALIDADE NAS CULTURAS ANTIGAS

4.1. OS GREGOS

Wood (1967), produziu uma reflexão substancial sobre o comportamento sexual humano em antigas civilizações. Para o autor, os gregos antigos usufruíram a sexualidade sem repressões, com erotismo diversificado, instintos sexuais refinados

e racionalmente controlados. Os gregos aceitavam com naturalidade os impulsos sexuais que deviam ser submetidos a um processo educativo de aprimoramento. O apego à beleza física e ao conhecimento fez emergir padrões de comportamento sexual caracterizado pela prevenção de excessos, rejeição a misticismos e atitudes ascéticas. A sexualidade que era considerada dádiva dos deuses, não poderia deixar de ser desejada pelo homem, considerado como ser bissexual e de amplas necessidades eróticas. Naquela sociedade apreciava-se a tal ponto o gozo sexual que não se punia o homem que buscasse satisfação fora do casamento, quer fosse com uma concubina ou com um belo e jovem rapaz. Todavia, proibiam as relações sexuais com crianças, mas aceitava-se a pederastia, caracterizada no apego de um homem adulto que se encarregava da educação ética, moral e intelectual de um jovem rapaz.

A pederastia, como uma característica sexual atribuída aos deuses e aos heróis mitológicos (DANIEL e BAUDRY, 1977, p. 24) distinguia-se da prostituição. No primeiro caso, o jovem se doava ao seu instrutor, e no segundo, a vivência íntima mediante paga, sendo esta forma de entrega do corpo desprezada na cultura grega (WOOD, 1967; ORAISON, 1977). Da vivência afetiva da auto-entrega do adolescente ao seu mestre, resultava a homossexualidade, que embora não sendo legalmente incentivada, era tolerada como ocorrência episódica e elemento de aprendizagem afetiva e erótica da vida dos jovens, como o demonstram a literatura e a religião.

A aceitação da homossexualidade masculina não se constituía em obstáculo ao casamento, pois este era valorizado, com destinações divergentes entre os sexos: as moças podiam realizá-lo ainda no início da adolescência, logo após a menarca enquanto os rapazes eram orientados a fazê-lo após os 21 anos. A idéia da natureza bissexual humana permitia vivências auto-eróticas e homoeróticas, consoante o sexo. A masturbação não era considerada um vício, mas devia ser abolida da sexualidade do adulto masculino, pois este devia ter a habilidade para buscar satisfação com um parceiro ou uma parceira (WOOD, 1967, p. 678). Em relação aos adolescentes e jovens masculinos, proibia-se a masturbação e a homossexualidade não pedagógica, sob a alegação de desgaste energético e promiscuidade, ao passo que às moças podiam praticá-las (CANO, FERRIANI e GOMES, 2000) inclusive com a estimulação adicional dos falos artificiais (WOOD, 1967, p. 678).

A toda esta riqueza de afetos sexuais aliava-se o culto ao corpo que incluía tanto a vestimenta e adornos quanto a própria nudez. A nudez masculina e feminina era socialmente incentivada nas atividades artísticas e esportivas e a exposição dos genitais era reverenciada como órgãos sagrados da procriação. A reverência aos genitais humanos parece haver sido incrementada pelo discurso de Cerinto (Filósofo gnóstico do I Século), para quem não é vergonhoso “nomear aquilo que Deus não se envergonhou de criar” (WOOD, 1967, p. 677). A religião estava intimamente ligada à produção da sexualidade e do comportamento sexual entre os gregos antigos.

4.2. OS ROMANOS

Os romanos antigos construíram a sexualidade sob a égide dos deuses. Mutunus Tutunus e Juno protegiam, respectivamente, a fertilidade e as funções

sexuais femininas. A cultura romana tinha diferentes olhares à virgindade feminina, sem envolver elementos ascéticos ou religiosos. Não se reverenciava a virgindade em si, mas via-se nela um fator prático, pressupondo-se não ser confiável a relação conjugal posterior com moça desvirginada (WOOD, 1967, p. 680).

As moças pobres podiam manter relacionamento sexual como bem lhes aprouvesse, sem quaisquer deméritos; entretanto, das moças ricas, exigia-se a virgindade como predição de fidelidade no casamento. As ricas jovens em núpcias costumavam sentar sobre o falo de Mutunus Tutunus ou ser desvirginadas por amigos do noivo após o cerimonial do casamento (WOOD, 1967, p. 680).

Ao homem, solteiro ou casado, permitia-se maior liberdade sexual, recomendando-se aos rapazes a satisfação sexual nos bordéis, uma vez que socialmente se aceitava – com reservas - a prostituição, pois os romanos tinham o hábito de cobrir a cabeça e ocultar o rosto quanto adentravam ao bordel. As prostitutas romanas podiam ser escravas, moças livres ou ainda, moças aristocráticas de vida livre, exigindo-se das primeiras, a inscrição profissional pública nas listas da edilidade (WOOD, 1967, p. 682).

A cultura romana continha inúmeras proibições em relação ao comportamento sexual, mas este quando manifesto em desacordo com as normas estabelecidas, era encarado com naturalidade. Semelhantemente aos gregos, as relações sexuais entre pessoas livres eram aceitas quando espontâneas, e desprezadas quando realizadas mediante paga, característica da prostituição, sobretudo, feminina. A homossexualidade masculina entre um adulto e um jovem, era aceita com naturalidade, mas divergia em princípio, da pederastia grega, pela ausência do seu papel educativo (DANIEL e BAUDRY, 1977). Semelhantemente à sociedade grega antiga, os romanos conceberam e viveram a sexualidade aliando sexo e religião às dimensões da felicidade humana (WOOD, 1967, p. 683).

4.3. OS HEBREUS

A nação hebraica, por seu turno, construiu uma ética da sexualidade orientada no temor da idolatria e no mandamento da procriação, elegendo a virgindade, o adultério, a masturbação, a prostituição e a homossexualidade como temas fundamentais (WOOD, 1967, p. 686). Assim, o comportamento sexual foi vivido em conflito: A ordem recebida para crescer e multiplicar (BÍBLIA. GÊNESIS, 1.28) enfrentou os obstáculos da ascese que desprezava o sexo e o prazer resultante como práticas benéficas. A prostituição foi sempre proibida, não em referência direta à prática do sexo, mas a associação desta com a religiosidade pagã. Por outro lado, não se evitou a sua existência em diferentes formas, como a prostituição sagrada praticada pelas sacerdotisas do Templo, e a prostituição secular, praticada por mulheres comuns. As sacerdotisas habitualmente entregavam-se a práticas sexuais mediante pagamento, colocando os frutos econômicos desse trabalho à disposição da tesouraria do Templo. Essa prática, comum entre rapazes e moças cananitas foi combatida e extinta no reinado de Josias (BÍBLIA. 2REIS, 23.7; WOOD, 1967, p. 685), em concordância com a lei mosaica que proibia terminantemente, a prostituição das filhas e dos filhos de Israel a serviço do templo (BÍBLIA. DEUTERONÔMIO, 23.1). A historiografia registra a

ocorrência de outras formas de prostituição religiosa de adultos e jovens nos altares dos altos, porém não ligadas ao culto judaico.

A moral sexual dos hebreus aceitava a realização de práticas sexuais entre rapazes e moças desde que solteiros, sem premeditação e sem paga. Por outro lado, valorizava-se a virgindade feminina reprimindo-se severamente a sedução de virgens e a relação sexual por estupro (BÍBLIA. DEUTERONÔMIO, 22.13-29). Do ponto de vista estético-religioso e sanitário, adultos e jovens portadores de “fluxo seminal” ou sanguíneo ou ainda com mutilações ou com imperfeições genitais (BÍBLIA. LEVÍTICO, 15.16,19; DEUTERONÔMIO, 23.1) eram proibidos de frequentar os cultos no Templo.

Diferentemente da cultura grega, proibia-se a nudez de adultos e jovens, sobretudo no âmbito familiar, por sua associação com o pecado original, com a relação sexual, bem como em referência a situações solitárias indutoras da masturbação e desperdício do sêmem (BÍBLIA. GÊNESIS, 38.8-10; LEVÍTICO 18.1-18; 15.16). Contrariamente as sociedades greco-romanas, os hebreus foram intolerantes para com a homossexualidade masculina introduzida no templo nos primeiros reinados de Israel, por se tratar de prática estéril e de origem cananéia (BÍBLIA. LEVÍTICO 18.22). Considerada crime, a sodomização de menino recebia punições diferentes por se acreditar que somente após os nove anos o menino tornava-se um ser sexuado. Apenava-se com a morte no caso de ser o menino menor de nove anos e com flagelação pública no caso da idade do menino ser maior de nove anos (ORAISON, 1977; WOOD, 1967).

4.4. OS HINDUS

A sexualidade nas diferentes tribos hindus estendia-se desde as rigorosas práticas de ascese à veneração do erotismo. Os hindus não proibiram nem limitaram os prazeres da sexualidade que sempre foi vivida amplamente com fins religiosos.

A procriação era uma função valorizada, sob a proteção de Shiva, deus integrante da trindade hindu. Shiva era símbolo da sexualidade, representado como hermafrodita, portando um falo e uma vulva, mas os seus sacerdotes tinham a obrigação de manter-se afastados do sexo, ao mesmo tempo em que cuidavam da iniciação de moças que se tornavam dançarinas, sacerdotisas e prostitutas templárias. Em muitas tribos hindus, as primogênicas eram consagradas ao deus tribal e durante um período de tempo serviam como prostitutas nos templos. O caráter religioso da prostituição hindu assemelhava-se àquele encontrado entre os povos cananeus, condição não permitida aos hebreus (BÍBLIA. DEUTERONÔMIO, 23.17).

Os costumes sexuais hindus mostravam-se contraditórios, pois, à medida que valorizavam a virgindade feminina e proibiam a sedução da jovem e da mulher casada, aceitava-se a iniciativa sexual desta última quando apaixonada. A mulher cabia-lhe viver ardorosamente a atividade sexual, por considerarem que o “gozo sexual remove os males” da alma e que é “desumana a frustração sexual” (WOOD, 1967, p. 693). Diante de tanta liberdade para viver a sexualidade e o sexo, os hindus, paradoxalmente, insistiam que a relação heterossexual devia obedecer à tradição pênis-vagina, condenando outras formas de prazer e gozo, como o sexo

oral e anal. Semelhantemente aos hebreus, puniam a homossexualidade, a masturbação e quaisquer outras formas de auto-erotização conducentes ao gozo sexual, tolerando a homossexualidade feminina em razão de conceber a mulher como incapaz de exercer controle sobre o instinto sexual (WOOD, 1967, p. 694).

Em relação ao desenvolvimento dos jovens, acreditavam que as mudanças biofísicas da puberdade resultavam da união sexual com o deus lunar. Esta crença era tão forte a ponto de permitir o defloramento de virgens pelo falo da imagem do deus, após a realização do casamento de moças com a divindade (WOOD, 1967, p. 692). O comportamento sexual dos jovens era influenciado tanto pela casta como pela idade. À moça de casta social e economicamente mais influente, não lhe era permitido o casamento ou relacionamento sexual com rapaz de classe inferior, sob pena de reclusão familiar. A idade por seu turno era um fator importante para o casamento que, no âmbito familiar, devia ocorrer por ordem etária.

Em suma, os hindus empenharam-se na compreensão das muitas possibilidades de viver a sexualidade, criando vários tratados sobre a arte de amar, que deve ser cultivada em prol da felicidade humana. À mulher hindu, concedeu-se a liberdade para revelar-se ativa durante a relação sexual, ao ponto de afirmar que “o amante terá falhado, a menos que ela atinja também a completa satisfação” (WOOD, 1967, p. 695).

5. A SEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

No Século XX, a história da sexualidade humana foi extensamente estudada por Foucault (2005), que viu a sexualidade como uma construção social. Para ele [Foucault] a burguesia desde o século XVIII, preocupada com a ascensão do capitalismo, dedicou-se à repressão da sexualidade (p. 21), circunscrevendo o sexo à reprodução protagonizada na figura do casal. A circunscrição do sexo ao casal e o âmbito da família delimitado para a vivência do sexo, tipificou como anormalidade quaisquer formas de busca de prazer sexual fora da família, prescrições que induziram a mercantilização do sexo. A repressão sexual na visão de Foucault parece estimular a produção de gratificações sociais, como se vê na crescente produção de discursos sobre o sexo reprimido. O discurso sobre o sexo cumpre uma função cartática oportunizando àquele que fala rebelar-se contra o instituído na busca de liberação do prazer e na tentativa de instituir novas ordens na sociedade (HAGE, 2008). O papel da repressão sexual parece não ser outro, sendo àquele de estimular a liberação do desejo de expor a verdade sobre o sexo, como se desprende do prazer visível das pessoas quando falam das suas repressões (FOUCAULT, 2005, p. 13).

Muitos questionamentos sobre a proximidade da repressão sexual com o poder foram elencados pelo próprio Foucault (2005, p. 12, 14 e 16) que indagava se a incitação para falar sobre o sexo como segredo (p. 35), não pretendia, em última análise, desenterrá-lo com vistas a sua banalização? (HAGE, 2008). A repressão sexual cumpre sua função social ao instituir uma vontade de saber (FOUCAULT, 2005, p. 17) sobre o sexo, como se vê no interesse eclesástico quando da confissão dos fiéis, nas diretrizes educacionais, nas prédicas familiares, na reserva dos consultórios médicos e psicoterapêuticos, cujo fim não é outro, senão o controle do

sujeito e da população. Com a Contra-Reforma, a Igreja Católica estimulou o discurso sobre o sexo, pretendendo disciplinar a mente dos fiéis na construção de uma moral sexualmente útil aos princípios da fé católica (FOUCAULT, 2005, p. 22 e 25).

O século XIX trouxe uma mentalidade de liberdade de expressão, na qual se inclui os fóruns de discussão do sexo que prescreveram as práticas sexuais aceitáveis, com o apoio dos diferentes discursos elaboradas nas ciências biomédicas e sócio-jurídicas (HAGE, 2008). Tais discursos pretendiam não a proibição do sexo, mas a gerência do comportamento sexual quer naquilo que coubesse ao Estado, quer naquilo que coubesse ao indivíduo. O interesse das ciências e do Estado para saber sobre o sexo residia à base dos problemas demográficos e econômicos carentes de controle (FOUCAULT, 2005, p. 27-28). No âmbito das ciências, diz Foucault, a pedagogia e a psiquiatria voltaram-se à análise da sexualidade infantil (p. 29) - até então negada - e as perversões sexuais, tornando o sexo algo perigoso e, portanto de controle necessário. O sexo passou a protagonizar o caminho para o desenvolvimento de psicogênias (p. 32) capazes de cura através da fala, da fala verdadeira, sobre o sexo vivido e o sexo desejado. A sexualidade aparece então, como resultado da estimulação de corpos, da vivência intensa dos prazeres, da liberdade auferida no discurso sobre o sexo, do conhecimento produzido sobre o sexo, dos controles exercidos sobre o sexo e das resistências contra a repressão sexual (HAGE, 2008).

A sexualidade enquanto construção histórica envolve uma disposição biológica que se manifesta em concordância com determinados princípios de uma dada época. Assim, a sexualidade combina distintas formas de expressões comportamentais de origem somática, psicossociais bem como as preferências vivenciais do sexo. A vivência do sexo envolve as sensações, sentimentos, emoções, energia sexual que se combinam às predisposições, preferências, experiências e gratificação sexual, numa busca de definição de identidade e atividade sexual num dado período existencial.

A sexualidade torna-se então um conceito de notória amplitude (TONIETTE, 2004), por envolver as questões de gênero enquanto valores masculinos e femininos; a identidade sexual e a identidade de gênero que, não raro, costumam ser confusamente consideradas (HUNTER e MALLON, 2001 apud PEREIRA, 2005, p. 115); o erotismo; a vinculação emocional; atividades e práticas sexuais; relações sexuais sem risco e comportamento sexual responsável; a orientação do desejo sexual que em estudos pioneiros (KINSEY, POMEROY e MARTIN, 1948 apud PEREIRA, 2005, p. 114) foi concebida integrando um contínuo entre um pólo 'exclusivamente homossexual' e outro pólo 'exclusivamente heterossexual', sendo possível a manifestação de diferentes gradações de orientação sexual entre ambas as polaridades. Atualmente a orientação sexual vem sendo classificada como heterossexual, bissexual e homossexual.

Entre adolescentes, a sexualidade tornou-se objeto de análise e de permanente discussão e intervenção no âmbito das políticas públicas, demandadas pelo incremento da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis (MAHEIRIE et al, 2005), bem como pela violência sexual insuflada pelo desejo e pela curiosidade (ARAUJO, 2008) de adolescentes masculinos sexualmente precoces.

6. SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA E NA JUVENTUDE

As discussões iniciadas pelo movimento feminista nos Estados Unidos na década de 1970 auxiliaram o embasamento das convicções do gênero enquanto pilar fundamental na elaboração de conceitos e na atribuição de significados às ações que se relacionam com o comportamento sexual e reprodução humana (TAQUETTE et al, 2004). O gênero reveste-se de importância por envolver os processos sócio-culturais que empreendem a humanização do sexo enquanto significante biológico.

Boruchovitch (2000) analisando distintas contribuições de estudos estrangeiros sobre a sexualidade entre adolescentes, concluiu que o gênero está associado às diferenças perceptivas da vivência sexual. Adolescentes masculinos dão maior vazão a impulsos afetivos e eróticos através da masturbação, mostram-se menos conservadores quanto à virgindade e à vivência sexual, valorizam mais o desempenho que a emoção do prazer e têm maturidade sexual e reprodutiva coincidentes. As adolescentes, diferentemente, tendem a integrar a atividade sexual a outras dimensões de envolvimento afetivo, intimidade e segurança. Revelam atitudes conservadoras quanto à significação social e pessoal da virgindade e, bem assim, da vivência sexual e valorizam a relação com o primeiro parceiro referido sempre como o mais amado. Estes afetos estão presentes ao lado de uma significativa tendência ao aumento da auto-estimulação erótica resultando em vivências mais conflituosas produzidas pelo medo, preocupação e culpa quanto à virgindade e sua significação social e moral.

A pesquisa sobre os comportamentos de risco entre adolescentes tem olhado mais para os problemas da gravidez indesejada e a ocorrência da AIDS, razões que parecem justificar as orientações atuais das pesquisas sobre o comportamento sexual de adolescentes em relação ao uso de anticoncepcionais. De modo geral, adolescentes tem insuficiente conhecimento da fisiologia reprodutiva, das questões sexuais, das doenças sexualmente transmissíveis e dos métodos anticoncepcionais. Motivação, variáveis biológicas e características da personalidade têm sido estudadas em relação à adoção de práticas seguras de realização sexual entre adolescentes. Maturidade do ego, ansiedade moderada, auto-estima e aspirações educacionais satisfatórias têm sido associadas a comportamentos de sexo seguro. Por outro lado, a precocidade biológica que conduz a vivências antecipadas de sexo, aliada a atitude egocêntrica, quando presente, induz idéias de invulnerabilidade contra os perigos do mundo exterior, resultando em comportamento sexual negligente de autoproteção e no acometimento de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada (BORUCHOVITCH, 2000).

A sexualidade se reveste numa dimensão vital de notória força, ao induzir relações de reciprocidade favorecedoras da convivência entre os grupos, englobando o gênero, as relações entre os sexos, a reprodução, a escolha de parceiros conjugais, a orientação sexual, o aborto (SCOTT, 2007). Por sua ampla influência nas relações humanas a sexualidade juntamente com a religião, se constitui numa área relevante de conhecimento e potente instrumento indutor da construção moral dos grupos, sendo este o fator responsável pela diferenciação, separação e identidade grupal. Sob esse olhar, Scott (2007) com muita propriedade

entende a moral como uma dimensão específica do comportamento do grupo, influenciada por ambas, parecendo-lhe mais coerente tratar a moral em sua dimensão plural.

Dentre as manifestações da sexualidade, as relações familiares, a idade de início da vida sexual, o namoro, a gravidez, o aborto, o conhecimento e uso de métodos de anticoncepção e a subjetividade da vivência afetiva-sexual tem sido presentemente estudada com muita atenção (SCOTT, ATHIAS e QUADROS, 2007). A influência da família no desenvolvimento da personalidade e na posterior decisão do viver a sexualidade de adolescentes e jovens fica a depender do meio em que se insere. No meio urbano, a decisão de “ficar”, namorar e casar está mais ligada aos adolescentes e jovens do que propriamente à família, sendo esta mais influente no meio rural e nos casos de afiliação religiosa, sobretudo, quando evangélica (LONGHI, 2007, p. 64).

A idade atual de início da experiência sexual de adolescentes está relacionada a peculiaridades culturais, razão pela qual os estudos indicam idades aproximadas. As idades de 12 e 13 anos são referidas para o início da atividade sexual independentemente do sexo (PEREIRA, 2005, p. 113; AQUINO et al, 2003 apud QUADROS, 2007, p. 81). Outros estudos realizados no Rio de Janeiro (TAQUETTE et al, 2004) e em Goiás (SILVA et al, 2005) apontaram, respectivamente, as idades de 14,6 e 14,5 anos para os rapazes e 15 e 15,4 anos para as moças como marcos de iniciação sexual. A identificação da fase de iniciação sexual reveste-se de capital importância na vida dos adolescentes, ao se considerar que a opção pela realização do sexo seguro (uso de camisinha) está associada ao gênero e à significação psico-afetiva da primeira relação sexual. No caso de precocidade, observou-se menor propensão ao uso de camisinhas entre adolescentes urbanos de baixa renda e escolaridade na faixa etária de 15 a 19 anos. Ao se considerar a atividade sexual dos adolescentes cariocas, não se encontrou diferença estatisticamente significativa entre os percentuais de rapazes e moças sexualmente ativos, acometidos de doenças sexualmente transmissíveis e àqueles e àquelas sem acometimento de tais doenças.

7. DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E IMPLICAÇÕES SANITÁRIAS

As doenças sexualmente transmissíveis estão entre as cinco principais causas de procura pelos serviços públicos de saúde (DORETO e VIEIRA, 2007) e por esta razão têm recebido maior atenção dos organismos de saúde por se constituírem em vias de transmissão da AIDS e de outras graves seqüelas quando não diagnosticadas e tratadas eficazmente no tempo devido. Para fins de atenção à saúde sexual, o Ministério da Saúde elaborou procedimentos para auxiliar os profissionais dos serviços públicos de saúde no diagnóstico, tratamento e orientação dos usuários com história atual de doenças sexualmente transmissíveis. Teles e Teles (2004) considerando os procedimentos sugeridos pelo Ministério da Saúde, apresentaram uma classificação das doenças sexualmente transmissíveis, que resumidamente é apresentada a seguir:

I. Uretrites

São doenças de origem inflamatória ou infecciosa que apresentam corrimento uretral, em ambos os sexos, requerendo a segunda maior cuidado inclusive preventivo, uma vez que pode configurar-se numa DST e apresentar evolução com complicações mais graves. Dentre as muitas complicações das uretrites, a infertilidade masculina e a infertilidade feminina estão também associadas à gonorréia e à clamídia (CAMARTE et al, 2000; RODRIGUES et al, 2000; PENA, HAJJAR e BRAZ, 2000), requerendo assim, diagnóstico a tempo e tratamento adequado.

II. Epididimite

É uma doença inflamatória ou infecciosa do canal aderido à parte de trás dos testículos denominada epidídimo. Comumente decorrem de infecções da uretra, dos rins, da bexiga ou ainda de processos infecciosos sistêmicos como a tuberculose e a brucelose, e também como consequência de intervenções cirúrgicas como na vasectomia (GUN, 2004). Em indivíduos sexualmente ativos, a causa da epididimite é sempre uma DST originada pela *Chlamydia trachomatis* ou pela *Neisseria gonorrhoeae*, ou ambas, ou ainda por bactérias do trato intestinal que infestam a uretra quando da prática desprotegida no sexo anal. As bactérias costumam se espalhar para além da uretra e atacam o epidídimo, podendo estender-se para outras complicações como o edema peniano, orquite, prostatite, além de outras complicações cardíacas e nervosas (PENNA, HAJJAR e BRAZ, 2000).

III. Proctite

A proctite é uma afecção inflamatória do ânus e do reto produzidas por diferentes causas, nas quais também se inclui as doenças sexualmente transmissíveis. No caso de DST em indivíduos masculinos, a proctite está relacionada à frequência de prática do sexo anal entre homossexuais. Dentre as DST que podem produzir a proctite, estão o Linfogranuloma venéreo (HERNANI e NADAL, 2007), a gonorréia, o herpes, e a clamídia (TELES e TELES, 2004).

IV. Úlcera genital

A úlcera genital se caracteriza por uma perda da superfície cutânea anogenital que atinge a derme e está associada a sinais de inflamação local. Originária do contato sexual, as úlceras genitais em ambos os sexos, têm recebido maior atenção em saúde por se constituir em um importante co-fator para a aquisição do HIV e facilitação da progressão da imunodeficiência (COSTA et al, 2006). Sabe-se que grande quantidade de úlceras genitais tem origem não sexual, mas em todo o mundo a etiologia mais freqüente tem sido associada às doenças sexualmente transmissíveis, cujas lesões são causadas pelo Herpes vírus simples (Herpes), *Treponema pallidum* (Sífilis), *Haemophilus ducreyi* (Cancro mole), *Calymmatobacterium granulomatis* (Donovanose) e *Chlamydia trachomatis* (Clamídia) – (COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS, 1999).

V. Condiloma

É uma infecção que atinge a ambos os sexos, causada pelo HPV (Papilloma vírus humano) determinando lesões papilares que formam verrugas vegetantes de tamanho variável, localizadas habitualmente na vulva, períneo, vagina, colo do útero e no ânus e reto (MANZIONE, NADAL e CALORE, 2004; SOUSA, PINHEIRO e BARROSO, 2008). As úlceras ano-retais não têm necessária relação com a prática do sexo anal. Inicialmente, as lesões são assintomáticas e imperceptíveis a olho nu, requerendo assim especial cuidado ao exame ginecológico, uma vez que é possível a evolução do condiloma para o câncer do colo do útero, da vulva e do ânus, como já reportado noutros estudos (BASTOS et al, 2008).

VI. Patologias femininas associadas às doenças sexualmente transmissíveis:

- **Doença Inflamatória pélvica**

É uma inflamação que envolve o trato genital superior feminino e os tecidos de sua sustentação. A inflamação habitualmente se inicia na vagina, podendo ascender ao útero (Endometrite), às tubas uterinas (salpingite), aos ovários (Ooforite), aos ligamentos de sustentação (Parametrite), ou afetar vários dos apêndices uterinos, sobretudo as mulheres sexualmente ativas. As vias de contágio podem ser também de natureza não sexual (MENEGOCI, ALCOLÉA FILHO e GUTIERRES, 1999; MURTA et al, 2001) como também sexual. Quando de origem sexual, a doença inflamatória pélvica costumeiramente está associada à gonorréia e a clamídia (TELES e TELES, 2004).

- **Vulvovaginite**

Refere-se a inflamações da vulva e da vagina, habitualmente acompanhadas de secreção, intensa ou não, odor fétido, comichões e dor, produzidas por fatores sexuais e também por fatores não-sexuais. A vulvovaginite de é mais comum em mulheres na faixa etária de 20 a 39 anos cujas complicações gineco-obstétricas podem incluir a doença inflamatória pélvica, celulite pós-histerectomia, endometrite pós-aborto, corioaminionite e prematuridade do parto (OLIVEIRA et al, 2008). Havendo origem sexual, a vulvovaginite pode ser causada pelo Herpes vírus simples, Cândida albicans e Trichomonas vaginalis, ampliando as possibilidades de transmissão ou outras infecções pelo HIV (OLIVEIRA et al, 2008; TELES e TELES, 2004).

- **Vaginose**

É uma afecção causada por um desequilíbrio da flora vaginal normal produzida pelo aumento desordenado de bactérias, principalmente anaeróbias, como a Gardnerella vaginalis, Bacterióides sp, Peptoestreptococos. A sintomatologia consta de corrimento vaginal acinzentado de quantidade variável, odor fétido mais acentuado depois da relação sexual e da menstruação e dor nas relações sexuais. Pode ainda provocar maiores danos à saúde, como parto prematuro, bem como aumenta o risco de aquisição de transmissão do HIV

(SIMÕES et al, 2006). Um número considerável de mulheres que ao exame clínico apresentam vaginose, são assintomáticas, fato que deve merecer maior atenção durante a consulta ginecológica.

- **Cervicite**

É também chamada de endocervicite. Refere-se à inflamação endocervical (epitélio do colo uterino) causada por diferentes agentes etiológicos. Quando sua origem é sexual, a *Neisseria gonorrhoeae*, a *Chlamydia trachomatis* e o Papilomavírus (HPV) são os agentes principais. Atualmente são conhecidos mais de cem tipos de Papilomavírus, os quais são classificados pelo seu poder de indução oncótica do colo do útero. O câncer do colo do útero representa a segunda maior causa de óbito no mundo, em mulheres de 35 a 40 anos (NORONHA et al, 2006). A cervicite não tratada pode produzir graves complicações, sobretudo porque grande número de mulheres são assintomáticas. Os sintomas englobam o corrimento vaginal, a dispareunia (dor nas relações sexuais), disúria, edema e sangramento do colo do útero, podendo evoluir para a doença inflamatória pélvica e outras complicações como a esterilidade, a gravidez ectópica e a dor pélvica crônica.

- **Corioamnionite**

Trata-se de uma patologia associada à gravidez. É uma infecção comum da placenta, induzida pela ruptura precoce da bolsa amniótica onde se encontra o feto. A perda do líquido amniótico favorece a entrada de bactérias provenientes da vagina, na cavidade amniótica causando infecção do tecido conjuntivo vascularizado (Cório) e da membrana epitelial (Âmnio) ambas de origem fetal. A infecção corioamniótica, frequentemente tem origem polimicrobiana e não sexual. Todavia no caso de origem sexual, está associada à ação bacteriana da *Neisseria gonorrhoeae*, *Streptococos B*, *Mycoplasma hominis* e *Gardnerella vaginalis* (BERALDO et al, 2004; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000).

7.1. PROPENSÃO ÀS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Em relação às exposições de risco, os rapazes apresentam maior propensão ao acometimento por doenças sexualmente transmissíveis como uretrites (gonocócicas ou não-gonocócicas) e infecções papilomatosas (HPV). As moças enfrentam em maior percentual as vulvovaginites, as infecções papilomatosas (HPV) e sífilis (TAQUETTE et al, 2004). As opiniões dos jovens a respeito da contracepção são equidistantes. Os rapazes costumam tomar para si a responsabilidade pelo evitamento da gravidez, mesmo considerando que as moças são mais cautelosas. Por conseguinte, as moças acreditam que cedem mais facilmente aos desejos sexuais dos rapazes, incluindo nestes, o sexo sem camisinha. Para elas, a adoção de métodos de contracepção é algo difícil a depender do temperamento do parceiro. Esta circunstância incita a limitação de parceiros sexuais, ou ainda, o evitamento de parceiros como a forma mais segura de contracepção. A condição religiosa entre os adolescentes tem função protetora, uma vez que a experiência sexual, para estes, está associada ao casamento e à sua função reprodutiva (QUADROS, 2007, p. 81-84).

8. MÉTODOS DE CONTRACEPÇÃO

Os métodos anticoncepcionais englobam ações, instrumentos ou ainda medicamentos que se destinam à redução da propensão à gravidez em mulheres sexualmente ativas. Hyppólito (2004) apresentou uma elástica descrição dos métodos de contracepção, classificando-os em:

I. Métodos de barreira e espermicidas:

- **A camisinha**

Constitui um revestimento de látex, vinil ou produtos de natureza animal, destinado a conter a emissão dos espermatozóides durante a relação sexual. É um método de relativa segurança uma vez que 10 a 30% das mulheres têm engravidado durante o primeiro ano de uso deste método.

- **Diafragma**

Dispositivo circular de borracha que ao ser colocado na vagina forma uma barreira sobre o colo do útero para impedir a chegada de espermatozóides ao útero e às trompas. Oferece proteção contra algumas DST. Apresenta também relativa segurança uma vez que 5-25% das mulheres tem engravidado no primeiro ano de uso. Deve ser retirado após seis horas da relação e tem sido associado a infecções do trato urinário em determinadas usuárias.

- **Espermicidas**

São produtos químicos apresentados sob a forma de aerosóis, cremes, pomadas, geléias, supositórios e tabletes vaginais destinados a inativar ou matar os espermatozóides. Podem ser usados sem receita médica. Tem as desvantagens de ser efetivos por um período de no máximo duas horas e incidência de gravidez entre 10 a 30% durante o primeiro ano de uso.

II. Métodos naturais:

- **Coito interrompido**

Prática sexual que pressupõe o controle masculino para evitar a ejaculação durante a relação sexual. Tem-se aconselhado como medida preventiva, a micção prévia no caso de ter havido relação sexual com ejaculação momentos antes de uma nova relação. É um método de pequena eficácia, pois além da insatisfação comum aos adeptos deste método, percentis superiores a 25% de mulheres tem engravidado durante o primeiro ano de uso.

- **Tabela**

Método sugerido por Ogino-Knaus para calcular e identificar o período fértil da mulher. Baseia-se no conhecimento feminino sobre os seis últimos ciclos menstruais para determinar o ciclo mais longo e deste subtrair 11 e o ciclo mais

curto subtraindo-se 18. Exemplificando: Ciclo mais longo 28 dias, menos 11= 17; ciclo menos longo 24, menos 18 = 6. Assim o período fértil está entre o 6º e o 17º dia, contados a partir do início do período menstrual. Tem como desvantagens, a dificuldade de muitas mulheres para detectar o período, não há proteção contra DST e alta incidência de gravidez.

- **Muco cervical**

Método de Billings. Baseia-se na capacidade da mulher para pesquisar diariamente e reconhecer a presença progressiva do muco cervical que atinge o pico no período da ovulação. Por prevenção, a atividade sexual deve ser interrompida tão logo se perceba indícios de muco após o período da secreção vaginal que comumente segue a menstruação e retomada após o terceiro dia do pico do muco cervical.

III. Métodos de esterilização voluntária:

- **Ligadura tubária**

Procedimento cirúrgico destinado a interromper permanentemente a fertilidade feminina pela obstrução das trompas de falópio. Trata-se de um método que não apresenta efeitos colaterais em longo prazo e sem quaisquer interferências na função e na relação sexual. Significativo nível de segurança contraceptiva, uma vez que a gravidez tem ocorrido entre 0,1 a 1% em mulheres submetidas ao procedimento no primeiro ano da cirurgia. Não oferece proteção contra DST.

- **Vasectomia**

Método cirúrgico que impede de modo permanente a fertilidade masculina pelo bloqueio dos condutos ejaculatórios. Trata-se de um método de alta eficácia com risco de gravidez de 0,15 a 1% durante o primeiro ano do uso. Não apresenta interferências na função espermática e na relação sexual. Não protege contra DST/AIDS.

IV. Anticoncepcionais hormonais:

- **Anticoncepcionais orais combinados**

São pílulas que contêm estrógenos e progestagênio destinadas à supressão da ovulação. Sua ação favorece o espessamento do muco cervical que impede o avanço dos espermatozoides, modifica a fisiologia do endométrio dificultando a implantação do óvulo e reduz a presença do esperma no trato genital superior feminino (trompas de falópio). Revela-se um método eficaz de contracepção e proteção contra infecções pélvicas, estimando-se a ocorrência de 1 a 8% de gravidez no primeiro ano de uso.

- **Anticoncepcionais injetáveis**

São substâncias químicas aplicadas por via intramuscular mensalmente (combinação de estradiol e progesterona), bimensalmente (progesterona) ou trimensalmente (progesterona) e cumprem as mesmas funções básicas dos

anticoncepcionais orais, tendo os últimos, ação mais prolongada. Oferecem maior segurança que as pílulas orais, estimando-se a ocorrência de gravidez entre 0,3 a 1% durante o primeiro ano de uso.

V. Dispositivos intra-uterinos (DIU):

São dispositivos de pequeno tamanho destinados à inserção na cavidade uterina. Ultimamente estão sendo construídos em material plástico e contem cobre ou progestagênio. O DIU que libera cobre gradativamente tem por finalidade impedir o avanço espermático ao útero. O DIU que libera progestagênio altera o espessamento do muco cervical e a camada endometrial impedido o avanço do esperma e a fecundação do óvulo. Sua utilização requer exame médico prévio a fim de evitar posterior inflamação pélvica, riscos de infertilidade e DST como a Hepatite B. Os DIUs em suas diferentes formas são altamente seguros, apresentando falhas de 0,5 a 1%, o percentual de gravidez no primeiro ano de uso.

VI. Métodos Anticoncepcionais de emergência:

• A “Pílula do Dia Seguinte”

É um recurso medicamentoso para o caso da ocorrência de relações sexuais femininas desprotegidas. É uma medicação que se apresenta em duas formas:

• O Método de Yupze

Consiste na ingestão de duas pílulas de altas dosagens hormonais (0,50mg de estrogênio e 0,25 mg de progesterona) até setenta e duas horas após a realização de atividades sexuais, seguida de outra ingestão de mais duas pílulas decorridas 12 horas da primeira ingestão e,

• Progesterona isolada

Em alta dosagem (0,75mg) a ser ingerida da forma preconizada pelo Método de Yupze. A administração hormonal exige que a usuária não se encontre grávida e a segurança contraceptiva fica a depender do dia de fertilidade em que a mulher se encontrava quando da realização sexual. A menstruação deve ocorrer dentro de catorze dias da administração do medicamento, e sua não ocorrência pode preanunciar gravidez que deve ser imediatamente avaliada. Estima-se o risco de gravidez em 8% dos casos em que estes métodos são utilizados.

• O Método de Lovelle

Consiste num composto de estrogênio (0,05 mg) e progesterona (0,25) para impedir a ovulação, devendo o comprimido deve ser inserido diariamente na vagina no mesmo horário. O método exige hábitos higiênicos bem definidos, esclarecimento e treino da mulher para realizar com habilidade a inserção da pílula. Por suas peculiaridades, este método oferece menores riscos e efeitos colaterais que os contraceptivos orais e por isso é mais recomendado para mulheres em início e em fins do ciclo reprodutivo.

9. AFETIVIDADE E SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

O namoro é considerado uma reação de despertar, indutora de atitudes que levam à busca de parceiros para a vivência da sexualidade, quase sempre sob o olhar fiscalizador dos pais ou outros membros da família. A fiscalização paterna é diferenciada em relação ao sexo, limitando a liberdade da filha e favorecendo a aquisição de experiência sexual ao filho. Ademais, exigências sociais de inclusão das moças no mundo acadêmico e do trabalho têm influenciado a diminuição do controle paterno sobre a vivência sexual da filha, ainda que socialmente se considere a ausência de experiência sexual, um valor referencial feminino (SCOTT, 2007, p. 32-34; QUADROS, 2007, p. 90). Namorar, na percepção das moças, é uma decorrência de sentimentos apropriados, merecimento, autocontrole e valor pessoal, considerando-se ainda, em alguns casos, a aceitação pelo rapaz, das normas paternas. O autocontrole exigido das moças, ainda na percepção destas, é favorecido pelos padrões de comportamento conjuntamente prescritos tanto pela religião como pela educação (LONGHI, 2007, p. 64).

As relações entre os irmãos também apresentam particularidades afetivas. As irmãs costumam proteger-se entre si negando ao pai informações relativas à sexualidade por elas vividas. Por outro lado, os irmãos, e os rapazes de modo geral, diferenciam as sexualidades femininas em dois grupos: àquele que se comporta sem apelo ao corpo e à incitação de relações sexuais, e àquele que facilita a aprendizagem sexual masculina (SCOTT, 2007)

O comportamento identificado como “ficar” é outra modalidade da sexualidade de maior predomínio entre adolescentes e jovens. Difere do namorar pela ausência de continuidade e fidelidade. Trata-se de uma circunstância ocasional, definida pelos parceiros, não levando, necessariamente, à prática de relações sexuais (SCOTT, QUADROS e LONGHI, 2002, p. 218), mas que envolve posturas tradicionais e conservadoras, com visível demérito às moças que, de modo geral, são esquecidas pelos rapazes para o namoro envolvente e compromissado (LONGHI, 2007, p. 61-62). Em auto-relatos, os rapazes da cidade costumam invocar, antigas e atuais façanhas eróticas cujo significado parece estar associado à percepção de limitações pessoais no campo financeiro, originando a necessidade do discurso sobre a reputação feminina. Dessa forma, diz Scott (2007, p. 42) a figura da “mulher falada”, sem reputação, é utilizada na construção de uma forma ilusória de auto-referência da superioridade masculina.

Noutro estudo catarinense (MAHEIRIE et al, 2005) namorar e “ficar” aparecem como dimensões da sexualidade definidas pela intensidade dos afetos envolvidos, pelo tempo de duração do relacionamento e também, pelas promessas de compromisso a se estabelecer entre os parceiros adolescentes. A autora verificou ainda, que em ambas as situações os adolescentes tendem a valorizar a dimensão afetiva do relacionamento.

A virgindade é outra dimensão da sexualidade que tem recebido substancial atenção através da mídia. A idéia de menor importância se afigura paradoxal, considerando-se a percepção dos jovens rapazes. Entretanto, os estudos (SCOTT, 2007) mostram que outras habilidades como a responsabilidade para cuidar da casa, a seriedade para o envolvimento em atividades laboriosas e o compromisso de

fidelidade para com o novo parceiro, se afiguram mais importantes que a virgindade em si.

A gravidez se reveste numa situação específica de conflito quando se trata de parceiros solteiros que ainda não tomaram a decisão pública de vida conjugal. Nesse caso, o dilema religioso e moral, a resolver, é encaminhado muito mais para o lado das decisões familiares e, não raro, resulta na fuga do casal que conta, normalmente, com o apoio de uma rede de relações familiares e comunitárias (LONGHI apud SCOTT, 2007, p. 36). A atitude paterna ao perceber sinais de atividade sexual da filha adolescente, via de regra, consiste em ameaça de expulsão da família para viver com o pai da criança caso ocorra gravidez. Esta atitude costuma produzir resultado antagônico: ameaçada de expulsão da família pela ocorrência de gravidez inoportuna, a adolescente se vê diante de uma possibilidade de autonomia ao se inserir noutro contexto familiar. Dessa forma, pai e filha parecem desejar inconscientemente a ruptura dessa relação vincular (OLIVEIRA, 1999).

A mãe costuma apresentar atitudes ambíguas em relação à presunção de atividade sexual e possibilidade de gravidez da filha adolescente. Um comportamento afetivamente distante em relação à vida sexual da filha induz a adolescente à percepção de estar autorizada à realização sexual. Assim, adolescentes que engravidam, não revelam motivações de contenção quando se encontram diante da oportunidade de realização sexual (OLIVEIRA, 1999). Por outro lado, a ambigüidade materna referida acima, pode ser uma decorrência das estimulações que se observa em dados contextos sócio-culturais que valorizam a gestação. Esta variável pode explicar a menor preferência ou a rejeição de métodos ou de procedimentos contraceptivos que vem sendo observados entre adolescentes (SILVA, 2009).

Por outro lado, em famílias de pouca estruturação, a fuga do casal costuma livrar os próprios envolvidos e seus pais, do constrangimento imposto pelas limitações para arcar com os compromissos sociais e econômicos requeridos pela circunstância. Ocorrendo a assunção da paternidade, a moral e a responsabilidade feminina para prosseguir na relação de conjugalidade são fatores fortemente considerados pelo parceiro, sobretudo, porque os padrões de namoro e sexualidade são regulados pela religião. O aborto ou a proposta deste é sempre uma possibilidade quando não se planejou a gravidez. Em qualquer situação, o aborto origina um conflito independentemente das circunstâncias, porque implica, tanto a continuidade da relação quanto às formas de interação existentes entre os parceiros. Optando-se pelo aborto, a decisão costuma ser dirigida muito mais pelos padrões do grupo e do casal que pelos ditames da religião, ressaltando-se a atitude antiabortiva dos evangélicos. Se a decisão pelo aborto é exclusiva da jovem, pode envolver entre outros fatores, dúvidas quanto à paternidade. A insistência do aborto pelo rapaz adquire significação psicológica traduzida numa busca de reconhecimento da "macheza" que, em grau não controlável, pode induzir comportamentos violentos contra a mulher. Contrariamente, a não sugestão do aborto figura como um indicador saudável dos parceiros em relação à vida (SCOTT, 2007, p. 35-43).

A contracepção é outra dimensão da sexualidade que se encontra associada à peculiaridades sócio-culturais. Maheirie et al (2005) constatou que os rapazes atribuem às moças a responsabilidade pela adoção de métodos de contracepção nas relações sexuais. Quadros (2007, p. 90) referindo-se a estudos anteriores,

mostrou que o conhecimento de adolescentes e jovens brasileiros quanto aos métodos de contracepção, indicam maior popularidade da camisinha e das pílulas. Os rapazes revelam maior preocupação com a gravidez que com a prevenção desta e das doenças transmitidas pelo sexo; desconhecem também, os métodos de contracepção adotados pelas moças e, por essa razão, a camisinha é o recurso de contracepção preferido pelos rapazes quando têm dúvidas quanto à saúde feminina; não havendo dúvidas, e optando pelo sexo sem uso da camisinha, os rapazes adotam o coito interrompido como método de contracepção. Verificou-se ainda, que tanto os rapazes quanto as moças, dispõem de informações relevantes para a realização de sexo seguro, informações pouco utilizadas em razão de inibições, medo, dificuldades de falar sobre o sexo e o prazer, entre outras.

10. DIMENSÕES DO COMPORTAMENTO SEXUAL NA JUVENTUDE E NA ADOLESCÊNCIA

O comportamento sexual dos jovens vem sendo estudado com bastante interesse nas ciências sociais e da saúde. Um estudo comparativo do comportamento sexual de jovens secundaristas e jovens universitários gaúchos (SOUZA et al, 1997) encontrou diversos achados que podem ser sintetizados como se segue:

- Os jovens secundaristas têm na escola e nos amigos, respectivamente, as fontes de maior e menor importância na aquisição de conhecimentos relativos à sexualidade, enquanto os universitários em idêntica condição valorizam o conhecimento adquirido dos amigos e dos pais;
- A masturbação é uma prática de maior aceitação entre os rapazes independentemente da instrução e entre as moças universitárias. O sentimento de culpa decorrente da prática masturbatória é maior entre os universitários com leve acréscimo dos índices femininos;
- Independentemente do sexo, os universitários apresentam maior índice de iniciação sexual que os jovens secundaristas. Quanto à idade de iniciação os secundaristas antecedem em média os universitários em dois anos, sendo entre os primeiros a idade de 13 anos para os rapazes e 15 anos para as moças e entre os segundos a idade de 15 anos para os rapazes e 17 anos para as moças;
- Quanto à preferência de parceiros para a primeira relação sexual, os secundaristas independentemente do sexo iniciaram-se com a namorada/namorado, enquanto os universitários optaram por parceiro eventual. Em relação ao comportamento masculino de iniciação sexual com mulher prostituta, não se observou diferença estatisticamente significativa entre os jovens secundaristas e os universitários;
- A casa da família e o motel são os lugares preferidos pelas moças secundaristas para a prática de relações sexuais, ao passo que as moças universitárias utilizam a casa da família, o motel e a casa de amigos. Rapazes secundaristas utilizam a casa da família, a casa de amigos e o motel preferencialmente a casa da família/motel para as relações sexuais enquanto os

universitários utilizam a casa da família, o motel e a casa de amigos e o automóvel para as relações sexuais;

- Secundaristas e universitários independentemente do sexo, apresentam altos índices de respostas orgásticas positivas, com elevação destes índices no sexo masculino;

- Em relação à orientação sexual, secundaristas e universitários apresentam elevados índices de heterossexualidade, com discreta elevação entre as moças universitárias. A atividade homossexual, sem considerar o sexo, foi mais referida entre os secundaristas, enquanto para a atividade sexual mista (heterossexualidade/homossexualidade) não há diferenças estatísticas significativas, estando à opinião dos jovens dividida entre àqueles que consideram a homossexualidade na vida adulta uma opção e àqueles que a julga um comportamento desviante;

- Os secundaristas consideram-se mais satisfeitos que os universitários com a vivência das relações sexuais, havendo predomínio desta percepção de satisfação entre as moças para quem o envolvimento afetivo é um fator importante para o êxito nas relações sexuais;

- Os universitários detêm maior conhecimento que os secundaristas quanto aos métodos de contracepção, cuja adoção destes é significativamente maior no sexo feminino. No sexo masculino a preferência pelo uso da camisinha e pelo sexo interrompido é semelhante entre os jovens secundaristas e os universitários;

- A utilização da prática do aborto não difere significativamente entre moças secundaristas e universitárias; todavia os rapazes universitários em índices estatisticamente significativos estiveram envolvidos na prática do aborto da parceira, condição que parece justificar a tendência destes jovens em apoiar a prática do aborto na gravidez indesejada.

Em estudo recente (TAQUETTE et al, 2005) comparou dados sócio-demográficos, econômicos e características sexuais de adolescentes masculinos com história de homossexualidade e adolescentes sem história de homossexualidade, atendidos em serviço público de saúde para adolescentes, no Rio de Janeiro. Dentre os resultados obtidos, a autora enfatiza que os adolescentes com vivências homossexuais registraram maior atraso escolar, menor inserção em família biparental, maior exposição às situações de violência familiar e maior utilização do álcool e outras drogas. Outras peculiaridades dos adolescentes com antecedentes homossexuais neste estudo estão relacionadas à maior iniciativa sexual e precocidade sexual (antes dos 15 anos), exposição a abuso sexual, prostituição, acometimento por doenças sexualmente transmissíveis e menor frequência de uso de preservativos. Discutindo os dados deste estudo numa abordagem psicanalítica, a autora concluiu que a ocorrência da homossexualidade não é suficiente para definir os adolescentes estudados, como portadores de identidade homossexual, mas advertiu para os riscos de prostituição a que os mesmos estão expostos.

11. RELIGIÃO E SEXUALIDADE ENTRE ADOLESCENTES

As considerações tecidas no âmbito das ciências, naquilo que concerne ao papel da religião nas construções sociais e, de forma específica, na vida da pessoa e dos grupos, eclodiu no considerável interesse de pesquisadores, com o intento de estabelecer associações entre a religião a outras dimensões do comportamento de adolescentes. Atenção considerável tem sido dada à sexualidade na adolescência pela sua historicidade, interdisciplinaridade, e também por se constituir num instrumento de identidade, adaptação, valoração humana e percepção de autonomia.

A religião é um fator influente tanto nas formas de adaptação ao mundo social como na estruturação afetiva da vida íntima dos adolescentes. Sua influência não se restringe à ascese, pois vem se solidificando como instrumento significativo de informação e proteção contra o uso de drogas, bem como se converte, também, numa possibilidade educativa de ministração de informações auxiliares à aquisição e discussão de conhecimentos relativos aos métodos e práticas anticoncepcionais (SANCHEZ, OLIVEIRA e NAPPO, 2004; BELO e SILVA, 2004).

O início do comportamento sexual de adolescentes está condicionado à presença de distintas variáveis, como o gênero, a idade, o namoro, e também pelas atitudes e valores vividos na família (BORGES, 2005). O gênero é uma variável importante, uma vez que adolescentes masculinos possuem maior domínio de informações quanto aos problemas advindos da insegurança da vivência sexual, apesar da presença significativa de concepções inadequadas entre ambos os gêneros (BRASIL et al, 2000).

Associada à condutas de risco, a religiosidade é um fator de proteção e retardo na iniciação sexual dos adolescentes que se autopercebem muito religiosos (KAPLAN, 1994). Nessa mesma linha de pesquisa, outros estudos chilenos mostraram que a influência maior da religiosidade se verifica sobre adolescentes femininos cuja idade de iniciação sexual é em média aos 19,8 anos enquanto os masculinos, aos 16,7 anos (PINO et al, 1994). No plano ético-moral, a religiosidade foi também relacionada à adaptação pessoal e social, sendo um fator potencializador da saúde mental (LYNN REW et al, 2006; VOLCAN et al, 2003). Os valores éticos e morais transmitidos e incentivados nas religiões deístas, parecem responder, em graus diferentes, à intensidade da drogadicção. Estudos que investigaram a relevância da religião entre adolescentes pentecostais, assinalaram que àqueles, utilizam substâncias psicoativas em grau significativamente menor que os seus pares católicos ou espíritas (DALGALARRONDO et al, 2005).

O comportamento sexual do adolescente também é influenciado pela religião, enquanto “um conjunto cultural suscetível de articular todo um sistema de crenças em Deus ou num sobrenatural e um código de gestos, de práticas e de celebrações rituais, admitindo a separação entre o mundo natural e o sobrenatural” (JAPIASSU e MARCONDES, 1996, p. 234). De modo mais específico, entende-se por religião, o “conjunto de crenças, preceitos e valores que compõem artigo de fé de determinado grupo em um contexto histórico e cultural específico” (SILVA e SILVA, 2006, p. 354). Nesse sentido as religiões cristãs ao incentivar o desenvolvimento de práticas mais amplas de comunhão do adolescente com Deus, exercem um poder de psico-

coerção que tem como conseqüências, no caso dos evangélicos, o retardamento da vivência sexual, a inibição ou a recusa da opção pelo uso de substâncias anticoncepcionais (VIANA et al, 2007).

Conceituada dessa forma, a religião adquire concretude na vida pessoal e coletiva, constituindo-se numa força que se presume integradora das habilidades espirituais e psicossociais para o crescimento e adaptação do indivíduo e si e ao mundo. A religião se manifesta através da religiosidade, entendida como dimensão do imaginário eliciadora de práticas culturais que visam manter a relação do homem com a Divindade ou outro ser superior, estendendo-se à vida social. Entendimento semelhante tem Oliveira (2000, p. 6) ao afirmar que “as nossas crenças, valores, motivações, experiências, desejos (...) e outras expressões humanas estão marcadas pela religião”.

CAPÍTULO II

A METODOLOGICA DA PESQUISA

Este estudo foi realizado em instituições educacionais integrantes da rede pública e da rede privada de ensino médio no município de Garanhuns - Pernambuco. Trata-se de um estudo transversal, quanti-qualitativo, com amostra intencional e utilização da técnica de Grupo Focal.

A técnica focal vem sendo utilizada nas Ciências Humanas e Sociais com satisfatório êxito em razão de possibilitar maior subjetivação na interpretação de resultados obtidos em estudos no âmbito das ciências referidas que, segundo Silva (2009), oferecem bases para o desenvolvimento de metodologias qualitativas que vem sendo aplicadas nas ciências da saúde. Os grupos focais nas pesquisas sobre comportamento costumam produzir rico material que possibilita a “formação de consensos sobre determinado assunto ou de cristalizar informações díspares, a partir de argumentações...” (MINAYO, DESLANDES e GOMES, 2008, p. 69) produzidas durante as discussões temáticas. Para as autoras, a técnica focal (1) favorece o desenvolvimento da compreensão da lógica interna do grupo em estudo, (2) requer a construção de instrumentos adequados para o registro dos debates e das falas “ao pé da letra”, sendo a gravação a técnica mais fidedigna, e (3) deve oferecer a garantia do anonimato.

Neste estudo elegeu-se a técnica do grupo focal como instrumento de investigação, por sua pertinência para discutir coletivamente, de forma semi-estruturada, as temáticas relativas ao comportamento sexual dos sujeitos. Esta técnica na pesquisa qualitativa favorece a interação dos sujeitos através das idéias, percepções e impressões que vão lentamente eclodindo durante a discussão temática, auxiliando a elucidar o “porquê de certas escolhas e atitudes” (SIEBRA, 1999/2000, p. 34) quer em relação ao indivíduo quer em relação ao grupo.

Estudos sobre sexualidade e reprodução (HASSEN, 2002) têm utilizado a técnica focal com o propósito de realizar

[...] levantamento de opiniões que refletem o grupo em um tempo relativamente curto, otimizado de muitos participantes e pelo confronto de idéias que se estabelece, assim como pela concordância de uma mesma opinião, o que permite conhecer o que o grupo pensa. Em alguns poucos encontros, conhecer percepções, expectativas, representações sociais e conceitos vigorantes no grupo.

A abordagem qualitativa propõe-se a elucidar, conhecer complicados processos da subjetividade, sem almejar a predição, a descrição e o controle do fato estudado (GONZÁLEZ REY, 2002) como ocorre noutras áreas do conhecimento. Por responder a questões específicas de difícil ou impossível quantificação, a abordagem qualitativa está voltada à significação, aos motivos, às aspirações, às crenças, aos valores e às atitudes que não podem ser quantificados (MINAYO, DESLANDES e GOMES, 2008, p. 21) ou são de difícil quantificação. Nas pesquisas qualitativas em saúde, tem-se utilizado a concepção das Ciências Humanas as quais

atribuem primazia não a compreensão de um fenômeno em si, mas a busca do significado individual ou coletivo dos fenômenos para a vida das pessoas (TURATO, 2005). Neste estudo (hebiátrico) a técnica focal favoreceu a compreensão das diferenças existentes entre adolescentes quanto ao modo de pensar e viver a sexualidade sob a influência da religião.

A população alvo constituiu-se de estudantes que se encontrava em atividade acadêmica nas referidas redes de ensino no período de maio a setembro de 2008. O acesso à rede pública de ensino foi viabilizado pela Gerência Regional de Educação que recebeu previamente a visita do pesquisador e uma cópia do projeto de pesquisa já autorizado pelo Conselho de Ética em Pesquisa do Hospital Agamenon Magalhães em Recife – Pernambuco. Em relação à rede privada de ensino, o acesso aos alunos foi mediado pela direção e/ou coordenação pedagógica das escolas visitadas, as quais foram entregues uma cópia do ofício de autorização do Conselho de Ética, acima referido, para a realização do estudo.

Foram visitadas aleatoriamente, nove escolas públicas de maior matrícula em 2008 e cinco escolas particulares para a captação da amostra que foi obtida em cinco escolas públicas e em três escolas privadas [ANEXO A]. A captação da amostra foi precedida de contato do pesquisador com os alunos em sala de aula, mediante aquiescência do professor. Este contato constou da apresentação do pesquisador, uma breve explanação sobre a finalidade da visita e os objetivos do estudo, as condições para inclusão e exclusão de participantes e o arrolamento dos interessados. A todos os adolescentes que manifestaram que atendiam aos requisitos deste estudo, foram distribuídas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [ANEXO B]. Cópias do Termo de Consentimento e Participação da Pessoa como Sujeito, foram distribuídas aos adolescentes menores de dezoito anos para autorização dos responsáveis e aquiescência da participação do adolescente [ANEXO C] a ser devolvidas ao pesquisador após as assinaturas do referido termo, sendo esta uma das condições de inclusão nos grupos.

Utilizou-se como critérios de inclusão, o interesse pessoal do adolescente em colaborar para o desenvolvimento da pesquisa, aceitar-se como religioso, estar vinculado ao desenvolvimento de atividades religiosas, bem como a não simpatia e a não vinculação atual a atividades religiosas. Excluiu-se do processo na formação dos grupos, adolescentes que guardassem entre si relações de parentesco (irmãos, primos, tios, sobrinhos), vivências afetivas atuais (namorados, noivos, casados, vivência conjugal), fossem vizinhos ou mantivessem antigas relações de amizade, a fim de evitar que a afetividade entre os participantes pudesse dificultar a discussão temática. Os adolescentes que aceitaram participar do estudo preencheram uma ficha com dados pessoais para facilitar o contato entre os mesmos e o pesquisador caso houvesse necessidade [ANEXO D].

A amostra, selecionada por critério de conveniência (BENDER e EWBank apud SIMÃO, 2006), possibilitou a formação de dois grandes grupos: O Grupo Focal Religioso e o Grupo Focal Não-religioso. Para o Grupo Focal Religioso foram alocados 42 adolescentes (15 masculinos e 27 femininos) que se aceitaram como religiosos, estando ou não vinculados a atividades atuais desenvolvidas em suas religiões. As características deste grupo estão indicadas no [Quadro 1].

Quadro1: Grupo Focal Religioso: Características por religião, sexo, idade e série escolar.

GRUPO FOCAL RELIGIOSO	Sexo	Idade					Sub total	Série Escolar			Total
		15	16	17	18	19		1	2	3	
Católicos	M	-	3	3	1	1	8	-	-	8	8
	F	1	7	8	2	1	19	-	-	19	17
Sub-total		1	10	11	3	2	27	-	-	27	27
Evangélicos	M	-	1	6	-	-	7	-	-	7	7
	F	-	3	3	1	-	7	-	-	7	7
Sub-total		-	4	9	1	-	14	-	-	14	14
Espíritas	M	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	F	-	-	1	-	-	1	-	-	1	1
Sub-total		-	-	1	-	-	1	-	-	1	1
Total		1	14	21	4	2	42	-	-	42	42

O Grupo Focal Não-Religioso foi constituído por 48 adolescentes, sendo 24 masculinos e 24 femininos. Estes adolescentes assim denominados foram escolhidos por se apresentarem como não simpatizantes e não vinculados a atividades religiosas atuais. As características deste grupo estão inseridas no [Quadro 2].

Quadro 2: Grupo Focal Não-Religioso: Características por sexo, idade e série escolar.

GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO	Sexo	Idade					Sub total	Série Escolar			Total
		15	16	17	18	19		1	2	3	
	M	1	7	5	8	3	24	-	6	18	24
	F	1	4	14	4	1	24	-	9	15	24
Total		2	11	19	12	4	48	-	15	32	48

Do Grupo Focal Religioso formaram-se cinco grupos menores denominados Grupo Focal Religioso 1 (GFR-1), Grupo Focal Religioso 2 (GFR-2), Grupo Focal Religioso 3 (GFR-3), Grupo Focal Religioso 4 (GFR-4) e Grupo Focal Religioso % (GFR-5). Procedimento idêntico foi adotado para com o Grupo Focal Não-Religioso, instituindo o Grupo Focal Não-Religioso 1 (GFNR-1), Grupo Focal Não-Religioso 2 (GFNR-2), Grupo Focal Não-Religioso 3 (GFNR-3), Grupo focal Não-Religioso 4 (GFNR-4) e o Grupo Focal Não-Religioso 5 (GFNR-5), objetivando a discussão das distintas temáticas deste estudo sob a forma da técnica focal (SIMÃO, 2006; WELLER, 2006). Estes grupos menores foram compostos com uma variação numérica entre 5 e 13 adolescentes, para fins da utilização eficiente da técnica de grupo focal como tem proposto diferentes pesquisadores qualitativos (MINAYO, DESLANDES e GOMES, 2008; MORGAN apud SIMÃO, 2006; KIND, 2004; OLIVEIRA et al, 2003; MARTINS e LINTZ, 2000; DIAS, 2000; CARLINI-COTRIM, 1996). As características dos grupos menores que integraram o Grupo Focal Religioso e o Grupo Focal Não-Religioso, estão expressas, respectivamente, no [Quadros 3 e 4], a seguir:

Quadro 3: Grupo Focal Religioso: Características dos grupos menores por sexo, religião, idade e série escolar

Grupo Focal Religioso	Sexo	Religião			Idade					Série Escolar			Total
		CT	EV	EP	15	16	17	18	19	1	2	3	
GFR-1	M	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	1	1
	F	3	3	-	1	5	-	-	-	-	-	6	6
Sub-total		3	4	-	1	5	1	-	-	-	-	7	7
GFR-2	M	1	2	-	-	-	3	-	-	-	-	3	3
	F	2	-	-	-	-	2	-	-	-	-	2	2
Sub-total		3	2	-	-	-	5	-	-	-	-	5	5
GFR-3	M	2	2	-	-	1	1	2	-	-	-	4	4
	F	5	1	-	-	3	2	1	-	-	-	6	6
Sub-total		7	3	-	-	4	3	3	-	-	-	10	10
GFR-4	M	3	-	-	-	1	-	1	1	-	-	3	3
	F	5	-	1	-	2	4	-	-	-	1	5	6
Sub-total		8	-	1	-	3	4	1	1	-	1	8	9
GFR-5	M	2	2	-	-	1	3	-	-	-	-	4	4
	F	4	3	-	-	1	3	3	-	-	-	7	7
Sub-total		6	5	-	-	2	6	3	1	-	-	11	11
Sub-total (Grupos)		27	14	1	1	14	19	7	1	-	1	41	42
Total		42			42					42			42

Religião: CT (Católica) EV (Evangélicas) EP (Espírita)

Quadro 4: Grupo Focal Não-Religioso: Características por sexo, idade e série escolar

Grupo Focal Não-Religioso	Sexo	Idade					Série Escolar			Total
		15	16	17	18	19	1	2	3	
GFNR-1	M	1	2	-	-	-	-	2	1	3
	F	1	1	4	-	-	-	3	3	6
Sub-total		2	3	4	-	-	-	5	4	9
GFNR-2	M	-	1	-	3	2	-	-	6	6
	F	-	-	1	1	-	-	-	2	2
Sub-total		-	1	1	4	2	-	-	8	8
GFNR-3	M	-	-	4	1	1	-	2	4	6
	F	-	-	2	2	1	-	2	3	5
Sub-total		-	-	6	3	3	-	4	7	11
GFNR-4	M	-	2	1	3	-	-	-	6	6
	F	-	-	5	-	-	-	-	5	5
Sub-total		-	2	6	3	-	-	-	11	11
GFNR-5	M	-	2	-	1	-	-	2	1	3
	F	-	3	2	1	-	-	4	2	6
Sub-total		-	5	2	2	-	-	6	3	9
Sub-total (Grupos)		2	11	18	12	5	-	15	33	48
Total		48					48			48

Os encontros de discussão foram realizados no âmbito das escolas aonde os grupos foram constituídos, durante o turno da aula. Em cada encontro, um tema

diretor foi discutido por dois grupos menores, sendo um religioso e outro não-religioso, obedecendo-se à seqüência demonstrada no [Quadro 5]:

Quadro 5: Temário proposto para discussão nos grupos focais

Grupos Focais		Temas
Religioso	Não-Religioso	
GFR-1	GFNR-1	Doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção entre adolescentes
GFR-2	GFNR-2	Conhecimento de métodos anticoncepcionais entre adolescentes
GFR-3	GFNR-3	Percepção da sexualidade entre adolescentes
GFR-4	GFNR-4	Vivências sexuais entre adolescentes
GFR-5	GFNR-5	Orientação do desejo sexual em adolescentes

Em todas as escolas foi disponibilizado um espaço reservado que pode acomodar satisfatoriamente os sujeitos durante todo o transcorrer da discussão. Os grupos foram organizados em círculo para a discussão sempre antecedida de uma breve orientação do pesquisador quanto às normas a observar: todos devem participar; todos devem ouvir atentamente àquele que estiver falando; só interromper o colega para contribuir com a fala; não se desligar da discussão; respeitar a pessoa e a sua fala. Buscou-se construir uma ambiência informal durante os encontros com vistas à ampliação da percepção de bem-estar, segurança e aceitação entre os sujeitos, com vistas à livre expressão quanto às questões em exame (MORGAN apud SIMÃO, 2006). Para facilitar o alcance deste clima, o pesquisador adotou uma postura de espontaneidade, colocando guloseimas à disposição dos participantes (DIAS, 2000; SIMÃO, 2006). Reservou-se o tempo de noventa minutos (MINAYO, DESLANDES e GOMES, 2008; KIND, 2004), para a discussão de cada um dos temas, porém o tempo utilizado pelos grupos variou entre 24m26s a 54m49s, sendo o tempo médio utilizado de 33m40s.

Mediante a aquiescência dos grupos, as discussões foram gravadas em aparelho digital MP3/WMA/REC/FM/Player, para posterior transcrição. No processo da transcrição das falas utilizaram-se as normas propostas no Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Culta – NURC (PRETI, 1999; ROSSI, 2008 - ANEXO F), combinadas com outras orientações para transcrição de dados lingüísticos (PAIVA, 2004). As primeiras, de modo geral, apresentam vasta simbologia e a retirada dos sinais de cadenciamento na fala, ao passo que as segundas autorizam transcrever a fala do sujeito da forma mais clara possível. Este processo possibilitou a transcrição das falas dos sujeitos sob a forma de sumário etnográfico com vistas à análise de conteúdo (BUNCHAFT e GONDIM, 2004; GOMES e BARBOSA, 1999). Os sumários são citações de trechos esclarecedores das falas dos sujeitos, enquanto a análise de conteúdo se refere às categorias explicativas de comportamento enquanto material constitutivo da análise (CARLINI-COTRIM, 1996).

As temáticas foram discutidas paralelamente com um Grupo Focal Religioso e um Grupo Focal Não-Religioso, através de um guia de proposições como mostra o [Quadro 6] a seguir:

Quadro 6 – Temário e proposições discutidas nos grupos focais

GRUPO FOCAL RELIGIOSO	TEMÁRIO / PROPOSIÇÕES	GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO
GFR-1	<p>Conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que os adolescentes entendem por doenças sexualmente transmissíveis? • Quais são as doenças sexualmente transmissíveis conhecidas pelos adolescentes? • Quais são os sinais ou sintomas de acometimento pelas doenças sexualmente transmissíveis? • Como se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis? 	GFNR-1
GFR-2	<p>Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que os adolescentes entendem por anticoncepção? • Quais são os métodos de anticoncepção conhecidos pelos adolescentes? • A anticoncepção deve ser praticada ou estimulada entre adolescentes? 	GFNR-2
GFNR-3	<p>Percepção da sexualidade</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que os adolescentes entendem por sexualidade? • Qual a importância da sexualidade para os adolescentes? • Há diferença entre sexualidade e sexo? • Existe relação entre sexualidade e ajustamento do adolescente à vida? 	GFNR-3
GFR-4	<p>Vivências sexuais na adolescência</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que os adolescentes entendem por sexualidade? • O que são vivências sexuais para os adolescentes? • Como ocorrem as vivências sexuais entre adolescentes? • Que satisfações ou frustrações trazem as vivências de sexo entre adolescentes? 	GFNR-4
GFR-5	<p>Orientação do desejo sexual</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que os adolescentes entendem por orientação de desejo sexual? • Há uma orientação de desejo sexual que pareça correta? • Qual é a opinião dos adolescentes sobre o relacionamento sexual com pessoa do mesmo sexo? • Como os adolescentes vêem o relacionamento sexual que envolve tanto pessoa do mesmo sexo quanto do sexo oposto? 	GFR-5

CAPÍTULO III

RESULTADOS

1. CONHECIMENTO DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E FORMAS DE PREVENÇÃO ENTRE ADOLESCENTES

Este tema foi discutido pelo Grupo Focal Religioso 1 – (GFR-1) e pelo Grupo Focal Não-Religioso 1 - (GFNR-1). A caracterização do Grupo Focal Religioso 1 está indicada abaixo:

1.1. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL RELIGIOSO 1 – (GRF-1)

Pseudônimo	Sexo	Idade	Religião	Série Escolar	Rede de Ensino
Lucas	M	17	Evangélica	3a	Pública
Cristina	F	16			
Damaris	F	16			
Klaudiana	F	16			
Lucidalva	F	15	Católica		
Mirian	F	16			
Roberta	F	16			

1.1.1. DADOS OBTIDOS

A transcrição da discussão sobre o conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis e suas formas de prevenção está inserida adiante [ANEXO F, p. 149]. Este conhecimento é imprescindível à segurança da saúde sexual e reprodutiva humana e de forma particular aos adolescentes, por se encontrarem em vias de desenvolvimento. Tal conhecimento pressupõe a formação de atitudes necessárias à adoção de medidas de prevenção e segurança quando da realização de vivências que incluam relações sexuais.

A discussão do conhecimento relativo às doenças sexualmente transmissíveis e suas formas de prevenção entre adolescentes incluiu (1) o entendimento conceitual, (2) as DST conhecidas por eles, (3) os sintomas de acometimento e (4) as formas de prevenção. Em relação à dimensão conceitual, as doenças sexualmente transmissíveis são vistas no todo, incluindo na maioria das falas o próprio conceito, seguido de vias de contaminação, tipos e morte como desfecho.

A compreensão das DST como doenças adquiridas através das relações sexuais, foi manifesta quase em sua totalidade pelos adolescentes, tendo os mesmos enfatizado a necessidade de buscar informações específicas com o propósito de adoção de medidas de segurança nas relações sexuais, como se vê no relato a seguir:

Quando a gente tem muitas informações... hoje o mundo de hoje é cheio de informações e quando a gente... éh:: temos as nossas informações cabe a nós saber usá-las com sabedoria. É aquele negócio... éh:: ...você não sabendo que tem a doença ... éh:: você não sabendo se tratar ela pode ser levada à morte rapidamente... mas hoje com a tecnologia e a ciência está muito avançada... ela tem o tardecimento (retardamento dos sintomas) da AIDS, mas a maioria delas não tem cura e basta a gente se prevenir para que não possamos ser a razão. (DAMARIS, linhas 34-36; 48-52).

Tal déficit de informação parece responder tanto pelo baixo conhecimento dos diferentes sintomas das doenças sexualmente transmissíveis, quanto pela menor importância dada à adoção segura de práticas preventivas quando da vivência de sexo, como se depreende das seguintes falas:

E isso acontece bastante com o adolescente, que tem aquilo que com ele não acontece nada e que com os outros acontece pode acontecer tudo. Às vezes sente dor e pensa: isso não é doença séria não. Não fala para os pais, não vai ao médico, aí a doença vai piorando, piorando até ao ponto da morte. (KLAUDIANA, linhas 58-61).

Buscando clarificar o pensamento exposto por Klaudiana, Cristina assim se expressou:

Aí é como (Klaudiana) disse: o jovem... assim... não tá/ se cuidando... ele não tá/ priorizando o que realmente deve ser priorizado. Por exemplo... éh::... geralmente essas doenças quando elas são descobertas... por exemplo, na AIDS eu acho assim... ao meu ver na maioria dos casos quando descobre já é tarde demais... nunca tem, eu pelo menos nunca vi o exemplo de uma pessoa que passou tanto tempo com essa doença que teve tratamento, pois sempre quando você descobre já é tarde demais; quando você descobre ela, você não tem mais condições de um tratamento digno ou coisa assim. (Linhas 62-69).

A rejeição social é outro fator capaz de intimidar os adolescentes quando se percebem acometidos por sinais ou sintomas orgânicos que despertam a idéia da presença de DST. A sociedade é vista como instituição que amedronta e pune os desvios da norma sexual. Lucidalva entende que a incoerência da atitude do adolescente na busca de apoio em saúde sexual decorre do “medo de enfrentar a sociedade que nós estamos vivendo hoje” (Linhas 70-71). Em consequência desse medo, a morte como desfecho nas DST surge no imaginário adolescente como uma possibilidade mágico-trágica, merecedora de atenção especial. Com este olhar, a adolescente Roberta comunicou:

É a mesma coisa, que são doenças que são transmitidas pelo sexo. São perigosas e tem que levar em consideração que a maioria delas pode levar à morte... eu acho, que num passe de mágica, qualquer deslize elas pode levar à morte. (Linhas 43-45).

Entretanto, o desfecho letal - presumido por limitações de informações específicas - nas doenças sexualmente transmissíveis também é visto como

estigma. A atitude preconcebida pela pessoa doente, e não a doença, é realçada em seu papel determinante no desfecho como bem demonstrou o adolescente Lucas:

Eu acho assim, que a ciência avançou demais, mas o que leva à morte mesmo é o preconceito e a vergonha do portador da doença, que tem vergonha de ir ao médico e mostrar o que ele está passando. Então ele acaba deixando o tempo passar e aquilo vai piorando, piorando e quando ele for mesmo, realmente ao médico, não vai ter mais condições de curar a doença. (Linhas 53-57).

O aludido desfecho letal das DST foi colocado como decorrência da não adoção de medidas preventivas e, portanto, de responsabilidade do adolescente sexualmente ativo, conforme o pensamento da adolescente Mirian:

Resumindo tudo, acho que só leva à morte, como foi a pergunta, se não tiver prevenção. Porque, sempre com a prevenção, você antes do sexo você tem prevenção de comprimidos e camisinha; todas as DST só leva à morte quem quer mesmo isso... se não fizer prevenção antes. (Linhas 76-79).

O medo, o desinteresse e a recusa em ser ajudado estão associados ao conflito de atitudes de adolescentes quando necessitam de apoio específico no caso de acometimento por DST, como mostrou Roberta:

Acho que... completando a fala de Cristina muitos jovens, eles... quando descobrem, como já falaram, eles tem medo... assim eles não se interessam a procurar uma ajuda e isso vai piorando cada vez mais e chegando ao ponto de que se ele mesmo não quer ajudar não tem condições dos outros ajudarem. (Linhas 72-75).

A condição social e financeira aparece em referência às demais outras dificuldades encontradas pelo adolescente no caso de acometimento por DST e, sobretudo, no caso da AIDS. Damaris vê o problema da seguinte forma:

Completando a fala de Mirian realmente muitas pessoas assim. Na hora que acontece o ato sexual as pessoas não pensam numa coisa... mas assim... quando eles pegam a doença além do medo e além do preconceito, também tem a falta de dinheiro porque os tratamentos são muito caros e você... éh:... a maioria das pessoas que tem AIDS hoje são pessoas de baixa renda... é como Mirian disse... a gente tem que saber se prevenir... éh:... porque preservativo eles dão de graça em festas em programas sociais; já a doença, o tratamento não é grátis e você tem que pagar muito caro... além do preconceito você tem que pagar muito caro... pagar muito caro em dinheiro... isso no mundo de hoje que é capitalista não é fácil. (Linhas 80-88).

O conhecimento relativo às formas de doenças sexualmente transmissíveis revelou-se escasso. Neste grupo, apenas três adolescentes (menos de 50%) citaram as DST conhecidas que, em seqüência de importância, tem-se a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, a Sífilis, o Papilomavírus humano – HPV, a Gonorréia e o Cancro mole. O baixo conhecimento foi justificado pela adolescente Cristina nos seguintes termos: “É importante falar nesse momento nós estamos aqui

em sete pessoas e que a gente sabe que existe um monte de doenças, só que a gente não tá/ lembrando”. (Linhas 106-107).

Ainda neste grupo, a sintomatologia das DST não é satisfatoriamente conhecida pelos adolescentes. Os sintomas de acometimento citados fizeram referências a “negócio, caroços e coisa mole que aparece nos genitais do homem e da mulher, bolhas de pus no pênis, olho vermelho e emagrecimento” (Linhas 116, 120, 147-148, 149). A adolescente Damaris disse:

No caso da gonorréia ela tem diferença entre os homens e as mulheres... aí... não é gonorréia é cancro mole desculpe... tem uma espécie de... é um negócio que aparece assim ... nos órgãos genitais da mulher e do homem... e é uma coisa mole que aparece; de início aparece em todo (órgão)... só que depois fica bem ... ((não conseguiu completar o pensamento)). (Linhas 115-119).

Para a adolescente Roberta, os sintomas da sífilis e da AIDS foram assim resumidos: “Se não me engano é a sífilis que no pênis do homem fica bolhas de pus, e a AIDS é atinge todo o corpo, os dentes, tudo” (120-121). No mesmo pensamento, a adolescente Cristina relatou:

E... tem a questão do emagrecimento, porque você emagrece absurdamente, principalmente na AIDS; você emagrece e tudo isso... você não tem defesa; A AIDS... por isso que eu digo que é a pior doença, porque quando você emagrece...sei lá... você... a AIDS é a pior coisa que pode acontecer na vida do ser humano é ter AIDS. Eu acho. (Linhas 149-153).

O adolescente Lucas tentou estabelecer a distinção entre a AIDS e as demais outras doenças sexualmente transmissíveis, como se vê nesta fala:

Porque a AIDS afeta principalmente o sistema imunológico; se você pegar uma gripe como ela (Klaudiana) falou... vai piorando cada vez mais porque o seu organismo não vai ter defesa praquilo/... e em relação às outras doenças pode aparecer nos órgãos genitais... não tô/ lembrado qual é a doença mas que fica o olho vermelho... e caroços também nos órgãos genitais. (Linhas 144-148).

A referência da AIDS e o conhecimento respectivo pelos adolescentes parece terem como motor a vasta publicidade através da mídia com foco na sua gravidade e letalidade, por suas conseqüências mais amplas sobre o organismo e pelo afetamento do bem-estar da pessoa. Esta é a percepção da adolescente Cristina em sua fala:

Eu acho que a AIDS é a pior coisa a pior doença que pode acontecer na vida de uma pessoa. Entre câncer... todas as doenças... eu acho que é a doença que você MAIS sofre... porque você sofre tanto fisicamente quanto psicologicamente... acho que a AIDS em si, eu acho que é a pior coisa que pode ocorrer. Porque você faz o que? você desmaia você vomita... de todas as doenças que você tem... por exemplo, você vai ter uma dengue você vai ter o que? você vai ter febre você vai vomitar; você vai ter outra doença, você vai desmaiar...

na AIDS você junta tudo isso, todos os sintomas que você pode imaginar, você tem na AIDS. (Linhas 122-129).

Esta percepção de pavor encontrou ressonância em outras participantes do grupo que, ao completarem a fala que acabaram de ouvir, introduziram o medo e a atitude preconceituosa para com o afetado. Para a adolescente Roberta não deve-se apenas perceber as alterações orgânicas, mas deve-se atentar também para "... o emocionalmente também, porque pra/ pessoa chegar e dizer, eu tenho AIDS, quem vai conviver normalmente com essa pessoa? Na cabeça da pessoa só vem coisa bem pior" (Linhas 130-132). A adolescente Klaudiana ressaltou a necessidade de se atentar para o perigo da fase não observável na evolução da AIDS ao pontuar que: "... na AIDS também, a pessoa está na sua frente e você nem diz que ela tem AIDS, porque ela tá uma pessoa normal, porque só depois de algum tempo é que a doença começa a se manifestar" (Linhas 136-138).

O potencial de periculosidade da AIDS conduz ao desenvolvimento de atitudes pessoais e coletivas preconceituosas em relação à doença e ao seu portador. Tais atitudes são racionalizadas e dessa forma justificadas, como se vê no relato da adolescente Cristina:

Por isso que o preconceito nessa parte... éh::... ele tem razão de existir; eu não sei se é porque eu sou... não sei se é porque... eu não posso dizer que não sou preconceituosa porque eu nunca tive contato com pessoa que tenha AIDS, mas eu acho que o preconceito nessa parte ele tem razão de existir... é uma coisa... por exemplo: um corte uma saliva, eu acho que para você conviver com uma pessoa dessa é muito difícil; porque pegar uma doença dessa é... deve ser horrível e você conviver com uma pessoa dessa... não que eu esteja dizendo que uma pessoa dessa tenha que viver isolada mas precisa de um cuidado especial pra/ conviver com pessoas que não tenham (AIDS)... eu acho que o preconceito nessa parte tem um pouco de ... razão. (Linhas 163-172).

O conhecimento dos métodos de prevenção da AIDS e das doenças sexualmente transmissíveis encontra-se também deficitário no grupo. As informações disponíveis concedem primazia à camisinha, mas incluem também as dimensões da maturidade psicológica e religiosa. Em relação à maturidade psicológica, a adolescente Cristina referiu:

Antes do preservativo eu acho que vem a questão da consciência. Será... eu sei que é o preservativo mas, será que eu tô/ pronta para um ato sexual? será que essa é a pessoa que eu ... entende? a gente não vai chegar e dizer ... éh::... a gente vai fazer e vamos usar camisinha para não pegar AIDS. Vamos procurar saber o que é a AIDS, o que são as doenças sexualmente transmissíveis e ... tudo isso antes de você vê quais são os métodos que você pode usar pra/ que isso não aconteça. (Linhas 196-201).

O questionamento sobre os métodos de prevenção foi abordado pelos adolescentes na linha também da contracepção - aspecto que fez eclodir as dimensões da interioridade religiosa dos participantes. Ouvindo a fala da antecessora, a adolescente Damaris pretendeu contribuir, fazendo a inclusão de

princípios educativos e religiosos, numa visão prospectiva da iniciação sexual com o propósito fundamental de formação da família, como se vê a seguir:

Complementando a fala de Cristina, aí é onde entra os princípios que você aprendeu na sua infância, na sua educação, princípios religiosos; e você... não é só sua consciência mas é àquele princípio: será que é certo fazer antes do casamento? será que àquele rapaz ou àquela moça será para mim a minha alma gêmea? porque no mundo atual é àquele negócio: faz por fazer, porque é bom, porque todo mundo tá/ fazendo, mas muitas vezes éh::... oitenta por cento, noventa por cento das pessoas se arrependem, não segue princípio bíblico, princípio religioso e às vezes acaba quebrando a cara. Hoje o mundo está cheio de gente que precisa escutar esses princípios porque muitas vezes é abandonado pelo pai, abandonado pela mãe ou muitas vezes os pais não sabem educar; outros educam e a própria pessoa não se conscientiza; às vezes isso é chato falar mas quando a gente se previne quando a gente tem princípio e que sabe que é certo fazer depois do casamento além do princípio bíblico e religioso e saber que é com àquela pessoa que você casou, que tem todo aquele todo processo que você conhece ... pelos menos, cinquenta por cento você conhece àquela pessoa; você tem mais facilidade de fazer o ato sexual e sua consciência vai estar tranqüila de que você não fez nada de errado escondido de ninguém. (Linhas 203-219).

Os ideais da não iniciação sexual antes do casamento e da reserva feminina enquanto aguarda o parceiro idôneo são contestados no âmbito do próprio grupo que atentou para as incertezas dos relacionamentos afetivos, como demonstrou em sua fala a adolescente Roberta:

Agora, quantas pessoas, quantas mulheres ficam em casa achando que se casou com o homem perfeito, com a alma gêmea de sua vida, e com o passar do tempo descobre que teve uma grande decepção. Será que ela casou com a alma gêmea? (Linhas 220-222).

O casamento como instituição de fidelidade sexual dos cônjuges é também questionado na forma do discurso expresso acima pela adolescente Damaris. O casamento e a relação sexual conjugal são vistos como lócus de possível aquisição da AIDS e bem assim das DST, requerendo, por isso, a utilização da prática protegida do sexo, conforme expõe a adolescente Cristina, situando a questão neste enquadre:

Eu penso que a fala de Damaris não entrou dentro do contexto com relação a AIDS porque ... acho que não tem nada a ver esse negócio de ter que encontrar a pessoa certa prá/ fazer; a pessoa certa pode ter AIDS, e no casamento eu acho que todo casal deveria usar camisinha porque seu marido ou sua esposa pode ter relações com outras pessoas... infelizmente no mundo que a gente vive é assim; não tem nada a ver você ser casado, você ser namorado, você ser ... entendeu? tem muitas pessoas novas com a idade da gente quinze, dezesseis anos que já pode praticar e usa camisinha e seu parceiro pode ter AIDS e você não pega; e uma pessoa casada com vinte e cinco anos, dez anos, cinquenta anos e pode pegar AIDS porque você não sabe se você vai ter relações com outras pessoas e se seu marido

vai ter relações com outras pessoas; eu acho que a camisinha aí é essencial em qualquer relacionamento seja você casado ou não. (Linhas 223-234).

A religião aparece como mecanismo de proteção no adiamento da iniciação sexual, entendida esta como prática justificável pós-casamento. A razão plausível para esta atitude repousa no ensino de tradicionais princípios e diretrizes religiosas que objetivam o regramento da vida sexual e conjugal da pessoa. Todavia, a prevenção e o sexo seguro aparecem como algo necessário, ainda que as religiões cristãs costumeiramente se posicionem contrariamente à utilização destes métodos entre os fiéis. O conflito entre o ensino eclesiástico e o cotidiano do religioso encontra-se retratado na explanação da adolescente Damaris:

Não é que seja a pessoa certa... eu não tô/ falando prá/ ser a pessoa certa mas que seja depois do casamento; é bom porque a sua consciência estará limpa, e o caso de usar camisinha ou não vai da preferência sua; eu acho que a gente deve usar SIM. Em relação a ser casado ou não, deve usar sim, até mesmo porque é uma recomendação médica prá/ você ter mais saúde e fazer com segurança. Mas eu acho que quando a gente faz (sexo) aleatoriamente, não sendo casado, é aquele negócio: tem mais facilidade de ter a doença? Certo. Usando camisinha tudo bem, pode não ter a facilidade, mas eu tenho certeza que a consciência vai pesar ... certo? (Linhas 235-242).

A iniciação sexual pré ou pós-casamento é um fato importante, mas ainda em discussão entre adolescentes de diferentes religiões, uma vez que o apoio ou a rejeição da atividade sexual parece depender dos princípios de cada pessoa e não da ética religiosa. Para a adolescente Cristina o posicionamento de Damaris supra “envolve preconceito para com quem faz antes do casamento” (Linhas 243-244). Este parecer não se afigura solitário, posto que a atividade sexual independentemente do casamento é uma prática real e também uma questão ainda não consensual, como explicitou a adolescente Mirian:

Como Damaris falou, ela tava falando do sexo como uma forma vulgar; eu não acho que o sexo é uma forma vulgar; tem certas partes (lugar/cultura) que vê o sexo como uma forma de demonstração de amor e carinho principalmente se você e seu parceiro se amam; se vocês se amam agora, vamos dar um exemplo: se vocês se amam agora e tem a forma de demonstrar isso, os dois fazendo com amor e com carinho, porque não? e se não tem possibilidade de se casar por que não tem condições financeiras e vários outros motivos ... ((não concluiu o pensamento)). (Linhas 246-252).

Conflitos entre as proscricções religiosas do sexo e os conflitos do ego participam do desenvolvimento cotidiano da maturidade afetiva e sexual do adolescente, conservando em muitos uma atitude de valorização dos princípios da religião vivida. Ainda assim, a necessidade de prevenir doenças e contracepção é fato que preocupa o adolescente e lhe impele ao uso de métodos de sexo seguro. O adolescente Lucas trouxe esta compreensão:

Acho que a forma de prevenir primeiramente vem da bíblia. A ordem de Deus é: depois do casamento ... o certo. Mas hoje em dia anda muito complicado, tá/ muito difícil realmente o jovem se conter até o casamento; porque realmente ((risos)) é complicado; mas o correto seria primeiramente esse. Caso você não consiga o ideal é a camisinha pois sem ela você pode fazer um filho que vai acarretar vários problemas; é isso: o principal é a bíblia depois a camisinha. (Linhas 255-260).

1.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 1 – (GFNR-1)

Pseudônimo	Sexo	Idade	Religião	Série Escolar	Rede de Ensino
Dionísio	M	17	Não-religioso	3a	Pública
Joaquim	M	16			
Petrus	M	17			
Aparecida	F	15			
Diana	F	17			
Helena	F	17			
Ivany	F	16			
Mariângela	F	17			
Stefânia	F	17			

1.2.1. DADOS OBTIDOS

Semelhantemente ao Grupo Focal Religioso 1 (GRF-1) anterior, este grupo discutiu a temática das doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção, cujos discursos estão transcritos adiante [ANEXO G, p. 155]. Neste grupo, a compreensão conceitual das doenças sexualmente transmissíveis envolveu conceitos e tipos de doenças sexualmente transmissíveis. As contribuições do grupo ao desenvolvimento desta questão foram sintéticas, como na fala do adolescente Joaquim que resumiu: “É uma doença transmitida através do sexo” (Linha 23). Outra contribuição situou a AIDS como referencial das DST, como citou a adolescente Ivany:

São as doenças que são transmitidas através do ato sexual ou seja uma pessoa que tem AIDS pode passar essa doença se tiver relação com outra pessoa; no caso essa pessoa pode até não TER e passa a TER, devido ao outro que tinha no ato sexual. (Linhas 35-38).

Em relação ao conhecimento das diferentes formas de doenças sexualmente transmissíveis os adolescentes mostram-se inseguros em suas citações. Em ordem de importância - e esta certamente relacionada à gravidade - fizeram referência à AIDS, à Sífilis, à Gonorréia e aos “escorrimentos” sem alusão ao sexo. Há consciência entre os adolescentes de que dispõem de poucas informações, como se constata na fala da adolescente Ivany, para quem as DST:

Não é um termo que é bastante discutido talvez por vergonha medo e até pensar que nunca vai acontecer comigo mas não ... a doença tá/ aí é sério deve ser tratada e tomar cuidado assim ... que deveria ser um termo mais discutido embora não seja. (Linhas 70-73).

A vergonha e o medo referidos pela adolescente acima estão certamente relacionados à atitudes sociais preconceituosas ainda existentes quanto à vivência do sexo em suas diferentes formas de práticas possíveis. É ainda a mesma adolescente [Ivany] que pronunciou este relato:

Assim ... tá/ num grupo de adolescente e aí chegar assim ... ah:: ... eu fiz isso e aquilo tipo assim ... mas tem vergonha de dizer ...: ah::... fiz...SEI LÁ, a vergonha de falar do ato sexual, talvez não da doença, mas do ato. (Linhas 75-77).

O baixo nível de informações parece estar relacionado a uma atitude preconceituosa de gênero. Adolescentes masculinos parecem mais disponíveis que os femininos naquilo que concerne à discussão dos problemas de saúde originados pelas DST. O adolescente Dionísio trouxe ao grupo a sua percepção:

A expectativa é pouca. Poucos adolescentes falam. Porque isso? De cem adolescentes, cinco comentam essas doenças. Não é muito comum. Para os adolescentes chegar e conversar, isso só acontece com os adolescentes masculinos; conversar com os femininos elas pensam que estão queremos chamá-las pra praticar o ato sexual. É muito comum encontrar isso. (Linhas 64-68).

O conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis parece não intimidar os adolescentes para que adotem medidas de prevenção. Para a adolescente Diana, este conhecimento ainda não está disponível a todos, mas a alguns adolescentes, os quais “às vezes sabem e mesmo sabendo não acreditam que pode acontecer” (Linha 69). Atitudes de incoerência para com a possibilidade de contrair DST observada entre adolescentes mais novos parecem preocupar àqueles mais próximos da juventude. Tal é o caso referido pelo adolescente Dionísio, que em sua narrativa apelou a um adágio popular:

Muitas pessoas... adolescentes de catorze ou dezesseis anos, a pessoa vai conversar com eles sobre a prevenção sobre esse ato da sexualidade prá/ ele se prevenir e ele acha que a pessoa está maltratando, agredindo; aí ignora a pessoa, não leva em consideração porque se conselho fosse bom não se dava, vendia. (Linhas 83-86).

A adolescente Aparecida mostrou-se solidária à inquietação de alguns com o menor caso de outros adolescentes para com as doenças sexualmente transmissíveis, como bem revelou em sua fala:

Assim... eu já ouvi falar mas, a que chama mais atenção na comunidade é a AIDS; mas muitas pessoas já tem conhecimento da doença, sabem que ela pode transmitir por relações sexuais; mas muitas delas não leva adiante... pensa que isso não vai acontecer, tem vergonha de falar... SEI LÁ! (Linhas 91-94).

A discussão das questões ligadas à sexualidade e ao sexo é vista como algo que amedronta os adultos. A dimensão educativa da sexualidade e do sexo foi remetida ao âmbito familiar, com a justificativa da postura de pais que não se envolvem com a educação sexual dos filhos como forma de não precipitar a iniciação sexual. Por conseguinte, a não participação paterna no desenvolvimento sexual do filho redundava em dificuldades de orientação e adoção de medidas preventivas da parte do adolescente quando da iniciação sexual. A adolescente Ivany assim falou:

Eu acho assim, que o sexo ele é uma palavra forte... muita gente tem aquele medo... falar de sexo, ai meu Deus, já tô/ com aquela preocupação; muitos pais também têm vergonha de falar com os filhos por acharem... SEI LÁ... que vão colocar no caminho do ato sexual. Já começa por aí: pessoa fica desligada da doença. A mais conhecida é a AIDS, de fato, por não ter cura; existe tratamento mas cura eu acredito ainda não tenha... então esse termo é muito forte para algumas pessoas mas muitas acham normal; para outras, existe aquela cisma devido aos pais que não orientam, não conversam, não explicam os meios de prevenção... vai por aí. (Linhas 96-103).

Por outro lado, a não disponibilização de informações e o não envolvimento de pais na construção da sexualidade dos filhos pode estar associada à ausência deste saber pelos próprios pais, como demonstrou o adolescente Petrus: “Mas também, muito pai não tem conhecimento disso prá poder discutir esse assunto com o filho” (Linhas 117-118). Proteção contra o perigo da iniciação sexual precoce é outra forma de ver o distanciamento de pais em relação à temática da sexualidade e do sexo, como pontuou a adolescente Mariângela: “As vezes os pais querendo proteger os filhos termina prejudicando eles, né? Não falando sobre assuntos de sexualidade, termina prejudicando eles” (Linhas 142-143).

A percepção da proteção aludida nas atitudes de pais em relação à sexualidade e comportamento sexual de filhos ficou demonstrada nesta fala da adolescente Ivany:

Existem pais que querem proteger e não falam logo cedo sobre o sexo na maneira de prevenir, por vergonha de falar com o filho. Isso acontece... qual o pai que vai chegar para a filha: filha você tá/ tendo relação sexual? tome cuidado, use camisinha. Acho que não existe um pai que vai falar isso. Também não vai dizer: chegada a hora, quer fazer, faça, mas tenha cuidado. Mas prá/ uma pessoa que tem dezesseis anos como eu, meu pai não chegaria prá mim prá/ tratar de um assunto desse e falar: OLHE vai fazer? use camisinha, tome cuidado com a doença. Meu pai não faria isso jamais... eu não acho que ele seria ignorante, mas para me prevenir. Não existe só o risco da doença sexualmente transmissível, mas corre o risco da gravidez na adolescência. (Linhas 107-116).

Paralelamente, existem pais que interagem com os filhos, fornecendo informações sobre comportamento sexual e medidas de proteção, sem, ao que parece, enfrentarem sentimentos de culpa ante a pressuposição de estimular precocemente a atividade sexual do filho ou da filha adolescente. Esta é uma realidade vivida e verbalizada pela adolescente Aparecida:

Em relação a tudo isso, eu ainda não participo de relação sexual, mas minha mãe me aconselha. Ela fala na minha adolescência; ela fala que não tá/ me incentivando a fazer relação sexual. Mas ela disse que no dia que tiver de acontecer isso, eu usasse camisinha, eu me prevenisse. Meu pai, não, porque eu não tenho muito contato com ele, mas minha mãe e minha vó/ me incentivam muito; elas falam assim. (Linhas 126-130).

Este relato foi compartilhado pela adolescente Ivany que em apoio disse: “Minha mãe também me aconselha, tipo a mãe de Aparecida...quando chegar a hora se previna, se cuide” (Linhas 131-132). Entretanto, como disse atrás esta adolescente “... sexo é uma palavra forte, muita gente tem àquele medo. Falar de sexo, ai meu Deus, já tô/ com àquela preocupação. Muitos também têm vergonha...” (Linhas 96-103), esta fala parece haver sido internamente censurada, motivando outro discurso com algumas incoerências na construção verbal. Neste, a autora retira a si própria e a sua mãe do foco da questão, dizendo:

Eu falei assim, que existe... em geral... eu não falei da minha mãe nem do meu pai nem da minha vizinha... falei geral, que existe assim: o pai que não freqüentou a escola tem aquela cisma, é um tipo de preconceito prá/ tratar com os filhos desse assunto. (Linhas 137-140).

Os sintomas das doenças sexualmente transmissíveis são pouco conhecidos, estando em concordância com a menor habilidade demonstrada em relação às informações das DST pelo grupo. Os sinais de manifestação das DST referidos incluem manchas vermelhas, dor e ferida nos genitais, “escorrimentos” e feridas na boca. A AIDS aparece como doença mais conhecida e que inspira maiores cuidados por não apresentar na pessoa sintomas específicos de acometimento, como demonstrou a adolescente Ivany:

SEI lá... a AIDS é bastante discutida só que os sintomas parecem não aparecer assim na cara; é uma doença silenciosa que vai acabando a pessoa aos poucos; tem que ter cuidados porque os sintomas não estão muito na cara... na AIDS. (Linhas 173-175).

As formas de proteção contra as doenças sexualmente transmissíveis também são pouco conhecidas do grupo. A camisinha é o método de prevenção conhecido. Todavia reconhecem que outros métodos existem, mas que não têm informações atuais, como mostrou a adolescente Ivany:

Acho que a principal e mais conhecida é a camisinha. Éh::... outros meios... sei lá... a pessoa deve se cuidar, se conhecer também, se tiver com uma doença procurar o médico; é uma forma de evitar, de proteger você e seu parceiro. (Linhas 187-189).

A atitude de respeito à integridade da saúde do parceiro aparece nesta fala que foi compartilhada por outros adolescentes. O adolescente Joaquim disse: “É isso, tem que ter respeito” (Linha 199). Nesta seqüência, o adolescente Dionísio falou:

(...) eu acho que o portador de doença, não importa qual seja ele, não deveria cometer o ato sexual com o seu parceiro; por mais que ele

seja insistente ou ela, deve chegar, ter consciência e dizer tô/ com tal doença e nós não devemos ter isso; só quando eu me curar. E... não é só respeito mas amizade também. (193-196; 201).

Uma preocupação com a atitude de adolescentes menos informados em relação às doenças sexualmente transmissíveis e que se iniciam em atividades sexuais surgiu espontaneamente no grupo. A adolescente Ivany, falou:

Você que é adolescente, comece a se ligar que as doenças sexualmente transmissíveis tão aí, não é uma brincadeira. É preciso tomar cuidado e se proteger em relação ao ato sexual, a outras coisas mais, à sua saúde e à pessoa que ta do seu lado. Eu acho. (Linhas 206-209).

A responsabilidade do adolescente foi evocada como forma de estimular o conhecimento, a prevenção e a participação de outras pessoas na discussão dos problemas relacionados às DST, como demonstrou o adolescente Dionísio:

Já que os pais, vocês, amigos, parentes, vizinhos não tem conhecimento, vamos procurar se conscientizar, se prevenir. Uma vez que os pais não têm tanto conhecimento como nós temos hoje, porque não tiveram oportunidade de estudar, de ter conhecimento... aí nós devemos mesmo conscientizar amigos, parentes e até conhecidos. (Linhas 210-214).

Viver a sexualidade parece ser um grande problema para o adolescente, sobretudo quando a diferença entre sexualidade e sexo não está definida, confundindo-se a primeira com o segundo. A relação sexual é entendida como finalidade, razão ou objetivo da sexualidade, como na referência da adolescente Ivany:

E assim... para os adolescentes o termo sexualidade é um tipo de vergonha. Mas não gente, isso é normal, é até uma besteira a gente ter vergonha (pausa); tem de se cuidar. Se for fazer use camisinha que é o certo; é a melhor maneira de se prevenir. (Linhas 215-218).

2. CONHECIMENTO DE MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS ENTRE ADOLESCENTES

Este tema foi discutido pelo Grupo Focal Religioso 2 - (GFR-2) e pelo Grupo Focal Não-religioso 2 - (GFNR-2). As características do GFR-2 são mostradas a seguir:

2.1. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL RELIGIOSO 2 – (GFR-2)

Pseudônimo	Sexo	Idade	Religião	Série Escolar	Rede de Ensino
Apolo	M	17	Católica	3a	Pública
Giany	F	17			
Solange	F	17			
Alfredo	M	17	Evangélica		
Heráclito	M	17			

2.1.1. DADOS OBTIDOS

A transcrição dos discursos deste grupo encontra-se adiante [ANEXO H, p. 160]. O conhecimento dos métodos anticoncepcionais é um fator importante de adaptação à medida que se observa o rebaixamento da idade de iniciação sexual e a ocorrência de gravidez entre adolescentes. Entretanto tal conhecimento visto como habilidade conceitual revelou-se impreciso no grupo. O entendimento disponível apontou na direção de comportamentos de prevenção da concepção, proteção contra doenças sexualmente transmissíveis e “instrumentos” para proteção “no ato do sexo”.

A anticoncepção como adoção de medidas para evitar a concepção foi o entendimento do adolescente Alfredo, que assim comentou:

Anticoncepção nós entendemos o seguinte: conceber, no caso seria dar a luz. Então anticoncepção seria prevenir isso, ou quem sabe proteger ou qualquer coisa desse tipo assim. Então, anticoncepção seria tomar algumas medidas para que não viessem acontecer a concepção. Uma primeira coisa: eles (adolescentes) já pensam nos instrumentos, por exemplo, a camisinha. Eles vão pensando nessas coisas. Quando eu falo anticoncepção aí se liga à idéia de anticoncepcional, aí vem as pílulas. (Linhas 19-22; 52-54).

O termo anticoncepção evoca também sua associação com relação sexual, consciência dos problemas do sexo e adoção de medidas de prevenção, sendo com estas confundidas, como se vê na fala do adolescente Apolo:

Anticoncepcionais, vem mais de uma prova... um problema assim... de proteger o adolescente na hora do sexo; uma proteção de que o jovem não adquirira tantas doenças. Anticoncepção seria a conscientização do jovem antes para que ele se proteja; esteja ciente do que ele vai fazer. Tenha consciência do ato que ele vai fazer. (Linhas 13-15; 17-18).

Apoiando o pensamento acima que vê a anticoncepção como prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, o adolescente Heráclito comentou confusamente:

Éh:... essa parte de anticoncepção é boa, tem o seu lado bom e o seu lado ruim. Sabemos hoje que várias doenças está por aí, como HIV, HPV, são DST e esses anticoncepcionais foram inventados prá isso; prá uma prevenção dessas doenças, desse sexo que fazem por aí, né/.... por brincadeira. (Linhas 28-31).

A atividade sexual antes do casamento foi vista como algo que demanda prevenção da concepção, ao que parece em decorrência da imaturidade e da gravidez indesejada na adolescência. Enquanto medida preventiva, a não atividade sexual foi apresentada como medida eficaz, inclusive, para não enfrentar problemas posteriores advindos do exercício inadequado do sexo, como mostrou a adolescente Solange:

Seria uma maneira mais apropriada para que os jovens se prevenissem de outras questões, no caso, quando tiver que tomar anticoncepcionais; são jovens que fazem sexo antes do casamento e não querem engravidar. Essa é a maneira de se prevenir, usando anticoncepcionais. Eu acho que a melhor prevenção é não praticar, porque se você não pratica você não vai ter nenhum problema. (Linhas 23-26; 32-33).

Mais adiante, discutindo questões relacionadas às medidas de prevenção nas vivências sexuais, a mesma adolescente reafirma a sua posição sem deixar de considerar que a sexualidade e o comportamento sexual devem seguir a vontade de cada pessoa. No caso da impossibilidade de abstenção da relação sexual, a adolescente reconhece a importância da adoção de medidas de sexo seguro: “Na minha concepção a melhor forma de se prevenir é a abstenção: é não praticar. No final, tá/ livre de tudo. Mas no mundo de hoje tudo muda, vai da cabeça de cada um, se é prá fazer, é melhor se prevenir” (Linhas 172-174).

Entre os adolescentes o controle ou a abstenção sexual são dificuldades a serem enfrentadas. Eliminar ou inibir o desejo de vivência do sexo se afigura uma meta de difícil alcance, como expressou o adolescente Alfredo:

Eu estava lendo um livrozinho - “Tudo sobre a sexualidade” – é o nome do livro. Ele mostra dados que indicam que a sexualidade, a questão do sexo e dos anticoncepcionais... em relação a isso que ela (Solange) falou, é um pouco difícil porque quase ninguém consegue se conter; esperar passar o tempo todo e tal. E para isso foram colocados os métodos anticoncepcionais. (Linhas 34-38).

Atualmente acredita-se existir uma exacerbada procura das pessoas pela satisfação passível de obter através da relação sexual. Tal procura parece derivar da influência exercida pelos meios de comunicação no comportamento das pessoas. Assim, a causa do incremento do desejo sexual, a dificuldade de contenção sexual e os problemas sociais resultantes da vivência desregrada do sexo parecem conhecidos do adolescente, conforme o relato de Heráclito, para quem:

(...) o maior causador dessa praticada de sexo... acho que o que mais influencia é a mídia... a mídia bota novela, músicas... isso leva as pessoas a querer fazer isso (sexo) por brincadeira e acontece o que temos hoje: superpopulação, doenças, mortalidade infantil. (Linhas 39-42).

A dificuldade de contenção sexual de adolescentes torna-se um problema social que merece especial atenção, dada a significação que adquire no contexto da predição do abandono de crianças por mães adolescentes incapazes de efetivar com êxito a maternidade. Referindo-se à influência da mídia e às conseqüências originadas do desregramento sexual mencionado acima, a adolescente Solange introduziu a questão da gravidez indesejada, na seguinte fala:

Principalmente muito abandono porque muitas mães, principalmente as adolescentes, acham que fazer sexo está na moda; todas querem fazer; não, porque meu namorado diz, se você gosta de mim me prove... e tem gente que ainda pensa dessa forma e depois fica grávida e fala: meu Deus e agora? Aí vem e aborta, deixa na porta da casa das pessoas. A malhação passa às cinco e meia da tarde; minha irmã de dez anos assiste... se ela não tiver uma estrutura familiar, ela vai pensar que é normal porque a mãe abandonou e ela foi criada por outra mãe; agora está grávida. (Linhas 43-49).

O conhecimento pelos adolescentes dos meios disponíveis de proteção e de anticoncepção parece não lhes oferecer habilidades necessárias à decisão específica e segura quanto ao seu uso, possibilitando, dessa forma, o questionamento da segurança presumida ao alcance da finalidade a que se destinam, conforme se expressou a adolescente Solange nesta fala:

Eles acham que a questão de anticoncepcional vai livrar qualquer coisa; acham que a camisinha não pode furar, que a pílula não pode falhar... e sempre estão achando que são milagreiros - pode se dizer – que não é; tudo falha, nada é perfeito. Então muita gente tem essa idéia: porque eu to me prevenindo não vai acontecer nada; Se você não usa camisinha você pode pegar Aids porque a pílula não vai livrar isso; você pode pegar outra doença e com a camisinha pode acontecer alguma coisa. (Linhas 61-66).

A relativa dificuldade observada na discussão do conceito de anticoncepção foi remetida ao âmbito da família e à forma de veiculação da mídia. Os pais foram citados pelo não tratamento das questões relativas à sexualidade dos filhos. Não apenas os pais, mas a mídia ao fazer abordagens alusivas, afasta-se da questão conceitual para investir na dimensão pragmática dos meios de anticoncepção, como se vê no relato do adolescente Apolo, a seguir:

Anticoncepção, eu particularmente não tenho uma visão de que sei especificamente o que é aquilo, porque a sociedade como ele (Heráclito) tinha falado aqui, aborda. Em poucas das casas das famílias brasileiras que falam sobre sexo, pais e filhos, não explicam o que é anticoncepção, explicam mais o que é anticoncepcional. A população está mais preocupada em anticoncepcional do que com o significado de anticoncepção. A mídia não aborda isso, aborda só os

efeitos: que os anticoncepcionais traz benefícios e que a falta deles traz malefícios. (Linhas 67-73).

O relato acima é compartilhado por outros adolescentes, que vêem o não envolvimento dos pais na educação sexual dos filhos como algo que interfere negativamente no modo de perceber e viver a sexualidade adolescente. A ausência de educação sexual no âmbito familiar induz o adolescente a buscar informações em fontes cuja idoneidade não lhe é possível avaliar. De certa forma, o adolescente parece creditar aos pais uma parcela da culpa quando deixam de corresponder às regras e aos costumes que exigem ausência de experiência sexual. Tal é o caso relatado pela adolescente Solange:

Muitos pais passam isso para os filhos. Por exemplo, no meu caso, mãe não é assim de dizer como é que as coisas acontecem. Ela em nenhum momento da minha adolescência ela chegou prá mim e explicou qualquer coisa; o que eu sei é de revistas, televisão, comentários de amigos; isso leva com que muitas jovens... todo mundo sabe... mas às vezes chega uma jovem a engravidar. Por exemplo: Se eu não soubesse uma consequência por que não aprendi em casa. (Linhas 74-79).

O conhecimento dos métodos de anticoncepção pelos adolescentes mostrou-se deficitário. A camisinha aparece como o método do conhecimento de todos no grupo, seguida de referências isoladas às pílulas anticoncepcionais e à pílula do dia seguinte. Mais uma vez, os pais foram citados por suas dificuldades para ensinar sobre o desenvolvimento da sexualidade dos filhos. Entretanto as inabilidades paternas para educar nesta área, não é alguma coisa de difícil entendimento pelos adolescentes. Entende-se que uma das responsabilidades paternas é acrescer informações sexuais àquelas disponibilizadas ao adolescente por outros meios que não a família. Entretanto, a compreensão da educação como ciclo repetitivo de informações que vai atravessando as gerações é evocada para justificar a dificuldade vivida por pais ao se requerer destes, o exercício formativo da sexualidade da prole, como acredita o adolescente Apolo:

Os métodos de anticoncepção que eu conheço, são para a prevenção sua. Além das informações seria a conversa com os pais; pais e mães chegar aos filhos e conversar. Só que no meu modo de ver não acontece mais; não é que eles não saibam e não queiram falar; é mais por uma vergonha que eles têm de se sentar com os filhos e falar isso. Como meus avós não chegaram prá falar isso com os filhos e até repreendiam eles, se eles chegassem em casa e falassem uma coisa dessas, então eles tem medo de passar isso pros filhos. Então na informação vinculada, a anticoncepção acho que é isso: o melhor modo de prevenção que o jovem pode adquirir é a informação. (Linhas 85-93).

Raciocínio semelhante foi demonstrado por Heráclito, com a agravante da possibilidade de aquisição de informações deturpadas quando o adolescente, limitado também por suas inibições, busca conhecimento da sexualidade em fontes inapropriadas:

Essa questão de métodos de prevenção é... como ele (Apolo) falou que os pais não levam a informação direta aos filhos, leva alguns filhos a irem buscar grupos, vamos dizer: meninos de onze, doze anos está na puberdade, não tem nada, aparece um caroço no peito e vai perguntar aos amigos que dizem: isso não é nada não; eu também tenho isso aqui. A menina menstrua, não sabe o que é e vai perguntar a outras pessoas da sua própria idade, que não também não sabem do assunto e inventam coisa da cabeça; e também esses poucos filhos tem de vergonha de chegar e perguntar ao professor, também. (Linhas 94-101).

O conhecimento de métodos de anticoncepção produz atitude paradoxal entre adolescentes. Se por um lado tem-se a possibilidade de vivenciar a relação sexual com segurança, por outro o acesso a estes métodos parece induzir a precocidade sexual, que é fortalecida pela própria vivência. A prática do sexo antes do casamento torna-se um problema social e religioso por envolver a quebra de valores instituídos, cujas conseqüências recrudescem na visão do casamento como instituição transitória. Tais possibilidades de alterações sociais e religiosas podem ser induzidas unicamente pela utilização massificada da camisinha, como mostra o adolescente Alfredo em sua fala:

Existe uma questão bem polêmica com relação à camisinha. A camisinha previne mas também incita o jovem a começar a sua vida sexual mais cedo. Porquê? Já sabe que é seguro, que é sexo seguro como é colocado aí pelas pessoas, pela mídia, pelos meios de informação. Então vamos fazer e tal; só que esquece muitas vezes da responsabilidade que tem; então isso é promiscuidade. Então vai fazendo com um, com outro, com outro e a sociedade vai perdendo aos pouquinhos os seus valores. O casamento hoje (pausa); casar e separar, hoje, é normal; algum tempo atrás não acontecia isso. Então isso não é um problema que está totalmente ligado aos métodos anticoncepcionais, mas esta é também uma questão polêmica que a camisinha traz. (Linhas 112-120).

O não aprendizado da atitude responsável para a realização sexual aparece como indutor da atitude sexualmente promíscua referida acima, como relata o adolescente Heráclito:

É isso que Alfredo falou. A pílula do dia seguinte e a camisinha incita o jovem a começar o sexo um pouco mais cedo, sem responsabilidade. O jovem hoje em dia, tipo ficar e transar está seguindo no mesmo caminho. Se você tem uma mesa com um monte de comida, você tá ali prá provar: os jovens com as meninas e as meninas com os jovens. Tem cara que fica com três, cinco... e assim vai provando. (Linhas 121-125).

A fala acima de Heráclito motivou no grupo uma referência a uma situação de fato. A acessibilidade à camisinha, a pressuposta segurança da anticoncepção e por elas a indução da precocidade das relações sexuais entre adolescentes foi demonstrada no relato da adolescente Solange: "Todo mundo aqui acho que já usou camisinha. É a maneira que impede que os espermatozóides penetrem no óvulo da mulher" (Linhas 150-151).

Princípios religiosos direcionam o pensamento de adolescentes na discussão dos métodos de anticoncepção, com maior ênfase na camisinha e na pílula do dia seguinte, destinadas à prevenção e à interrupção presumida da gravidez respectivamente. A negativa da Igreja Católica quanto ao uso da camisinha entre fiéis deixa de lado os problemas sociais como o crescimento da miséria em muitos países, os problemas de saúde decorrentes das DST/AIDS - tudo numa tentativa de controlar a atividade sexual dos jovens e adolescentes. O propósito de tal negativa é fortalecer o sentido da virgindade e sua manutenção para o casamento enquanto condição antecedente do sentimento amoroso a florescer entre pessoas de sexos opostos, como discutiu a adolescente Solange:

Outra questão é que muita gente critica a igreja pelo fato de proibir usar a camisinha. Quando trocou o Papa muita gente criticou que ele disse que não aceitava a camisinha. Falaram a questão da África que tem o índice maior de Aids, que lá tem que usar a camisinha ou então todo mundo vai morrer, pois lá é o lugar mais pobre, mais miserável, principalmente o Sul da África. Tem esses casos. Acho que deveria haver uma exceção, mas o pensamento da igreja é, se é proibido o uso de camisinha, conseqüentemente os jovens vão também parar de fazer sexo antes do casamento. A igreja proíbe nessa intenção de diminuir o começo da sexualidade, do sexo ativo dos jovens; a posição da igreja é essa. Só que acho que devia pensar em dois pontos: Se for totalmente liberada vai ficar do jeito que tá/; a tendência é piorar, porque no tempo da minha mãe o povo casava virgem, pois tinha padre que não aceitava casar quem não fosse virgem, porque na bíblia diz que você tem que se guardar para o seu marido e o marido tem que se guardar para a sua mulher. E realmente, é uma coisa muito especial, tanto para o homem como para a mulher. Você casar com um homem sabendo que ele foi só seu e você casar com uma mulher sabendo que ela foi só sua? Nessa forma eu acho que você vai casar porque você quer transar com aquela pessoa, você gosta daquela pessoa. (Linhas 190-206).

O sexo é visto como atividade a ser exercida em obediência aos valores religiosos, tendo na acessibilidade do adolescente à camisinha um fator de bloqueio ao alcance dos objetivos religiosos. Por outro lado, a inconstância da utilização da camisinha pelo adolescente nas relações sexuais revela não só descompromisso para consigo próprio, bem como dá origem a problemas sociais que afetam principalmente as crianças, como citou a adolescente Giany:

Também sou contra porque com isso se os jovens não pudessem usar esses métodos antes do casamento com certeza seria melhor. A maioria das culpas são dos jovens porque fazem sem compromisso... aconteceu? depois deixa prá/ lá, não tá/ nem aí; ficam crianças nas ruas, sofrendo, pedindo esmola; e com certeza isso iria melhor se fosse obrigatório, só depois do casamento. (Linhas 234-238).

Colocada em foco pelo grupo a questão da utilização da pílula do dia seguinte, o adolescente Heráclito disse:

Esse é o mais abortivo que tem. Esse ano no teve uma grande polêmica sobre a pílula do dia seguinte. O governo quiz distribuir essa

pílula só que a igreja não liberou: eles (a igreja) levaram isso como aborto e aborto para a igreja é pecado. (Linhas 108-110).

Este parecer recebe apoio de outros adolescentes que se direcionam por suas convicções religiosas, mas não impede a manifestação de conflitos pessoais em relação à posição requerida dos fiéis pela igreja. A adolescente Giany demonstrou este conflito ao advogar a pertinência do parecer eclesiástico em relação à pílula do dia seguinte, no seguinte relato:

Realmente é um aborto. Eu acho por uma parte certa e por outra está errada. Tá/ certo que você tá/ se prevenindo e tudo mais; mas em outra você já pode tá/ grávida e aí tá/ tirando uma vida. Prá/ igreja isso é inadmissível” (Linhas 111; 139-141).

A estimulação ou a adoção de medidas de anticoncepção são práticas que evocam princípios defendidos pelas religiões e introjetados pelos adolescentes através da educação religiosa a que estão expostos. Para alguns, a atividade sexual somente se justifica através do casamento, sendo este o âmbito em que as medidas de anticoncepção - e não de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da Aids - podem ser utilizadas como opção do casal. Neste caso, o fim das medidas de anticoncepção é o regramento da prole, como se vê na fala do adolescente Alfredo:

Eu não concordo com a utilização desses métodos anticoncepcionais antes do casamento. Não concordo porque tá levando os jovens a ter uma idéia deturpada do que na verdade é. A pessoa fica achando que pega um aqui, outro ali... e a sociedade vai caminhando assim e no futuro também vai assim. Eu não acho adequado por que o jovem pode não estar preparado, não ter a responsabilidade prá ter uma vida sexual ativa; eu creio que seria melhor prá ele depois do casamento, porque o casamento é uma instituição sagrada. Se for assim, ninguém mais vai querer casar, porque o negócio do casamento é justamente onde você vai ter conhecimento de outra e tal; e aí você vai praticar relações sexuais, e na verdade era isso há alguns anos atrás. Infelizmente isso foi modificado. Então tá querendo a sociedade como? Totalmente voltada para o sexo. Então hoje tudo gira em torno de drogas, sexo e dinheiro. Qual é a sociedade que nós estamos querendo, se há um incentivo prá prática da vida sexual logo na juventude aos treze ou catorze anos? Então, tá/ querendo uma sociedade como? Não importa se com casamento ou sem casamento. Se eu posso transar na hora que eu quiser, eu vou casar prá quê? Não adianta. (Linhas 175-189).

Mais adiante, disse o mesmo adolescente [Alfredo]:

Como falei, são sou a favor de métodos anticoncepcionais antes do casamento, mas no casamento, sim. Não vejo problema no uso da camisinha depois do casamento. Mas você não venha dizer que o seu parceiro está sendo infiel e por isso você está se prevenindo. Você está casado e quer usar, use. Sou contra, antes do casamento porque incita e banaliza o ato do sexo por essas idéias. (Linhas 219-223).

A utilização de medidas de regramento da prole (camisinha) no casamento está longe de consenso entre adolescentes. Entretanto reconhecem a liberdade das pessoas para decidirem sobre as particularidades da vida conjugal, como se vê na resposta do adolescente Heráclito:

Depois do casamento? Essa questão de usar camisinha, acho que não tem nem prá quê. Hoje existem métodos (pausa); minha mãe teve três filhos e cortou as trompas e não teve precisão dela tá usando camisinha. Não quer ter filho, então o homem tem como cortar o canal prá não soltar espermatozóides e a mulher corta as trompas. Então não precisa de camisinha depois do casamento. Agora, quer usar, use; é uma questão pessoal. (224-229).

O ensino religioso e a fiscalização das igrejas em relação ao exercício da atividade sexual são justificados sob o argumento de inibir a possibilidade de desregramento sexual dos jovens pela interpretação inadequada que se dá à atividade sexual. O sexo é visto como bênção divina, requerendo a sua utilização em concordância aos padrões da religião, como mostrou o adolescente Heráclito:

A igreja condena o uso de anticoncepcionais por conta de que teria o desencadeamento do sexo livre entre os jovens. Na igreja católica, a minha religião, o sexo é um dom de procriação que Deus deixou para todos os seres vivos da terra. O sexo só deveria ser feito para a procriação e não de farra. O sexo é um dom divino que Deus deixou prá/ procriar os nossos descendentes. (Linhas 213-217).

2.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 2 – (GFNR-2)

Este grupo reuniu adolescentes que apresentaram as características mostradas abaixo:

Pseudônimo	Sexo	Idade	Religião	Série Escolar	Rede de Ensino
Carlinson	M	18	Não-religioso	3a	Pública
Florianio	M	18			
Givaldo	M	18			
Herculano	M	19			
Pedro	M	19			
Suetônio	M	16			
Ketman	F	18			
Walbia	F	17			

2.2.1. DADOS OBTIDOS

A discussão neste grupo sobre a questão proposta “o que os adolescentes entendem por anticoncepção” revelou pouco conhecimento da temática, bem como menor habilidade grupal para alimentar a discussão pretendida [ANEXO I, p. 165]. De modo geral, os adolescentes alegaram não dispor de informações para explicar a

questão, como mostrou Givaldo: “Todo mundo tem a mesma idéia; a gente não tem conhecimento sobre esse negócio (anticoncepção) aí” (Linhas 24-25).

Uma tentativa de contribuição nesse grupo associou anticoncepção à medidas de prevenção e medicamentos, como se vê na fala do adolescente Floriano: “Anticoncepção é um modo de prevenção para o adolescente. É um remédio anticoncepcional que é para a mulher não engravidar. É uma prevenção” (Linhas 12-13).

As informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais estão em concordância com o menor conhecimento demonstrado para conceituar a anticoncepção. Os métodos conhecidos dos adolescentes e por eles referidos apontam as pílulas anticoncepcionais, a camisinha, o dispositivo intra-uterino – DIU, a cirurgia das trompas e a vasectomia. Em relação aos últimos métodos, não há compreensão do funcionamento dos mesmos, como mostra o adolescente Suetônio em sua argumentação:

Eu não sei direito como é, mas tem um DIU que a mulher utiliza; quando ela tem relação sexual ela não engravida. E também ela pode fazer a cirurgia que não menstrua mais e não passa mais óvulos; e no homem também... que é a vasectomia. (Linhas 38-40).

O conhecimento relativo à segurança dos métodos de anticoncepção acompanha o grau da baixa informação disponível no grupo. Os comprimidos, o dispositivo intra-uterino e os procedimentos cirúrgicos - tanto os femininos como os masculinos (vasectomia) - foram referidos sem qualquer menção à funcionalidade dos mesmos. Todavia, sabem os adolescentes que a segurança dos métodos citados é relativa e a fragilidade destes é ressaltada, como demonstrou Givaldo em sua fala sintética: “Todo método tem o seu risco: A camisinha pode estourar; o anticoncepcional a mulher pode esquecer de tomar; ir pela tabela, pode ser que atrase ou adiante a menstruação da mulher” (Linhas 57; 59-60).

Informando não dispor de informações confiáveis sobre métodos de anticoncepção, os adolescentes deste grupo revelaram-se indecisos para a tomada de decisão quando da necessidade de proteção na relação sexual. A adolescente Walbia fez o seguinte comentário quanto à maior segurança que acredita possuírem as pílulas anticoncepcionais:

Quer dizer, é mais seguro e não é, porque se esquecer de tomar não adianta, não faz efeito. Acho que seja porque a camisinha corre o risco de estourar e o remédio se você tomar todo dia não corre o risco (de engravidar). (Linhas 50-52).

Este argumento da impossibilidade de falha das pílulas se tomadas com regularidade foi questionada pelo adolescente Carlinson, ao indagar: “Será que o comprimido anticoncepcional não pode falhar?” (Linha 62). Ante esta indagação, outras posições situaram os procedimentos cirúrgicos como eficazes, como insiste o adolescente Suetônio em diferentes momentos da sua fala: “O método mais seguro é o DIU porque a mulher coloca lá o negócio” (Linhas 54-55). Em outro momento: “Então o mais seguro é fazer a cirurgia; corta lá e pronto” (Linha 61). E mais adiante:

“Prá/ mim o jeito mais seguro, que não vai trazer nenhum problema é fazer a vasectomia mesmo. Cortou, já era” (Linhas 71-72).

A estimulação ou a prática da anticoncepção recebe aprovação entre os adolescentes que ousaram contribuir à compreensão deste tema. As razões utilizadas para justificar tal aprovação referem-se à gravidez de púberes e adolescentes e à prática do sexo sem riscos. Em relação ao estímulo e/ou à prática de anticoncepção, diz o adolescente Givaldo em breve fala: “Acho que sim, porque tem acontecido que muita gente tá/ tendo filho com onze, doze, treze... catorze anos, mas não tem estrutura... idade prá/ ter filho; ter a responsabilidade” (Linhas 79-81). Na mesma linha de pensamento, a prática da anticoncepção é também aprovada na presunção de propiciar atividade sexual sem riscos, como vê o adolescente Herculano: “Acho que é uma forma de você ter uma vida sexual sem riscos; traz segurança aos jovens” (Linhas 112-113). Outra concordância no grupo busca associar a prática da anticoncepção a informações específicas, no entendimento do adolescente Carlinson em seu relato: “Acho que essa idéia de prevenção é boa, mas deve ser mais divulgada porque muita gente não tem tanta informação” (Linhas 115-116).

As informações disponíveis parecem são satisfazer as necessidades de adolescentes, que vêem maior investimento na comunicação dos problemas sociais, não associando estes ao desregramento da atividade sexual. De modo particular, a baixa idade com que adolescentes engravidam é um fator de notória implicação social para o mundo do trabalho, como mostra o adolescente Givaldo em sua exposição:

A galera faz muita reportagem sobre a miséria, fome, desemprego, mas tem muita gente que não vê que isso tá/ acontecendo por causa disso mesmo: não tá/ tendo a divulgação dos anticoncepcionais. O pessoal de doze, treze anos tem filho... aí tem que arranjar emprego; daqui a quinze anos já tá/ grande, procurando emprego também. Aí uma mãe de vinte anos tem um filho de dez anos; com trinta anos tem um filho de vinte e aí os dois já estão concorrendo ao mesmo mercado de trabalho; aí vem o desemprego. (Linhas 117-123).

Entre os adolescentes deste grupo surgiu a idéia de promiscuidade sexual na classe social menos favorecida. Tal idéia associa a promiscuidade referida à ausência de ocupação laboral, levando a supor que a prática do sexo fortalece a própria prática, tornando-se dessa forma um empecilho à adoção de práticas de anticoncepção, entre os economicamente desfavorecidos, como mostra Carlinson nesta fala:

Devia ser estimulado sim, mas tem aquela questão: quando a pessoa é pobre, a única diversão dele é fazer aquilo porque não tem outra coisa prá/ fazer. Deviam inventar algum tipo de... atividade prá/ esse pessoal fazer. (Linhas 82-84).

Parte da responsabilidade dos problemas sociais que ocorrem pela ausência ou pela deficiência das informações relativas à sexualidade e aos métodos de anticoncepção é dirigida aos pais, ainda que estes não sejam necessariamente os mais apropriados para informar. A adolescente Walbia, argumentando sobre o

desregramento sexual dos menos favorecidos economicamente, entende que o fato aludido resulta da falta de informações, pois “tem casos que a gente não tem essa conversa com os pais; agente procura essa conversa fora e a gente tem informações erradas sobre isso” (Linhas 87-89). As informações desejadas pelos adolescentes podem ser adquiridas de outras fontes, a depender da condição de saber dos pais, como mostraram alguns adolescentes no grupo. Para Givaldo, “não adianta ele (pai) dar uma informação sem ter certeza que é aquilo” (Linhas 93-94). Prosseguindo, o adolescente Suetônio completa: “Tem que ser uma pessoa informada; não precisa ser diretamente dos pais; do médico por exemplo” (Linhas 95-96).

A figura dos pais como exemplos de vida a seguir não é fator consensual quando se considera a requisição de liberdade do adolescente para divergir de modelos familiares. A adolescente Walbia, diante de uma condição particular de fato, diz:

Mas às vezes a gente vê dos pais prá/ não fazer aquela coisa; minha mãe engravidou com dezessete anos, mas não é por isso que eu vou engravidar; eu já quero prá mim uma coisa totalmente diferente do que ela teve. (Linhas 101-104).

Não abolindo a liberdade para divergir, o adolescente Givaldo insiste na influência que os pais exercem no comportamento imitativo dos filhos: “Não é tudo que o meu pai faz que eu vou fazer, mas tem certa influência. Se meu pai fuma, é massa, então eu vou fumar também” (Linhas 105-106). Esta idéia sugere que o comportamento individual e coletivo é reflexo de uma moldagem intencional ou não através da educação. Neste sentido, o grau de convivência familiar e os modelos educativos repetir-se-ão entre as gerações, facilitando ou inibindo o processo de construção da sexualidade e do comportamento sexual, com maior influência sobre os adolescentes.

As influências paternas mostram-se de forma peculiar na elaboração de regras a seguir principalmente pelas filhas, que devem permanecer castas até o casamento, que aparece, inclusive, como possibilidade de melhoria econômica. Tal é o relato da adolescente Walbia:

Como ele (Floriano) falou, a gente, primeiro tem que planejar o futuro agora prá/ poder pensar em relação. Eu vejo em casa uma coisa assim: relação só depois do casamento. Nossos pais pegam mais no nosso pé (moças). Se a gente não fizer nada de errado, a gente não vai engravidar. Depois que casar sim: já tenho marido, já posso ter uma renda maior. (Linhas 134-138).

A idéia da iniciação sexual após o casamento é contestada entre os rapazes que invocam as medidas de prevenção para a realização de sexo seguro, maturidade para compreender o ato sexual e bem assim a transitoriedade do casamento, sem quaisquer referências à questão da virgindade feminina. Optando pelas medidas de prevenção e sexo seguro para combater a idéia de iniciação sexual pós-casamento, diz o adolescente Givaldo: “Acho que não. Porque se você fizer sexo com prevenção, qual vai ser a diferença entre fazer antes ou depois do casamento?” (Linhas 141-142).

O adolescente Pedro prosseguiu:

Eu acho que não deve só rolar relação depois do casamento; mas pode ser antes também, desde que teje/ um pouco maduro, tenha consciência do que tá/ fazendo. Casa hoje amanhã separa” Antes ou depois do casamento, o importante é fazer com segurança. (Linhas 152-154; 171), e

Carlinson fechou a discussão: “Não existe mais aqueles casamentos de vinte, trinta anos” (Linha 155).

A idéia do requisito de maturidade e responsabilidade para a ocorrência do casamento traz à luz, a atitude de menos valia dos rapazes para estabelecerem relacionamentos promissores com as moças. A adolescente Walbia colocou a questão nos seguintes termos: “... adolescente não quer nada sério, só quer curtir. Vocês (rapazes) querem uma coisa séria agora? vocês não querem! vocês querem sair, beber; vocês querem curtir” (Linhas 146-150). Noutro momento a mesma adolescente diz: “Acho engraçado uma coisa: se tem o casal e a menina vai e engravida? Ah, então bora/ logo casar... não sei o quê, não sei o quê. Então prá/ que essa agonia todinha?” (Linhas 156-158).

Os jovens parecem se dispensarem da exigência do matrimônio quando vivenciam relações sexuais e ocorrência de gravidez. A prática da relação sexual, e não a gravidez, é a causa vista pelos adolescentes para a realização do casamento de jovens por influências paternas, configurando-se um problema social, como sugere o adolescente Givaldo em momentos distintos de suas argumentações:

Mas quantas pessoas jovens você já viu que tiveram relação e ela engravidou e os dois decidiram casar porque ela engravidou? É porque eles geralmente têm mais a influência do pai: e agora, meu pai vai dizer isso, isso, isso; então vamos casar, senão meu pai vai fazer isso, isso e isso. É tudo com medo do pai; porque se o pai chegar lá e apoiar: você engravidou, aconteceu, beleza. Se ele chegar e der todo o apoio a ela, beleza! (Linhas 159-160; 162-165).

E o adolescente Carlinson: “Na maioria das vezes quando a menina engravida antes do casamento os pais querem que casem só prá não sujar o nome da família. É um problema social” (Linhas 168-169).

3. PERCEPÇÃO DA SEXUALIDADE ENTRE ADOLESCENTES

Este tema foi discutido pelos Grupos Focais Religioso 3 – (GFR-3) e Não-religioso 3 (GFNR-3). Abaixo são apresentadas as características do primeiro grupo:

3.1. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL RELIGIOSO 3 – (GFR-3)

Pseudônimo	Sexo	Idade	Religião	Série Escolar	Rede de Ensino
Damião	M	18	Católica	3a	Pública
Ricardo	M	18			
Eloisa	F	17			
Gleydes	F	16			
Janice	F	17			
Josely	F	16			
Paula	F	17			
Tarcisio	M	16	Evangélica		
William	M	17			
Martha	F	16			

3.1.1. DADOS OBTIDOS

A discussão temática neste grupo voltou-as à percepção da sexualidade na adolescência como se vê na transcrição dos discursos [ANEXO J, p. 170]. A forma como os adolescentes percebem a própria sexualidade parece influenciar o modo de relacionamento entre si e, por extensão, o modo de convivência com o mundo. A discussão da sexualidade traz à luz o conhecimento e os valores adquiridos ao longo do desenvolvimento pelos adolescentes que se expressaram com pouca clareza conceitual. Esta dificuldade foi por eles atribuída em parte à escola e em parte à família pela ausência de programas de educação sexual para as crianças e bem assim para os adolescentes, levando-os à busca de informações em outras fontes. A discussão foi dirigida pelas seguintes proposições: (1) entendimento da sexualidade, (2) importância da sexualidade para os adolescentes, (3) distinção entre sexualidade e sexo, e (4) relação entre a sexualidade e o ajustamento à vida.

A visão dos adolescentes sobre a sexualidade inclui tanto o contato físico como as trocas afetivas e emocionais entre as pessoas independentemente do sexo, como se referiu a adolescente Janice em sua fala:

O que eu entendo por sexualidade é o contato não físico, mas o contato emocional; não vem ao caso se é entre um homem e uma mulher... e não só o contato físico no namoro, tudo é sexualidade, mas também a amizade, a convivência com pessoa do sexo oposto. A sexualidade tá/ ligada a tudo isso. (Linhas 17-20).

A sexualidade também é vista como uma disposição que se desenvolve naturalmente desde o nascimento. Assim, a sexualidade é entendida como resultante de afetos que evoluem da inocência para o desejo de realização sexual sob o olhar do próprio indivíduo e controle da sociedade, como sugere mais adiante a adolescente [Janice] nominada acima:

Eu acho que as crianças já nascem mais inteligentes para esse tipo de coisa; mas quando criança você brinca com meninos mas com aquela inocência: não que como adolescente você não tenha, mas você já pensa de outro tipo, como eu já pensei em namoro. Mas em relação ao sexo, a sociedade hoje em dia julga muito as pessoas. Antigamente as meninas pensavam... eu vou casar virgem... hoje em dia não tem mais isso, alguns acham bregas outros concordam. São opiniões diferentes. (Linhas 28-33).

Contudo, a discussão de temáticas alusivas à sexualidade é vista como mais apropriada aos adolescentes por se encontrarem em estágio de maturidade cognitiva, afetiva e emocional mais evoluído que àquele em que se encontram as crianças, como pensa o adolescente Ricardo em sua exposição:

A sexualidade é um tema mais voltado para os adolescentes porque a criança tem aquela inocência e hoje em dia a adolescência ela já vem praticamente em termo de sexualidade. Crianças falam em amor, mas com inocência; o adolescente fala em amor, mas com segundas intenções. (Linhas 53-56).

A atividade sexual também é incorporada ao conceito de sexualidade, exigindo controle, maturidade e competência sexual do indivíduo, como mostra o adolescente William: “Eu acho que a sexualidade tem que ser uma coisa planejada; você pode fazer algo sem estar pronto, sem desenvoltura e também um amadurecimento” (Linhas 25-26). A fidelidade relacional, a virgindade feminina e as características típicas de desenvolvimento sexual aparecem também no conceito de sexualidade que acompanha a atualidade afetiva e sexual dos adolescentes, que tem como uma das características a variação de parceiros, como sugere a fala da adolescente Josely:

Quanto à sexualidade como Janice citou, antes as pessoas (moças) se casavam virgens; começavam namorando com uma só com uma pessoa e com essa pessoa se casavam. Hoje, dependendo da pessoa, fica com um, às vezes com dois e sempre tem relação sexual. A maioria das pessoas hoje, só fica, nem conhece a pessoa direito, corre risco de engravidar. Antes, com dez anos agente brincava de boneca, hoje as meninas com dez anos não brincam mais, já querem maquiagem, baton... (Linhas 35-41).

O modo de encarar a sexualidade parece resultar não apenas do desenvolvimento, mas também das condições de incentivação sócio-culturais a que as crianças estão submetidas desde os tenros anos da meninice, como demonstra a adolescente Gleydes:

É porque tudo se desenvolveu... a tecnologia... e porque o conhecimento não ia também evoluir? Hoje em dia nas escolas, alunos da terceira e quarta serie já estudam o corpo humano, já estão vendo toda essa parte. Acho que a tecnologia ajudou muito nisso, porque antigamente agente brincava de boneca; hoje não, menino de nove anos na internet é só o que vê; televisão que ensina... novelas. (Linhas 43-47).

A visão da sexualidade entre adolescentes combina a influência da educação e dos diferentes meios oferecidos pela mídia, esta última, ao que parece, com maior poder para influenciar a curiosidade e por extensão a precocidade do desejo sexual infantil, como se percebe na fala da adolescente Janice, para quem:

A sexualidade está sendo estimulada desde pequenininho pela mídia, pela internet, pela tecnologia. Desde pequenas as crianças já estão sendo estimuladas a conhecer, a saber o que é. Uma criança é curiosa e ela vê na televisão: Use camisinha; então a criança vai querer saber o que é. (Linhas 48-51).

A escola é então chamada a assumir o seu papel de informar e orientar o desenvolvimento da sexualidade dos jovens, cabendo-lhe a elaboração de programas educacionais específicos, numa tentativa de evitar dificuldades que advêm do desconhecimento ou da imprecisão da informação disponível, como opina a adolescente Paula em um trecho do seu discurso:

Eu acho que os colégios deveriam se empenhar mais a respeito da sexualidade, porque não são todos os colégios que debatem (o tema); acho que deveria ter uma matéria prá/ debater não só com os adolescentes mas também com os alunos do fundamental. (Linhas 57-60).

A família também é chamada a contribuir para a construção da sexualidade saudável dos jovens. A ausência da orientação familiar naquilo que se refere à construção da sexualidade, é vista pelos adolescentes como fator negativo, em razão da possibilidade de oportunizar a aquisição de informações através de fontes de credibilidade duvidosa, como mostra a adolescente Janice:

Acho que os pais também deveriam (ensinar). Se os pais não falam, você não aprende em casa, você pode aprender até de uma forma errada. Acho que isso devia partir de casa; os pais ficam com vergonha de falar. Às vezes a menina com certa idade pergunta uma coisa e os pais têm vergonha de responder, porque acham que ela é muito nova prá/ entender; mas acho que seria fácil. A minha mãe sempre conversou comigo, mas eu vejo umas amigas minha que a mãe jamais toca no assunto. Acho melhor saber em casa como é tudo, do que saber na rua com amigo ou com pessoas que possam lhe ensinar até de forma errada. (Linhas 61-68).

Para os pais, informar sobre a sexualidade e comportamento sexual não parece ser tarefa fácil, uma vez que têm visível dificuldade para incluir as moças que, por serem adolescentes, não dispõem daquela “inocência toda” como disse o adolescente Tarcísio, partindo da sua vivência pessoal: “Eu acho que a família devia informar mais. Meu pai procura mais os filhos homens para conversar; já com as meninas ele não dá aquelas informações por que aos catorze anos já não é essa inocência toda” (Linhas 69-71). A justificativa da não inclusão das moças nas orientações paternas sobre a sexualidade, quando ocorrem, parece bem expressa na fala da adolescente Paula, que acredita ser mais fácil aos pais aceitarem as relações sexuais dos “filhos homens” (Linhas 72-73). Os pais são vistos como peças importantes no desenvolvimento da sexualidade dos filhos, entretanto o papel orientador daqueles ainda está por acontecer, como se vê neste trecho da fala da

adolescente Martha: “A gente sabe das coisas porque passa nos comerciais, mas com o pai da gente, não” (Linhas 100-101). A reclamada orientação da parte dos pais decorre da percepção de que informações corretas juntamente com a convivência familiar saudável são condições importantes para evitar muitos dos problemas enfrentados pelos jovens. A gravidez aparece como um problema crescente, passível de controle através da presença e apoio paterno aos filhos, como diz o adolescente Ricardo neste comentário:

No caso, os pais ajudam muito porque se os pais tivessem certo contado de ensinar essas coisas para os filhos; hoje o índice de adolescentes grávidas aumentou muito; se for ver, são pessoas de favelas, de famílias rebeldes, de pais que não apóiam as pessoas; se os pais dessem um pouco mais de informações a seus filhos, isso podia ser evitado. (Linhas 74-78).

Por outro lado, a atitude de alheamento dos pais à vida sexual das filhas não só favorece a ocorrência de problemas, bem como precipita o surgimento de conflitos psicológicos quando a adolescente enfrenta gravidez não desejada ou doenças sexualmente transmissíveis, como mostra a adolescente Janice nessa fala:

Tenho amigas que não são mais virgens e os pais não sabem. Uma delas me disse que foi ao médico e o médico lhe disse que tinha que fazer tal exame, mas que não podia fazer para que os pais não soubessem. Se ela tivesse espaço para falar com os pais, seria melhor porque eles iriam dar informações, poderiam livrar de uma gravidez ou de doença. (Linhas 79-83).

A habilidade paterna para informar pode coexistir com a prática de atitudes punitivas para o caso de verificar-se a quebra de regras da família para o comportamento sexual dos filhos. Nesta situação, pais e filhos não se achegam e os primeiros se encontram em desvantagem afetiva em relação aos amigos das filhas por incentivarem a prática do sexo, como vê o adolescente Damião nessa fala:

Os pais, eles não têm certa informação prá/ passar prá/ seus filhos. Às vezes os filhos não chegam a seus pais. A mulher, como Janice falou, tem medo de falar com o pai para não levar uma surra, ficar de castigo. Às vezes tem a ameaça do pai, da mãe... só que aí tem os seus amigos que vão ficar por trás: Vamos que é bom; ficam convencendo. (Linhas 85-89).

A religião paterna aparece também no controle do comportamento sexual, principalmente em relação às moças, constituindo-se num fator de intimidação para o diálogo quando aquelas se iniciam sexualmente antes do casamento, como se vê na fala do adolescente William:

Tem a questão da religião, de seguir a bíblia. A bíblia diz que é para fazer (sexo) depois do casamento. Alguns pais não seguem isso e outros já seguem. Por exemplo, alguém tem um pai religioso e a filha por acidente ou algum desejo, fez sexo antes do casamento, ela vai ter medo de chegar ao pai por que sabe que o pai vai dizer que ela errou. (Linhas 90-94).

A importância da sexualidade é vista diferentemente, pois leva em conta o sexo do adolescente. A condição de ser masculino é privilegiada nas falas, independentemente do sexo do falante que, de modo geral, associa liberdade, poder e necessidade de afirmação dos rapazes, como citou a adolescente Paula:

Para os homens, esse termo que dizer que ele vai ser mais homem junto dos seus colegas... porque fica com aquela menina e fica se sentindo mais do que os outros. Acho que isso vai muito da influência... eles estão sendo influenciados eles fazem mais sobre pressão, prá/ dizer aos colegas que fazem o que não fazem ou fazem mais do que os outros. (Linhas 105-109).

A iniciativa sexual dos rapazes que buscam afirmação e poder é questionável por outros que vêem nestas atitudes um problema para o relacionamento afetivo e sexual posterior. O aprendizado antecipado do sexo desacompanhado da maturidade psicológica necessária parece não conduzir ao ajustamento esperado, como se concebe da fala do adolescente William:

Sempre houve essa questão do homem, quando começa a ter vida sexual ativa, achar que é o mais importante... MACHÃO. Acho que todo crescimento deve ser de acordo com o que vai sendo feito... você vai crescendo, vai amadurecendo, se preparando prá quando chegar essa hora. Não adianta cortar caminho e seguir logo direto sem ter certa maturidade. (Linhas 130-134).

A sexualidade como disposição natural presente na vida desde o nascimento é vista também por sua importante influência no processo da maturação sexual masculina, facilitando a percepção e a compreensão das diferenças psicológicas e corporais do rapaz e da moça. Tal entendimento parece justificar a precocidade dos rapazes na iniciação sexual como veículo de aprendizagem nas relações de gênero, como vê a adolescente Paula:

Também acho que é importante porque a sexualidade já está presente na vida do homem e da mulher desde que eles nascem. Quando ele vai crescendo vai amadurecendo, vendo a diferença entre homem e mulher... a diferença dos corpos e isso vai ajudando. Se não tiver sexualidade ele não vai ter entendimento do que é certo, do que é errado... das diferenças que existem entre homens e mulheres. De certa forma é bom esse estímulo porque desde criança ele já vai vendo essas diferenças. (Linhas 120-126).

Sexualidade e desejo sexual aparecem intimamente ligados na percepção dos adolescentes, havendo referência à maior busca do prazer entre os rapazes, descompromissada de outros elementos, como a afetividade. O desejo sexual parece eclodir pela influência do grupo de amizades, cuja força parece suplantar os bloqueios impostos pela educação, pela família e àqueles decorrentes da orientação religiosa, como demonstra a adolescente Janice neste trecho da sua fala:

Eu acho que estão dando importância errada à sexualidade hoje em dia, porque alguns meninos fazem só prá/... as meninas também, mas é menos. Conheço um caso que diz: a minha amiga não é mais virgem então eu também não posso ser porque sou carente.. a importância vem de você. Em algumas pessoas a religião ajuda; tanto evangélicos

como católicos sabem que sexo antes do casamento, de certa forma é errado; mas se você tem outro pensamento não é religião que vai empatar. Isso não vem da religião, vem dela mesmo; do modo que ela foi criada; dos pais... do que vê com as amigas, com os amigos. (Linhas 135-142).

A atividade sexual é então remetida à orientação religiosa, que ensina a postergar a iniciação sexual até a ocorrência do casamento, como defende a adolescente Josely em sua exposição: “O sexo Deus deixou como uma prova de amor também... depois do casamento. Tem pessoas que fazem antes e avacalham demais. Faz só por prazer somente” (Linhas 143-145). O desejo sexual por sua força e natureza é justificado pelo amor que vier a existir entre duas pessoas. A relação sexual pré-conjugal é justificada no âmbito do amor presumido entre duas pessoas. Nesse caso, a quebra de princípios religiosos não modifica sua condição de erro, mas é amenizada pelo sentimento amoroso, e dessa forma a vivência do sexo entre adolescentes não fica a depender do casamento em si, mas do amor vivido no casamento ou fora dele, como expõe a adolescente Janice:

Eu não sou contra o sexo antes do casamento, sou contra o sexo feito por brincadeira, por prazer. Desde que haja amor entre os dois, eu sei que é errado pelo lado da bíblia, mas o meu ponto de vista eu acho que é menos. Às vezes as meninas ficam e faz relação sexual; eu acho isso errado. Mas muitas vezes tem o casamento, mas não tem amor naquele casamento. Aí pronto, foi depois do casamento, mas não adiantou de nada porque você fez porque casou, não fez porque amava. Então, independente do casamento desde que seja feito por amor àquela pessoa, com atenção, com carinho eu acho que não é uma coisa tão errada, como quando se faz só por brincadeira ou por prazer. (Linhas 146-154).

Noutro momento, a mesma adolescente [Janice] manifesta o seu pensamento em concordância com a visão do sexo, virgindade e casamento expressa acima:

Eu tava/ conversando ontem com a minha vó/ e ela falou que o prazer de uma menina é casar virgem. Então eu falei que não, porque se uma menina se entrega a um namorado e ele deixa ela, talvez aquela pessoa já não fosse prá/ casar com ela. Futuramente você ia/ casar com ele, fazer sexo com ele, mas talvez ele não fosse a pessoa certa prá/ você porque ele não ia/ lhe amar o suficiente. Porque se ele lhe deixou não importa se foi antes do casamento ou depois do casamento; realmente ele só lhe queria só praquilo/ (fazer sexo). Muitos homens tem preconceito prá/ casar com a mulher que não é virgem, mas acho que não tem nada a ver. (Linhas 173-180).

A vivência sexual antecipada tende a desenvolver entre os adolescentes a idéia da não necessidade do casamento para realização sexual e constituição familiar, como sugere o adolescente Damião neste trecho da fala:

Tem que ver que o adolescente ou o jovem que tem relação antes do casamento, no futuro vai atrapalhar ele, por quê? Não vai precisar se casar prá conseguir o eu quer. Se ele tem o que quer antes do casamento, porque ele vai querer casar, construir uma família. (Linhas 159-162).

A prática precoce do sexo gera divergências de opinião, motivadas tanto por princípios religiosos bem como por outros valores não necessariamente vinculados às religiões. Este fato sugere que a liberdade sexual aceita para o rapaz pode ensejar má fama, especificamente do caso do “galinha”, semelhantemente à recusa dos rapazes em aceitar nos mesmos níveis de liberdade a atividade sexual das moças, como referido pelo adolescente Damião:

Aí tem o preconceito. Às vezes as pessoas não acreditam em conversão; que uma pessoa era de um jeito e mudou. Aí se você é um homem que vive pegando uma mulher, pega uma hoje, pega outra, pega outra, fica o preconceito contra você. Aí diz (a moça) eu não vou namorar, casar com ele porque ele é galinha. A mesma coisa é o pensamento do homem com uma mulher: se você vê uma mulher saindo com todos os homens, qual é o seu pensamento? Você vai casar prá/ levar “gaia”? (Linhas 165-170).

A “gaia”, portanto, se constitui numa atitude sexual pré-anunciada de infidelidade conjugal, decorrente da perda da virgindade feminina. As moças reconhecem que o conhecimento desta condição pelos rapazes contribui negativamente para estabelecer compromissos em futuros relacionamentos, como mencionou a adolescente Eloisa, complementando a fala acima: “Ainda existe um pouco de preconceito quando ela perde a virgindade. Ninguém quer nada sério com ela”, e por isso, “a mulher tem de se dar valor” (Linhas 171-172; 181). Esta não é uma opinião solitária, uma vez que a conservação da virgindade até o casamento ainda é um fator de auto-valorização feminina e conseqüentemente importante para o relacionamento conjugal, como descreve a adolescente Janice neste contexto:

Eu acho que não é só por não ser virgem que você NÃO TÁ se dando valor. Você tem que ter a consciência, porque tem menina que perde a virgindade hoje, amanhã começa a namorar com outro e já se entrega prá/ ele; eu acho que isso tá/ errado. (Linhas 182-185).

As fragilidades de alguns casamentos são percebidas a partir da ocorrência de experiências próximas a adolescentes que em suas reflexões consideram os valores das religiões às quais se filiam como lembra o adolescente William nesta fala:

Essa questão de casamento sem amor, um caso aqui no colégio: a menina casou e se separou na lua de mel. O casamento não é uma coisa só por escrito; deve ser feito quando os dois tão/ certo daquilo. Às vezes a pessoa pensa: vou me casar prá/ ficar tudo certo; pode tá/ certo pela lei, mas e pela lei de Deus? (Linhas 155-158).

A distinção entre sexualidade e sexo mostra que a primeira possui uma dimensão mais ampla que insere afetos e emoções no relacionamento entre as pessoas, ao passo que o segundo foi circunscrito a um ato, um momento, uma prática de busca de prazer para o corpo, como nas referências dos adolescentes William e Ricardo: “... sexualidade é uma coisa em geral e o sexo é um ato... o sexo é uma parte... conseqüência da sexualidade” (Linhas 190-191; 201-202). A adolescente Martha diz que “sexualidade todo mundo tem... o sexo são as emoções” ((fala com largo sorriso, acompanhada por risos do grupo)) (Linhas 192-193).

Os adolescentes revelam dificuldades na tentativa de conceituar a sexualidade, pontuando sempre sua distinção do sexo, como se vê nos relatos a seguir:

Para a adolescente Janice,

A sexualidade tá/ em tudo. Namorar quando criança lógico que tem sexualidade... são dois sexos: Homem e mulher. Tem sexualidade mas não o ato sexual; tem a sexualidade de namorar beijar na boca... que não deixa de ser sexualidade; o ato sexual tem diferença... faz parte da sexualidade mas não é? (Linhas 194-197).

Noutro momento, Janice diz ainda:

Eu acho que a sexualidade é o conjunto de tudo: conjunto das sensações, dos sentimentos, das relações entre sexos opostos ou sexos iguais... tudo isso; e sexo como William disse é o ato, é a relação sexual. (Linhas 204-206).

O adolescente Damião vê a sexualidade em maior amplitude, permeando as diferentes formas de relacionamento que podem ocorrer entre as pessoas, sem referência direta à atividade sexual:

Sexualidade é mais uma forma de conversa... amizade... uma forma de contato com as pessoas; o sexo é mais um ato. A gente tá/ conversando aqui... é um ato de sexualidade; sexualidade não é só chegar lá e fazer e tal... isso é o sexo em si. (Linhas 198-200).

Para o adolescente Ricardo, a sexualidade se constitui numa etapa da vida do adolescente, que se caracteriza pela ampliação do conhecimento e das possibilidades pessoais para atuar sexualmente:

Acho que a vida da pessoa pode ser considerada por etapas; acho que a sexualidade pode ser uma etapa da vida do adolescente; quando ele descobre essa etapa da sexualidade vai desenvolver sobre aquela área. (Linhas 240-242).

Opinião contrária tem a adolescente Gleydes, que entende a sexualidade não como etapa vital, mas como a vida em si, apresentando-se diferentemente em suas características nos diferentes estágios de desenvolvimento. Por acompanhar o sujeito desde a infância, a sexualidade é vista pela adolescente como importante fator auxiliar do aprendizado das relações humanas e do ajustamento social:

Acho o contrário: A sexualidade é a vida. Ela está presente na vida toda; ela não é uma parte da vida. A puberdade, a adolescência são etapas já da sexualidade que a pessoa está sempre desenvolvendo; ela nunca para de aprender e está sempre em contato com outras pessoas principalmente com o sexo oposto; desde criança ela aprende a conviver, aprende as diferenças. A sexualidade é que está dividida em etapas da vida. (Linhas 243-248).

A relação discutida entre sexualidade e ajustamento à vida mostra que as mudanças corporais típicas da adolescência são percebidas como mecanismo de facilitação do ajustamento social, como vê o adolescente William:

Acho que o desenvolvimento do corpo do adolescente faz parte da sexualidade dele; se você tá/ desenvolvendo você passa pela puberdade; o desenvolvimento do corpo é também uma forma de se ajustar fisicamente na sociedade. (Linhas 221-224).

Os adolescentes vêem a contribuição da sexualidade ao ajustamento à vida, diferentemente da percepção paterna. Para os primeiros, as mudanças corpóreas da adolescência auxiliam o desenvolvimento da maturidade, do sentimento de igualdade entre os sexos e da responsabilidade para optar pela iniciação da atividade sexual, como se depreende do relato seguinte da adolescente Janice:

Alguns pais acham que a sexualidade atrapalha... eu acho que não. Desenvolvendo o corpo você fica uma pessoa mais amadurecida... mas também não lhe torna uma pessoa diferente; muitos pais julgam que uma pessoa que fez sexo antes é menos responsável que uma pessoa que não fez; acho que isso não muda... a responsabilidade da pessoa... a personalidade não tá/ nisso. (Linhas 225-229).

Os conflitos de gênero no desenvolvimento da sexualidade são remetidos à infância. A sexualidade, concebida como desejo, é o fator que favorece a mudança comportamental amistosa entre os sexos. A auto-afirmação masculina parece emergir do sentimento de associação ao sexo oposto, visto como condição necessária ao desenvolvimento das habilidades em contextos sociais distintos, como pontua o adolescente William:

Toda criança menino... (quando) pequeno tem aquela rixa de sempre ser contra a mulher; quando você começa a desenvolver a sexualidade, você começa a ver com outros olhos: Àquela mulher que eu tinha rixa eu já vejo como um aliado perto de mim porque os caras vão ver e dizer: Olha ali... o cara tá/ andado com mulher. Se eu não desenvolvesse a sexualidade, na escola eu não ia/ sentar perto de mulher. Por que não? No trabalho se você tem uma concorrente mulher e você não desenvolveu essa questão de ser sempre contra a mulher, isso atrapalha a vida na sociedade. (Linhas 230-236).

Parecer assemelhado tem o adolescente Ricardo, fortalecendo a concepção mostrada acima. Em sua comunicação, o adolescente pontua o estado latente da sexualidade que eclode em maior potencial na adolescência durante a transição da infância para a vida adulta. O desenvolvimento da sexualidade é, então, apontado como fator que induz o ajustamento social do indivíduo:

Sim, a sexualidade existe mas ela tá/ escondida dentro de você; quando você chega a uma certa parte da sua vida então você começa a desenvolver; não é que ela chegue de REPENTE... mas ela está não desenvolvida. Na adolescência é a parte que você mais desenvolve essa questão; na adolescência você não é adulto nem criança você tá/ num meio termo, você tá/ saindo da criança prá/ ser adulto. Nessa

parte da adolescência se você não desenvolver essa sexualidade você não vai ter como se ajustar na sociedade. (Linhas 250-256).

3.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO – (GFNR-3)

Abaixo estão as características dos adolescentes que formaram este grupo:

Pseudônimo	Sexo	Idade	Religião	Série Escolar	Rede de Ensino
Maurício	M	17	Não-religioso	3	Pública
Reginaldo	M	17		3	
Roberto Carlos	M	19		3	
Sergio Paulo	M	17		3	
Erinaldo	M	17		2	
Walter	M	19		2	
Elielza	F	19		3	
Araci	F	18		3	
Maria Luiza	F	17		3	
Pietra	F	17		3	
Helenilda	F	18		2	

3.2.1. DADOS OBTIDOS

A colaboração deste grupo quanto ao exame da questão proposta “o que os adolescentes chamam de sexualidade” mostrou que esta temática não é bem compreendida, o que justifica a limitada participação do grupo no exame desta proposição [ANEXO K, p. 175]. A sexualidade para alguns é entendida como atividade erótica, portanto diferente de comportamento sexual específico, como diz a adolescente Helenilda nesta fala: “Sexualidade muita gente pensa que é fazer as químicas mas quando a gente vai colocar em objetivo vê que não é só as químicas que a gente deve fazer... mas sexualidade” (Linhas 15-17). Contribuindo à discussão do tema, o adolescente Sergio Paulo associa sexualidade à atividade sexual e à opção individual de identidade sexual, como se vê:

Quando os adolescentes vê essa palavra sexualidade o que vem logo na cabeça é em relação a sexo (atividade sexual) mas também em relação ao sexo da gente... se você pretende ser homem ou se você quer ser gay ... mulher... né/... isso aí é gosto de cada um... sabe? isso é um fato prá agente também debater... a sexualidade de cada um. (Linhas 24-27).

O conhecimento do próprio corpo como meio de preparação para relacionamento afetivo e sexual enquanto se processa a maturidade biológica, identifica a sexualidade na concepção do adolescente Maurício, como se deduz desta comunicação: “De certa forma, se conhecer... sexualidade é quando chega à idade de ter relacionamento sexual... de conhecer o próprio corpo” (Linhas 37-38). A sexualidade parece ser percebida diferentemente pelos adolescentes em relação ao sexo, ao pontuar a inabilidade afetiva e sexual dos rapazes quando vivenciam experiências sexuais com parceiros do sexo oposto. A preocupação dos rapazes

com o próprio prazer e a não valoração do prazer do outro é identificada como característica masculina, como vê o adolescente Walter nesta fala:

A sexualidade prá/ os homens é mais diversão... assim... em sentir prazer e não em dar prazer... principalmente os homens eles tende/ mais a sentir e não dar prazer à pessoa com quem ele tá/ se relacionando. (Linhas 42-44).

As limitações para tratar desta temática (sexualidade) são reconhecidas pelo grupo que julga ser o tema algo indefinido, como mostra a adolescente Araci neste trecho: “Assim... sexualidade como a gente aqui... tá/ todo mundo perdido... ninguém tem uma idéia própria... ninguém tem uma coisa certa prá/ dizer... é isso que os jovens pensam... não tem nada certo” (Linhas 47-49). Assegurando esta idéia como representativa da condição do pensamento sobre a sexualidade, o adolescente Reginaldo conclui:

Eu acho que esse negócio sobre sexualidade... os adolescentes de hoje em dia não tem uma idéia fixa sobre sexualidade... quando fala em sexualidade pensa logo no sexo... no prazer... pensa logo nisso... se for perguntar a outra pessoa vai ser difícil ter outra resposta. (Linhas 50-53).

O menor acesso às informações é referido como fator influente nas dificuldades de compreensão da sexualidade pelos adolescentes que atribuem à escola e à família o papel orientador e formativo da sexualidade dos jovens, como se pode deduzir da afirmativa do adolescente Sérgio Paulo nesta fala:

É a falta do diálogo que tem muitas vezes nas escolas... e também dos pais em casa... e a falta de informação que lá fora também não passa nada falando disso (sexualidade)... por isso que prus/ jovens sexo é isso... prazer... diversão ou alguma coisa assim parecida. (Linhas 58-61).

A importância dada à sexualidade pelos adolescentes, leva em consideração o sexo biológico. Os rapazes valorizam a sexualidade pela liberdade que têm para se permitirem buscar realização sexual e por desfrutarem de maior autonomia que as moças no âmbito familiar e social. A importância da sexualidade é ressaltada pela sensação de bem-estar advindo da relação sexual, como diz o adolescente Erinaldo nesta fala: “Claro ... acho que é porque quando você tem uma relação você se sente mais maduro... você se sente mais livre... ((risos no grupo)) mais solto” (Linhas 67-68). Pertencer ao sexo masculino e perceber-se identificado com o seu sexo é também outra característica que parece importante, talvez em decorrência da liberdade e autonomia masculinas acima referidas, como mostra o adolescente Reginaldo: “Bem... eu agradeço a Deus porque eu me sinto masculino. Isso vai da cabeça de cada um; cada um tem a sua opção” (Linhas 76-77). Nesta perspectiva, o adolescente Sérgio Paulo, na fala a seguir, retoma a condição educacional de reforçamento cultural da masculinidade que se estabelece desde cedo no âmbito da família:

É bom ser masculino porque tem mais liberdade, principalmente em casa; é homem, tem mais autoridade também; é mais livre prá/ sair, ter relação sexual. Se você for um menino, todo pai deseja que o menino

seja... sabe (macho) pratique, já que é prá ficar... (homem) sabe? ((risos no grupo)). O menino, eles (pais) incentivam mais do que a menina. (Linhas 82-86).

A antecipação da atividade sexual parece fazer parte de uma pedagogia de orientação sexual dos rapazes em determinadas famílias. Entretanto as razões da liberalidade paterna em apressar o desenvolvimento do interesse pela relação sexual como produto da masculinidade não são conhecidas pelos rapazes, para quem somente os pais podem explicar o porquê de tal atitude. O incentivo paterno para a iniciação da atividade sexual contempla apenas o sexo masculino, evitando ou impedido que o sexo feminino tenha acesso à oportunidade de realização sexual pré-matrimônio, como cita o adolescente Reginaldo:

Essa questão sobre os pais ser mais liberais com os homens do que com as mulheres, isso é uma questão que só quem pode responder são eles. Os pais incentivam seus filhos homens a praticar o sexo mesmo sem chegar a idade; até comentam entre eles: Ah, não, já é tudo homem, tem namorada. Qual é o pai que vai incentivar a mulher (filha) a praticar sexo? Quem de vocês aí (meninas do grupo) o pai já incentivou? (Linhas 129-134).

Nesse contexto de incentivo da prática sexual no âmbito familiar pelos rapazes, existem outras famílias que orientam sobre o comportamento sexual do adolescente sem, contudo, incentivar a precipitação da vivência de relações sexuais, como é o caso da experiência educativa familiar vivida pelo adolescente Erinaldo, nesta fala:

Acho assim: que o homem quer sempre tomar a frente de tudo; e a questão de horário é uma questão de disciplina. Eu moro com minha mãe porque meu pai mora fora e passa muito tempo; então eu convivo mais com ela (mãe); e o mesmo cuidado que ela (mãe) tem com minha irmã e meu irmão mais novo ela tem comigo. Nem meu pai nem minha mãe me incentiva a fazer sexo; o que eles dizem é: tenha cuidado, use camisinha e tal. Mas incentivar, acho que isso não existe. (Linhas 137-142).

As moças parecem ressentir-se do apoio preferencial paterno à liberdade concedida aos rapazes desde a meninice. A percepção feminina dessa condição cultural de fortalecimento da autoridade masculina aponta a idéia de que os rapazes são treinados para serem chefes na família. As moças tendem a contestar essa condição que se almeja dos rapazes em razão das mudanças que vêm ocorrendo na vida social e, de modo particular, no papel da mulher, buscando ampliar o horizonte da igualdade de gênero na sociedade, como demonstra a adolescente Araci nesta fala:

Eu acho que todos os pais fizeram isso deste o tempo... antigamente, que o homem fosse o chefe. Mas a mulher também pode ser; isso não tem nada a ver; mulher pode sair. Como antigamente mulher não saía, ficava tudo em casa costurando e eles pelo mundo, e a mulher não. A mulher tem de ter direito de tudo o que eles fazem. (Linhas 90-94).

Noutro momento, a mesma adolescente [Araci] contesta o alcance da liberdade permitida aos rapazes, enquanto condição viabilizadora da autonomia de vida. O valor da autoridade paterna para instituir direção pela via da liberdade autorizada aos rapazes parece não ser tão eficiente se comparado à atitude materna em relação às moças. As incertezas e a perda de direção de vida dos rapazes na atualidade são apontadas neste relato:

Ele (Reginaldo) falou que o homem pode ir prá/ festa, que o pai deixa e a mulher não. Porque, como os homens no tempo de hoje tão muito perdidos... a mulher não, a mãe vê, assiste muitas coisas e a mãe diz: olhe, é assim, assim, assim, assim, prá ver se ela presta atenção e pode ser uma grande mulher prá/ frente. (Linhas 100-103).

A atitude paterna de cuidados em relação às moças tende a ser constante, mesmo quando as filhas se tornam maiores de idade. A ênfase orientadora é sempre encaminhada para a dimensão afetiva da sexualidade, constituindo-se numa tentativa de prevenir a antecipação da atividade sexual, como diz a adolescente Maria Luiza:

Os pais sempre tem mais crédito (cuidado, atenção) com as mulheres do que com os homens. Aos homens diz: se vire, você é de maior; e à mulher, não. Ela sendo de maior, vivendo com ao pais, eles ainda tem cuidado; quando ela vai sair de casa, ter cuidado; se sair com o namorado... sempre dão muito conselho... prá/ voltar cedo. (Linhas 105-109).

Sexualidade e sexo são dimensões do comportamento sexual ainda pouco compreendidas pelos adolescentes deste grupo, como demonstra a fala do adolescente Erinaldo, para quem o sexo é algo particular, por ocorrer num dado momento, enquanto a sexualidade por sua amplitude “leva a várias coisas” (Linhas 152-153). A momentaneidade do sexo e sua circunscrição às vivências típicas de estimulação do corpo em busca do prazer orgástico são mais conhecidas e, por isso, mais facilmente os adolescentes descrevem emoções derivadas do sexo. A relação sexo e prazer parece assumir maior importância para os rapazes, resultando na não associação da relação sexual com o afeto pela parceira, como retratam estes trechos das falas de Reginaldo e Walter:

O que o adolescente tem mais idéia hoje é sobre o sexo, o ato, a prática; não sobre a sexualidade. Eu também não tenho uma idéia concreta sobre sexualidade. O sexo prá/ muita gente é sentir prazer. Sentir prazer, dar prazer ao seu corpo; não fazer sexo porque você gosta da pessoa... você quer dar prazer ao seu corpo. (Linhas 168-170; 178; 180-181).

As dificuldades para compreender e estabelecer diferenças entre sexualidade e sexo são atribuídas às limitações dos programas educacionais escolares e bem assim à vasta produção de informações pelos meios de comunicação, que parece não chegar com a qualidade devida aos adolescentes, como se vê na fala do adolescente Walter, a seguir:

Eu posso falar que é porque... que quase todo mundo ainda não entrou no clima de sexualidade e sexo aqui na sala (grupo); que ainda

tá/ uma discussão... então nessa discussão tá/ havendo um equívoco do que é sexo e sexualidade. O adolescente em geral ainda não tá/ sabendo definir sexualidade e sexo. Acho que isso é uma discussão que tende a abranger outras escolas, outros adolescentes, prá/ ver a diferença, o porque que eles ainda não sabe diferenciar o sexo e a sexualidade. O meio de comunicação é grande. As escolas agora que tão/ pondo professores prá/ debater o sexo dentro da sala. Os professores não tinham essa liberdade prá/ falar de sexo; por isso que os adolescentes ainda se enrolam quando vão/ falar de sexualidade e de sexo. Prá/ falar a verdade, nem eu tenho idéia do que seria a sexualidade. (Linhas 155-164; 166).

A relação entre a sexualidade e o ajustamento à vida parece favorecer os rapazes, inclusive na percepção das moças. A autorização – por assim dizer – para que os rapazes experimentem relações sexuais sob o olhar condescendente dos pais e da sociedade põe as moças em situação de desvantagem afetiva-sexual e social, como mostra Araci nesta abordagem:

Mulher, não. Porque o homem quando tá/ numa turma de amigos e diz: eu não sou mais virgem... ele é o cara. Mulher, não; mulher não tem essas coisas... é mais fechada... é mais quieta; pode até comentar com sua amiga, amiga mesmo ou com sua mãe... só. Pronto. Ela não sai dizendo assim, a todo mundo. (Linhas 195; 197-200).

As relações de gênero estão implicadas na discussão da sexualidade e ajustamento à vida. Para os rapazes, as relações sexuais que podem experimentar são vistas por eles como mecanismos de facilitação do ajustamento pessoal e social, condição que reconhecem negadas às moças em razão da honra a conservar para o matrimônio, como mostram estes relatos de Reginaldo e Roberto Carlos:

O que ela (Araci) tá/ dizendo é verdade. Quando no meio dos meninos tem um que ainda é virgem, aquela pessoa é discriminada; chamam ele de donzelo. As mulheres não debatem esse tipo de coisa. É porque vai da honra da mulher; porque ninguém vai querer casar com uma mulher toda daquele jeito. Se eu for casar um dia e a minha mulher não for virgem eu não quero mais ((risos no grupo)). (Linhas 202-204; 205-207).

A repressão da sexualidade feminina parece se justificar por um afeto de desconfiança no comportamento posterior da moça que se antecipar na atividade sexual. Apesar de haver reconhecimento que a antecipação sexual da moça pode decorrer de uma paixão afetiva e sexual, não ser virgem continua sendo, na visão dos rapazes, uma condição desestimulante para o casamento, como se absorve dos relatos de Reginaldo,

É o seguinte: O homem que tiver uma relação sexual com uma mulher e ela tiver relação com outros, então o cara não vai mais querer ela; o cara vai dizer: Ah::... não... ela já se entregou prá/ outro cara... discrimina logo; diz que é puta... que bota doença... o cara pensa: se eu ficar com ela, ela vai chegar e botar outro cara aqui. (Linhas 211-215), e

Erinaldo:

Ela pode tá/ apaixonada por ele naquele momento... e... muito/ cara faz porque é legal e depois que consegue o que quer... aí tchau. Às vezes é a única vez da mulher, aí quando casar descobre que ela não é mais virgem, aí vai fazer o quê? (Linhas 222-224).

Há uma tendência entre as moças para justificar, em parte, a desaprovação masculina para o casamento com a moça não virgem. Ao lado dessa tendência, as moças costumam considerar separadamente virgindade e fidelidade. O afeto amoroso parece ser reconhecido pelas moças como estímulo suficiente para fazer eclodir a paixão que impulsiona o relacionamento sexual. Entretanto, a fidelidade ao parceiro é a condição valorizada pelas moças em relacionamentos futuros e não a virgindade em si, como exemplifica a adolescente Araci, respondendo às falas dos rapazes:

Eu acho que ele (Reginaldo) tá/ certo, mas como o menino (Roberto Carlos) disse ali: se ele for casar um dia com uma mulher e ele descobrir que ela não é mais virgem... mas ela não pode ser isso tudo que o Reginaldo disse. Ela pode ter (tido) relações (só) com o ex-namorado dela, mas só eles dois; aí tá/ errado (rejeitar a moça não virgem para o casamento). (Linhas 217-221).

A experiência sexual prévia dos rapazes não é diretamente questionada pelas moças, apesar de existir a compreensão de que a virgindade é uma opção inclusive para elas. Por outro lado, a idéia de igualdade entre os sexos existe e pode ser utilizada para combater a autonomia masculina e a conseqüente rejeição da moça não virgem para o casamento, como defendem Maria Luiza e Araci nestas falas:

Acho errado o que ele (Roberto Carlos) disse. Se a menina não for virgem ele não quer mais ela; e ele também? ela podia fazer a mesma coisa também: se você não é virgem eu também não quero mais você, pronto ((risos no grupo)). (Linhas 225-227). Estava passando um programa que tinha um casal que os dois namorava/ faz muito tempo e os dois era/ virgens. É opção sexual deles. (Linhas 228-229).

4. VIVÊNCIAS SEXUAIS ENTRE ADOLESCENTES

Este tema foi objeto de análise pelo Grupo Focal Religioso 4 – (GFR-4) e pelo Grupo Focal Não-religioso 4 - (GFNR-4). As características dos adolescentes que participaram do primeiro grupo estão demonstradas no quadro a seguir:

4.1. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL RELIGIOSO 4 - (GFR-4)

Pseudônimo	Sexo	Idade	Religião	Série Escolar	Rede de Ensino
Apolônio	M	19	Católica	3	Privada
Peres	M	18			
Flávio	M	16			
Alberta	F	17			
Luana	F	17			
Antonia	F	17			
Leandra	F	16			
Vitória	F	16			
Flávia	F	17	Espírita	2	

4.1.1. DADOS OBTIDOS

Este grupo esteve envolvido com a discussão das vivências sexuais, com enfoque nas ocorrências na adolescência [ANEXO L, p. 179]. Para iniciar, buscou-se o entendimento do grupo a respeito da sexualidade com vistas a facilitar o envolvimento verbal com as questões referentes às vivências da sexualidade entre adolescentes.

Para esse grupo, a sexualidade retrata o sexo amplamente vivido em busca do prazer, sem levar em consideração a natureza dos afetos que impulsionam o comportamento sexual, como mostra o adolescente Flávio:

Acho que infelizmente prá/ juventude de hoje em dia... eh:: o termo é bem amplo, sexualidade se tornou um simples sexo... muito vulgarizado... o sexo puro... não existe mais a sexualidade... hoje só sexo. (Linhas 16-18).

A disponibilidade atual da informação parece responder, em parte, pela desvinculação do afeto amoroso no relacionamento sexual. O sexo deixa de ser parte complementar da relação afetiva e assume a totalidade das atenções vitais, resultando em perda de sentido pelo tratamento banal que tem recebido. Esta é a opinião da adolescente Leandro:

Outra questão também que deve ser tratada aqui é a questão da informação. Antigamente... eh::... tudo o que se relacionava a sexualidade era feito sepaRADO... os pais não conversavam com os filhos... e hoje tem toda uma informação, hoje tem toda abertura que é trazida pela geração... aos jovens. Agora o que é que tá/ acontecendo? Os meus colegas aqui falaram, não tá/ sendo

aproveitado de modo certo, ou seja: o jovem tem tanta informação... eh:... que realmente... se tornou banalidade... como Vitória falou... ou seja: estão tratando do sexo como uma coisa qualquer, como um centro de mero prazer e não um ato de amor... né?... que na realidade é o real significado da sexualidade é esse... é um complemento... não um todo, mas uma parte. (Linhas 45-54).

A idéia do desvirtuamento atual da finalidade do sexo na vida das pessoas está presente na concepção de adolescentes que entendem a função do sexo como algo que tempera, que aprimora o sabor das relações afetivas, mas que não deve ser tomado como a essência do relacionamento. As manifestações precoces de comportamento sexual como o namoro e a própria relação sexual são atribuídas à fácil acessibilidade às informações de pouca confiabilidade para orientar atitudes afetivas e sexuais, como mostra a adolescente Vitória, para quem a prática do sexo sem amor é uma das influências da mídia sobre o comportamento de adolescentes:

Eu acredito que essa promoção foi ocorrida/ pela mídia; a mídia hoje de encarrega de banalizar o sexo e todas as purezas de sentimento vividas com ele. Hoje não se fala mais de sexo... a indústria do amor... o sexo em busca de complemento, mas o sexo como busca do prazer. Isso faz com que as pessoas achem que isso já basta... que é o suficiente prá/ ser feliz, prá/ estar realizado. Então muitos jovens acreditam que... por estar fazendo... tem que manter relações sexuais, esquecendo da sua própria... do seu interior, suas convicções, da sua própria sexualidade... de cuidar de si próprio. (Linhas 20-27).

O adolescente Flávio tem opinião semelhante por considerar que existe uma visão disfuncional do sexo, impelindo adolescentes a iniciar-se sexualmente sem a maturidade devida, como se vê nesse relato:

Como todo mundo aqui falou, o sexo está sendo encarado como o todo do relacionamento... não um tempero, digamos assim, não um toque a mais, o ápice... ele (o sexo) está sendo encarado como o início, o meio e o fim de um relacionamento. E essa questão de... eh:...se iniciar cada vez mais cedo, tanto o namoro quanto a sua sexualidade por conta dessa informação como foi falada, mas a informação vulgar... àquela informação distorcida, danificada. Por isso crianças... eh:... (ininteligível) ainda sem personalidade formada entram nessa vida tão cedo. (Linhas 56-62).

As informações relativas à sexualidade veiculadas na mídia e a atitude dos pais quanto à orientação sexual familiar estão sob o olhar dos adolescentes. À mídia é criticada naquilo que concerne ao conteúdo das informações produzidas, por não auxiliar a construção da sexualidade saudável dos adolescentes. Os pais, por outro lado, são também apontados pela atitude de menor proximidade e ausência de orientação aos filhos em crescimento sexual, favorecendo com essa atitude a ida dos filhos à fontes duvidosas de conhecimento, como mostra Vitória nessa fala:

Antes, a base de um relacionamento... tudo que se construía era baseada em sonhos, em sentimentos. Hoje não, está sendo baseada em sexo. Como Leandra falou, tá/ tendo muita informação mas não tá/ tendo formação. Hoje os pais não se sentam mais à mesa com seus filhos, não conversam... então todas as fontes que eles (filhos) têm...

buscam na mídia... eh:... na escola e nos amigos e é aí que encontram informações mais defasadas. Os pais não tão/ mais conversando com os filhos e os filhos não conseguem ter mais uma ligação... com seus pais. Então, as informações acabam deformando quando não há informação... familiar. (Linhas 64-71).

A sexualidade, vista como opção de vivência sexual, dificulta a compreensão da sua importância para a vida, sobretudo entre adolescentes, por se encontrarem em vias de maturidade. As vivências de sexo podem induzir o desenvolvimento de atitudes auto-afetivas de menos valia, que podem influenciar negativamente a construção da auto-estima, como demonstra o adolescente Peres:

Eu creio que a sexualidade ainda permanece como opção sexual... que o jovem ou a jovem escolhe. Como os nossos colegas falaram, hoje em dia infelizmente... repetindo as palavras do colega, está se tornando uma coisa nojenta (vivências sexuais)... a opção que o jovem escolhe não lhe dando mais uma coisa de sentir-se orgulhoso por escolher... né/... por viver a sexualidade; mas agora está se tornando uma coisa... para muitos se torna nojenta... é triste mas é a realidade. (Linhas 31-36).

Opção sexual e orientação do desejo sexual são utilizadas como sinônimos pelos adolescentes, os quais acreditam que tais questões se encontram ainda carentes de abordagem. É provável que a referência tenha a escola entre os destinatários por sua função orientadora na construção da personalidade e, por conseguinte, na construção da sexualidade. Valores vindos da religião encontram férteis terrenos para a sementeira de idéias e atitudes que se manifestam em relação às diversas possibilidades de construção sexual, como salienta a adolescente Vitória:

Uma área da sexualidade que não tá/ sendo abordada é quanto à opção sexual que as pessoas escolhem. Quando você nasce e acaba sendo atraída por outra jovem, é um desvio da sua sexualidade, você não tá/ mais sendo quem você, digamos, nasceu para ser... é uma expressão que eu costumo usar... mas está sendo isso: seus desejos... a mesma coisa que o lado masculino. A opção pelo homossexualismo ou bissexualismo, coisas que segundo a religião não são corretas... são abomináveis. (Linhas 97-103).

O grupo de amigos parece exercer influência na assunção do comportamento sexual do adolescente. As experiências vividas por adolescentes já iniciados sexualmente tornam-se um passaporte para uma pretensa maturidade, que é colocada a serviço do apressamento sexual dos colegas que revelam inibição ou que ainda não despertaram para a iniciação sexual, conforme o pensamento da adolescente Lú:

Eh:... eu acho assim... que hoje em dia o jovem olha muito o sexo mais como prazer... ele vê assim ... muitas vezes vê os amigos... e por influência deles ou não... não, foi bom e tal (a experiência sexual vivida)... aí muitas vezes de deixa influenciar por isso... não leva sua própria opinião. Aí escuta muitas vezes: não, pô/... se você não fizer, não... eh:... vai ser bebezinho. Aí acaba deixando se influenciar por certas amizades. (Linhas 73-78).

A exigência de antecipação da experiência sexual dos adolescentes parece ter por objetivo forçar aceitação no grupo de amigos, uma vez que algumas regras internamente criadas dão condições de admissão e recusa de membros no grupo. Uma atitude machista desde cedo vai impregnando o ideário adolescente de autonomia, aceitação e poder que parecem alcançados na precoce iniciação sexual, cujo fim é tão somente a afirmação do abandono da virgindade e o aprendizado do prazer, como se absorve da fala do adolescente Apolônio:

Hoje ser virgem é motivo de mangação, de vergonha. Um jovem tem vergonha de falar que é virgem por causa dos amigos que ficam mangando, provocando... e dá motivo... e o jovem como foi falado, segue por desejo e não por amor, mas por desejo. (Linhas 87-90).

A sexualidade aparece, também como um caminho a percorrer com vistas ao casamento. A existência prévia do sentimento amoroso é requerida como condição principal para preterir a busca do prazer, bem como para fazer despertar e instituir mecanismos psicobiológicos e sociais, que justificam e imprimem sentido à relação sexual, somente no âmbito do matrimônio, como pensa o adolescente Apolônio acima referido:

Assim... a sexualidade que eu entendo é normal em todo ser humano, né/... prá todo ser humano depois do casamento pode ter a relação... do sexo. Mas os jovens hoje não tão/ tendo mais a relação por amor, mas sim pelo desejo. (Linhas 94-96).

A sexualidade é vivida com naturalidade a depender do modo de ser do adolescente e das influências que se exercem sobre ele. Os múltiplos elementos psicobiológicos que instituem a sexualidade são conhecidos dos adolescentes e estes entendem que o caráter, enquanto disposição natural, coadjuvando com valores e princípios, devem inibir tanto a exposição sensual como a sedução exemplificada no comportamento das moças. Valores religiosos são acessados nas ocasiões de encontros, presumindo-se inibir a espontaneidade do clima afetivo a se estabelecer entre adolescentes, como entendem:

Flávio,

Se tiver personalidade (o adolescente) acho que pode encarar (as vivências da sexualidade) como uma coisa normal... porque... como falei no começo, sexualidade não se resume só a sexo... é um todo. Sexualidade inclui cuidado com seu corpo, cuidado com sua índole... eh::... relacionamentos... eh::... sexualidade é um conjunto; não são coisas específicas. E... tem coisas hoje em dia que tão/ agredindo a sexualidade, principalmente de meninas como por exemplo, músicas... eh::... novelas... alguns tipos de roupas que deixa a sexualidade... não corpórea, digamos assim, mas deixa de qualquer forma a sexualidade exposta. Vou citar um exemplo bem vulgar: Uma menina que tá/ de saia, que tá/ com uma blusinha mostrando a barriga e tal, não vai ser tão respeitada como uma menina que tá/ vestida composta e tal (...) é àquele jogo de sedução... àquele jogo de atração talvez. (Linhas 110-120; 122).

Pensamento semelhante tem Peres,

Aquelas pessoas que respeitam as orientações da religião e seguem aquele ritmo... tradicional... e hoje há um novo jeito de viver a sexualidade, né/... aquela coisa natural, espontânea, de momentos... é uma forma de viver a sexualidade. (Linhas 132-135).

Para os adolescentes deste grupo, a sedução e a sensualidade são componentes da sexualidade que incitam à prática de relações sexuais, e por essa razão devem ser evitadas ou controladas, por acreditarem existir uma compreensão inadequada da sexualidade e do sexo entre os adolescentes. Reduzir a sexualidade à prática do sexo é uma concepção deste grupo em relação àquilo que acreditam ser a percepção corrente dos adolescentes, como mostra Vitória:

O problema do jogo de sedução é a pessoa que você está incitando; se você quer passar por esses rapazes e não quer ouvir piadas você não deve usar (roupas sensuais?). Mas tem muita gente que se veste como tal e quando recebe alguns predicados ou adjetivos... acham ruim. Acho que quando você tem o seu corpo você tem que zelar... não precisa tá/ mostrando seu bumbum. (Linhas 124-128).

A percepção dos adolescentes sobre as vivências sexuais englobam instintos, sentimento amoroso, incertezas e auto-entrega do corpo ao prazer. Os adolescentes convivem também com conflitos nascidos do desejo e das resistências para viver os valores de pureza afetiva e corpórea, ensinados e exigidos pela religião. Tais valores não são desconsiderados pelos adolescentes, ainda que lhes pareçam de difícil alcance em razão da própria construção psíquica do sujeito, sobretudo, feminino. A menina é vista como sujeito mais propenso a distanciar-se das exigências religiosas de manutenção da virgindade para o casamento em razão da força do ilusório afeto amoroso que impulsiona o desejo afetivo e sexual, como exterioriza Leandra nesse trecho de sua fala:

Então... existem jovens... eh:... com a religião ela tem essa tese aí que somente depois do casamento, que é o certo, né/... que é o momento certo. MAS a gente tem que ver também que além de seres humanos, de pessoas que pensam, pessoas que têm idéias, somos pessoas que tem instintos, somos pessoas que agem também que agem pelos instintos... somos pessoas que sente desejos... somos pessoas que... muitas vezes a gente se deixa levar muito pelo que a gente sente. Isso acontece principalmente com as meninas... assim... eu vou enfatizar as meninas, porquê? Porque as meninas elas se apaixonam e elas se deixam levar por esse amor entre aspas, né?... (Linhas 157-165).

A mesma adolescente, referindo-se ao afeto amoroso da parte da moça, acredita que este surge na relação, carregada de tal intensidade sentimental, capaz de obscurecer a reflexão racional em relação ao próprio sentimento amoroso e o seu conseqüente desejo de realização. A auto-entrega quando ocorre reveste-se, portanto, de uma dimensão vivencial da sexualidade não só desejada, mas julgada oportuna, favorecida pela idéia que a moça abriga de estar apta para viver aquele momento. Ressalvadas as exceções, a adolescente [Leandra] acredita que o amor responde, portanto, pela iniciação e manutenção da atividade sexual das moças e,

dessa forma, não parece possível antever conseqüências de um ato acumpliciado pelo amor, como se vê a seguir:

Então... a mulher, a menina, a jovem ela se deixa levar por esse amor então ela se entrega, mas ela se enTREGA porque ela TÁ/ sentindo, ou seja, ela se sente preparada naquele momento prá/ isso. Muitas vezes ela pode depois se arrepender, mas para a maioria dos jovens... a concepção que Flávio falou é essa: fazer sexo. Mas prá/ outros não é... muitos jovens hoje se entregam... existem jovens que se entregam por amor sim, porque não? Claro que existe. Existe pessoas que vê o sexo como complemento do amor, como uma conseqüência do que você sente pelo outro. (Linhas 166-172).

O pensamento de Leandra, acima, é compartilhado por outras adolescentes que atribuem ao afeto amoroso uma função eliciadora do desejo sexual vivido na relação com a pessoa amada, como mostra Lú:

Acho que o sexo é uma forma de amor, uma forma de carinho que você tem pelo seu parceiro; quando jovem e tal você gosta daquela pessoa, você quer ter aquela vivência com aquela pessoa, aí você TEM vamos dizer uma vivência sexual diretamente com aquela pessoa. Sim, porque você ama. (Linhas 174-177).

De qualquer forma, amor e realização de desejo sexual são dimensões da sexualidade de difícil consenso. As explicações acima para justificar a ocorrência da iniciação e da manutenção da atividade sexual induzidas pelo amor são vistas com reservas por outras adolescentes que suspeitam da idoneidade do afeto amoroso vivido por muitas moças. Em tais situações, moças existem que apelam à racionalidade do amor vivido na relação com o namorado, justificando também os valores religiosos para a manutenção da virgindade feminina para o casamento, como mostra Vitória:

Acredito que a maior dificuldade aí não está quando você faz o sexo com sentimento. Acho que a maioria dos jovens hoje fazem com sentimento. Entretanto, tem que levar em consideração que sentimento é esse... porque... acreditam estar amando e às vezes não é amor... às vezes é uma coisa ilusória, ou muitas vezes como Leandra falou das meninas, elas realmente estão amando, elas realmente estão apaixonadas, mas a pessoa que está com elas não está. Por isso é que a igreja, ela impõe que seja depois do casamento. Que a partir do namoro você passa a conhecer realmente a pessoa que está do seu lado e se ela sente o mesmo por você... (Linhas 179-186).

Em relação aos rapazes, a percepção feminina do sexo toma outra direção. O amor invocado para justificar o comportamento da moça não é atribuído ao rapaz no mesmo contexto. A realização do desejo sexual masculino visto pelas moças decorre de necessidades pessoais de auto-afirmação, aceitação social e poder, valendo como documento que situa num contexto amplo a identidade do sujeito, induzindo no outro uma concepção psicossocial dessa identidade com vistas a facilitação de novos relacionamentos, como vê Leandra:

(...) eu vou falar de uma opinião que os jovens FORA... daqui da nossa conversa... jovens que vêem o sexo de outra forma. Eh::... através da minha convivência com outros jovens, eu também converso com amigos sobre... em relação a isso. E eles também vem o sexo de uma forma como.... eh::... uma carteirinha de apresentação. Isso também é uma das formas de você expor o sexo ou seja, isso também com os homens. Se você for virgem você tá/ ferrado ou seja, você não tem... você é um Zé Ninguém... você só passa a ser alguém quando você já praticou o sexo... isso também é uma forma de sexualidade e é o que os jovens fora vêem. (Linhas 190-198).

A virgindade feminina parecer ser um problema crucial para a moça que vive o conflito afetivo entre guardar-se do sexo e a realização deste. As mudanças de pensamento sobre o comportamento sexual parecem justificar a atualidade conflituosa das adolescentes que enfrentam a questão da vergonha de revelar-se virgem, como mostra a fala de Lú: “Hoje o vergonhoso é a pessoa dizer que é virgem... é uma contradição com antigamente; antigamente o vergonhoso era você dizer que não era virgem. Daí é mais uma coisa dos tempos de hoje mesmo... dos tempos que tão/ mudando” (Linhas 201-203).

Em pensamento semelhante, Flávia vê a questão da discriminação social que se faz em relação aos privilégios sexuais em relação aos rapazes. Historicamente, enquanto se aceita que os rapazes tenham vida sexual ativa, não apenas se nega às moças tal privilégio como se estigmatiza a jovem que afastar-se das requisições sociais de virgindade, como demonstra essa fala:

Acho que prus/ homem/ nunca teve isso de ser vergonhoso... pelo contrário, desde os tempos medievais os pais contratavam prostitutas prus/ filhos se iniciarem desde cedo. Agora tá/ um pouco mais aberto isso e tá/ acontecendo também entre as meninas... mas não pode fingir... por exemplo, se uma mulher já teve relações sexuais com várias pessoas, não é uma carteirinha de apresentação boa, pruh/ homem é, prá/ mulher não... porque se o homem já fez sexo com várias meninas ele é o garanhão, ele é o cara... se for uma menina, é puta mesmo. (Linhas 204-210).

A histórica aceitação do desejo masculino e sua realização coincidem com as necessidades femininas também de realização sexual. Os questionamentos atuais femininos são vistos como uma decorrência da abertura social às novas informações e concepções de sexualidade que diminuem nas moças o medo e a culpa pela realização sexual antecipada ou fora dos padrões sociais propostos, como entende Flávio:

Não é que agora as meninas tão/ tendo desejos... desde muito antes elas sempre tiveram desejos, sempre tiveram necessidade. Só que agora as informações, as concepções, as idéias tão/ sendo mais abertas digamos assim; antes tinham muita preocupação com a reputação... hoje não tanto. Então não é que hoje as mulheres tão/ tendo desejo mais cedo e tal. É que agora está sendo mais aberto, agora tá/ dando ênfase à liberdade. Por isso muito gente confunde essa liberdade e em vez de descobrir o mundo e seus prazeres aos poucos quer descobrir tudo de uma vez. (Linhas 212-219).

A preocupação feminina com a virgindade é uma dimensão da sexualidade que deve permanecer, diz Vitória, em vista da atitude dos rapazes quando buscam estabelecer relacionamentos consistentes. A banalização do sexo, que parece existir entre os rapazes adquire nova significação quando encaram o casamento e, para a iniciação dessa fase vital, a virgindade feminina é uma característica apreciável, como se vê a seguir:

Antigamente tinha a preocupação com a reputação e hoje foi quebrada essa barreira. Mas deve existir. Eu não sei dos rapazes aqui presentes, mas muitos rapazes banalizam o sexo. Então as moças são normais ter relação com outros homens, mas quando eles vão procurar mulher para ter compromisso sério, para casar, para ter filhos, para construir uma família, eles procuram as virgens... procuram as que nunca foram de ninguém... e aí Flávio balança a cabeça... essa é a opinião da maioria dos homens. Por mais que eles queiram que tenham mulheres fáceis nas mãos deles, e muitas vezes eles incitam para que as próprias namoradas se entreguem a eles, mas futuramente eles vão/ procurar aquelas que são puras para manterem relacionamento. Então eu acho que cabe a mulher saber se preservar. (Linhas 220-229).

As vivências sexuais entre adolescentes parecem acontecer espontânea e independentemente de lugar ou preparação prévia, ficando a depender do momento, dos estímulos desinibidores disponíveis e da aclimatação que se estabelecer entre os parceiros afetivos. Comentando essa questão, dizem as adolescentes:

Leandra,

Eu acho que... como acontece... em qualquer lugar... de qualquer forma e hoje de várias formas. Estão dois jovens numa festa se conhecendo... e de repente eles ficam... ficam e logo depois vem a proposta, vem a vontade de fazer sexo; então eles saem tranquilamente da festa e vão/ e ficam juntos num motel que hoje é o que mais tem... ou em qualquer lugar. Como acontece é dessa forma, não é uma coisa planejada, não é uma coisa premeditada... é uma coisa que acontece de repente. Você vê uma pessoa, você gostou... você fica. (Linhas 234-235; 238-243), e

Flávia,

Muitas vezes o ambiente, a bebida, tudo influencia e manda você naquela direção. Tá/ num ambiente que todo mundo tá/ incitando você a fazer isso... tem o álcool... todo mundo quer que você beba... fica uma pessoa lá e... acontece. Nada planejado. (Linhas 244-247).

O tipo do sexo parece estar associado à qualidade do sentimento em relação ao parceiro afetivo. Flávio faz diferença entre o sexo realizado com amor e o sexo realizado por prazer, estando este último associado às inovações de performances sexuais (oral e anal), como mostra essa fala: “Eu acho que se for sexo com amor, vai ser sempre escolhida a forma convencional. Mas se fizer o sexo por prazer vão conseguir formas inovadoras. Eh::... sei lá... o oral, o anal” (Linhas 273-274; 276). Comentando essas formas inovadoras de expressividade sexual, sentimentos de vulgarização do sexo, não preocupação com o parceiro e egocentrismo são

utilizados para definir também a atitude de rejeição das moças em relação ao sexo não convencional, nas falas de Alberta que diz:

Sinceramente, um nojo. Oral e anal. Se torna vulgar demais... quando uma pessoa mal conhece... por exemplo... tá/ numa festa e sai prá/ fazer sexo com outra pessoa e já anal, oral... acho que isso torna muito vulgar. (Linhas 282; 284-286).

Vitória amplia a discussão adicionando outras informações,

É até você buscar, digamos, o ápice do prazer sem se preocupar com o bem-estar do outro. Quando se realiza sexo anal a mulher não sente... na verdade sente: Dor... porque diante de muitos comentários que já ouvi é a única coisa que a mulher sente. O homem sim, ele sente muito prazer, mas aí quando isso acontece não há uma preocupação com o bem-estar do outro. Então está havendo muito egocentrismo em relação ao sexo... você quer sentir (prazer) não se importando com o sentimento do outro. (Linhas 288-294).

Conflitos, frustrações e satisfações encontram-se à base das vivências de sexo entre adolescentes, levando a crer que a antecipação da atividade sexual seja decorrente do sentimento de curiosidade, típico da faixa etária. O desejo de conhecer o sexo e as emoções por ele propiciadas são primeiramente apontadas como causa dos conflitos e das frustrações resultantes da atividade sexual entre adolescentes, como mostra Lú: “Muitas vezes a pessoa por curiosidade se deixa levar pelo momento e vê que aquele ali não era... realmente a hora certa e só vai descobrir depois que já fez (sexo). Aí... se deixa levar pela curiosidade” (Linhas 300-302). Esse pensamento é ampliado por Antonia, que adiciona à curiosidade o desejo de conhecer o prazer do sexo, como se vê nessa fala:

Às vezes se deixa levar pelo prazer, pela curiosidade e às vezes se arrepende depois, né/... de ver que não era a pessoa certa... de ver que não era o momento... que ele depois não procurou você... a cabeça dos jovens... principalmente a mulher, ela fica pensando... ele me achou vulgar. (Linhas 303-307).

Os valores religiosos de exigência de castidade associados às indecisões quanto às coisas e objetivos pretendidos na vida, influenciam também a produção de conflitos em relação às vivências sexuais. As incertezas quanto à formação acadêmica e as instabilidades do comportamento sexual são metáforas que mostram pertinentemente as dificuldades vividas pelos adolescentes em vias de construção sexual. As moças estão mais propensas a auto-criticar as vivências sexuais e por essa razão mais facilmente desenvolvem sentimentos de culpa. O peso dos valores religiosos é percebido na fala de Leandra que, ao associar a imaturidade vital e imaturidade sexual, substituiu inconscientemente a orientação do sexo após o casamento pela maturidade adulta para decidir e fazer sexo conscientemente e de forma responsável, como se vê nesse trecho de sua fala:

Por isso que a Igreja Católica ela faz questão da maturidade... o jovem não está maduro porque ele tem uma concepção com relação a uma coisa hoje e amanhã ele não tem mais. Ele tá/ sempre mudando de opinião; tanto é que uma das questões que o jovem tem mais dúvida é

a questão do vestibular (...) porquê? Porque ele tá/ sempre sofrendo essa mutação, sempre tá/ mudando de opinião. Com relação ao sexo também. Por isso que a Igreja prega que o sexo comece a partir do momento que a pessoa já é adulta e já tem certeza do que quer. (Linhas 313-321).

As frustrações femininas conseqüentes aos conflitos vividos são originadas tanto pelo sentimento religioso quanto pelo sentimento de culpa. Os valores religiosos de exigência da virgindade para o casamento, a ocasião da realização sexual bem como as circunstâncias que envolvem esse momento são fatores consideráveis para a manutenção do equilíbrio psicológico das moças iniciadas sexualmente. Por outro lado, o amor parece justificar e evitar o desenvolvimento de culpa, como bem mostra Leandra nesta fala:

A maioria volto a falar, não são todos que fazem o sexo realmente por amor e (os que fazem) não se arrependem e se sentem satisfeitos porque fez com a pessoa que ama... e... Acho que depois que acontece, aí vem a frustração porque muitas vezes a jovem é virgem e depois como Antonia disse... será que foi realmente a hora certa? (Linhas 309-313).

Comentando ainda a possibilidade da frustração das vivências sexuais femininas antecipadas, diz Peres:

A mulher, eu não sei se elas sentem um prazer ou somente depois da... principalmente a que era virgem e teve o seu primeiro momento... eu nunca tive contato com meninas nessa experiência... mas eu acredito que elas sintam que... quando não é no momento certo elas fiquem frustradas e talvez nem queiram mais" ((o participante é seminarista católico)). (Linhas 331-336).

Aludindo ao pensamento acima, Vitória entende que para as moças a realização do desejo sexual por amor é algo satisfatório, e a desmistificação desse sentimento uma frustração que pode produzir sérios danos a adolescente, como diz nessa fala:

Acho que a satisfação e a decepção... é quando uma jovem... isso é o maior dos exemplos... acredita que realmente aquilo é amor e se entrega ao seu namorado e depois de alguns meses vê o namoro terminar. Oscila a satisfação e a frustração é como se fosse uma queda de pára-quadras, cai das nuvens para a terra sem saber se embaixo vai ter como se proteger. (Linhas 355-359).

As satisfações das vivências sexuais dos adolescentes são consideradas diferentemente em relação aos rapazes e as moças. No primeiro caso, a possibilidade de mudança do status psicosssexual e a idéia da obtenção de respeito e autonomia no grupo parecem estimular o adolescente a deixar de ser criança e se tornar um "hominho", como sugere Peres:

A satisfação que eu pelo menos ouço falar... eh::... da mulher eu não sei, mas do homem escutei muito falar... dizer que... é prá/ ele se tornar hominho ((risos no grupo) fez sexo ele já é hominho. Isso pru/ ego do indivíduo deve ser massa... além do prazer, se é que sentiu

prazer na hora do... né/... essa é uma das satisfações do homem prá/ que o respeito dele seja elevado... no grupinho dos colegas lá... que esse grupinho é... deveria acabar... nessa parte da amizade... e na sociedade. Acredito que este... é uma das sensações ótimas... levam também o jovem a... pá... ((o participante é seminarista católico)). (Linhas 325-331).

As moças conservam uma preocupação ligada à responsabilidade do seu papel na produção da satisfação masculina. Mais que a satisfação e o êxito pessoal, as moças parecem tendentes à busca de reconhecimento de performance, e por essa razão supõem que os diferentes tipos de relacionamentos sexuais existem pela aquiescência feminina à realização dos desejos masculinos, como vê Leandra nessas falas:

Essa questão da preocupação... a mulher, a maioria das mulheres hoje, com quem eu converso, elas estão preocupadas em satisfazer o homem, não em se satisfazerem... por isso que hoje existem várias formas de se fazer sexo. Porque o homem propõe... à mulher e a mulher faz. A forma anal, que a gente já falou... ((risos no grupo)) eh:... essa é a forma que a mulher não sente de jeito nenhum... prazer. (Linhas 337-340; 342-343).

Em relação ao sexo oral como modalidade de expressão erótica não prazerosa à mulher na fala de Vitória, Leandra responde, acentuando a preocupação feminina na satisfação no parceiro numa tentativa de manter estável o relacionamento:

Não, oral a mulher sente... não tanto quanto o homem, mas sente... então essa é a preocupação da mulher em satisfazer o homem... porque a partir daí o homem vai ficar satisfeito e a mulher vai ter a sensação que o seu parceiro tá/ satisfeito com você. Muitos relacionamentos hoje são segurados através do sexo. (Linhas 345-348).

A preocupação feminina em relação à satisfação masculina produz outras questões importantes. A exigência masculina de não fazer uso da camisinha é preocupante pelas conseqüências prejudiciais já conhecidas e nessa ocasião referidas por Flávia:

Também prá/ satisfazer o parceiro acontece outra coisa. Muitos homens acham que usar camisinha é uma coisa que não é de homem... de macho mesmo. Então... muitas vezes propõe fazer o sexo sem camisinha... aí depois quando tiver DST, quando tiver a gravidez... nessa história de fazer tudo o que o parceiro quer, a coisa fica ruim. (Linhas 350-354).

4.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 4 – (GFNR-4)

Este grupo semelhantemente ao Grupo Focal Religioso 4 – (GFR-4) discutiu a temática das vivências sexuais na adolescente. Os adolescentes que participaram deste grupo reuniram as características indicadas no quadro abaixo:

Pseudônimo	Sexo	Idade	Religião	Série Escolar	Rede de Ensino
Frederico	M	18	Não-religioso	3a	Privada
Geraldo	M	18			
Severino	M	18			
Antonio	M	17			
Alberto	M	16			
Januário	M	16			
Betinha	F	17			
Cidinha	F	17			
Elizabete	F	17			
Kácia	F	17			
Lúcia	F	17			

4.2.1. DADOS OBTIDOS

Neste grupo, a concepção de vivências sexuais engloba um número relativamente amplo de questões afetivas, sociais e biológicas, ligadas à iniciação sexual, e bem assim questões associadas à satisfação e à frustração decorrente da experiência sexual vivida [ANEXO M, p. 186]. A compreensão da sexualidade como iniciação sexual principia o relato neste grupo, como nessa fala de Januário: “Sexualidade, principalmente na adolescência é uma iniciação da vida sexual... no caso, uma passagem para garotos e garotas, mudando sua vivência, seu conceito, se tornando homens e mulheres com a sua iniciação sexual” (Linhas 16-18). Essa iniciação parece está ligada a exigências de amigos que esperam do adolescente um comportamento de conformidade àquilo que é preconizado pelo grupo, como pontua Antonio:

Acho que sexualidade não se limita só a iniciação de uma vida sexual... eu acho que... já no caso de nós jovens, sexualidade se limita a muitas coisas... descobertas... como... em que comunidade você se adéqua, se você... está nos padrões que a sociedade lhe impõe... alguma comunidade, algum grupo... por exemplo, tem gente que não curte a Garanheta (Carnaval fora de época em Garanhuns) mas vai à Garanheta porque a maioria se diverte lá e você quer ser igual a eles, é legal, é bom ser igual a eles... ser famoso... pegar as meninas por aí... quero ser igual a eles... então eu vou. (Linhas 37-44).

Para as moças, a iniciação sexual é vista com reservas, por julgarem que os rapazes buscam realização sexual com fins de engrandecimento pessoal que lhes permite autonomia para direcionar a afetividade feminina. Apesar de incentivarem as moças à prática do sexo, não estão amadurecidos para compreender e guardar para si a intimidade do ato ocorrido. Demonstrações afetuosas como “eu te amo” e promessas de casamento parecem ser estímulos bastante utilizados pelos rapazes para conduzirem as namoradas ao sexo, cujas conseqüências devem ser analisadas com responsabilidade, conforme a referência de Kácia:

Assim... feito Lúcia falou que muitas pessoas começam certo momento prá/ se tornar um grande homem... porque... principalmente acham que as meninas tem que ir pela cabeça deles... tem que pensar na gente... porque é bom a gente tá/... ah:... porque eu te amo, porque vamos casar... não é bem assim. Faz principalmente a cabeça da gente... mulheres prá/ ir na ondinha deles... só que depois que acontecer tudo, eles não são... homens suficiente prá ficar prá si mesmos, vão dizer aos amigos... espalhar... e como vai ficar a nossa vida lá fora? Porque diz que isso é intimidade mas não é... é uma coisa que vai ser aberta prá/ todo mundo, porque... por mais (ininteligível) que o homem seja ela não vai ter maturidade suficiente e... tem que se pensar muito bem antes disso... poderá vir conseqüências e tem que tá/ preparado prá/ assumir. (Linhas 56-66).

Por outro lado, rapazes há que entendem que a precocidade sexual é um problema a ser refletido pelos adolescentes e que as dificuldades vividas pelo mau uso do sexo podem ser em parte atribuídas à ausência de orientação dos pais. A orientação paterna é vista como importante fator para que os filhos possam construir saudavelmente a sexualidade, evitando comportamentos indutores da prostituição, como entendem Severino e Frederico:

É... a vida sexual dos jovens hoje em dia tá/ mais avançada... meninas novas... até rapaz já começa a vida sexual mais cedo e... às vezes comete até erro... engravidar. Acho também que tinha que ter orientação adequada dos pais... muitos pais também não dá/ orientação certa prá/ seguir adiante. Acho que a sexualidade tá/ muito avançada prus/ jovens... começam a vida sexual muito cedo... muitos começam a se prostituir. (Linhas 72-75; 85-86).

A sexualidade também é vista como um incremento da afetividade que se desenvolve entre as pessoas, propiciando as vivências de relações homo ou heterossexuais. Essas relações podem fruir do sentimento amoroso ou da própria ausência deste, e, nesse caso, motivadas por necessidades, os rumos da prostituição são uma possibilidade, como crêem Alberto e Geraldo:

A sexualidade no meu ponto de vista é um aumento do relacionamento afetivo com uma pessoa do sexo oposto... ou não ((risos no grupo)). Acho que a sexualidade é um momento íntimo entre duas pessoas que se amam ou também não, né/... também tem jovens... assim... que não tem como viver, que às vezes usa da sexualidade prá/ ganhar a vida, ganhar dinheiro... essas coisas. (Linhas 23-25; 68-70).

Os adolescentes fazem diferença entre sensualidade e sexualidade. Percebida como uma derivação da sensualidade, a sexualidade exige maturidade para refletir sobre as conseqüências que podem advir das vivências sexuais. Há também necessidade de boa relação com os pais e que estes possam orientar o comportamento afetivo e sexual dos filhos, colaborando para a formação do autoconhecimento como um mecanismo para evitar a tomada de decisões sob a influência de outros ou minimizar possíveis conseqüências que se sigam às vivências de sexo, como Lucia mostrou nessas falas:

A sexualidade... ela deriva da sensualidade. Hoje em dia (ininteligível) o jovem por mais feio que ele se ache ele quer despertar sensualidade

em alguém. Aí (como foi dito) quem é muito imaturo, vem a despertar o desejo em alguém e na hora de realmente acontecer uma coisa mais séria ele não tem capacidade de entender o nível do que vai atingir a gente, como vai ser depois (ininteligível). A gente tem que pensar direito no que tá/ fazendo. Esse negócio de sexualidade e responsabilidade, a gente tem que pensar bem porque como a gente é jovem e muita gente até que é mais velha, que já chegou aos seus trinta, vinte cinco anos e ainda tem uma cabeça de jovem... ainda não tá/ preparada prá/ isso. (Linhas 27-35).

Ainda,

Acho assim... que prá/ você começar uma relação você tem que ter uma boa idéia definida de quem você é, do que você realmente gosta, do jeito que você tem que se comportar ou não... do jeito que você acha certo ou não. Primeiro, não se pode ir pela cabeça dos outros porque nem sempre você vai se dar bem; às vezes uma pessoa já é mais madura ou não e se você é influenciável ou não... pode se dar mal porque você pode ter uma idéia errada, criar um trauma ou alguma coisa assim. Antes de tudo tem de se ter muita maturidade, com uma boa conversa... que nem sempre a gente tem com os pais que principalmente a gente deveria ter. Prá/ você fazer isso tem que pensar muito bem antes. (Linhas 46-54).

Atitudes mutuamente compromissadas e tolerância do desejo são elementos requeridos para a conscientização e precaução naquilo que se refere aos possíveis reveses que costumam acompanhar as experiências sexuais dos adolescentes. Postergar a iniciação sexual para o momento em que o adolescente se perceba apto para o exercício das vivências sexuais parece ser opção àqueles que pretendem evitar tanto dificuldades afetivas, psicológicas e de adaptação posteriores, como a banalização da sexualidade e do sexo estimuladas pela má informação veiculada pela mídia, como mostram Betinha,

Eu acho assim... que na... (vivência da) sexualidade tem que ter um compromisso... assim... uma responsabilidade das duas pessoas. Porque não é porque a gente é jovem que vamos ser irresponsável... não, tem que se cuidar. Quando a gente é muito novo é tudo muito por impulso, então tem que ter consciência do que tá/ fazendo... não pode fazer a coisa assim por momento sem pensar na consequência; tem que pensar muito bem, esperar o máximo que puder prá/ fazer a coisa com consciência, sem o risco de arrependimento depois. (Linhas 77-83), e

Alberto: “Não que a sexualidade esteja muito avançada, mas sim, que a sexualidade atualmente está banalizada... porque o ato sexual... o que acompanha... é um negócio eschachado/ (rebentado)” (Linhas 88-90) e Januário:

Só para complementar o que Alberto disse... só que a sexualidade vem sendo banalizada por causa da mídia, televisão, música, novela... tudo fala de sexo como se fosse uma prática até... animalesca... é homem fazendo sexo com homem, mulher fazendo sexo com mulher... isso tudo mostrado expostamente na mídia e muitas pessoas que não tem acesso à (boa) informação pensa que a televisão, mídia, música é

um tipo... é um de informação mas só que passa um tipo de informação errada... prá/ jovens, adolescentes... aí muitos de deixam levar por essa influência da mídia, da televisão como falei, aí acaba fazendo e acaba fazendo muito besteira por causa dessa falta de informação. (Linhas 92-100).

As relações sexuais parecem tipificar primeiramente vivências sexuais para os adolescentes. A primeira relação sexual adquire um significado especial, tanto pelo inusitado da situação que em certos casos pode fazer-se acompanhar de culpa, como também pela possibilidade de estender contatos afetivos entre os sexos. É o que pensam Antonio,

A experiência... principalmente a primeira vez. Eu acho que a vivência sexual se inicia quando o jovem tem interesse por outra pessoa... outra adolescente no caso e a partir desse interesse é que ele começa a formar opiniões, a se adequar a algum grupo, a criar ou a não criar a personalidade... e vai daí... da primeira relação. (Linhas 105-108), e

Lúcia:

No meu ponto de vista a sexualidade prá/ os homens não tá/ na questão de ser boa, de ser ruim... não importa a idade; melhor prá/ os homens, quanto mais cedo melhor prá/ poder contar um para o outro. Eu vejo assim, de fora... eu não sou homem não posso dizer de certeza, mas o que eu vejo é que os homens eles gostam de comentar e que prá/ eles isso é uma vitória; quanto mais cedo melhor. (Linhas 110-114).

A iniciação sexual na visão das moças, diferentemente daquilo que seria de se esperar, não envolve necessariamente o amor em relação a pessoa desejada. As condições que criam o clima parecem determinar o encontro casual que culmina na realização do sexo. A iniciativa e o direcionamento comportamental para a relação sexual não parece ser tarefa exclusiva do rapaz - a quem se pressupõe ser "mais safado", mas de ambos os sexos, que se envolvem pela naturalidade e intensidade do desejo que são portadores rapazes e moças, como mostra Elizabete:

A vivência sexual é quando se tem uma relação íntima com uma pessoa que você gosta que normalmente é o que deveria acontecer, que nem sempre é assim; acho que é mais um momento de realização, sei lá... qualquer coisa do tipo; nem sempre é com a pessoa que você gosta, nem sempre é com quem você tinha planejado antes; muitas pessoas hoje fazem só por uma questão do momento... eu acho que o sexo não tem diferença tanto o homem quanto a mulher, os dois são pessoas iguais. Não é porque o homem é mais safado não... acho que depende da personalidade dessa pessoa... do jeito que ela foi criada, o que ela acha certo ou errado; acho que não tem questão de homem ser mais safado, porque eu mesma vejo muito homem que é bem mais comportado do que muita mulher; acho que isso vai de cada um. (Linhas 128-138).

Pensamento semelhante tem Kácia, para quem as vivências sexuais dos adolescentes ocorrem independentemente da existência ou não do afeto amoroso.

Todavia é enfatizado o comportamento masculino de auto-valorização e divulgação da intimidade entre os pares pela performance sexual obtida, como aqui se vê:

(...) a partir da relação, independente de que seja com amor ou não, porque muitas pessoas vão por impulso. Só que eu não concordo com Elizabete porque ela tá/ falando assim; mulher é bem mais reservada do que homem apesar como ela falou, tem mulher que é mais danada do que homem, isso sim; mas no caso é muito difícil você ver uma mulher contando o que fez ou deixou de fazer; se for prá/ uma festa o máximo que ela vai comentar é com quem ficou prá/ amigas mais íntimas; não vai chegar prá/ todo mundo e dizer, feito homem; eu tiro muito pelos meninos da sala que eu vejo o comentário deles; a vivência deles pelo que eu vejo é por brincadeira. (Linhas 140-148).

A propensão do adolescente masculino para divulgar ocorrências sexuais vividas parece estar agregada ao prazer obtido em vivências pretéritas, indutoras de um sentimento de poder que emerge da aceitação social em relação à precocidade e o crescimento da atividade sexual posterior. Prazer e poder parecem sensações de ampla satisfação e identidade masculina que devem ser submetidas à aferição do grupo, e por essa razão talvez aí se situe a impossibilidade de guardar para si o desempenho alcançado, como sugerem Lúcia,

No meu ponto de vista a sexualidade prá/ os homens não tá/ na questão de ser boa, de ser ruim... não importa a idade; melhor prá/ os homens, quanto mais cedo melhor prá/ poder contar um para o outro. Eu vejo assim, de fora... eu não sou homem não posso dizer de certeza, mas o que eu vejo é que os homens eles gostam de comentar e que prá/ eles isso é uma vitória; quanto mais cedo melhor. (Linhas 110-114), e

Outros adolescentes:

Acho que tem muito homem que também não quer só prá/ dizer que pegou, né/... tem homem também que quer pegar as mulher só prá/ sentir o desejo né/... realizar os desejo... essas coisas, né/?. Muitos homens também pegam as mulher só prá/ sentir prazer e outros não... eh::... como se fosse um troféu, prá/ contar prus/ amigos o que fez, o que deixou de fazer. (GERALDO E FREDERICO, linhas 162-164; 166-168).

Homem não se limita só... se pega ou não uma mulher; acho que homem tem que provar que é homem nas atitudes; é o que a gente tá/ vendo aí, totalmente ao contrário do que Kácia disse; acho que o homem... a verdade tem que ser dita... acho que não tem essa do homem gostar de mulher fácil ou mulher difícil; homem gosta de mulher, sendo ela fácil, difícil ou não. Acho que isso parte da carga de informações que a gente tinha desde quando criança, pelos pais, pelos amigos mais velhos... acho que é isso aí. (ANTONIO, linhas 149-155).

Homens, na maioria, tem a necessidade de falar das vivências sexuais. Assim como ela (Kácia) falou, não é uma questão de pegar mulher, a questão é dizer: eu peguei, eu fiquei; e tu? Ficasse com quantas? A necessidade de dizer o maior número de mulheres (com quem) ficou, como fez... (CIDINHA, linhas 156-159).

As vivências sexuais entre adolescentes ocorrem inesperadamente, motivadas por impulso, atração física e desejo de satisfação íntima, os quais não necessitam de direta dependência do afeto amoroso, presumindo-se em muitos casos a exclusiva primazia do desejo, como descrevem Cidinha,

Assim... pelo momento. Você conhece uma pessoa e tá/ ficando com ela. Aí chega um momento ali e você vai ficando, vai apimentando o momento... assim... um impulso. Acontece ali e você nem percebe... EITA o que foi que eu fiz? Ninguém sabe nem como começa. Você tá/ ali curtindo o momento e de repente acontece. (Linhas 190-193), e

Lúcia:

Complementando o que ela (Cidinha) disse, acontece por impulso porque hoje em dia, principalmente hoje em dia, é muito difícil você vê um jovem sair com outro sendo amor de verdade. A gente se relaciona assim, a atração física, no máximo porque gosta, porque tá/ afim... agora, porque ama mesmo é muito difícil... você vai por aquele momento mesmo. Às vezes você pode tá/ andando no comércio (local de maior movimento social da cidade) de mãos dadas com o seu namorado e não tá/ acontecendo nada, e de repente você pára ali no ponto de ônibus e fica com ele e vem o desejo... é só vontade mesmo. É só aquele momento. Depois se você vai se arrepender ou não é muito difícil você na hora pensar. Vem pensar bem depois; é por impulso mesmo. (Linhas 195-204).

Outros adolescentes advogam a existência de um sentimento afetivo que humaniza e dá significado ao relacionamento sexual. Por outro lado não se desconhece a existência de outros estímulos que incitam o comportamento sexual, como no caso do uso de drogas e bebidas alcoólicas que, por sua aceitação social, parecem de maior utilização pelos adolescentes, como se infere dos seguintes relatos:

Mas assim... por esse ponto de vista (Lúcia) ele basicamente remete o ser humano à questão de um animal, que ali é de momento, é de impulso, acabou-se. Não generalizando, mas é verdade que isso realmente... essa parte de impulso e tal, só por prazer mesmo. Mas assim... ainda há aqueles que fazem... ter a relação sexual por causa de... uma questão realmente de gostar, de querer das duas partes ((uma voz feminina diz baixinho que é muito difícil)). (ALBERTO, linhas 206-211).

Muitas vezes a pessoa tá/ numa festa e rola bebida... droga... essas coisa/ aí a pessoa não fica consciente, gera aquele impulso pela bebida, pelo álcool essas coisa/ prá pessoa fazer sexo... A pessoa tando/ embriagado a pessoa num/ pensa ((risos no grupo)) (...). Vai de todo jeito... bora/ simhora/ e vai" ((risos no grupo)). (FREDERICO, linhas 222-224; 226; 228).

O tipo bem como a variação da experiência sexual dos adolescentes é referido como uma dimensão da sexualidade que está ligada a aprendizagens prévias. De modo geral, parece não existir, pelo menos durante um período que se

estende da iniciação sexual à aquisição das primeiras habilidades, uma preferência por algum tipo específico de prática sexual, como dizem Antonio: “Eu acho que não existe formas de sexo não; sexo é sexo e pronto. O que existe é impulso, a vontade de fazer, a gente vai lá e faz” (Linhas 254-255),

Januário,

Não... porque normalmente, tem muitas pessoas que não tem tanta prática ou então tantas experiências diferentes com duas ou três mulheres que nem/ muitos homens desejam, ficar com duas mulheres. Querendo ou não, a pessoa sente aquele desejo, só que normalmente prá/ o jovem aqui na cidade ou na região... é... o sexo é praticado de forma básica, normal, como um sexo comum. (Linhas 234-238),

Frederico,

Assim... na maioria das vezes entre adolescentes que acontece sexo oral é quando já tem uma certa experiência. Não quando é a primeira vez; a primeira vez é mais assim... entre o homem e uma mulher é mais vaginal; aí quando a pessoa vai adquirindo mais experiência, vai ficando mais maduro assim, a gente começa a fazer o sexo oral... e até muitas pessoas prefere o oral do que o normal, vaginal. (Linhas 284-288), e

Geraldo: “Além do sexo vaginal e oral tem também o sexo anal ((risos)) que tem outras pessoa/ que também gosta de praticar” (Linhas 290-291).

O convencionalismo sexual na atualidade parece tendente à perda de espaço entre os adolescentes femininos. A inovação de atitudes sexuais aparece como fator importante à auto-afirmação dos adolescentes nessa fala de Lúcia:

Não por experiência nem por tá/ buscando entender, mas pelo que... como a sociedade é hoje em dia, quanto mais explícito for as coisas, quanto mais você aparecer melhor... eu acho que hoje em dia TODO mundo bota na cabeça que tem que fazer alguma coisa inovadora. Acho que não vai ser aquele negócio que seu pai e sua mãe fazia não. (Linhas 242-246).

Exemplificando o seu pensamento, a adolescente [Lúcia] diz:

Se você tiver numa festa, por exemplo, eu tô/ na casa dela... aí lá ela quer ficar com um menino, tem um canto reservado lá, mas aí ela não vai querer aquele canto tão reservado, vai querer um canto que todo mundo... que todo mundo nunca... que nunca fez... que nunca foi lá. Eu acho, que cada dia mais tá/ buscando coisa inovadora; não sempre a mesma coisa como era. (Linhas 248-252).

A masturbação é referida pelos adolescentes como comportamento de iniciação logo no início da puberdade. Os motivos dessa mudança comportamental fazem referência aos padrões do grupo, a curiosidade e a descoberta das zonas corpóreas de sensibilidade, como mencionam Frederico,

Muitos jovens começam a primeira experiência pela masturbação; muitos não começam pelo sexo... a maioria começa pela masturbação, principalmente quando são novo/ que é...assim moleque, menino amarelo ((risos das moças no grupo)) que... é até impulsionado pelos colega/ que não sabe até que isso existe. (Linhas 260-263), e

Januário:

No caso, como Frederico disse, masturbação... ele começa com... acho que nas primeiras experiências com dez, onze, doze até treze anos, os meninos não sabem basicamente o que é isso; estão descobrindo essa área sexual aí começa com essas experiências, comentários de amigos, garotos mais velhos falando sobre isso. Acho que começa também por... curiosidade, por besteira, até por conhecimento do próprio corpo, principalmente nos homens. Acho que... masturbação significa isso: conhecimento do seu próprio corpo ou então do seu próprio ser, quando você tá/ partindo prá/ uma fase de criança prá/ pré-adolescente ou então prá/ adolescente mesmo. Acho que se limita a isso. (Linhas 265-273).

As satisfações ou as frustrações decorrentes da atividade sexual entre os adolescentes são percebidas diferentemente entre os rapazes e moças. Os rapazes tendem a associar prioritariamente as satisfações ao prazer alcançado nas relações sexuais vividas, sem quaisquer questionamentos ao bem-estar do par sexual. As possíveis frustrações são referidas em relação às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez da parceira, parecendo imunes ao desenvolvimento de culpa, como se vê nesses relatos de:

Januário,

Satisfações é no ato, na hora, quando a pessoa sente o prazer... aquele negócio todo... aí dá aquela satisfação na pessoa, mas depois... muitas vez/ a pessoa pega doença, aí gera frustração; doença, eh::... engravida... e várias outras coisa que fica assim... mei/ sujo assim o nome da pessoa. Bem... frustrações eu creio que... da parte do homem pode... acontecer do arrependimento, não é nem da parte dele mas da parte da garota, porque muitas vezes as garotas iniciam essa vida sexual eh::... de uma forma errada ou por não querer... outras vezes até por pressão do namorado: Não que se não acontecer isso a gente termina ou... etc. Mas só que ocorre, mas essa frustração não é nem da parte dele, porque parece que homem é movido por testosterona... ele é movido por impulso, ele quer sexo ali e pronto, ele num/ vê a parte sentimental ou emocional da namorada; não sabe se a namorada tá/ pronta ou não. (...) Agora, já satisfação eu acho que é quase cem por cento das vezes que pratica sexo. Agora só que da parte da mulher, não; da parte da mulher ela leva prá/ parte dos sentimentos, das emoções, pelo momento, pelo carinho. Pela convivência mais com o namorado. (Linhas 302-318), e

Alberto:

Assim... a parte de frustração, de arrependimento do homem, basicamente pode ser de acontecer alguma coisa: se pegar uma doença, engravidar... alguma coisa assim. Essa parte de frustração...

vai mais a questão da mulher, porque depois se arrepende... eh:... porque não devia ter feito isso, porque num/ era hora, porque isso, porque aquilo. Mas pru/ homem não, por aquilo ali... aconteceu, aconteceu... cabou-se/; passar prá/ próxima... e assim, a parte de prazer é isso: Aconteceu lá o ato e... cabou-se/. (Linhas 320-326).

A suposição de que as moças estão mais propensas à frustração e ao sentimento de culpa pela ocorrência de relações sexuais é justificada pelas adolescentes. O medo de perder o namorado, a criação de um clima favorável, o inesperado do momento e a realização do sexo sem desejo são motivos que induzem frustrações nas moças. Todavia a frustração tende a ser maior nos casos em que a moça planejou a ocorrência íntima e esta não gerou os resultados por ela esperados, como se vê no relato de Lúcia:

É o seguinte... como Januário falou: Quando você tem um namorado que você é impulsionada a fazer aquilo (sexo) você vai fazer prá/ não perder ele, eu acho que isso foi como uma obrigação... não foi porque você quis, então a frustração vem disso. Agora, eu acho que quando acontece ali, você tá/ tão envolvida no momento... você pode até se arrepender... dizer assim: EITA/ eu não devia ter feito agora, mas se arrepender de algum trauma que isso vai ficar... alguma coisa... assim, uma coisa psicológica, mas você num/ vai ficar, você vai só TER uma culpa... vai dizer, não, num/ devia ter feito agora, devia ter esperado; mas quando realmente acontece... se você marcar... vamo/ hoje, tal hora, tal canto e tal, acho que você já vai com o seu psicológico muito carregado, você já vai com aquela obrigação, aí você já vai carregar pelo resto da sua vida, que é a sua primeira vez foi frustrada. (Linhas 331-341).

As satisfações masculinas e as frustrações femininas estão ligadas a uma cultura de reforçamento social, que historicamente vem incentivando o rapaz a aventurar-se na produção de experiências que lhe inculquem o sentimento de liberdade, autonomia e poder. Por outro lado, tais privilégios não somente são negados às moças, como se estigmatiza àquelas que se permitirem usufruir os prazeres do sexo, além das conseqüências por elas conhecidas, como enfatizam Alberto,

Mas assim... a própria sociedade atual é que impulsiona a isso porque... assim... se o homem pega dez mulheres aquele é o cara, aquele é o garanhão, não sei o que. Mas prá mulher, ela ficou com dois, aquela mulher é puta... aquela mulher... é fácil. A própria sociedade é que faz com que isso aconteça. Essa questão do arrependimento, da frustração vem mais também da própria sociedade que condena e no mesmo tempo apóia o que acontece. (Linhas 345-350),

Elizabete,

Acho assim, como Alberto disse, acho que não é questão da sociedade atual. É porque há anos e anos a gente foi criada numa sociedade machista. Todo mundo acha que o cara, ele deve começar a se envolver com alguma menina desde cedo, desce seus treze anos, por aí. Quando alguém fala assim... por exemplo, numa relação de pai

e filho, o pai nem se importa se o filho tá/ namorando ou não. Agora, quando é a menina, aí tem de ser mais preservada. Se o pai tem um filho e uma filha, por exemplo, o filho pode namorar com quantas quiser, mas a filha tem que ser mais acatada (reservada). O homem pode fazer o que der na telha dele, mas a menina tem sempre que pensar MAIS prá/ fazer alguma coisa porque senão ela vai cair na boca do povo... e o homem não vai cair não?... (Linhas 351-362), e

Kácia:

Eu acho assim, feito Elizabete falou: A mulher no que fizer ela vai sair manchada e o homem também. Só que... são poucas as mulheres que... o homem faz o que faz; se tiver afim dele, ela não vai pensar se ele é galinha, ou o que ele for. E também a questão da mulher se preservar mais do que o homem, que acho assim que o homem não vai ter conseqüências do que fizer, porque ele assumir é uma coisa, mas tá/ com uma mulher é outra. É muito fácil, ele assume o filho, dá uma pensão, mas a conseqüência é da mulher. (Linhas 365-371).

5. ORIENTAÇÃO DO DESEJO SEXUAL ENTRE ADOLESCENTES

Este tema foi discutido pelos Grupos Focais Religioso 5 – (GFR-5) e Não-religioso 5 – (GFNR-5). As características dos adolescentes que participaram deste grupo estão indicadas no quadro a seguir:

5.1. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL RELIGIOSO 5 – (GFR-5)

Pseudônimo	Sexo	Idade	Religião	Série Escolar	Rede de Ensino
Fabiano	M	17	Católica	3a	Privada
José Roberto	M	17			
Luzinete	F	18			
Vânia	F	18			
Clea	F	17			
Nair	F	16			
Wellington	M	17	Evangélica		
Fábio	M	16			
Silvana	F	18			
Carla	F	17			
Magnólia	F	17			

5.1.1. DADOS OBTIDOS

Neste grupo, a discussão da orientação do desejo sexual entre adolescentes foi guiada por proposições que se voltaram (1) a uma tentativa de definição de orientação do desejo sexual, (2) a possibilidade de extrair do pensamento do adolescente uma visão de orientação sexual tida como correta, (3) a percepção sobre o relacionamento homoerótico e (4) o relacionamento bissexual entre adolescentes [ANEXO N, p. 193].

Instintivamente, a discussão centrou-se em questões da orientação sexual sem a necessária compreensão para situar a temática e a partir desta fomentar questões alusivas. De modo geral, a orientação do desejo sexual foi tomada no sentido de atração por uma dada pessoa, que se explica pela ação da “química” como na fala de Fábio:

Acho que esse desejo vai além de se conhecer... ser amigo ou então gostar da pessoa. Desejo sexual é uma coisa relacionada à química, um olhar... eh:... você pode nem conhecer a pessoa e se sentir atraído sexualmente por ela, sem ser necessariamente amigo, sem necessariamente conhecer. (Linhas 15-18).

Aos adolescentes deste grupo não há como definir orientação do desejo sexual, uma vez que esta se manifesta através da “parte química e física” sem ligação com a afetividade, como entende Nair:

Não... isso entra muito na parte química e física... isso não tem uma questão sentimental desse tipo. Se você, mesmo que goste muito de uma pessoa, que tenha uma relação MUITO afetiva, não é

necessariamente dizer que você tem realmente desejo por essa pessoa; isso é uma coisa química. Tem que ter uma... combinação... alguma coisa que... atração que faça com que você sinta esse desejo. (Linhas 57-61).

A idéia da orientação do desejo sexual como um ato de escolha e, portanto, uma opção que se faz sem que esta guarde uma relação pertinente com o nível bioquímico está presente na concepção dos adolescentes. Esta idéia parece resultar do não desenvolvimento de orientação sexual divergente do sexo biológico, quando o sujeito, em etapas anteriores do desenvolvimento, esteve exposto a situações de risco. As falhas ou certas tipicidades da educação familiar parecem não responder também pela definição da orientação sexual. A estrutura social e a rede de amizades, quando aliadas a uma predisposição, são apontadas como condições poderosas de influência na escolha da opção sexual, como mostram os argumentos de:

Carla,

Bom... acho que a orientação sexual não depende muito de genes ou essas coisas. Simplesmente depende das escolhas que a pessoa faz. Teve épocas que a maioria dos meus beijos era com meninas... a maioria das minhas colegas são sapatos ((risos no grupo)). Houve alguns parentes da minha família... algumas meninas que quiseram encostar em mim quando eu era menor. Quando eu tinha sete anos elas tinham dezessete, dezoito e queriam mexer comigo... mas isso não influenciou em nada não; acho que isso vai mais da pessoa mesmo... acho que é você que escolhe o que você quer na sua vida. (Linhas 67-74),

Fábio,

Essa história de criação... acho que não tem nada a ver não. Qual a mãe que ver seu filho ser um homossexual ou sua filha uma lésbica? Esse tipo de criação interfere na opção sexual da criança ou do adolescente se ele quiser; se ele já tem uma mente fértil, alguma coisa preparada e essa mente fértil dele possa desenvolver uma série de acontecimentos que leve a crer que ele deseja pessoa do mesmo sexo, isso é que pode... assim... a mãe certamente não quer que seu filho seja gay... questão de criação não tem nada a ver na minha opinião. Você só é gay se você quiser... quem é que vai mandar você ser gay? Quem vai querer que você seja gay? Quem vai querer que você seja lésbica? (Linhas 87-95),

Magnólia,

Não é uma questão de mandar. A mãe vai mandar: Meu filho você vai ser gay... não, é da criação; ele tá/ lá... beleza, lá olhando prá/ mãe, vendo aquelas coisa/ tudo afeminada... se ele pegar alguma coisa prá/ fazer ela já deve cortar do começo... por exemplo, ele vai pegar uma sombra prá/ passar, ela não meu filho, pode não, isso é de mulher... tem que cortar do começo; acho que isso vai mais da criação. (Linhas 96-100), e

Fabiano:

Nós hoje vivemos na sociedade... na qual... se fala muito que um meio... o homem nasce bom e o meio é que determina... que o meio é que o corrompe; eu acho que é justamente isso... que as pessoas são influenciadas por outras e... é por isso que elas têm a opção sexual delas... é tudo uma questão de escolha; cada um escolhe o que ele quer; o que ela quer. (Linhas 123-127).

As disposições genéticas e psicológicas são indicadas como contribuintes da orientação sexual e, de modo particular, quando ocorrem desvios do comportamento esperado para o sexo biológico. As primeiras, já determinadas por ocasião do nascimento, levariam o sujeito inexoravelmente a adotar um padrão de orientação sexual alheio à sua vontade, como vêem Wellington e Cléa:

Eh:... pelo que fiquei sabendo também, essa questão de orientação... sexual tem a ver também com a questão genética. Alguns estudos indicam que alguns genes interfiram na sexualidade... no caso a orientação. Eu acho assim... que isso já vem com a pessoa quando nasce... sentimentos que vai/ surgindo... não é de uma hora prá/ outra, não é ninguém que vai incentivar isso...mas sim... a pessoa já tem isso, já nasce com isso, com esse desejo... sexual por outra, ou se não, por dois sexo/ (...). (Linhas 23-25; 76-79).

As disposições psicológicas aludidas são vistas como possuidoras de primazia sobre as disposições bioquímicas sob o argumento da criação natural, onde o padrão de comportamento sexual já fora também definido no nascimento. Aceitando-se a possibilidade de manifestações de orientação sexual divergente da biologia, esta teria origem nos processos psicológicos que influenciam a construção da identidade sexual, como quer Silvana:

Eu discordo que a orientação sexual dependa da genética... porque só foram feitos dois sexos e, com certeza, depende da genética, feminino e masculino. À parte... a questão de ter outra orientação sexual é psicológico, eu acho... é de personalidade, questão sua. Acho que a genética não tem nada a ver com isso. Eu acho assim como Nair disse... de conviver com uma pessoa de mesmo sexo, não, porque o fato de você conviver... num/ canto com várias mulheres... no meu caso, eu já morei com seis mulheres e nem por isso... ((risos do grupo e da pessoa que está falando)). Eu acho assim, que a sua orientação sexual não depende da sua convivência com homens ou com mulheres... porque você pode fazer (sexo) com homens ou com mulheres. Se você pode optar por homens, no meu caso, por que eu vou optar por mulheres? Eu acho que é uma questão psicológica, não é uma questão de conviver com "a" ou "b". Eu acho isso. (Linhas 29-32; 46-53).

A discussão sobre a existência de um padrão de orientação do desejo sexual mostra que os adolescentes acreditam que o comportamento sexual correto é aquele que está em sintonia com o sexo biológico. Esta percepção induz a adoção de atitudes de respeito e também de rejeição para com as pessoas que apresentam comportamentos sexuais divergentes do padrão esperado. Silvana traz a sua percepção nestes termos:

Não... eu... sou preconceituosa sim, porque Deus fez o homem e a você ser mulher. É sim... ser gay ou ser lésbica não é certo... você tá/ sendo diferente de tudo, você é incomum. Hoje tá/ se tornando comum por conta que tá/ aumentando a quantidade, agora que não é normal; tá/ sendo aceito porque o pessoal diz, não vou ser preconceituoso, cada um faça o que quiser da sua vida, mas que é errado, é. Você nasceu prá/ ser homem ou ser mulher e não gay ou sapatão. (Linhas 138-144).

Há também uma idéia bastante aceita entre os adolescentes deste grupo de que a orientação do desejo sexual está em dependência direta do sexo biológico e, dessa forma, a exposição a vivências sociais com pessoas de distintas orientações sexuais têm pouca influência para modificar aquilo que no princípio já foi determinado, como pensam Cléa,

Eu acho assim... se a pessoa tem a sua característica,, já tá/ formada a sua personalidade... uma amiga... um contato assim não vai interferir em nada... tipo um relacionamento com uma homossexual; se eu tô/ relacionada com aquela menina, se eu tô/ andando com ela, mas eu tenho a minha opção, acho que não vai me atingir. (Linhas 245-248), e

Carla:

Acho que o fato de você andar com gays, lésbica não vai mudar a sua escolha; simplesmente eu tenho o que... eu tenho mais ou menos umas seis amigas que são lésbicas, uns três amigos que são gays, ando com eles, são gente fina, gosto deles, até meu pai fica olhando, sabe que elas são lésbicas, meu pai chega a achar que eu, só que eu não sou, que ele sabe que eu namoro ((risos no grupo)); mas simplesmente se ele (o pai) achar ou os outros tão/ achando que eu sou, o problema é deles, eu tenho a minha escolha, eu sei o que eu quero... simplesmente tô/ com uma pessoa e pronto. (Linhas 273-280).

A rejeição ao comportamento sexual divergente aparece de forma numericamente significativa neste grupo. Ainda que se reconheça não ser possível conviver sem a presença de pessoas com desvios de orientação sexual inclusive no ciclo de amizades, parece também não ser possível evitar a manifestação de atitudes preconceituosas contra o comportamento extravagante que se visualiza em muitas pessoas, que ostentam atitudes indicadoras de desvios da orientação sexual. A índole de revolta que se acredita manifesta na atitude daqueles que enfrentam a sociedade, a falta de compreensão mais profunda da problemática da orientação sexual e a distorção sexual auto-induzida são fatores influentes para a rejeição dos desvios de orientação do desejo sexual, como mostram Fábio,

É uma questão de... acho que quando a pessoa escolhe... escolhe não, aceita a sua condição sexual, ele já vai destemido a enfrentar a sociedade, pai, preconceitos; eu particularmente não sou preconceituoso, tanto que eu tenho um amigo gay... mesmo assim eu não gosto de extravagância, aquela parte de eu sou gay, quero mostrar prá/ todo mundo... ser tipo... o modo de andar, ser uma mulher propriamente assim... tanto na cabeça quanto na parte física... eu não admito isso, apesar de aceitar e muito menos acho certo. Você quer

ser gay seja, mas mantenha a sua postura como Deus lhe fez, como homem. (Linhas 156-163),

Nair,

Assim... essa questão de ser gay, ser aceito na sociedade, preconceito, é uma coisa muito relativa porque, o fato da pessoa escolher isso, mesmo diante das regras divinas escritas nas Escrituras ((pronúncia em tom de pouca credibilidade)) isso é errado. Mas ninguém tá/ aí prá/ dizer se isso é certo ou errado... Deus deu o direito, o livre arbítrio... então eu acho que... se chegou ao ponto da sociedade se dividir entre pessoas que acham que conseguem assimilar o que está escrito e pessoas que não querem aceitar isso, querem viver de outra maneira... acho que isso... poderia ser mais aceito, melhor aceito pela sociedade porque acho que isso também é uma forma de revolta, já que a sociedade recrimina TANTO essas pessoas que tem essa índole de se tornar homossexual, acabam ficando mais revoltados ainda, tentando brigar mesmo com a sociedade... porque se não tivesse uma pressão tão grande talvez existisse um número menor de homossexuais no mundo. (Linhas 169-180).

Cléa,

Eu acho assim... tipo aqui na região de Pernambuco, uma cidade pequena como Garanhuns, a sociedade não tá/ preparada... como também na minha família e tal. Mas acho mais fora, em capitais... Rio de Janeiro, eles tá/ mais preparado mais prá/ isso; então aqui é uma coisa muito estranha você andar, conviver com gay... vão falar. Mas isso já noutros países... Rio de Janeiro, São Paulo já é normal. (Linhas 286-291), e

Silvana:

É essa a questão... o fato que tá/ se formando não quer dizer que seja/ certo. É isso que eu defendo... não mudo minha opinião que é errado ser gay ou ser lésbica. Porque é sim. Ninguém foi feito prá/ ser lésbica ou viado... foi feito prá/ ser homem ou mulher... foi feito assim. Agora, um pessoal além de distorcer ((discussões interrompidas pelo pesquisador)) além de mudar sua cabeça, além de ter contato com outra pessoa (do mesmo sexo) ainda quer mudar a vontade de Deus... aí é complicado... mudar a sociedade é complicado; se ele tiver cacife prá/ bater de frente com Deus, ele arroche. (Linhas 294-296; 298-303).

A percepção dos adolescentes, relativa ao relacionamento homoerótico é tipicamente de rejeição, salvo algumas atitudes amenizadoras. A tendência de julgar as pessoas pela aparência e a rejeição social conseqüente desta atitude é referida como uma das condições que estimulam o preconceito para com as pessoas de orientação homossexual, como sugere Luzinete:

Tá/ certo, cada um tem a sua opção sexual... beleza, mas é o seguinte: Se você decide, eu quero ficar com um menino, mas aí eu ando com uma sapatão... eu tenho uma colega, só que aí a pessoa vai dizer... não, anda com ela, ela também é; porque a sociedade é muito

preconceituosa; então, beleza eu gosta de menino, mas como ando com sapatão vão dizer que eu também sou ((seguiu-se um debate sobre o preconceito social referido aqui)). (Linhas 262-267).

A tentativa do indivíduo homossexual de chamar a atenção para si com o fim de externar e assumir sua condição de orientação sexual é um fator que induz a rejeição social, e esta, por um processo de aprendizagem, é transferida à coletividade. A busca de atenção e requisição de igualdade de direitos é vista como necessidade fundamental dos homossexuais em busca de reconhecimento e aceitação social. Todavia, o conhecimento desta necessidade não ameniza o conflito psicossocial vivido, uma vez que a atitude pessoal de rejeição da pessoa homossexual está assentada na proscricção coletiva das minorias, como cita Nair nesta fala:

Isso é praticamente... a pessoa que escolhe ser gay, a partir do momento que ela começa a se revelar prá/ sociedade, vai ter sempre uma fase da sua revelação que ela vai querer sempre chamar a atenção... vai querer toda a atenção voltada prá/ ela. Qualquer pessoa na vida já tentou chamar de alguma maneira, a atenção... qualquer pessoa faz isso. Só pelo fato deles admitirem que são gays, que sofrem o preconceito da sociedade, eles vão querer chamar a atenção mesmo... porque se já sofrem o preconceito, se já ninguém aceita, eu (eles) vou ficar quieto porquê? Vai tentar interagir no meio da sociedade de qualquer maneira... ele quer que a sociedade aceite ele como é... lhe direcione direitos iguais a todo mundo. (Linhas 321-327).

A tentativa de homossexuais em obter reconhecimento e igualdade de direitos enfrenta obstáculos de concepção entre adolescentes que separam o mundo em duas partes: o mundo dos heterossexuais e o mundo dos homossexuais. A opção para desfrutar da normalidade da vida parece está dedicada aos heterossexuais, como se refere José:

Acho assim... que todo homossexual tem saber que ele não pode ter o mesmo direito que pessoas heterossexuais... isso daí, eu não concordo com isso; eles têm que ver que quando eles assumem esse papel, eles têm que saber que vão passar por uma certa discriminação e que... eh:... se eles tão/ prá/ isso mesmo, eles têm que ver que vão enfrentar muita dificuldade e que o mundo lá fora não vai aceitar isso prá/ eles. O certo prá/ eles era... o certo prá/ eles e prá/ mim era que cada um mantesse/ o seu sexo (comportamento esperado do sexo biológico). (Linhas 192-192).

O casamento e a procriação são vistos por alguns adolescentes como algo muito valoroso e por essa natureza não deveriam estar disponíveis aos homossexuais. Ao que parece, os valores atribuídos ao casamento e à procriação têm considerável peso afetivo na formação do casal e, por extensão, na educação dos filhos que se exporiam ao preconceito homofóbico que herdariam dos seus pais, como dizem José, respondendo sobre quais direitos não deveriam ser acessados pelos homossexuais:

Direito de casar, direito de... ter filhos... eu acho que ter filhos... eu acho que eles tendo filhos eles iam dar uma influência aos seus

filhos... isso ia/ até ser ruim prá/ criação do filho, pois o preconceito que ele ia sofrer, por exemplo, os colegas... é isso. (Linhas 226-228), e

Silvana, que estende o pensamento acima aos âmbitos da vida social:

Eles que optaram por isso, sofrem os preconceitos devidos... agora, a criança vai sofrer preconceito na escola, vai sofrer preconceito aonde ele chegar, sem ele ter feito nada... eu mesmo não queria ser adotado... se não for prá/ ser criado por um pai e uma mãe... por dois homens ou duas mulheres eu não queria não. Era melhor viver numa FUNDAC. (Linhas 229-233).

A rejeição do homossexual parece conduzir à formação de uma micro-sociedade, um espaço homoerótico, que se organiza a partir da consciência do estigma socialmente perpetrado. Assim, o espaço homoerótico que se organiza torna-se o lócus de apoio e de luta pelo reconhecimento e igualdade humana, como se reporta Nair:

A questão de conviver com... Fabiano falou em ver pessoas de mesmo sexo se beijando, demonstrando alguma coisa de afeto em público. Eu acho que no meio deles, eles vão/ ter uma compreensão melhor; a partir do momento que eles começam a ter demonstrações afetivas em público, na sociedade que a gente vive hoje, que não tem muito respeito pela opção sexual dos outros. (Linhas 315-319).

A rejeição da homossexualidade parece mais encorpada quando envolve pessoas afetivamente próximas, como parentes e amigos. Todavia, há adolescentes que buscam maior compreensão do problema homossexual em nossa sociedade, dispondo-se a rever atitudes preconceituosas no sentido de não dificultar a convivência social desta minoria. Vejam-se os relatos de Fabiano

Eu sou preconceituoso em certa parte porque... prá/ mim, pessoas que não são próximas eu não tenho a menor discriminação; agora se for amigos, essas coisas, eu não tenho amigos assim... eu não gosto dessa influência ((risos no grupo)) eu não gosto de ter amigos ou coisas próximas se for destinada a outros interesses. Agora, se for externamente relacionado ao meu convívio social eu não tenho o menor interesse (problema)... ele pode fazer o que bem quiser da vida dele. (Linhas 207-212), e

Cléa:

EU, eu não acho; não tô/ falando assim por mim e sim na sociedade; eu acho super-estranho, ainda não tô/ acostumada a ver isso, a conviver com isso. EU acho que tenho essa parte de preconceito e tento vencer cada vez mais essa barreira; eu sei que o mundo tá/ cada vez mais evoluindo e a gente tem que conviver com isso, respeitar. (Linhas 307-311).

Valores religiosos são invocados para sustentar a rejeição à homossexualidade tomada no sentido de opção, de preferência consciente pelo homoerotismo, cujo controle e implicações estão sob o poder do indivíduo, como acentua a fala de Carla:

E tem no final da bíblia dizendo que os efeminados não entrarão no reino dos céus. E simplesmente eu acho que ser gay é uma escolha sua e as nossas escolhas vão/ decidir prá/ onde a gente vai... e larga é a porta que leva à perdição. Você escolhe o caminho. E simplesmente não tem essa de foi um gene ou foi algo como eu senti algo na hora. Simplesmente Deus não deixa problemas prá/ gente que a gente não possa suportar ((fala aplaudida no grupo)). (Linhas 445-450).

O comportamento de orientação bissexual recebe maior rejeição que o comportamento homossexual entre os adolescentes. Pensa-se que a orientação bissexual resulta de imaturidade em relação ao desejo sexual, aceitando-se a hipótese de apenas duas formas de orientação: heterossexual e homossexual. A possibilidade de manifestação da bissexualidade parece indicar tão somente que à pessoa ainda não foi possível decidir com maior propriedade a respeito de sua inclinação, como se vê nos argumentos de Cléa,

Acho que quando ele é bissexual não tá/ formado ainda o que ele quer; realmente tem adulto que é bissexual e tal, mas que ele não tem uma opinião própria, uma opinião certa porque... ou você é gay ou você é heterossexual; mas se você ficar pros/ dois lados eu acho que tá/ no muro, ele não tem uma opinião certa, não é concreta a opinião dele. Então eu discrimino as pessoas que são bissexuais. (Linhas 342-346) e

Fábio:

Éh:... na maioria das vezes é indecisão, mas tem pessoas que optam por isso... gostam até; é tipo... uma divisão de experiências... assim fazer parte das duas coisas ao mesmo tempo ((risos no grupo)); vê-se muito isso hoje... tem mais bissexuais do que gays. Como Nair disse... não tem meio certo... ou é certo ou errado. Assim... não que amenize, mas botando numa balança é a mesma coisa... mas eu queria chamar a atenção da indecisão; pode ser que ele esteja indeciso ou decidiu por isso... ele quer isso... aí é só seguir em frente. (Linhas 347-353).

Há também uma tendência entre os adolescentes para considerar a orientação bissexual como primariamente homossexual, como mostra José:

Eu acho isso errado por que... essa pessoa quando ela decide os dois sexos... ela tem que ser ou um ou outro; e na minha opinião se uma pessoa, no caso um homem, ele pode ficar com cem mulheres mas uma vez que ele saiu com outro homem, a tendência dele é ser homossexual, né? Eu já conversei com gay ((risos no grupo)) sem levar pro/ mau sentido... e ele falou: Ah se aquele homem me quisesse... então eu perguntei prá/ ele: tu acha que se ele te quisesse ele era homem? Ele, CLARO... a argumentação dele era essa... que o homem pode ter as duas escolhas, mas quando ele (o homem) vai ter uma relação com um gay ele pode ser um passivo ou um ativo. Só que eu discordo disso... eu acho que, na medida que ele vai ter uma relação com pessoa do mesmo sexo, acho que ele é homossexual. (Linhas 355-364).

A idéia da primariedade homossexual dos bissexuais decorre da percepção de que os segundos, quando do sexo masculino, têm maior preferência para o relacionamento sexual com os rapazes que julgam másculos. Os homossexuais masculinos rejeitam-se entre si para a realização de atos sexuais, como dizem Fábio

Um experiência própria aqui ((risos no grupo)). Esse cara que eu falei que é gay, que é meu amigo, ele tem relações tanto com homens como mulheres, só que a preferência dele é por homem (...) Ele disse assim: Fábio eu ainda não dei em cima de você porque eu sei a sua opção sexual, eu lhe respeito... você já chegou a suspeitar que eu era gay... eu falei, não; pois eu sou (o gay). Sério, eu falei... ele sou (o gay) ((comentários e gracejos do grupo)). Ele disse eu sou homossexual, respeito quem não é, agora quem eu vejo que tem a mesma opção sexual que a minha eu vou... senão eu respeito... tanto que eu tenho relações com mulheres, já tive relações a três ((ares de espanto e comentários depreciativos por alguns no grupo)). (Linhas 367-378), e

José:

(...) eu acho que eles (bissexuais) não tem um argumento bom prá/... a respeito desse assunto. Porque... se o cara perguntar prá/ eles: se aquele cara te quisesse ele é homem, eles diz/ sim; aí o cara pergunta: Você teria relação com um viado aí eles diz/, não porque eu não gosto de viado. Gay não gosta de viado ((risos fartos no grupo)). Se o viado vê outro viado ali, diz logo: aquela bicha num/ sei o quê, num/ sei o quê. (...) Mas se eles forem ver desse lado que eu vejo, se o homem que eles forem ter relação, eles tem que ver que esse homem não é bem um homem, né ((risos e mais risos no grupo)). (Linhas 379-387).

A rejeição que parece existir contra os bissexuais masculinos com maior tendência à homossexualidade pode ser explicada por outro viés. O contato entre homossexuais tende a ser rejeitado quando um do par sexual apresenta comportamento efeminado. O tipo enrustido, por seu comportamento de discrição, fechamento afetivo e ares de seriedade parece preferir o tipo efeminado, como mostra Nair nessa fala:

A sociedade discrimina essa questão (bissexualidade)... e eu converso com pessoas que são homossexuais e há uma certa desculpa para ter relações com pessoa do sexo oposto... é uma questão da sociedade não aceitar. Então, já que há um medo de enfrentar a sociedade, então eu vou maquiagem prá/ sociedade e viver no meio, dessa maneira, tendo relações com pessoas que fazem a minha opção sexual. E o fato que ele estava falando, gay não gosta de gay, não é bem assim... gay não gosta de gay afeminado/... espriritado/, que se veste de mulher e aquela coisa assim prá/ chamar muita atenção. Geralmente o gay ele gosta de homossexuais que é enrustido; a sociedade deles sabe que ele é gay, mas por saber que ele é gay não é obrigado ele tá/ se mostrando... ele é um gay, homem demais, bem discreto, calmo, bem na dele... é como se fosse um homem e uma mulher, bem (mau) comparando, claro; mas é uma forma que eles, no meio deles, acharam para trocar essas... informações ((risos no grupo)). (Linhas 390-404).

5.2. CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 5 – (GFNR-5)

A orientação do desejo sexual foi discutida por este grupo, tal como proposto para o Grupo Focal Religioso 5 – (GFR-5). As características dos adolescentes deste grupo estão indicadas a seguir:

Pseudônimo	Sexo	Idade	Religião	Série Escolar	Rede de Ensino
Pablo	M	18	Não-religioso	3a	Privada
Gildete	F	18			
Amaralina	F	17			
Mariano	M	16		2a	
Sebastian	M	16			
Soraya	F	17			
Damiana	F	16			
Maximila	F	16			
Terezinha	F	16			

5.2.1. DADOS OBTIDOS

Este grupo, ao discutir a temática da orientação do desejo sexual entre adolescentes, mostrou dificuldades para oferecer conceituações mais precisas e em certos casos incompreensão do tema. A orientação do desejo sexual foi entendida como atividade educativa de responsabilidade social e familiar, com vistas à prevenção da homossexualidade, da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis [ANEXO O, p. 202].

Pablo entende por orientação do desejo sexual,

(...) campanhas para focar mais assim, questão de desejo principalmente da passagem da puberdade prá/ mostrar que é nessa fase que tá/ começando a despertar o desejo; focar, principalmente na mídia, nem tanto no colégio, na mídia que hoje são/ onde os adolescentes e na puberdade verem... mais imagens que venham fazer uma atração assim... sentir uma atração por aquilo e sentir desejo de fazer. (Linhas 15-20).

Aspectos instrucionais preventivos contra os possíveis riscos da atividade sexual através da família e da escola são referidos como conceitos de orientação sexual nas falas de Damiana: “Eu penso que deve ser... tipo uma instrução como a gente direcionar esse desejo prá/ nem deixar de lado nem correr riscos. Eu penso dessa... uma coisa assim” (Linhas 21-22), e

Gildete:

Bom, eu acho assim que pro/ adolescente, desde casa os pais devem tá/ dando alertas e informando os adolescentes sempre e... acho que no colégio também... é muito importante o colégio tá/ sempre alertando e dando informações pro/ jovens. (Linhas 23-26).

O desconhecimento do significado do tema induz uma confusão daquele com o comportamento homossexual. Adolescentes femininos heterossexuais tendem a ser amistosos para com outros de orientação homossexual, acreditando que a ocorrência deste padrão comportamental deva ser remetida à responsabilidade familiar paterna. Os adolescentes supõem que os pais têm o poder de imprimir um padrão de comportamento sexual aos filhos ou minimizar possíveis dificuldades de orientação do desejo sexual, como sugere Maximila nesta fala:

Eu tenho um amigo que veio assumir prá/ mim ele... tava/ em dúvida... ele... sei lá... ficou tão assim... em dúvida; antes dele assumir ele ficou com vergonha... então ele quase que não se assumia, mas aí pelo que ele conversou comigo, aí eu fiz a pergunta a ele se ele era gay, aí ele se assumiu... ele disse, agora que você já entendeu né/? Aí... só que ele ficou em dúvida e até porque os pais dele não conversam com ele... tem uma relação muito trancada com os pais. Acho que se tivesse um diálogo mais aberto ele taria/ muito mais orientado né/? (Linhas 127-133).

A orientação do desejo sexual é enfocada também como medidas instrucionais programadas principalmente no âmbito familiar, com o objetivo de prevenir as dificuldades de interação entre pais e filhos, o desenvolvimento da homossexualidade, a ocorrência de gravidez e o contágio por doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes, como informam Mariano,

Tipo uma orientação... assim, por parte de pais e amigos, assim... que ao adolescente teria que ser dito essa orientação sexual... o homem se orientar para a mulher... até por conta da questão da homossexualidade que muito comum hoje em dia. Então... essa orientação sexual seria basicamente prá/ isso, mostrando qual é e mostrando também os riscos das DSTs e outras coisas. (Linhas 28-32), e

Terezinha:

Eu acho assim que... partindo... já devia partir da família, já de casa... os pais deviam orientar os filhos mostrando os riscos que correm principalmente as meninas que querendo ou não tão/ engravidando cada vez mais pelo fato de não ter o acompanhamento da família... porque a família acha assim: Não... ainda é adolescente não vai fazer; mas pelo fato da família deixar os filhos de lado eles acabam se revoltando e fazem as coisas erradas prá/ chamar a atenção dos pais para que os pais sejam mais liberais com eles, mas muitas vezes não são. Deveria partir mais da família e principalmente ter instituições que façam palestras com relação a isso. Na minha opinião, se isso ocorresse ia diminuir bastante esses problemas de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. (Linhas 34-43).

A felicidade afetiva e sexual é um aspecto da sexualidade que recebe atenção dos adolescentes, parecendo não incluir necessariamente o padrão de orientação heterossexual. Ainda que o tipo de orientação do desejo sexual divirja daquele que social e culturalmente se ensina e se espera do sujeito, os trejeitos e os maneirismos adotados para chamar a atenção para a divergência devem ser evitados. Encontra-se também entre adolescentes a idéia de que a orientação do

desejo para o campo da homossexualidade deve ser algo que resulte de um processo de reflexão pessoal que induza a uma decisão corajosa, responsável, inclusive como forma de auto-respeito, como mostram os argumentos de Damiana:

Eu acho assim... a pessoa tem que ser feliz, não importa a opção. Você tem que ser feliz... agora... por exemplo, você ser um homossexual é diferente da maioria, é; tem preconceito, tem; mas muita gente lida com esse preconceito... assim... escraCHADO... assim... se vestindo de travesti; não precisa você dá um show prá mostrar que você é, prá/ você tentar ser respeitado (...) porque você fazendo essas coisas é que você vai ser desrespeitado.... porque não importa a opção que você fez... porque tem muito homossexual, tem muito gay que é muito mais homem do que esses macho/ que se dizem. E prá/ você seguir essa sua opção, você tem que ser corajoso prá/ assumir porque a sociedade é muito preconceituosa, você tem que ter também seu ato de responsabilidade... porque muitos homossexuais tem problema/ eh:... muitos/ pega DST nessas parada/ gay, por exemplo... não medem as conseqüências do que fazem...você tem que ter sua opção, tem que fazer o que você quer... agora tem que ser responsável... e você fazer de tudo prá/ chamar atenção aí é que vai ter preconceito... é o que eu acho. Você quer ser, seja... agora também não precisa tá/ chamando a atenção. (Linhas 50-65).

O enfoque do controle religioso na definição da orientação sexual é ressignificado por Damiana, para quem a busca da felicidade é algo que tem a primazia sobre a aceitação social quando esta exige conformação à norma, preterindo a opção pela felicidade, como se depreende desta fala:

Agora assim... religião à parte, essas pessoas tem que ter auto-satisfação né/... por exemplo, uma mulher que é homossexual, não adianta ela casar e ter filhos que ela não vai ser feliz; o marido vai ser corno do mesmo jeito... porque ela não vai deixar de se encontrar com uma mulher prá/ ser feliz... por causa do marido... prá/ fazer os outros feliz/... acho que a pessoa tem que se fazer feliz... entendeu? Mesmo o pessoal não aceitando. (Linhas 85-90).

A possibilidade de identificar um padrão de orientação do desejo sexual considerado correto entre os adolescentes caminha em grande maioria para a heterossexualidade, ressaltando-se a possibilidade de outras formas de orientação sexual que, em primeiro lugar, promova a felicidade pessoal. Referindo-se a esta questão, dizem Damiana,

Pela sociedade eles acreditam que o certo é ser heterossexual... mas a maior parte talvez... eles num/... ah:... o que ele queria ser num/ é; ... a pessoa num/ escolhe... acho que a pessoa num/ escolhe de quem gosta. (Linhas 113-115),

Mariano,

Acho que não existe essa orientação que pareça correta... hoje em dia o papo que... assim é mais falado é que o importante é ser feliz; então eu acho que o correto... prá/ muitas pessoas agora tá/ sendo ser feliz...

e não ter uma orientação sexual que satisfaça a outra pessoa (ou a sociedade). (Linhas 118-121), e

Sebastian:

Assim... pela sociedade a gente vê que o correto é a opção heterossexual... que isso é muito antigo... essa opção. Mas hoje... eu acho que muitas pessoas, até os héteros dizem que não existe assim... como já disse que o importante é ser feliz. (Linhas 150-153).

A homossexualidade se constitui num desvio da orientação do desejo sexual para a maioria dos adolescentes deste grupo. Acredita-se que a origem deste desvio está na forma em que o indivíduo foi educado e reforçado para a manutenção de certos comportamentos no âmbito familiar, como diz Mariano, respondendo a Maximila (Linhas 159-161), ao mencionar a delicadeza de uma criança escolar:

Mais isso tem relação com a criação... na minha opinião. Porque se uma mãe cria uma criança mimada, fazendo tudo que ela quer, com àquele dengo, ela sempre vai ficar uma criança mais delicada, mais sensível e com isso, conseqüentemente, vai atrair mais amizades com mulheres e aí... podendo aí... a opção sexual dele... mudar. (Linhas 163-167).

A delicadeza no comportamento masculino não deve ser confundida com orientação homossexual. A educação e a convivência predominante com modelos femininos podem oportunizar ao adolescente masculino uma compreensão maior dos desejos e das necessidades femininas, cuja satisfação pelo sujeito masculino não significa disposição homossexual, como sugere Terezinha, exemplificado com um caso que lhe é conhecido:

Agora eu acho assim que um erro da sociedade igualar... como Maximila falou... delicadeza em homem com homossexualidade. Tem uma pessoa que é da minha família e é muito delicada. Ele vira chacota do pessoal também da minha família, dizendo que ele é homossexual. Só que, quando a gente interagiu mais com a vida dele, a gente descobriu que ele não é; é porque ele é muito educado... ele é culto... ele dá mais atenção... diferente da que os homens dão. Pelo fato dele ter sido criado com as mulheres ele sabe o que as mulheres precisam que é ser feliz e atenção; ele acaba dando atenção extra, ele acaba dando... coisas que nenhum homem... dá quando tá/ numa conversação... e muita gente... igual a ele fala que é homossexualidade; então eu acho isso um erro. (Linhas 169-178).

Não necessariamente a forma de educação, mas a falta de apoio familiar estabelece uma separação entre pais e filhos, resultando numa limitação da auto-liberdade do adolescente para expor afetos em âmbito restrito. Esta falta de apoio propicia a busca e a construção de amizades fora da família, mas não dissipa os conflitos interiormente vividos em relação à orientação homossexual. Somente a certeza da não rejeição possibilita ao adolescente homoerótico revelar-se aos seus pares, como mostra Terezinha, referindo a uma situação que exemplifica por auto-referência:

Prá/ eles, eles se empenham muito com as amizades pelo fato dele/ não ter uma auto-liberdade com a família. Então fica o seguinte: Eu tenho o meu melhor amigo e tal e eu sou... como é que eu vou chegar a ele? E se ele não quiser mais ser meu amigo o que é que eu vou fazer... então fica muito isso na cabeça. Tenho amigos que são e assim... aparentemente não parecem ser, mas quando você vai falar com eles, eles se trancam prá/ falar esse assunto; mas quando você mostra que você vai tá/ do lado dele/, que você não vai deixar de ser amigo dele/ jamais por isso, eles acabam tendo você como um... apoio prá/ eles, por eles seguir a vida mais tranqüila... porque a grande dificuldade com os pais e principalmente com as amizades... porque eles não conversam com os pais livremente; aí fica essa coisa... eu tenho medo de falar a meus amigos porque eles são a minha única base; como é que vou chegar e dizer? Se eles me deixarem em quem é que vou me apoiar? (Linhas 135-146).

Atitudes de aceitação preconceituosa da homossexualidade encontram-se presentes entre os adolescentes. Ainda que acreditem que se deva conceder ao sujeito o direito de ser sexualmente feliz, exigem que as manifestações comportamentais que tipificam o padrão de orientação sexual estejam em conformidade com as normas e valores aceitos pela sociedade. A mídia vem contribuindo para a popularização da homossexualidade ao utilizar-se de veículos de comunicação de massa, através dos quais produz e conduz a exibição de enredos melodramáticos. Assistidos inclusive por crianças, tais enredos podem precipitar a curiosidade natural destas, culminando na realização de práticas homossexuais, como mostram Sebastian,

Para complementar o que ela (Damiana) disse, acho que as pessoas homossexuais têm que agir de acordo com a sociedade. A pessoa não pode chegar... ah:... um homem vestido de saia, todo fortão, todo musculoso e na rua de saia... essas coisa/... acho que tem de agir de acordo com a sociedade... se não agir vai ter o preconceito... e cada sociedade tem suas regras. (Linhas 67-71),

Mariano,

Mas ser feliz dentro dos limites porque... o caso do travesti... essas coisa/ você poderia muito bem ser feliz ficando na sua...porque o homossexual prá/ ser feliz acho que ele não precisa se vestir de mulher, sair aparecendo fazendo escândalo na rua não. (Linhas 91-94), e

Pablo:

Sou totalmente contra, tenho totalmente preconceito e acho que o certo é hétero, desde que o mundo é mundo, homem com mulher e sempre tem que ser assim; acho que a mídia tá/ enfocando muito esse negócio de homossexualidade, botando casal de gays na televisão, lésbicas... então influencia muito, principalmente porque as crianças assiste/ aí faz por curiosidade, tipo uma modinha, isso é o que eu acho que a mídia tá/ influenciando muito, muito mesmo. (Linhas 193-198).

O preconceito ao comportamento homoerótico parece de fácil manifestação, como se vê nesta fala de Maximila, ao referir-se a pessoas de sua convivência que se encontram vivendo conflitos psico-afetivos, decorrentes da homossexualidade proibida de manifestar-se publicamente:

Eu tenho amigos que são... gays, mas... sei lá... eu tenho amizade mas acho que eu particularmente... assim... não tenho preconceito mas eu não queria prá mim entendeu? Eu acho assim... que seria uma decepção prá/ um pai, você saber um filho seu ou uma filha sua... porque é assim... todo pai sonha o seu filho casando com uma mulher... qual é o pai que não sonha com isso? Qual é a mãe que não sonha... o sonho de uma mãe é casar uma filha, e não com outra mulher... sei lá, isso seria uma decepção... aí... sei lá! (Linhas 73-79).

A atitude preconceituosa parece aumentar nos casos em que a pessoa de orientação homossexual busca chamar a atenção sobre si através de comportamentos ridicularizadores, que induzem a sociedade a criticar, a desautorizar e a reprimir a manifestação homossexual, como se vê neste argumento:

Eu acho que às vezes é prá/ chamar atenção. Agora, chamam atenção e acabam passando por ridículo porque em vez deles assumir/ a ordem que ele quer seguir, acaba sendo motivo de... chacota dos amigos, de quem passa na rua, começa a tirar pilherinha/ aí eles não gosta/; Como é que eles querem fazer uma coisa e não ter uma sociedade como agente tem? (MAXIMILA, linhas 95-99).

Trejeitos, maneirismos e outros comportamentos assemelhados muitas vezes presentes no comportamento homossexual parecem incitar as pessoas a manifestar suas rejeições a este comportamento que se considera um desvio da sexualidade. Por outro lado, existe entre os adolescentes a idéia de que tais excentricidades homossexuais são recursos utilizados tanto para revelar ao mundo esta particularidade do desejo sexual, como um pedido de apoio, de reconhecimento social ao direito e à liberdade de ser diferente, como diz Terezinha:

Acho assim... que muitas eles se veste/ desse jeito prá/ procurar um respeito, prá/ mostrar o que eles são; só que antes deles ter respeito das pessoas eles têm que se auto-respeitar. Então... nesse caso ele se respeitando, (...) assim... ele é homem... ele se apaixonou pela pessoa do mesmo sexo dele, então ele fica na dele... ele tem um caso com essa pessoa... continua tendo, mas... não esse caso de tá/ se vestindo de mulher... isso ele perde respeito, ele não tá/ se respeitando... ele seria mais feliz se ele vivesse do modo certo que a sociedade manda... porque talvez ele não seja feliz, mas evita de passar constrangimento e tudo. (Linhas 101-109).

Acompanhando a fala acima, Soraya faz esta auto-referência: “Assim... eu tento respeitar, mas eu acho que eu nunca vou concordar com isso, porque eu acho errado” (linhas 208-209). O preconceito contra a homossexualidade parece recrudescer em razão da mídia invocada pelos adolescentes por sua pressuposta influência na construção da homossexualidade. Os realces à vida homossexual através da televisão, de revistas e outros, acabam influenciando mais notoriamente as crianças, como supõe Gildete:

Eu tenho preconceito também com relação ao homossexualismo, mas a vida é de cada um e acho que a sociedade não deve impor tanto não, já que as pessoas não aceitam e... também acho que a mídia influencia muito hoje em dia e tão até aceitando casamento de homossexuais... acho que isso prá/ cabeça de uma criança que até os homossexuais estão criando... eh:... fica meio estranho e a criança acaba levando também esse lado da homossexualidade... acaba despertando isso; As vezes a criança nem tem vontade de ser e acaba experimentando porque vê isso dentro de casa e acha que isso é normal. (Linhas 210-217).

Uma relação afetiva eroticamente estranha e nojenta é outra forma de adjetivar a homossexualidade entre adolescentes, mesmo quando estes julgam que os partidários desta forma de orientação sexual desfrutam de satisfação. A força dos valores sócio-culturais é afirmada quando se percebe que adolescentes os invocam para manifestar posições pessoais quanto à homossexualidade, ainda que procurem entender esta forma de relação amorosa, como se vê nestes argumentos: “É porque a sociedade ensina... sexo oposto e não tem como entrar na cabeça da gente que não é... no caso... que há uma relação; então fica estranho” (TEREZINHA, linhas 186-187). Mariano, em linha de pensamento assemelhado indaga,

E a gente fica se perguntado também assim, como seria... qual é a graça que... porque a gente sabe que entre um homem e uma mulher, a gente sabe que na mulher, a mulher tem um órgão que... possa dar o prazer a ela... a questão do clitóris, que dá uma sensação de prazer a ela; e... entre... tipo duas mulheres, dois homens? (Linhas 189-192).

Por sua vez, Damiana assim se expressa:

É estranho. Eu acho que todo adolescente acha isso estranho... não tem como, principalmente quando você vai a uma festa. No festival de Inverno do ano passado foi o que eu mais vi... era casal de homem se beijando, casal de mulher... é estranho. Eu particularmente acho nojento, mas eu vou fazer o quê? Eles não tão/ se sentindo bem? Então eles têm que fazerem o que eles querem... agora eu acho que todo mundo acha isso estranho; mesmo tentando entender... é estranho. (Linhas 184; 219-224).

A orientação bissexual também é rejeitada entre adolescentes. Concebida como orientação primariamente homossexual, a bissexualidade em sujeitos masculinos parece mais apreciada quando a relação erótica ocorre com pessoa do mesmo sexo. Utilizando-se de informações que possui sobre o comportamento bissexual de amigos, Maximila diz:

Mas meu amigo disse... eu fiz essa pergunta a ele: o que é que tu sente/ assim... ele disse que gosta de mulher, mas ele não tem o mesmo prazer beijando uma mulher... não é uma questão de atração, ele fica com os dois... ele diz que é muito mais prazeroso beijar uma pessoa do mesmo sexo que ele. Eu também não sei não, não entendo não porque... o pessoal assim que eu conheço... sei lá, prova dos dois, sabe? Ou ele tá/ ficando meio doido ou é safadeza mesmo. Outra coisa: essa pessoa não assume (sua homossexualidade). (Linhas 199-202; 261-263).

Outras explicativas adolescentes para o comportamento bissexual enfocam possibilidades de confusão, indecisão, safadeza, e até mesmo a curiosidade. Sentir atração por ambos os sexos é não saber o que quer, condição que pode ser amenizada através de orientação de pessoa mais experiente, como pensa Terezinha:

Acho que é uma pessoa confusa... que não sabe o que quer... sente atração pelos dois lados, mas... não sabe necessariamente qual dos dois é o verdadeiro que ele tá/ sentido. Eu também que é por falta de conversação com alguém mais experiente que se torna isso; mas eu acho que é uma pessoa muito confusa da vida. (Linhas 240-244).

Vividas as experiências sexuais com ambos os sexos, parece ser possível determinar a orientação do desejo sexual. A indefinição sexual, se persistir, somente pode ser atribuída à safadeza, como diz Mariano:

Acho assim, que se você já ficou com homem, se você já ficou com mulher você sabe muito bem qual é a sensação dos dois. Então eu acho até... desculpe a palavra, uma safadeza essa questão de tá/ ficando com os dois porque você já provou de um, provou do outro e continua... você vai passar a vida só provando prá/ ver do qual é que gosta? Não concordo com isso. (Linhas 245-249).

A ausência ou a menor informação sobre a orientação bissexual pode estimular o desejo e a prática de comportamentos bissexuais como forma de aquisição de experiência. Neste aspecto, a conversa com os pais sobre os sentimentos e ansiedades vividas pelo adolescente é fundamental, como sugere Soraya:

Eu penso assim, essa pessoa bissexual é que não escuta muito falar sobre isso aí fica querendo saber, interessada. Aí pega e fica experimentando de um lado e de outro... falta de conversa também com os pais, principalmente. (Linhas 283-285).

A prática da bissexualidade é rejeitável entre os adolescentes heterossexuais que a consideram de maior gravidade que a homossexualidade, uma vez que esta comporta uma definição de orientação sexual, enquanto tal não ocorre com aquela. A relação bissexual tende a produzir efeitos negativos sobre a adaptação sexual dos envolvidos, sobretudo, quando uma das partes desconhece certas peculiaridades de orientação sexual do parceiro. As vivências sexuais devem pressupor a existência de uma ética que norteie e fomente atitudes de mútuo respeito nas vivências sexuais em suas distintas orientações, como mostram:

Amaralina,

Eu concordo que é estranho você namorar com uma pessoa que é bissexual... imagine assim, eu tá/ namorando e de repente imagino que o menino também gosta do mesmo sexo que ele e tal; a mulher se sente mal sendo traída por uma pessoa do mesmo sexo; imagine eu (sendo traída) com um menino e ele (ficando) com outro menino... sei

lá... é uma questão que você fica sem reação na hora, né/? É meio complicado. (Linhas 252-257),

Mariano,

E também assim, você ficando com duas pessoas você pode até... até sem querer, você pode acabar machucando alguém... porque éh:... tipo... se eu fosse bissexual aí tivesse ficando com Cecília e com um menino... ao mesmo tempo Cecília começasse a sentir alguma coisa por mim, eu taria/ machucando tanto ela como a outra pessoa, porque isso... você começa a brincar com o sentimento das pessoas... e isso é uma coisa muito séria você brincar com os sentimentos da pessoa. (Linhas 264-269), e

Pablo:

Eu acho uma falta de respeito como já falaram... totalmente... porque não tem como namorar... é esquisito; você é hétero e tá/ com uma pessoa gay, não tem como isso aí... é uma falta de respeito; você conhece ela como sexo oposto e quando descobrir que ela é bissexual, não concorda com isso... totalmente é contra. Eu acho que o bissexualismo é tipo uma mangueira de esconder o homossexualismo... é tipo eles se disfarçarem; eu acho que não tem como a pessoa se relacionar com dois sexos... ou é um ou é outro . (Linhas 275-281).

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

1. O CONHECIMENTO DAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E FORMAS DE PREVENÇÃO ENTRE ADOLESCENTES

As características deste tipo de conhecimento apresentam-se semelhantes entre os adolescentes religiosos (GFR-1) e os adolescentes não-religiosos (GFNR-1), como se vê adiante [Quadro 7, p. 126]. O ato sexual, a transfusão de sangue e o beijo (saliva e afecções bucais) são as vias de disseminação mais conhecidas dos adolescentes, condição de conhecimento que se aproxima de outros estudos que encontraram em adolescentes paulistas femininos urbanos (ROMERO et al, 2007) e em adolescentes cariocas de ambos os sexos (CHICRAIA, et al, 1997) as mesmas referências de conhecimento dentre outras formas de contágio da AIDS/DST. Os adolescentes religiosos revelaram um relativo desconhecimento do potencial agressivo das DST, vendo a morte como uma possibilidade, pela ausência de cura para a maioria delas. Para estes adolescentes, outras variáveis como ausência de prevenção, algumas disposições afetivas (medo, preconceito e vergonha) e dificuldades financeiras, colaboram para o agravamento das DST e para a morte como desfecho. Chicraia, et al (1997) em um estudo com adolescentes cariocas encontrou referência à ausência de cura no caso específico da AIDS. Este déficit de conhecimento sobre DST, apresentado pelos adolescentes de ambos os grupos neste estudo, foi também encontrado em uma pesquisa realizada com adolescentes secundaristas goianos, os quais indicaram o ato sexual como a principal fonte de disseminação das doenças sexualmente transmissíveis (MARQUES et al, 2006).

Os adolescentes citaram cinco DST, sendo comuns aos grupos, a sífilis, a gonorréia e a AIDS, semelhantemente aos resultados obtidos por Chicraia et al (1997). Os adolescentes religiosos referiram conhecimento do HPV (Papilomavírus humano) e do cancro mole, enquanto os adolescentes não-religiosos fizeram referência à “crista de galo” (Condiloma) e aos corrimentos (infecções urogenitais). Entretanto, o conhecimento dos sintomas das DST indicadas foi centralizado nos genitais e na inespecificidade sintomática da AIDS (desmaios, vômitos, emagrecimento), revelando que não dispõem de informações relevantes sobre a temática discutida. As referências a formas isoladas de DST pelos grupos de adolescentes mantém concordância com Romero et al (2007) ao concluir que as DST foram timidamente referidas no seu estudo em razão do pouco conhecimento destas doenças pela maioria das adolescentes que participaram daquela pesquisa. O desconhecimento dos sintomas das DST entre adolescentes é preocupante, pois 65% das adolescentes interioranas, em um estudo paulista, não se consideravam em risco de contágio por depositarem confiança no parceiro único (DORETO e VIEIRA, 2007).

O conhecimento relativo aos métodos de prevenção das DST revelou-se muito reduzido, sobretudo no grupo dos adolescentes não-religiosos que disseram conhecer apenas a camisinha. O preservativo (camisinha) foi referido como o

principal método de prevenção das DST, mas sua utilização sistemática foi considerada baixa entre adolescentes femininos paulistas com atividade sexual iniciada (DORETO e VIEIRA, 2007). É provável que a condição sócio-econômica (inferida neste estudo) e de educação (escola pública de bairro periférico) dos adolescentes não-religiosos, responda pelo menor conhecimento deste grupo, em relação aos métodos de prevenção das DST, aumentando assim a condição de risco, consoante os relatos contidos noutras pesquisas realizadas com adolescentes no México (CABALLERO, VILLASENOR e HIDALGO, 1997) e em São Paulo – Brasil (ROMERO et al 2007). Os adolescentes religiosos, além da camisinha, fizeram referência ao dispositivo intra-uterino e à pílula do dia seguinte, ressaltando que a prevenção das DST deve ser auxiliada pela prática de princípios religiosos, pela maturidade psicosexual e também pelo acompanhamento médico da saúde. Este grau de conhecimento é comparável àquele obtido por Romero et al (2007) com adolescentes paulistas. É possível que a condição educacional diferenciada dos adolescentes religiosos (alunos de escola pública de tempo integral, bairro nobre da cidade), haja influenciado o desempenho do grupo em relação à abordagem manifesta pelos adolescentes não-religiosos (alunos de escola pública, turno matutino, em bairro periférico da cidade)

Quadro 7 – Conhecimento das doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção entre adolescentes / Categorização de conteúdos

GRUPO FOCAL RELIGIOSO 1 (GFR-1)	GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 1 (GFNR-1)
O QUE OS ADOLESCENTES ENTENDEM POR DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E FORMAS DE PREVENÇÃO?	
<ul style="list-style-type: none"> • Doenças transmitidas /"pegas" / provocadas: <ul style="list-style-type: none"> - Pelo ato sexual - Transfusão de sangue - Injeção contaminada - Através da saliva (beijo) • A maioria não tem cura e leva à morte <ul style="list-style-type: none"> - Preconceito, medo, vergonha - Ausência de prevenção - Dificuldades financeiras 	<ul style="list-style-type: none"> • Doenças transmitidas: <ul style="list-style-type: none"> - Pelo ato sexual - Transfusão de sangue - Toalha de banho - Pelo beijo <ul style="list-style-type: none"> Ferida nos lábios Cárie dentária
QUAIS SÃO AS DST CONHECIDAS DOS ADOLESCENTES?	
<ul style="list-style-type: none"> • AIDS • Sífilis • HPV • Cancro mole • Gonorréia 	<ul style="list-style-type: none"> • AIDS • Sífilis • Gonorréia • Crista de galo • Corrimentos
QUAIS SÃO OS SINAIS OU SINTOMAS INDICADORES DE DST?	
<ul style="list-style-type: none"> • Dor e caroços nos genitais • Negócio nos genitais (Cancro mole) • Bolhas de pus no pênis (Sífilis) • Câncer de útero (HPV) • Desmaios, vômitos, emagrecimento, pneumonia e morte lenta (AIDS) • Olho vermelho (DST?) 	<ul style="list-style-type: none"> • Manchas avermelhadas nos genitais • Dor nos genitais • Corrimentos • Feridas na boca e nos genitais (Sífilis) • Queda da pele do pênis • Sintomas não especificados (AIDS)
QUAIS SÃO OS MÉTODOS DE PREVENÇÃO CONHECIDOS DOS ADOLESCENTES	
<ul style="list-style-type: none"> • Preservativo (Camisinha) • Prática de princípios educativos e religiosos • Maturidade psicosexual • DIU • Pílula do dia seguinte • Controle médico da saúde 	<ul style="list-style-type: none"> • Preservativo (camisinha)

2. O CONHECIMENTO DE MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS ENTRE ADOLESCENTES

A categorização [Quadro 8, p. 128] mostra similaridades de conhecimento dos métodos de contracepção pelos adolescentes religiosos (GFR-2) e pelos adolescentes não-religiosos (GFNR-2), quanto aos aspectos conceituais (modos de prevenir a gravidez). Para os adolescentes religiosos, estes métodos também são utilizados na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, como já reportado em outros estudos (ROMERO et al 2007).

Os adolescentes religiosos demonstraram conhecer dois métodos de contracepção (a camisinha e as pílulas anticoncepcionais). Para estes adolescentes, a educação sexual é um importante fator que contribui para o desenvolvimento da sexualidade e para a prevenção de problemas sexuais, razões estas que devem estimular a família a preocupar-se com a educação sexual dos jovens. Este nível de conhecimento está em concordância com o estudo realizado com estudantes adolescentes da rede pública de Ribeirão Preto – SP (DIB, 2007), e com os dados obtidos por Quadros (2007) com jovens pernambucanos de Petrolândia (Sertão) e do Ibura (Recife). A participação da família no desenvolvimento da sexualidade dos adolescentes se afigura um fator de importância. Adolescentes baianos que fizeram uso de contraceptivos na primeira relação sexual relataram os rapazes, o apoio da família e as moças, o apoio paterno em assuntos sobre sexualidade, prevenção das DST e contracepção (ALMEIDA et al, 2003). A mãe é percebida como o personagem de maior importância como elo de comunicação (DIB, 2007), cujas atitudes costumam serem confusas em relação à atividade sexual e presunção de gravidez da filha adolescente (OLIVEIRA, 1999), a depender do contexto sócio-cultural em que se inserem as grávidas (SILVA, 2009).

Os adolescentes não-religiosos fizeram referência a cinco métodos contraceptivos (camisinha, pílulas anticoncepcionais, DIU, cirurgia de trompas e vasectomia), sem quaisquer outras alusões às necessidades de apoios externos. Este conhecimento dos adolescentes não-religiosos pode ser considerado satisfatório tomando por referência um estudo baiano realizado com estudantes adolescentes da capital e do interior, no qual os autores consideraram alto índice de conhecimento, a citação entre quatro e seis métodos de anticoncepção (ALMEIDA et al, 2003).

Quanto à segurança contraceptiva oferecida pelos métodos conhecidos, os adolescentes religiosos mencionaram a camisinha, por funcionar como capa protetora, barreira contra o avanço dos espermatozoides e por ser algo de fácil acesso. Esta concepção de segurança contraceptiva está demonstrada no alto índice de uso do preservativo masculino por 90,1% dos rapazes e por 73,5% das moças na primeira relação sexual (ALMEIDA et al, 2003). Entretanto, observou-se neste estudo uma considerável queda na utilização deste método para 60,3% entre os rapazes e 43,2% entre as moças na última relação sexual, revelando que o conhecimento dos métodos de anticoncepção não garante a sua utilização pelos adolescentes (ALMEIDA et al, 2003; DIB, 2007). Dados mais preocupantes foram encontrados em estudantes adolescentes na cidade de Maceió-AL, onde cerca de 25% da amostra de estudantes que participaram da pesquisa, referiram não haver utilizado qualquer método de contracepção na última relação sexual (LEITE, 2001). Os adolescentes não-religiosos por seu turno, viram as pílulas anticoncepcionais como método de maior segurança. Os contraceptivos orais foram incluídos entre os métodos de contracepção mais conhecidos dos adolescentes nos estudos já referidos (ALMEIDA et al, 2003; DIB, 2007).

Os adolescentes religiosos manifestaram-se contrários à prática da anticoncepção antes do casamento. Esta atitude está em concordância com os princípios e valores que sustentam a divindade do sexo para a procriação, lócus de onde se extrai sentido e significado religioso da atividade sexual. Entretanto, ressaltou-se a possibilidade de optar pela contracepção no casamento mediante

práticas cirúrgicas voluntárias. Contrariamente, os adolescentes não-religiosos entendem que a contracepção deve ser estimulada, permitindo a vivência do sexo sem o perigo de contaminação das DST e da gravidez, sobretudo porque esta última se afigura um problema para os pais. Este grupo ressaltou a necessidade de informações e a participação ativa dos pais na orientação sexual dos filhos, aspecto educativo também verificado em estudos anteriores (ALMEIDA et al 2003; DIB, 2007).

As características do conhecimento dos métodos anticoncepcionais são aproximadas entre os adolescentes religiosos e os adolescentes não-religiosos. Todavia, os adolescentes religiosos revelaram-se mais aptos para a discussão temática. A diferença fundamental entre os grupos situou-se na proposição “estímulo e prática da contracepção” aspecto que mais pertinentemente evocou a manifestação de princípios e valores religiosos, bem como àqueles outros valores não-religiosos que imprimem sentido e conduta em referência à contracepção. Numa pesquisa porto alegreense a prática do aborto foi mencionada por 12% das estudantes secundaristas e por 2,7% dos rapazes que participaram daquela pesquisa. Não fosse o aborto uma prática criminosa no país, 46,6% das moças e 48,3% dos rapazes gaúchos responderam que adotariam a prática do aborto, no caso de gravidez não desejada (SOUZA et al, 1997).

Quadro 8 – Conhecimento de métodos anticoncepcionais entre adolescentes / Categorização de conteúdos

GRUPO FOCAL RELIGIOSO 2 (GFR-2)	GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 2 (GFNR-2)
O QUE OS ADOLESCENTES ENTENDEM POR ANTICONCEPÇÃO/	
<ul style="list-style-type: none"> • Proteção na hora do sexo contra doenças • Impedimento da concepção • Proteção contra a gravidez 	<ul style="list-style-type: none"> • Modo de prevenção da gravidez
QUAIS OS MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS CONHECIDOS DOS ADOLESCENTES?	
<ul style="list-style-type: none"> • Camisinha • Pílulas anticoncepcionais • Pílula do dia seguinte • Informações • Educação sexual na família 	<ul style="list-style-type: none"> • Camisinha • Pílulas anticoncepcionais • DIU • Cirurgia de trompas • Vasectomia
DOS MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS CONHECIDOS, QUAL O MAIS SEGURO? POR QUE?	
<ul style="list-style-type: none"> • Camisinha <ul style="list-style-type: none"> - Fácil acesso ao adolescente - Capa de proteção - Impede o espermatozóide de penetrar o óvulo 	<ul style="list-style-type: none"> • Pílulas anticoncepcionais
A ANTICONCEPÇÃO DEVE SER PRATICADA OU ESTIMULADA ENTRE ADOLESCENTES?	
<ul style="list-style-type: none"> • Não <ul style="list-style-type: none"> - Deturpa o sentido do sexo - Sexo é um dom divino para procriar - Evita sentimentos de culpa - Aceitável no casamento, porém não como prevenção de doenças; - No casamento deve-se optar por procedimentos cirúrgicos - A igreja é coerente com a proibição da contracepção. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sim <ul style="list-style-type: none"> - Evita doenças e gravidez - Exige conhecimento de informações e participação ativa dos pais - Possibilita a relação sexual segura; sem riscos - Gravidez não é problema para os jovens; para os pais, sim.

3. PERCEPÇÃO DA SEXUALIDADE ENTRE ADOLESCENTES

A discussão realizada sobre a percepção da sexualidade pelos adolescentes religiosos (GFR-3) e pelos adolescentes não-religiosos (GFNR-3) revelou semelhanças e divergências de idéias entre os grupos, como mostra o [Quadro 9, p. 131]. Entre os adolescentes religiosos a sexualidade foi mais amplamente conceituada, envolvendo a dimensão corpórea e afetiva-emocional, reconhecendo-se a influência que a mídia vem exercendo nas expressões da sexualidade. Os adolescentes não-religiosos viram a sexualidade sob o olhar da aventura e do prazer proporcionado pela relação sexual. As semelhanças de pensamento entre os grupos foram demonstradas em relação ao conhecimento do corpo e às carências de apoio dos pais e da escola no desenvolvimento sexual dos adolescentes. Estudos paulistas mostraram que a boa comunicação familiar atua como fator de proteção, fazendo postergar a iniciação sexual e que a ausência afetiva paterna se configura num fator predisponente da precocidade sexual e da gravidez em adolescentes interioranas (TAQUETTE e VILHENA, 2008). A forma de perceber a sexualidade

associada a crescimento pessoal, incluindo outras categorias perceptivas (autoconhecimento, consciência, cumplicidade...) como viram os adolescentes religiosos foi considerada periférica, enquanto a concepção de sexualidade associada à satisfação (gênero, necessidade, transar...), como percebida pelos adolescentes não-religiosos, foi considerada central num estudo carioca realizado com estudantes adolescentes secundaristas (BENITE, 2004).

A sexualidade é valorizada entre os adolescentes religiosos e os não-religiosos, por oferecer a idéia de aumento da masculinidade e da liberdade para a realização de práticas sexuais que podem ocorrer desacompanhadas do afeto pela parceira. Para os adolescentes religiosos a sexualidade é uma forma de demonstrar amor à companheira no casamento, idéia que é acompanhada pelo preconceito contra as moças não-virgens. Paralelamente, as moças manifestaram-se em relação à virgindade como opção e não obrigação da mulher. Rieth (2002) verificou em adolescentes gaúchas de 15-19 anos, que a virgindade é fator de forte significação íntima e pessoal que é considerado pelas moças para se iniciarem sexualmente, e a condição de iniciada é costumeiramente comunicada ao parceiro em futuros namoros. Estudos já realizados apontaram uma queda na importância dada à virgindade feminina por rapazes universitários, inclusive pela possibilidade de que a ausência de experiência feminina possa prejudicar o relacionamento. Também há referências a consideráveis percentuais de moças universitárias cariocas com idade de 19 anos que se mantêm virgens, fortalecendo assim, o significado atribuído à virgindade pelas moças. Tal significação tende a recrudescer, pelo fato de não ser desejável pelos rapazes que pretendem instituir relacionamentos duradouros, moças que tenham mantido relações sexuais com muitos garotos (MATOS, FÉRES-CARNEIRO e JABLONSKI, 2005).

Os adolescentes não-religiosos não fizeram referências às questões da virgindade feminina, mas levantaram uma questão cultural quanto ao incentivo paterno para que os rapazes se iniciem sexualmente. A percepção do apoio paterno à iniciação sexual pode influenciar a precocidade sexual, ainda que em estudo realizado com estudantes adolescentes de escolas públicas e escolas privadas de Maceió-AL, verificou-se que a probabilidade de iniciação sexual é maior entre os rapazes sem religião, com maior idade e atraso escolar (LEITE, 2001).

Houve entre os adolescentes de ambos os grupos, uma relativa dificuldade para conceituarem sexualidade e sexo. A primeira, interpretada como “uma coisa em geral” e que “leva à várias coisas” demonstra a dificuldade referida. A diferença mais acentuada entre os grupos verificou-se no enfoque mais afetivo que foi dado à sexualidade pelos adolescentes religiosos e no enfoque centralizado no sexo como produção de prazer pelos não-religiosos. Benite (2004) categorizou a interpretação da sexualidade como ato sexual, dentro das novas formas de entender as expressões da sexualidade entre adolescentes.

Os adolescentes religiosos e os não-religiosos encontraram, por caminhos diferentes uma relação entre a sexualidade e o ajustamento à vida. Para os adolescentes religiosos as alterações corporais e o desenvolvimento da maturidade são as causas principais do desenvolvimento da sexualidade, com influências sobre as relações com o sexo oposto e, assim, com significativa influência sobre o ajustamento pessoal e social. Para os adolescentes não-religiosos o ajustamento à

vida foi visto sob o viés do gênero, centralizado na liberdade do rapaz para a prática do sexo como forma de evitar a discriminação entre os pares.

Quadro 9 – Percepção da sexualidade entre adolescentes / Categorização de conteúdos

GRUPO FOCAL RELIGIOSO 3 (GFR-3)	GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 3 (GFNR-3)
O QUE OS ADOLESCENTES CHAMAM DE SEXUALIDADE?	
<ul style="list-style-type: none"> • Contato físico, emoções e amizade não importando se é entre homem e mulher • Afetos que crescem da inocência para o desejo sexual • Afetos estimulados pela mídia <ul style="list-style-type: none"> - Carecem de orientação educacional - Participação dos pais • Desempenho sexual <ul style="list-style-type: none"> Conhecimento do corpo 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer as químicas • Diversão, aventura e prazer (rapaz) <ul style="list-style-type: none"> - Carece de informações na escola - Diálogo com os pais • Conhecimento do corpo e relacionamento sexual <ul style="list-style-type: none"> Sexo da pessoa, opção e relação sexual
QUE IMPORTÂNCIA TEM A SEXUALIDADE PARA OS ADOLESCENTES?	
<ul style="list-style-type: none"> • Torna o rapaz mais homem entre os colegas • Ajuda a compreender as diferenças dos corpos e saber o que é certo e errado • Rapazes “fazem sexo só prá fazer” • Demonstrar amor após o casamento • Preconceito dos rapazes contra a perda da virgindade feminina <ul style="list-style-type: none"> Virgindade é “opção da mulher” 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de maturidade e liberdade quando o rapaz mantém relação sexual • Importante para o homem. A mulher é mais presa • O rapaz tem mais malícia em situações imprevistas • Os pais incentivam os filhos rapazes a praticar o sexo <ul style="list-style-type: none"> Os rapazes têm maior liberdade em casa e também para ter relação sexual
EXISTE DIFERENÇA ENTRE SEXUALIDADE E SEXO?	
<ul style="list-style-type: none"> • Sexualidade é uma coisa em geral e o sexo é o ato • Sexualidade todos têm; sexo são as emoções • Sexualidade é conversa, amizade, contato com as pessoas. • Sexualidade é um conjunto das sensações, das relações entre os sexos opostos ou iguais. Sexo é o ato, a relação sexual. 	<ul style="list-style-type: none"> • O sexo é momentâneo e a sexualidade leva a várias coisas • Sexo é o ato, a “práticação”, é o sentir prazer • Sexo é dar prazer ao corpo
EXISTE ALGUMA RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE E AJUSTAMENTO À VIDA?	
<ul style="list-style-type: none"> • Sim <ul style="list-style-type: none"> - As mudanças no corpo ajudam a se adaptar fisicamente na sociedade - A pessoa fica mais amadurecida com o desenvolvimento do corpo - Ajuda o rapaz a se relacionar com as mulheres - Ajuda a compreender que o outro, independente do sexo é igual a você - Se não desenvolver a sexualidade não tem como se ajustar na sociedade 	<ul style="list-style-type: none"> • Sim <ul style="list-style-type: none"> - Dá liberdade ao rapaz de praticar sexo. - O rapaz virgem é discriminado no grupo - A mulher é mais fechada; não tem a liberdade como o rapaz.

4. VIVÊNCIAS SEXUAIS ENTRE ADOLESCENTES

Os significados atribuídos às vivências sexuais entre os adolescentes religiosos (GFR-4) e os adolescentes não-religiosos (GFNR-4) estão relacionados no [Quadro 10, p. 134]. O conceito de sexualidade, salvo algumas particularidades, ficou circunscrito ao sexo, atualmente vulgarizado pela influência da mídia. Esta dificuldade para formular um conceito de sexualidade foi também encontrada em 60% dos adolescentes que participaram de um estudo para discutir afetividade, sexualidade e regulação da gravidez em adolescentes, em Natal-RN (LIRA e DIMENSTEIN, 2004). Para os adolescentes religiosos a sexualidade incorpora as opções de orientação sexual e o sexo pós-casamento. Os adolescentes não-religiosos produziram conceitos mais genéricos sobre sexualidade (iniciação sexual, relacionamento afetivo independentemente do sexo, conhecimento do corpo), atribuindo à mídia, responsabilidade na indução à prostituição sexual entre jovens.

As vivências sexuais foram percebidas como algo normal, que deve ocorrer com respeito e carinho entre os sexos, envolvendo jogos de sedução. A sedução tem sido interpretada por sexólogos como um mecanismo de atratividade de ambos os sexos, com maior freqüência de uso nas moças em razão da ansiedade que emerge para obter resposta dos rapazes sobre o seu poder de atrair sexualmente (VITIELLO e CONCEIÇÃO, 1993). De modo substancial, as vivências sexuais foram vistas pelos adolescentes em relação à prática do sexo. Secundariamente, a afetividade foi relatada como componente das vivências sexuais, sugerindo que os adolescentes têm dificuldades para conceber vivências sexuais sem indução do sexo. Reconhecem os adolescentes que as vivências sexuais habitualmente ocorrem espontaneamente, por impulso, mas também pelo estímulo de amigos e sob o efeito de bebidas. A espontaneidade das vivências sexuais adolescentes pode ser demonstrada no “ficar” como nova modalidade de relação amorosa, cujos motivos se estendem desde a falta de compromisso à espera de um parceiro ideal para compromisso duradouro (MATOS, FÉRES-CARNEIRO e JABLONSKY, 2005).

Atualmente, as moças que “ficam” estão livres dos despreços sociais que outrora manchavam a imagem das “moças direitas” que vivenciavam o “sarro” com os namorados (NEDEFF, 2003). Quanto à forma de realização, a masturbação foi referida pelos adolescentes não-religiosos como forma de vivência inicial de descoberta do corpo. Entre adolescentes, a masturbação não busca exclusivamente o auto-prazer, mas também se constitui numa forma de auto-verificação da normalidade ejaculatória, funcionando como um meio seguro de experimentação sexual, aumento da auto-confiança sexual, controle de impulsos sexuais e descarga de tensões (NEDEFF, 2003). A prática da masturbação por adolescentes secundaristas foi relatada por 97,1% dos rapazes e por 35,7% das moças, seguida de sentimentos de culpa em 35,1% dos rapazes e em 48% das moças, num estudo realizado em Porto Alegre-RS (SOUZA et al, 1997). Neste estudo, em ambos os grupos, o sexo convencional é a prática habitual, sendo outras formas (oral e anal) praticadas quando já se adquiriu experiências conforme os adolescentes não-religiosos ou quando se faz sexo apenas por prazer, como mostraram os adolescentes religiosos.

Os adolescentes religiosos concebem que as satisfações decorrentes das vivências sexuais têm caráter afetivo e estão associadas à escolha adequada do(a)

parceiro(a) e à ocorrência do sexo no momento devido. Noutra situação, entre os rapazes, o sexo quando ocorre parece ter a finalidade de auto-afirmação da virilidade e a vivência do prazer. O olhar dos adolescentes não-religiosos vê o prazer sexual obtido como a satisfação fundamental das vivências sexuais. O prazer sexual como sinônimo de satisfação, parece decorrente da aptidão orgástica como descrito por Souza et al (1997) em que 90,1% dos rapazes e 82,9% das moças manifestaram obtenção de orgasmos nas relações sexuais e, conseqüentemente, índices de satisfação de 86,6% entre os rapazes e 85,8% entre as moças com a atividade sexual.

Entre os adolescentes masculinos, as idéias de frustração derivadas das vivências sexuais estão ligadas ao acometimento por DST e gravidez. As moças referiram preocupação em satisfazer o namorado, o término do namoro após a relação sexual e o desapoio da sociedade às vivências sexuais das moças, como situações frustrantes. O afeto na relação sexual leva em consideração o gênero: as moças revelam maior preocupação na escolha do parceiro e no planejamento da iniciação sexual (MATOS, FÉRES-CARNEIRO e JABLONSKI, 2005) bem como tem em alta consideração (93,5%) o envolvimento afetivo como condição antecedente para a prática do sexo, enquanto para os rapazes tal condição possui peso afetivo acentuadamente menor (62,9%) como reportado no estudo gaúcho (SOUZA et al, 1997).

Quadro 10 – Vivências sexuais entre adolescentes / Categorização de conteúdos

GRUPO FOCAL RELIOSO 4 (GFR-4)	GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 4 (GFNR-4)
O QUE OS ADOLESCENTES ENTENDEM POR SEXUALIDADE	
<ul style="list-style-type: none"> • Sexo e prazer. <ul style="list-style-type: none"> - Banalizado pela mídia (indústria do amor) • Opções de orientação sexual • Algo normal para depois do casamento 	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciação sexual para se tornar homem e mulher • Relacionamento afetivo com pessoa do sexo oposto ou não • Algo que deriva da sensualidade. <ul style="list-style-type: none"> - Banalizado pela mídia; - Podem induzir a prostituição; - O ato sexual é um negócio “escrachado”. • Auto-conhecimento do corpo.
O QUE SÃO VIVÊNCIAS SEXUAIS PARA OS ADOLESCENTES	
<ul style="list-style-type: none"> • Coisa normal se tiver personalidade • Jogo de sedução • Prática de sexo • Amor, instintos, busca de prazer 	<ul style="list-style-type: none"> • Experiência sexual com pessoa do sexo oposto. • Intimidade com pessoa de quem se gosta • Relação sexual com amor ou não • Respeito, carinho entre homem e mulher
COMO OCORREM AS VIVÊNCIAS SEXUAIS ENTRE ADOLESCENTES	
<ul style="list-style-type: none"> • Espontaneamente, em qualquer lugar, de várias formas • As vezes sobre a influência de amigos e de bebidas • De forma convencional se houver amor; de forma inovadora (oral e anal) se apenas por prazer • Egocentrismo masculino; não há preocupação com o sentimento feminino 	<ul style="list-style-type: none"> • Por impulso: vai ficando, apimentando e acontece ali sem se perceber • Só por prazer • Influência de amigos e bebidas • De forma básica; normal; sexo comum • Deve-se fazer alguma coisa inovadora • Sexo é sexo. A gente vai lá e faz e pronto • Masturbação no início como descoberta do corpo • Inicialmente, sexo vaginal; quando adquire experiência faz sexo oral e anal
SATISFAÇÕES E FRUSTRAÇÕES DECORRENTES DAS VIVÊNCIAS SEXUAIS	
<ul style="list-style-type: none"> • Satisfações <ul style="list-style-type: none"> - Fazer sexo com a pessoa que ama no momento certo - Além do prazer, se tornar hominho • Frustrações <ul style="list-style-type: none"> - Deixar-se levar pela curiosidade - Preocupação feminina em satisfazer o homem - Gravidez; DST - Depois da entrega o namorado terminar o namoro 	<ul style="list-style-type: none"> • Satisfações <ul style="list-style-type: none"> - O momento do prazer • Frustrações <ul style="list-style-type: none"> - Gravidez; doenças - O rapaz não considerar os sentimentos da moça - Arrependimento; não era a hora certa - Fazer sexo para não perder o namorado - A sociedade apóia o rapaz e pune a moça

5. ORIENTAÇÃO DO DESEJO SEXUAL ENTRE ADOLESCENTES

A concepção de orientação do desejo sexual pelos adolescentes religiosos (GFR-5) e pelos adolescentes não-religiosos (GFNR-5) pode ser expressa em duas dimensões [Quadro 11, p. 137]: (1) Como uma forma de educação familiar para direcionar desejo sexual, prevenir DST, gravidez e ocorrência de homossexualidade, e (2) como “química” de atratividade e opção que se faz por uma direção sexual com

o propósito de ser feliz. A orientação do desejo sexual vem sendo definida como um sentimento subjetivo de atração direcionado a uma pessoa com quem se deseja estabelecer relacionamento amoroso e sexual. O desejo sexual é determinado por fatores genéticos e psicossociais e tem como característica o dinamismo erótico interior que é impulsionado por uma carga de atração física e emocionalmente e que indica não apenas a pessoa (homem ou mulher) que atrai, mas também o tipo dessa pessoa (PICAZIO, 1998a).

A heterossexualidade é a forma de orientação do desejo julgada correta pela grande maioria dos adolescentes de ambos os grupos. Todavia, entre os adolescentes religiosos alguns aceitem que a orientação do desejo não seja uma opção, rejeitam as outras orientações. Entre os adolescentes não-religiosos, embora a heterossexualidade tenha sido a orientação eleita, alguns dos participantes manifestaram que a orientação sexual deve ser aquela que possibilite auto-satisfação. Este parecer vem obtendo aceitação nas ciências sociais e da saúde por se acreditar na imutabilidade da orientação do desejo sexual e, por mais diferenciada que possa parecer, não pode ser desconsiderada nas ciências sociais e da saúde, uma vez que “expressa o real desejo e a verdadeira possibilidade de uma pessoa se realizar afetiva e sexualmente” (PICAZIO, 1998b, p. 25).

A experiência sexual com pessoa do mesmo sexo recebeu maior desaprovação entre os adolescentes religiosos. Para estes adolescentes, a homossexualidade é uma opção de orientação sexual que contraria a norma aceita (heterossexualidade) por se acreditar que Deus, não somente criou o homem e a mulher, mas definiu também, a heterossexualidade como o padrão de sexualidade a ser vivida pelos mesmos. Por contrariar a norma divina, a homossexualidade, na percepção dos adolescentes religiosos, é submetida ao desprezo social, pensando-se inclusive, na proibição do acesso ao casamento e à procriação, ao indivíduo homossexual. A idéia da heterossexualidade como orientação correta do desejo sexual, leva os adolescentes a acreditarem na superioridade desta sobre a homossexualidade e na imunidade daquela à influência de outras formas de orientação do desejo sexual.

Entre os não-religiosos, homossexualidade é vista como uma condição resultante de influências ambientais introduzidas durante o desenvolvimento do indivíduo. Dentre as influências referidas por estes adolescentes, a forma de criação familiar tolerante em relação ao “dengo” e ao “mimo” da criança, é apresentada como tendenciosa e suscetível de induzir, ainda na infância, uma preferência por amizades femininas que podem induzir mudanças na orientação sexual. O enfoque atual da mídia na homossexualidade é outra forma de despertar e influenciar a iniciação homo-erótica da criança, por pura curiosidade. A convivência da criança com adultos homossexuais, inclusive na condição de pais adotivos, tende a favorecer a adaptação e a internalização, pela criança, dos estilos vivenciais homossexuais. Assim, a homossexualidade, entre os adolescentes não-religiosos é aceita com reservas, contrariando a idéia anterior de liberdade para manifestação do desejo sexual, uma vez que tais manifestações devem seguir os preceitos sociais. Taquette et al (2005) comparando relatos de adolescentes cariocas com e sem história de homossexualidade, verificou que 20,3% dos rapazes de 14 a 19 anos que constituíram a amostra do seu estudo, relataram experiência homossexual decorrente de diferentes motivações, e nestes constatou a existência de alto nível de

atraso escolar (69,2%), violência familiar (61,5%), uso de álcool menos de cinco vezes no último mês (69,2%) e uso de outras drogas (38,5%), abuso sexual (23%), prostituição (46%), DST (53,8%), uso de preservativos às vezes/nunca (61,5%), dados que situa, no conjunto, a homossexualidade como fator de risco entre adolescentes.

Entre os adolescentes de ambos os grupos, alguns acreditam que a orientação bissexual deriva de confusão, indecisão, curiosidade, opção ou até mesmo, “safadeza” da pessoa. Picazio (1998b, p. 35) diz que a bissexualidade é a forma de orientação que mais induz a propagação de polêmicas, por se considerar que os bissexuais são “pessoas não-resolvidas” que preferem continuar “em cima do muro”, havendo assim uma concordância com o pensamento dos adolescentes. Para os adolescentes religiosos a bissexualidade e a homossexualidade são orientações erradas e por isso o preconceito social e religioso manifesto no grupo. Entre os adolescentes não-religiosos, a bissexualidade é uma forma de orientação primariamente homossexual e de maior rejeição pelas moças quando se trata de orientação bissexual em rapazes, devendo ser comunicada quando no relacionamento amoroso e sexual o parceiro é de orientação heterossexual. Estudos de base psicanalítica apontam a orientação bissexual como característica do início da adolescência, sendo um processo que resulta de uma vaga percepção do corpo (CAPITÃO e ZAPRONHA, 2004). Numa revisão de conceitos psicanalíticos sobre o fenômeno da adolescência, considerou-se a bissexualidade como um processo normal da definição da sexualidade, sobretudo no caso da adolescência prolongada. Nesse estudo os autores insistem que a bissexualidade promove um conflito psicológico que exige definição de identidade sexual como solução final para a crise da adolescência prolongada, e tal exigência leva o adolescente a contornar o problema mantendo-se na posição bissexual (CAMARA e CRUZ, 1999).

Quadro 11 – Orientação do desejo sexual entre adolescentes / Categorização de conteúdos

GRUPO FOCAL RELIGIOSO 5 (GFR-5)	GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 5 (GFNR-5)
O QUE OS ADOLESCENTES ENTENDEM POR ORIENTAÇÃO DE DESEJO SEXUAL?	
<ul style="list-style-type: none"> • Algo relacionado à química; atração sexual <ul style="list-style-type: none"> - Influenciada pela genética - Natureza psicológica (personalidade) - Educação familiar • Escolhas que a pessoa faz 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade educativa para dar direção ao desejo sexual • Orientação familiar para evitar homossexualidade e DST • Aconselhamento para prevenção de gravidez e DST • Opção que se faz por uma direção sexual em busca da felicidade
HÁ UMA ORIENTAÇÃO DO DESEJO SEXUAL QUE SEJA CORRETA?	
<ul style="list-style-type: none"> • Aquela esperada do sexo biológico (ser homem ou ser mulher – heterossexual) • Orientação sexual não é uma escolha; talvez uma aceitação da condição sexual • Rejeição aos desvios de orientação sexual 	<ul style="list-style-type: none"> • Heterossexual <ul style="list-style-type: none"> - Aceitando as outras formas de orientação • Aquela que dê auto-satisfação à pessoa
PERCEPÇÃO DO RELACIONAMENTO SEXUAL COM PESSOA DO MESMO SEXO	
<ul style="list-style-type: none"> • Há influência social • É uma questão de opção; de escolha da pessoa • Homossexuais não podem ter os mesmos direitos que os heterossexuais <ul style="list-style-type: none"> - Casar; ter filhos • Amizades homossexuais não influenciam a orientação sexual da pessoa (heterossexual) 	<ul style="list-style-type: none"> • As manifestações sexuais devem obedecer aos padrões sociais • Aceitação preconceituosa <ul style="list-style-type: none"> - Rejeição dos trejeitos - Comportamento estranho - Não confundir delicadeza masculina com homossexualidade • Homossexualidade é um problema decorrente da educação
PERCEPÇÃO DO RELACIONAMENTO SEXUAL COM PESSOAS DE AMBOS OS SEXOS?	
<ul style="list-style-type: none"> • Gilete; corta dos dois lados; É errado do mesmo jeito • Não tem opinião própria ... (ou é gay ou heterossexual) • Indecisão ou opção sexual da pessoa • Maior preconceito e rejeição social • Maior rejeição religiosa 	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação primariamente homossexual • Confusão, curiosidade, indecisão, safadeza • A bissexualidade masculina é mais rejeitável à mulher • A bissexualidade deve ser informada ao parceiro (heterossexual)

6. ALGUNS COMENTÁRIOS E SUGESTÕES

Os dados obtidos neste estudo sobre a sexualidade dos adolescentes demonstram a necessidade de se promover amplas reflexões sobre o tema. A percepção da menor presença dos pais e da escola na orientação sexual, mostram que os adolescentes não esperam receber apoios isolados nesta fase tão importante do desenvolvimento humano.

No espaço educativo o conhecimento do fenômeno religioso tende a influenciar a adoção de práticas pedagógicas que instituem concepções de mundo ligadas por elementos objetivos advindos das propostas das ciências sociais que se incorporam à subjetividade da religião. Medeiros (2008, p. 107-122) discutindo pressupostos éticos, filosóficos e sociais implicados no desempenho acadêmico, mostra que não é sem razão que as ciências sociais têm se ancorado nos fenômenos observados no comportamento religioso para construir e instituir uma

sustentável compreensão dos valores humanos implícitos no processo educativo. A religião oferece concepções de mundo que favorecem a construção de ideologias que historicamente tem influenciado na mudança de atitudes de homens e mulheres, imprimindo direções de ação social em consonância com a idéia de apreensão de verdades cujas origens remontam a uma fonte indubitável. Para o autor, o fenômeno religioso principia uma Ética indutora de uma Moral que gradativamente vai adquirindo poderes de Estado, (a escola, portanto) com grande força de influência na forma como se organizam e se executam as ações sociais, particularmente em relação aos objetivos educacionais.

A escola vem sendo apontada como um meio favorecedor da veiculação de informações sobre sexualidade, tendo por propósito controlar o exercício da sexualidade atuando na minimização dos problemas de saúde decorrentes da exposição dos adolescentes a vivências sexuais de risco. Atualmente a escola vem se constituindo num lócus que tem adicionado à sua especificidade pedagógica, a responsabilidade de informar adolescentes sobre formas de evitamento das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez (ALTMANN, 2001), pretendendo-se assim, controlar a exposição dos adolescentes às situações de risco bem como controlar o ocorrência da gravidez não planejada ou até mesmo desejada.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que o tratamento transversal da temática da sexualidade sob a forma de “Orientação Sexual” deve mesclar toda a atividade educativa, uma vez que a prática pedagógica influencia a construção e a transmissão de experiências do mundo exterior ao mesmo tempo em que vai construindo e transmitindo as experiências que as pessoas têm de si mesmas e dos outros como sujeitos (ALTMANN, 2001). A idéia contida nesta orientação pressupõe a habilidade dos professores para adentrarem à temática, auxiliando a construção de novas mentalidades a partir da disponibilidade de materiais instrucionais. Por outro lado, deve-se considerar que a produção destes materiais ocorrerá em estreita ligação com as disposições afetivas dos professores, construídas ao longo da vida, em relação à própria maneira de ver e viver a sexualidade. Como não há um padrão de sexualidade, a ser adotado por todos, o papel da escola estará voltado à construção de diferentes sexualidades, mas não poderá assegurar a inserção e aceitação social de formas não-heterossexuais, como se vê no relato de alguns dos adolescentes neste estudo.

Fava (2004) estudando a sexualidade como tema transversal nas escolas municipais de Florianópolis, constatou a necessidade de (1) oferecer apoio aos facilitadores de cursos e de modo geral aos docentes sobre questões vinculadas à sexualidade, (2) facilitar o contato dos sujeitos com a sua própria história e vivências da sexualidade, (3) instituir processos de formação contínua a fim de que a educação sexual possa alcançar significado e produzir os frutos esperados nas escolas públicas. Certamente estas conclusões são aplicáveis à realidade escolar local, presumindo-se que a adoção de medidas pedagógicas semelhantes facilite a atividade pedagógica na abordagem de questões ligadas à sexualidade e, por extensão a educação e o desenvolvimento afetivo e sexual dos adolescentes.

Assim, é compreensível que os adolescentes requeiram maior envolvimento dos pais e das instituições escolares na produção e transmissão de informações significativas sobre a sexualidade adolescente, como instrumentos de promoção da

cidadania e, de modo particular, saúde sexual dos adolescentes. Tal requisição encontra na dimensão religiosa uma possibilidade de explicação sobre a forma como a escola e os educadores investem na orientação sexual dos alunos como proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Noutras palavras, normatizar, exemplificar, insistir na integração de disciplinas e conteúdos escolares a partir do pensamento majoritário das autoridades das ciências e da educação, não é o bastante para imprimir a adoção de práticas pedagógicas que informem e influenciam mudanças de comportamento em relação às vivências sexuais na adolescência.

Seguramente, diz Medeiros (2008, p. 122) “... a dimensão religiosa é um dos espaços onde encontramos raízes éticas que podem contribuir para superar o desânimo e o desinteresse das práticas sociais e educativas...”. Esta forma de pensar a religião e a sua influência na produção de atividades coletivas de valor social induz a necessidade de refletir sobre o papel atual da escola e da família na contextualização das suas pressupostas práticas de atenção ao amplo desenvolvimento psicossocial e sexual dos adolescentes. Semelhantemente às práticas preventivas que se adotam em saúde, medidas preventivas de saúde sexual para os adolescentes ainda carecem de delineamento político, educativo-familiar e pedagógico-institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo constatamos que os adolescentes religiosos (GFR-1) e os adolescentes não-religiosos (GFNR-1) possuem nível de conhecimento semelhante sobre as doenças sexualmente transmissíveis, quanto às possíveis formas de contaminação. Relataram conhecimento de diferentes tipos de DST sem possuírem, entretanto, conhecimento definido dos sintomas de manifestação das mesmas. Os adolescentes religiosos mais que os não-religiosos demonstraram maior conhecimento dos métodos preventivos, aliaram valores religiosos a uma conduta de prevenção, mas tal conhecimento não permite assegurar a primazia dos primeiros sobre os segundos. A religião não apareceu como fator definido de distinção quanto ao conhecimento atual das doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção, mesmo com a melhor performance de argumentação dos adolescentes religiosos durante a discussão da temática.

Os adolescentes têm claro conhecimento do sentido da anticoncepção, havendo entre os não-religiosos (GFNR-2) maior conhecimento dos métodos de contracepção. Ambos os grupos de adolescentes enfatizaram a camisinha e as pílulas anticoncepcionais, mas não possuem conhecimento relativo à segurança contraceptiva dos métodos por eles conhecidos, exceto em relação à camisinha por reter o material ejaculado. Na discussão desta temática verificou-se forte influência dos valores das religiões na rejeição tanto à estimulação como à prática da anticoncepção pelos adolescentes religiosos (GFR-2).

Diferentes concepções de sexualidade foram encontradas entre os adolescentes e nestas, incluiu-se um olhar mais voltado à afetividade entre os religiosos (GFR-3) e uma ênfase para as relações sexuais e busca do prazer entre os não-religiosos (GFNR-3), equiparando assim, sexualidade e sexo. A sexualidade produz uma animação vital entre os religiosos voltada ao crescimento interior sem conseguir ultrapassar as barreiras sócio-culturais da separação dos sexos. A sexualidade foi discutida entre os religiosos, pelo viés do desenvolvimento biofísico e das relações interpessoais como pressupostos de adaptação pessoal e social, ao passo que os não-religiosos adentraram exclusivamente ao terreno das relações sexuais permitidas aos rapazes. Os valores advindos das religiões como a rejeição às moças não-írgens, a aceitação menos declarada da liberdade sexual dos rapazes, a liberdade sexual no casamento e o exercício da sexualidade como mecanismo de ajustamento à vida, separaram os adolescentes religiosos dos não-religiosos.

Os adolescentes religiosos (GFR-4) e os não-religiosos (GFNR-4) revelaram sensível dificuldade na compreensão do fenômeno da sexualidade. Ambos os grupos conceituaram-na sob o olhar do prazer sexual, com maior elenco de riqueza conceitual entre os não-religiosos. Para os adolescentes de ambos os grupos, as vivências sexuais são comportamentos elásticos que podem se estender do carinho à relação sexual entre pessoas heterossexuais, não havendo menção às outras formas de relação erótica. A espontaneidade, a influência de bebidas e de amigos foram os motores das vivências sexuais, nas quais o auto-erotismo e a prática do sexo convencional se configuraram mais claramente. Entre os religiosos, há conhecimento de outras práticas de sexo (anal e oral) que alguns adolescentes

referem como inovação para o prazer, na ausência de sentimento amoroso entre os parceiros. As mesmas práticas foram vistas pelos não-religiosos como possibilidades de realização sexual quando já se adquiriu satisfatória experiência, sendo esta um requisito às iniciativas de inovação nas relações sexuais. As satisfações das vivências sexuais entre os religiosos derivam do afeto, da escolha adequada do parceiro e da ocasião em que ocorre, ao passo que os não-religiosos tendem a valorizar mais efetivamente o prazer orgástico. As frustrações do sexo referidas em ambos os grupos estão relacionadas à (1) fatores pessoais circunstanciais (curiosidade, arrependimento, satisfazer e não perder o namorado), e à (2) prática de sexo inseguro (gravidez e acometimento por doenças sexualmente transmissíveis).

Os adolescentes consideraram duas possibilidades de orientação sexual: heterossexual e homossexual. Desta forma manifestaram forte rejeição à bissexualidade por diferentes motivos. Alguns dos adolescentes não-religiosos consideraram a bissexualidade uma “safadeza”, uma forma disfarçada da homossexualidade com o intuito de amenizar rejeições sociais como relataram alguns dos adolescentes religiosos. Os não-religiosos rejeitaram a bissexualidade por razões estéticas, enquanto os religiosos a rejeitaram por considerarem que na gênese humana a orientação do desejo foi definida pelo Criador, princípios que sustentam o desapoio social e religioso verificado no grupo dos adolescentes religiosos.

Finalizando, este estudo por sua natureza não tem a pretensão de ser conclusivo, mas permite enunciar as seguintes constatações:

- O conhecimento relativo às doenças sexualmente transmissíveis e formas de prevenção entre adolescentes secundaristas não revelou influências que possam ser atribuídas à condição de ser ou não religioso.
- A condição de ser religioso não influencia o conhecimento relativo aos métodos de contracepção, mas revela-se um fator importante na posição ética adotada pelos adolescentes em relação à estimulação e à prática de contracepção.
- A condição religiosa se revela pouco influente na compreensão de questões gerais sobre a sexualidade. Entretanto, é um fator qualitativamente importante para atribuir significação afetiva mais ampla ao valor da sexualidade no processo de adaptação social e vital entre adolescentes.
- As vivências sexuais de adolescentes não diferem substancialmente quanto às formas de realização. Porém, a condição religiosa parece atribuir afeto à prática do sexo e este em sua forma convencional, significando que as preferências por outras formas (inovações) de realização sexual denotam falta de afeto entre os parceiros.
- A heterossexualidade é a forma de orientação do desejo sexual aceita entre os adolescentes. A homossexualidade e a bissexualidade são orientações rejeitadas pelos adolescentes independentemente da condição de ser ou não religioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. C. C. et al. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 37, n. 5, p. 566-575, out. 2003.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

ALVES, R. *O que é religião?* São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ARAUJO, S. A. *Violência sexual: Sentidos atribuídos por adolescentes identificados como praticantes de abuso sexual*. In: *Fazendo Gênero 8 - Corpo, violência e Poder*. 2008. Florianópolis, 2008. Simpósios temáticos: Resumo – UFSC. Disponível em: <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST20/Suzana_Almeida_Araujo_20.pdf> Acesso em 12 out. 2008.

BASTOS, F. I. et al. Sinais e sintomas associados às doenças sexualmente transmissíveis no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 42, supl. 1, p. 98-108, jun. 2008.

BELO, M. A. V.; SILVA, J. L. P. Conhecimento atitudes e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 38, n.4, p. 479-487, ago. 2004.

BENITE, A. M. *A percepção de estudantes adolescentes sobre sexualidade: uma análise de representações sociais*. 2004. 110 p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

BERALDO, C. et al. Prevalência da colonização vaginal e anorretal por estreptococo do grupo B em gestantes do terceiro trimestre. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 7, p. 543-549, ago. 2004.

BÍBLIA. Gênesis. Português. Bíblia Shedd. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed., rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. Russel P. Shedd [Editor]. 1979.

_____. Provérbios. Português. Bíblia Shedd. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed., rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. Russel P. Shedd [Editor]. 1979.

_____. Mateus. Português. Bíblia Shedd. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed., rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. Russel P. Shedd [Editor]. 1979.

_____. Marcos. Português. Bíblia Shedd. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed., rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. Russel P. Shedd [Editor]. 1979.

_____. 2 Reis. Português. Bíblia Shedd. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed., rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. Russel P. Shedd [Editor]. 1979.

_____. Deuteronômio. Português. Bíblia Shedd. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed., rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. Russel P. Shedd [Editor]. 1979.

_____. Levítico. Português. Bíblia Shedd. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed., rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. Russel P. Shedd [Editor]. 1979.

BORGES, A. L. V. *Adolescência e vida sexual: análise do início da vida sexual de adolescentes residentes na zona leste do município de São Paulo*. 2005. 149 p. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BORUCHOVITCH, E. *A sexualidade na adolescência: considerações para uma educação sexual mais efetiva*. In: SISTO, F. F.; OLIVEIRA, G. C.; FINI, L. D. T. (Orgs.). *Leituras de psicologia para a formação de professores*. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000, p. 177-191.

BRAGA, A. M. C. *Tudo que é de Deus é bom: uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns, Brasil*. Horizontes Antropológicos [online], Porto Alegre, v. 10 n. 22, p. 364-372, 2004.

BRASIL, L.S. et al. Mudanças no comportamento sexual de adolescentes decorrentes do surgimento da SIDA no contexto social. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 18, n.4, p. 465-483, nov. 2000.

BUNCHAFT, A.F.; GONDIM, S.M.G. *Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação*. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 21, n. 2, p. 63-77, ago. 2004.

CABALLERO, R. H.; VILLASENOR, A. S.; HIDALGO, A. S. M. Fuentes de información y su relación com el grado de conocimientos sobre el SIDA em adolescentes de México. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 31, n. 4, p.351-359, ago.1997.

CABRAL, A. C.; OLIVEIRA, E. P. *Breve história da psicologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

CÂMARA, M. M.; CRUZ, A. R. *Adolescência prolongada: o tempo que não se quer deixar passar*. Educar em Revista, [online], Universidade Federal do Paraná, v. 15, 1999.

CAMARTE, E. M. et al. Uretrite gonocócica em pacientes masculinos do setor DST/UFF. *DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, Niterói, 12(6):17-30, 2000.

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R. *Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico*. Revista Latinoamericana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n.2, p. 18-24, abr. 2000.

CAPITÃO, C. G.; ZAPRONHA, M. A. G. *Câncer na adolescência: um estudo com instrumento projetivo*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, Rio de Janeiro, v. 7, n.1, p. 3-16, jun. 2004.

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 285-293, jun.1996.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Abica, 1999.

CHICRAIA, M. A. et al. *Conhecimento, atitudes e práticas relacionadas à DST/AIDS: avaliação de adolescentes atendidos em uma unidade de atenção primária*. DST-Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis, Niterói. 9(3):10-15, 1997.

CONDEPE/FIDEM - AGÊNCIA ESTADUAL DE PLANEJAMENTO E PESQUISAS DE PERNAMBUCO. Garanhuns. Disponível em: <<http://www.condepefidem.pe.gov.br/>>. Acesso em 10 out. 2008.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS. Manual de controle das doenças sexualmente transmissíveis – DST. 3. ed., 1999. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br>> Acesso em 15 jan. 2009.

COSTA, J. B. et al. *Úlceras genitais causadas por infecções sexualmente transmissíveis: Atualização do diagnóstico e tratamento*. Acta Médica Portuguesa, Lisboa, II Série, v. 19, n. 4, p.335-342, jul./ago. 2006.

DALGALARRONDO, P. et al. *Jovens pentecostais e espíritas em comparação a católicos: uso de álcool e drogas e saúde mental*. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Rio de Janeiro, 54(3):182-190, jul./set. 2005.

DANIEL, M.; BAUDRY, A. Os homossexuais. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

DIAS, C. A. *GRUPO FOCAL: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas*. Informação e Sociedade: Estudos, América do Sul, 10 30 01 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/330>> Acesso em 18 nov. 2008.

DIB, S.C.S. *Contracepção na adolescência: conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais entre alunos de escolas públicas municipais de Ribeirão Preto, São Paulo*. 2007. Dissertação de Mestrado (Saúde na Comunidade). Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DORETO, D. T.; VIEIRA, E. M. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, São Paulo, v. 23, n. 10, p. 2511-2516, out. 2007.

DURKHEIM, É. O problema religioso e a dualidade da natureza humana. *Religião e sociedade*. Rio de Janeiro, Iser, n. 2, nov. 1977.

FAVA, C. A. *Sexualidade como tema transversal nas escolas: da teoria à prática*. 2004. 217 p. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 16. ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FREIRE, I. R. *Raízes da psicologia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOMES, Maria Elasir S.; BARBOSA, Eduardo F. A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos (Publicação interna). Educativa: Instituto de Pesquisas e Inovações educacionais, Belo Horizonte, fev. 1999. Disponível em: <www.tecnologiadeprojetos.com.br> Acesso em 08 ago. 2008.

GONZÁLEZ REY, F. L. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Tomson Learning, 2002.

GUN, S. Epididimites. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba, PUC-SP*, v. 6, n. 1, p. 5 - 6, jan./jun. 2004.

HAGE, L. *Michel Foucault: A história da sexualidade*. Disponível em: <www.abordo.com.br>. Acesso em 05 mar. 2008.

HASSEN, M. N. A. Grupos focais de intervenção no projeto sexualidade e reprodução. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 8, n.17, p. 159-177, jun. 2002.

HERNANI, B. L.; NADAL, S. R. *Linfogranuloma venéreo: aumento na incidência sugere surto mundial da doença*. *Revista Brasileira de Coloproctologia [online]*, v. 27, n. 2, p. 224-227, abr./ jun. 2007.

HERSKOVITS, M. J. *Antropologia cultural*. Tomo II. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1964.

HOEBEL, E. A.; FROST, E. L. *Antropologia cultural e social*. São Paulo: Cultrix, 1981.

HORDERN, W. E. *Teologia protestante ao alcance de todos*. 2. ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

HYPPÓLITO, S. B. Métodos anticoncepcionais e novidades em contracepção. In: MEDEIROS, F. C.; ALMEIDA, F. M. L.; OLIVEIRA FILHO, M. (Editores). *Manual de*

Ginecologia da Maternidade-Escola Assis Chateaubriand. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004, p. 92-99.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados censitários 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat>> Acesso em 10 out. 2008.

_____. Censo 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat>> Acesso em 10 out. 2008.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

KAPLÁN, D. M. et al. Religiosidad y conductas de riesgo em adolescentes escolares em Santiago de Chile. Cuadernos Medicina Sociale, Santiago de Chile, v. 35, n. 3, p. 45-49, nov. 1994.

KIND, Luciana. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

LEITE, Alessandra Plácido Lima. *Sexualidade na adolescência*: conhecimentos, atitudes e práticas dos adolescentes estudantes do município de Maceió. Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, Rio de Janeiro, v. 23, n.2, p. 124-124, mar. 2001.

LESBAUPIN, I. Marxismo e religião. In: TEIXEIRA, F. (Org.) *Sociologia da religião*: enfoques teóricos. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, p. 13-35.

LINN REW et al. A systematic review of associations among religiosity / spirituality and adolescent health attitudes and behaviors. Journal of adolescent health, 38(4), pages 433-442, april 2006.

LIRA, J. B.; DIMENSTEIN, M. Adolescentes avaliando um projeto social em uma unidade básica de saúde. Psicologia em Estudo [online], Maringá, vol. 9, n.1, p. 37-45, jan./abr. 2004.

LONGHI, M. R. Afetividade, gênero e relações intergeracionais da perspectiva de jovens e famílias. In: SCOTT, P.; ATHIAS, R.; QUADROS, M. T. (Orgs.). Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007, p. 55-73.

MAHEIRIE, K. et al. *Oficinas sobre sexualidade com adolescentes*: Um relato de experiência. Psicologia em Estudo [online], Maringá, v. 10, n.3, p. 537-542, set./dez. 2005.

MANZIONE, C. R.; NADAL, S, R.; CALORE, E. E. Oncogenicidade do papilomavírus humano e o grau de neoplasia intra-epitelial anal em doentes HIV positivo. Revista da Associação Médica Brasileira, São Paulo, v. 50, n.3, p. 282-285, jul./set. 2004.

MARCONI, M. A.; PRESOTTO, Z. M. N. Antropologia. 4. ed., São Paulo: Atlas, 1999.

MARQUES, E. S. et al. O Conhecimento dos escolares adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v.8, n.1, p.58-62, abr. 2006.

MARTINS, G. A.; LINTZ, A. Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 2000.

MATER, G. A.; NICHOLS, L. A. Dicionário de religiões, crenças e ocultismo. São Paulo: Editora Vida, 2000.

MATOS, A. S. O protestantismo no Brasil. Disponível em: <<http://www.sobresites.com>> Acesso em: 28 jan. 2009.

MATOS, M.; FÉRES-CARNEIRO, T.; JABLONSKI, B. *Adolescência e relações amorosas*: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação Psicologia*, Curitiba, 9(1), p. 21-33, jan./jun.2005.

MEDEIROS, M. *Pedagogia do desafio*. 3. ed., revisada e ampliada. Recife: EDUPE, 2008.

MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2. ed., São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENEGOCI, J. C.; ALCOLÉA FILHO, E.; GUTIERRES, G. *Cálculo Biliar "Perdido"*: Um Novo Problema para o Ginecologista na Abordagem do Abdome Agudo? *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, Rio de Janeiro, v. 21, n.10, p. 607-609, nov./dez. 1999.

MINAYO, M. C. S. (Org.); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 27. ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Urgências e emergências maternas*: guia para diagnóstico e conduta em situações de risco de morte materna. Secretaria de políticas de Saúde, Área Técnica da Saúde da Mulher: Brasília, 2000.

MONDIN, B. *Os grandes teólogos do século vinte*: teologia contemporânea. São Paulo: Editora teológica, 2003.

MURTA, E. F. C. et al. Análise retrospectiva de 287 casos de abdome agudo em ginecologia e obstetrícia. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, Rio de Janeiro, v. 28, n.1, p. 44-47, jan./fev. 2001.

NEDEFF, C. C. *Contribuições da sexologia sobre a sexualidade do adolescente*: uma revisão bibliográfica. *Revista Eletrônica de Psicologia*, Curitiba, n. 3, out. 2003. Disponível em: <www.utp.br/psico.utp.online> Acesso em 20 nov. 2008.

NORONHA, V. et al. Papilomavírus humano em mulheres submetidas à colpocitologia oncótica. *DST- Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, Niterói, 18(2):130-136, 2006.

OLIVEIRA, N. R. *Perfis de grávidas e mães adolescentes: estudo psicossocial de adolescentes usuárias de um serviço público de pré-natal e maternidade*. 1999. 710 p. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, J. H. B. *Psicologia da Religião*. Livraria Almedina, Coimbra, Portugal: 2000.

OLIVEIRA, C. D. et al. *A escola e o trabalho entre adolescentes do ensino médio da cidade de São Paulo: uma análise de representações sociais*. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 27-39, jun. 2003.

OLIVEIRA, P. M. et al. *Vulvovaginites em mulheres infectadas pelo vírus da imunodeficiência humana*. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, Rio de Janeiro, v. 30 n.3, p. 121-126, mar. 2008.

ORAISON, M. *A questão homossexual*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1977.

PAIVA, M. C. *Transcrição de dados lingüísticos*. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs). *Introdução à sociolingüística: O tratamento da variação*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2004, p. 135-146.

PENNA, G. O.; HAJJAR, L. A.; BRAZ, T. M. *Gonorréia*. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, Uberaba, vol. 33, n.5, pp. 451-464, set./out. 2000.

PEREIRA, A. C. A. *O adolescente em desenvolvimento*. São Paulo: HARBRA, 2005.

PIERUCCI, A. F. *As religiões no Brasil*. In: GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 325-346..

PICAZIO, C. *Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus, 1998a.

_____. *Diferentes desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais*. São Paulo: Summus, 1998b.

PINO, Z. P. et al. *Estimación de la edad de iniciación sexual em adolescentes mediante tablas de vida*. *Revista Chilena de Pediatría*, Santiago, 65(4):227-233, ago. 1994.

PRETI, D. (Org). *O discurso oral culto*. 2. ed., São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999.

QUADROS, Marion Teodósio. *Jovens, contracepção e conversas com os pais: comparando opiniões de moças e rapazes de famílias urbanas e rurais*. In: SCOTT, P.; ATHIAS, R.; QUADROS, M. T. (Orgs.). *Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007, p. 75-95.

RAFAEL, A. L. *Dom Expedito Lopes, o santo*. Disponível em: <<http://www.jesusobompastor.blogspot.com>> Acesso em 01 fev. 2009.

- RICHARDSON, D. *O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas através do mundo*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- RIETH, F. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 77-91, jun. 2002.
- RODRIGUES, E. B. B. et al. Análise da pesquisa de chlamydia trachomatis no setor de ginecologia do Instituto Fernandes Figueira. *DST- Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, Niterói, 12(3):16-22, 2000.
- ROMERO, K. T. et al. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. *Revista da Associação Médica Brasileira*, São Paulo, 53(1):14-19, jan./fev. 2007.
- ROSA, M. *Antropologia filosófica: Uma perspectiva cristã*. Rio de Janeiro: JUERP, 1996.
- ROSSI, P. S. Normas para transcrição de entrevistas gravadas. Disponível em: <http://www.psrossi.com/Normas_entrev.pdf>. Acesso em 03 mai. 2008.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- SANCHEZ, Z. Van Der Meer; OLIVEIRA, L. G.; NAPPO, S. A.. Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 9(1): 43-55, 2004.
- SANCHIS, P. A contribuição de Durkheim. In: TEIXEIRA, F. (Org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, p. 36-66.
- SCOTT, R. P.; QUADROS, M; LONGHI, M. Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v.19, n. 2, p. 209-228, jul./dez. 2002.
- SCOTT, P; ATHIAS, R; QUADROS, M. T. (Orgs.). *Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.
- SCOTT, P. Moraes, sexualidade e religião em contextos urbano, rural e indígena: namoro, aborto e responsabilidade. In: _____; ATHIAS, R.; QUADROS, M. T. (Orgs.). *Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas*, Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007, p. 13-54.
- SIEBRA, L. M. G. Considerações teóricas acerca da utilização da pesquisa qualitativa. *Revista de Psicologia*. Fortaleza, v.17(1/2) v.18(1/2), p.30-39 jan./dez. 1999/2000.
- SILVA, S. V. As religiões *no Brasil*: trilhas antigas e novas. In: BRANDÃO, S. (Org). *História das religiões no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001, p. 131-148..

SILVA, P. D. B. et al. Comportamentos de risco para as doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes escolares de baixa renda. *Revista Eletrônica de Enfermagem* [online], Goiânia, v. 7, no. 2, p. 185-189, 2005. Disponível em: <<http://www.utp.br/psico.utp.online>> Acesso em 10 out. 2008.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed., São Paulo: Contexto: 2006.

SILVA, K. V. *Saúde, sociedade e cultura: A importância do enfoque social em hebiatria*. In: MALLAGUTTI, W. e BERGO, A.M.A. (Orgs). *Adolescentes: Uma abordagem multidisciplinar*. São Paulo: Martinari, 2009.

SIMÃO, A. B. *O uso de grupos focais em uma pesquisa sobre os comportamentos sexual, nupcial e reprodutivo: reflexões a partir de uma experiência prática*. XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Minas Gerais, 2006. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006>>. Acesso em 06 mai. 2008.

SIMÕES, J. A. et al. Fatores comportamentais e características da microbiota vaginal envolvidos na gênese da vaginose bacteriana em profissionais do sexo e não-profissionais do sexo. *DST – Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, Niterói, 18(2):108-112, 2006.

SOUSA, L. B.; PINHEIRO, A. K. B.; BARROSO, M. G. T. *Ser mulher portadora do HPV: uma abordagem cultural*. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 42, n.4, p. 737-743, dez. 2008.

SOUZA, R. P. et al. Estudo comparativo sobre o comportamento sexual da juventude secundarista e universitária de Porto Alegre, Brasil. *Adolescência Latinoamericana*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 20-30, abr./jun. 1997.

TAQUETTE, S. R. et al. *Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro*. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 282-290, jan./fev., 2004.

_____. *Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos*. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 339-407, abr./jun., 2005.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M. Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n.1, p. 105-114, jan./mar. 2008.

TELES, E. P. B; TELES, R. A. S. Doenças sexualmente transmissíveis. In: MEDEIROS, F. C.; ALMEIDA, F. M. L.; OLIVEIRA FILHO, M. (Editores). *Manual de Ginecologia da Maternidade-Escola Assis Chateaubriand*. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004, p. 164-171.

THEIJE, M. "*São metade macho, metade fêmea*": sobre a identidade de gênero dos homens católicos. *Anthropológicas*, UFPE, Recife, ano 6, v. 13(1): 47-56, 2002.

TONIETTE, M. A. *Sexualidade... ou sexualidades?* Boletim Informativo CEPCoS – Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade. São Paulo: Ed.

Vera Lúcia Vacari, ano X, n. 3, p.1, mar. 2004. Disponível em: <http://www.matoniette.psc.br/duvida02_sexualidade_sexualidade.html>. Acesso em 20 out. 2008.

TURATO, E. R. *Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa*. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, jun. 2005.

UCHÔA, D. M. *Psiquiatria e psicanálise*. 2. ed., rev. e aumentada. São Paulo: Sarvier, 1968.

VIANA, F. J. M. et al. Fatores associados a sexo seguro entre alunos de escolas públicas em Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, [online], v. 23, n.1, p. 43-51, jan. 2007.

VIANA, J. F. IBN 40 anos. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Bíblico_do_Norte> Acesso em: 28 jan. 2009.

VITIELLO, N.; CONCEIÇÃO, I. S. C. Manifestações da sexualidade nas diferentes fases da vida. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 47-60, 1993.

VOLCAN, S. M. A. et al. *Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: um estudo transversal*. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 440-445, ago. 2003.

XAUSA, I. A. M. *A psicologia do sentido da vida*. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

WELLER, V. *Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológico e análise de uma experiência com o método*. Educação e Pesquisa [online], São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, mai./ago. 2006.

WOOD, R. *Civilizações antigas, vida sexual*. In: ELLIS, A.; ABARBANEL, A. (Orgs.). *Enciclopédia do comportamento sexual*. V. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 671-696.

ANEXOS

ANEXO A – ESCOLAS PARTICIPANTES DESTE ESTUDO

1. CENTRO DE ENSINO EXPERIMENTAL DE GARANHUNS
Rua Dr. Ernesto Dourado, S/N – Heliópolis
55.290-000 - Garanhuns, PE
Fones: (087) 3761-1168
(087) 3761-8288
2. CENTRO EDUCACIONAL NOVA DIMENSÃO
Av. Gonçalves Maia, 159 – Heliópolis
55.296-270 – Garanhuns, PE
Fone: (087) 3762-5416
3. COLEGIO DIOCESANO DE GARANHUNS
Praça da Bandeira, S/N – Centro
55.290-000 – Garanhuns, PE
Fone: (87) 3761-1505
4. COLEGIO PRESBITERIANO 15 DE NOVEMBRO
Praça Souto Filho, 696 – Heliópolis
55.295-400 – Garanhuns, PE
Fone: (087) 3761-1161
5. ESCOLA FRANCISCO MADEIROS
Trav. Julião Cavalcanti, S/N – Magano
55.294-211 – Garanhuns
Fone: (087) 3761-2111
6. ESCOLA HENRIQUE DIAS
Rua Pedro Rocha, 296 – Heliópolis
55.295-470 – Garanhuns, PE
Fones: (087) 3761-8432
(087) 3762-7215
7. ESCOLA Pe. AGOBAR VALENÇA
Av. Caruaru, 508 – Heliópolis
55.295-380 – Garanhuns, PE
Fone: (087) 3762-7066
(087) 3763-2713
8. ESCOLA Prof. JERÔNIMO GUEIROS
Praça Cel Antonio Vitor, 359 – São José
55.295-270 – Garanhuns, PE
Fones: (087) 3761-8434
(087) 3762-9340

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE PERNAMBUCO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO1

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa – INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO COMPORTAMENTO SEXUAL DE ADOLESCENTES. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir e retirar o seu consentimento. Se você desistir de participar, mesmo após haver dado o seu consentimento, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores nem com a instituição patrocinadora da pesquisa.

Se concordar em participar, você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço da pesquisadora principal, para fins de dúvidas em relação ao projeto e à sua participação.

Nome da pesquisa: INFLUÊNCIAS DA RELIGIÃO NO COMPORTAMENTO SEXUAL DE ADOLESCENTES

Pesquisador responsável: Profa. Dra. KALINA VANDERLEI SILVA
Endereço: Rua Dr. Correia da Silva, 126 – Várzea – Recife, PE.
Telefone: (81) 9147-1656

Pesquisador participante: CARLOS ALBERTO LIVINO DA SILVA
Endereço: Av. Simoa Gomes, 1599 – Heliópolis, Garanhuns, PE.
Telefone: (87) 9988-2803

Instituição patrocinadora: FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE PERNAMBUCO – UPE

A pesquisa tem por **objetivo**, comparar a influência da religião no comportamento sexual de adolescentes. Será **realizada** através de entrevistas grupais, em encontros a ser agendados com os grupos, cujo conteúdo abordará **questões** relativas ao comportamento sexual de adolescentes na atualidade. Os participantes, nos encontros, receberão um número a fim de **evitar** a identificação nominal dos mesmos. O conteúdo dos encontros será gravado para posterior análise pelos pesquisadores, com o **propósito** de comparar possíveis diferenças no comportamento sexual em função da religião ou da ausência desta na vida dos participantes.

O participante **não será submetido** a qualquer risco físico, moral ou constrangimento. Sua resposta **ajudará** aos pais, professores, religiosos e a comunidade, a refletir sobre o valor da religião na vida e, de modo particular, no comportamento sexual de adolescentes. Por sua participação, você **não terá** quaisquer custos financeiros, bem como **não receberá** qualquer reembolso por ela. Suas respostas serão **confidenciais** aos pesquisadores e estes **destruirão** as gravações realizadas após a análise do conteúdo das mesmas. O relatório da pesquisa **não divulgará dados individuais**; sua ênfase será colocada nos **dados coletivos** que estejam diretamente ligados aos objetivos do estudo.

Profa. Dra. KALINA VANDERLEI SILVA
Pesquisadora Responsável

CARLOS ALBERTO LIVINO DA SILVA
Pesquisador Participante

1 Adaptado da UNISO

**ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA
COMO SUJEITO**

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE PERNAMBUCO

**TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO
(AUTORIZAÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS)**

Eu, _____
RG _____, responsável legal por _____
_____, RG _____, declaro que concordo com a sua participação na pesquisa que investiga a influência da religião no comportamento sexual de adolescentes, no âmbito da cidade de Garanhuns. Declaro também que li o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, elaborado pela UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO / FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE PERNAMBUCO, assinado pela pesquisadora responsável – Profa. Dra. KALINA VANDERLEI SILVA, e que fui informado pelo pesquisador participante CARLOS ALBERTO LIVINO DA SILVA, dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo, reembolso dos participantes e confidencialidade da pesquisa, havendo-me sido assegurado que este consentimento pode ser retirado a qualquer momento sem estar o participante ou o responsável legal por este, sujeito a quaisquer penalidades.

Declaro ainda que recebi uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pela pesquisadora responsável.

Garanhuns, _____ de _____ de _____ .

(Assinatura do pai ou responsável legal)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu _____,
RG _____, declaro que fui devidamente informado(a) sobre os objetivos e das demais condições desta pesquisa como descritas acima e concordo em participar como sujeito, pois estou ciente de que posso retirar o consentimento dado, a qualquer momento, sem estar sujeito a quaisquer formas de penalidades.

Garanhuns, _____ de _____ de _____ .

(Assinatura do(a) participante)

ANEXO D - FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE PERNAMBUCO

Nome da pesquisa: RELIGIÃO E SEXUALIDADE: Um estudo sobre o comportamento sexual de adolescentes em Garanhuns – Pernambuco – Brasil.

Ficha de Identificação do Participante

Nome:

Idade ____ anos Sexo () Masculino () Feminino Série _____

Religião:

- () Católica
- () Evangélica
- () Outras
- () Não-religioso / não-religiosa

Colégio / Escola

Residência:

Fones p/ contato:

ANEXO E – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS GRAVADAS

OCORRÊNCIAS	SINAIS UTILIZADOS	EXEMPLIFICAÇÕES
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do nives de rensa () de renda nominal.
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogais e consoantes (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo de tran-sa-ção
Interrogação	?	Eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões que fazem...
Comentário descritivo do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	-- --	... a demanda da moeda - - vamos da casa essa notação - - demanda da moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo,	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRReira entre nós”...
<ol style="list-style-type: none"> 1. Iniciais maiúsculas só para nomes próprios ou siglas. 2. Fáticos: ah, éh, ahn, uhn, ta (não por estar: tá? Você está brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o cadenciamento da frase. 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa) 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa. 		

Referência:

< http://www.psrossi.com/Normas_entrev.pdf.>

1 ANEXO F - GRUPO FOCAL RELIGIOSO 1 – (GFR-1)

2
3 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA4
5
6 DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E FORMAS DE PREVENÇÃO

7
8 **P:** “Estamos reunidos com o grupo GRF-1. E nesta ocasião nos vamos discutir
9 algumas proposições relativas às doenças sexualmente transmissíveis e suas formas
10 de prevenção. A primeira questão que nós gostaríamos de discutir, é “**o que os**
11 **jovens entendem ou acham ser as doenças sexualmente transmissíveis? Com a**
12 **fala?**”

13 **Damaris:** “Éh:: bem... que eu conheço... eu conheço a AIDS que é a mais famosa de
14 todas... que ela é transmitida pelo sexo... é um vírus que é... assim eu entendo pouco
15 porque não estou lembrando de muita coisa... mas é ((risos)) preferível que faça sexo
16 com prevenção para não pegar essa doença... eu não lembro dos sintomas agora”.

17 **P:** “Isso, mas o que queremos é ver com o grupo, o que o grupo entende por doenças
18 sexualmente transmissíveis. Você falou em possibilidade de prevenção; mas o que
19 são doenças sexualmente transmissíveis?”

20 **Lucas:** “Bom eu acho assim... doenças que são pegadas pelo ato do sexo, é claro. Éh::...
21 o que eu entendo é isso... doenças que se pega assim: no ato do sexo”.

22 **P:** “Quem prossegue?”

23 **Klaudiana:** “Assim... como ela (Damaris) disse, a AIDS não é uma doença que só se
24 pega pelo sexo... existem várias outras formas de pegar como a transfusão de sangue,
25 uma injeção contaminada, essas coisas todas. Éh:: também como ele (Lucas) disse...
26 só que cabe tomar consciência e ter cuidados prá/ não pegar”.

27 **P:** “Quem mais contribui?”

28 **Cristina:** “Éh:: como ele (Lucas) já disse, são doenças que são provocadas pelo ato
29 sexual e não só pelo ato sexual como (Roberta) disse, que pode ser pega pela
30 transfusão de sangue e às vezes pela saliva”.

31 **P:** “Que outra contribuição? todos podem falar tranquilamente; acresce sempre alguma
32 coisa.

33 **Damaris:** “Bem... éh:: eu acho assim... que como (Klaudiana) disse vai da consciência
34 de cada um. Quando a gente tem muitas informações... hoje o mundo de hoje é cheio
35 de informações e quando a gente... éh:: temos as nossas informações cabe a nós
36 saber usá-las com sabedoria”.

37 **P:** Lucidalva?

38 **Lucidalva:** “Acho que... resumindo o pensamento ((não inteligível)) nós sabemos, o
39 básico é que são doenças transmitidas pelo sexo”.

40 **P:** “Vamos ouvir Mirian”.

41 **Mirian:** “É isso que falaram... não tenho mais a acrescentar”.

42 **P:** Roberta?

43 **Roberta:** “è a mesma coisa; que são doenças que são transmitidas pelo sexo... são
44 perigosas e tem que levar em consideração que a maioria delas pode levar à morte...
45 eu acho que num passe de mágica... qualquer deslize elas pode levar à morte”.

46 **P:** “Essa palavra de Roberta de que as doenças sexualmente transmissíveis podem
47 levar à morte, o que vocês acham?”

48 **Damaris:** “É aquele negócio... éh:: ...você não sabendo que tem a doença ... éh:: você
49 não sabendo se tratar ela pode ser levada à morte rapidamente... mas hoje com a
50 tecnologia e a ciência está muito avançada... ela tem o tardamento (retardamento
51 dos sintomas) da AIDS, mas a maioria delas não tem cura e basta a gente se prevenir
52 para que não possamos ser a razão”.

53 **Lucas:** “Eu acho assim que a ciência avançou demais... mas o que leva à morte
54 mesmo é o preconceito e a vergonha do portador da doença que tem vergonha de ir
55 ao médico prá/ mostrar o que ele está passando; então ele acaba deixando o tempo

- 56 passar e aquilo vai piorando, piorando e quando ele for mesmo realmente ao médico
57 não vai ter mais condições de curar a doença”.
- 58 **Klaudiana:** “E isso acontece bastante com o adolescente que tem aquilo que com ele
59 não acontece nada e que com os outros acontece pode acontecer tudo; às vezes
60 sente dor e pensa: isso não é doença séria não... não fala para os pais não vai ao
61 médico... aí a doença vai piorando, piorando até ao ponto da morte”.
- 62 **Cristina:** “Aí é como (Klaudiana) disse: o jovem... assim... não ta/ se cuidando... ele
63 não ta priorizando o que realmente deve ser priorizado. Por exemplo... éh:....
64 geralmente essas doenças quando elas são descobertas... por exemplo, na AIDS eu
65 acho assim... ao meu ver na maioria dos casos quando descobre já é tarde demais...
66 nunca tem, eu pelo menos nunca vi o exemplo de uma pessoa que passou tanto
67 tempo com essa doença que teve tratamento, pois sempre quando você descobre já é
68 tarde demais; quando você descobre ela, você não tem mais condições de um
69 tratamento digno ou coisa assim”.
- 70 **Lucidalva:** “Completando a fala de Lucas, acho que é o medo de enfrentar a
71 sociedade que nós estamos vivendo hoje”.
- 72 **Roberta:** “Acho que... completando a fala de Cristina muitos jovens, eles... quando
73 descobrem, como já falaram, eles tem medo... assim eles não se interessam a
74 procurar uma ajuda e isso vai piorando cada vez mais e chegando ao ponto de que se
75 ele mesmo não quer ajudar não tem condições dos outros ajudarem”.
- 76 **Mirian:** “Resumindo tudo, acho que só leva à morte, como foi a pergunta, se não tiver
77 prevenção. Porque, sempre com a prevenção, você antes do sexo você tem
78 prevenção de comprimidos e camisinha; todas as DST só leva à morte quem quer
79 mesmo isso... se não fizer prevenção antes”.
- 80 **Damaris:** “Completando a fala de Mirian realmente muitas pessoas assim. Na hora
81 que acontece o ato sexual as pessoas não pensam numa coisa... mas assim... quando
82 eles pegam a doença além do medo e além do preconceito, também tem a falta de
83 dinheiro porque os tratamentos são muito caros e você... éh:.... a maioria das pessoas
84 que tem AIDS hoje são pessoas de baixa renda... é como Mirian disse... a gente tem
85 que saber se prevenir... éh:.... porque preservativo eles dão de graça em festas em
86 programas sociais; já a doença, o tratamento não é grátis e você tem que pagar muito
87 caro... além do preconceito você tem que pagar muito caro... pagar muito caro em
88 dinheiro... isso no mundo de hoje que é capitalista não é fácil”.
- 89 P: alguém mais gostaria... ((não houve manifestações))
- 90 **P: “Quais são as doenças sexualmente transmissíveis que os jovens
91 conhecem?”**
- 92 **Cristina:** “Bom... a gente tem a AIDS que é a mais conhecida... a gente tem... sífilis...
93 a gente tem.... tô/ esquecida...., AIDS, sífilis”.
- 94 P: “Quem contribui mais?”
- 95 **Damaris:** “Tem a AIDS, o HPV que é um vírus e tem a gonorréia... pronto”.
- 96 P: “Quem mais contribui?”
- 97 **Klaudiana:** “Só sei dessas também”.
- 98 P: Lucas?
- 99 **Lucas:** ((não contribuiu))
- 100 **Roberta:** ((sorriu))
- 101 P: Lucidalva?
- 102 **Lucidalva:** ((sorriu))
- 103 P: Mirian?
- 104 **Mirian:** “Nada”.
- 105 P: “Alguém gostaria de fazer algum comentário?”
- 106 **Cristina:** “É importante falar nesse momento nós estamos aqui em sete pessoas e que
107 a gente sabe que existe um monte de doenças só que a gente não tá lembrando”.
- 108 P: “Essa fala da Cristina é importante... alguém não recorda mais?”
- 109 **Klaudiana:** “Eu tô/ com uma lembrança na cabeça mas não sei se é uma DST....
110 cancro mole?” ((risos)).

- 111 P: “As doenças sexualmente transmissíveis são também chamadas de doenças
112 venéreas”.
- 113 **P: “Muito bem. Agora, quais são os sinais que aparecem no corpo e indicam que
114 a pessoa está com uma DST?”**
- 115 **Damaris:** “No caso da gonorréia ela tem diferença entre os homens e as mulheres...
116 aí... não é gonorréia é cancro mole desculpe... tem uma espécie de... é um negócio
117 que aparece assim ... nos órgãos genitais da mulher e do homem... e é uma coisa
118 mole que aparece; de início aparece em todo (órgão)... só que depois fica bem ...”
119 ((não conseguiu completar o pensamento)).
- 120 **Roberta:** “Se não me engano é a sífilis que no pênis do homem fica bolhas de pus e a
121 AIDS é::... atinge todo o corpo... os dentes... tudo”.
- 122 **Cristina:** “Eu acho que a AIDS é a pior coisa a pior doENÇA que pode acontecer na
123 vida de uma pessoa. Entre câncer... todas as doenças... eu acho que é a doença que
124 você MAIS sofre... porque você sofre tanto fisicamente quanto psicologicamente...
125 acho que a AIDS em si, eu acho que é a pior coisa que pode ocorrer. Porque você faz
126 o que? você desmaia você vomita... de todas as doenças que você tem... por exemplo,
127 você vai ter uma dengue você vai ter o que? você vai ter febre você vai vomitar; você
128 vai ter outra doença, você vai desmaiar... na AIDS você junta tudo isso, todos os
129 sinTOMAS que você pode imaginar, você tem na AIDS”.
- 130 **Roberta:** “Contando o emocionalmente também, porque prá/ pessoa chegar e dizer eu
131 tenho AIDS... quem vai conviver normalmente com essa pessoa? na cabeça da
132 pessoa só vem coisa bem pior”.
- 133 **Damaris:** “Tem AIDS e o HPV que na maioria das vezes nós não vemos. Ela (HPV)
134 tem tratamento; às vezes ela estaciona... eu não lembro os sintomas, mas quando ela
135 avança, ela pode causar câncer de útero e que pode levar alguém à morte”.
- 136 **Klaudiana:** “E na AIDS, também a pessoa está na sua frente e você nem diz que ela
137 tem AIDS porque ela tá/ uma pessoa normal, porque só depois de algum tempo é que
138 a doença começa a se manifestar”.
- 139 P: “De que forma?”
- 140 **Klaudiana:** “Éh::...as doenças que você pode pegar: você pode pegar um resfriado
141 que pode virar uma pneumonia... éh:: pode ficar muito mais grave do que a doença já
142 é () e pode durar um dia... uma semana porque ela parece que mata os glóbulos
143 vermelhos () aí, com isso a doença vai cada vez mais piorando”.
- 144 **Lucas:** “Porque a AIDS afeta principalmente o sistema imunológico; se você pegar
145 uma gripe como ela (Klaudiana) falou... vai piorando cada vez mais porque o seu
146 organismo não vai ter defesa praquilo/... e em relação às outras doenças pode
147 aparecer nos órgãos genitais... não tô/ lembrado qual é a doença mas que fica o olho
148 vermelho... e caroços também nos órgãos genitais”.
- 149 **Cristina:** “E... tem a questão do emagrecimento, porque você emagrece
150 absurdamente, principalmente na AIDS; você emagrece e tudo isso... você não tem
151 defesa; A AIDS... por isso que eu digo que é a pior doença, porque quando você
152 emagrece...sei lá... você... a AIDS é a pior coisa que pode acontecer na vida do ser
153 humano é ter Aids. Eu acho”.
- 154 **Roberta:** “Complementando a fala de Cristina quando ela fala que a AIDS é a pior
155 doença que uma pessoa pode ter é porque a AIDS vai matando de pouquinho em
156 pouquinho... ela não chega e dá logo os sintomas... vai passando os tempos e cada
157 vez piora mais... então a pessoa pode sobreviver dez anos... cinco anos como pode
158 sobreviver um dia... então quando fala que a AIDS é uma doença é porque ela vai
159 matando de pouquinho em pouquinho”.
- 160 **Mirian:** “E isso que eu ia falar também sobre a AIDS... acho que você não pode levar
161 um corte porque quando a pessoa leva um corte sempre causa assim... inflama logo e
162 você pode também ser infectado pelo corte daquela pessoa”.
- 163 **Cristina:** “Por isso que o preconceito nessa parte... éh::... ele tem razão de existir; eu
164 não sei se é porque eu sou... não sei se é porque... eu não posso dizer que não sou
165 preconceituosa porque eu nunca tive contato com pessoa que tenha AIDS, mas eu

166 acho que o preconceito nessa parte ele tem razão de existir... é uma coisa... por
 167 exemplo: um corte uma saliva, eu acho que para você conviver com uma pessoa
 168 dessa é muito difícil; porque pegar uma doença dessa é... deve ser horrível e você
 169 conviver com uma pessoa dessa... não que eu esteja dizendo que uma pessoa dessa
 170 tenha que viver isolada mas precisa de um cuidado especial prá/ conviver com
 171 pessoas que não tenham (AIDS)... eu acho que o preconceito nessa parte tem um
 172 pouco de ... razão”.

173 **Roberta:** “E quem assistiu na Globo “Sete Pecados”, passou esse caso da AIDS: uma
 174 estudante adolescente que tinha AIDS... e que ela estava de escola em escola por
 175 conta do preconceito; aí ela chegou na escola e falou que estava passando bastante
 176 preconceito e aí a diretora promoveu uma palestra já prá/ isso: prá/ esclarecer,
 177 dizendo que beijo ela não ia passar AIDS, só se ela tivesse cárie ou alguma coisa na
 178 boca: afta ou alguma coisa assim. Se explodisse, aí a outra pessoa poderia pegar... e
 179 na relação sexual se ela se protegesse com camisinha ela não iria transmitir... e que
 180 ela poderia ser feliz e conviver na sociedade normalmente porque isso não é uma
 181 coisa que vá passar facilmente”.

182 **Cristina:** “Li um livro e muita gente já leu; o assunto que ele trata é a AIDS. Um
 183 menino que tem AIDS e a amiga dele, que gosta muito dele, e que vai tentar ajudar...
 184 mas a gente vê que é uma coisa fictícia , mas que acontece demais no mundo atual;
 185 e... acompanhando o livro a gente entra totalmente na história; a gente vê, a gente
 186 olha a coragem que ela tem de tá/ ao lado do amigo e você fica pensando se você
 187 faria mesmo tudo isso... e a gente vê o preconceito que ele passa, os sintomas, e tudo
 188 isso e que não é uma coisa fictícia e que acontece... quando a gente pensa que
 189 acontece a gente fica pensando... a gente pensa se a gente seria capaz de passar por
 190 uma coisa dessa, de enfrentar uma coisa dessa... aí é que a gente vê a questão da
 191 consciência... aí é que a consciência pesa... nessa hora”.

192 P: “Alguém mais gostaria de falar?”

193 ((não houve manifestações)).

194 **P: “Muito bem. E como é possível se prevenir dessas doenças?”**

195 **Mirian:** “Usando preservativo”.

196 **Cristina:** “Antes do preservativo eu acho que vem a questão da consciência. Será...
 197 eu sei que é o preservativo mas, será que eu tô/ pronta para um ato sexual? será que
 198 essa é a pessoa que eu ... entende? a gente não vai chegar e dizer ... éh::... a gente
 199 vai fazer e vamos usar camisinha para não pegar AIDS. Vamos procurar saber o que é
 200 a AIDS, o que são as doenças sexualmente transmissíveis e ... tudo isso antes de
 201 você vê quais são os métodos que você pode usar prá/ que isso não aconteça”.

202 P: “Alguém mais?”

203 **Damaris:** “Complementando a fala de Cristina, aí é onde entra os princípios que você
 204 aprendeu na sua infância, na sua educação, princípios religiosos; e você... não é só
 205 sua consciência mas é àquele princípio: será que é certo fazer antes do casamento?
 206 será que àquele rapaz ou àquela moça será para mim a minha alma gêmea? porque
 207 no mundo atual é àquele negócio: faz por fazer, porque é bom, porque todo mundo tá/
 208 fazendo, mas muitas vezes éh::... oitenta por cento , noventa por cento das pessoas
 209 se arrependem, não segue princípio bíblico, princípio religioso e às vezes acaba
 210 quebrando a cara. Hoje o mundo está cheio de gente que precisa escutar esses
 211 princípios porque muitas vezes é abandonado pelo pai, abandonado pela mãe ou
 212 muitas vezes os pais não sabem educar; outros educam e a própria pessoa não se
 213 conscientiza; às vezes isso é chato falar mas quando a gente se previne quando a
 214 gente tem princípio e que sabe que é certo fazer depois do casamento além do
 215 princípio bíblico e religioso e saber que é com àquela pessoa que você casou, que tem
 216 todo aquele todo processo que você conhece ... pelos menos, cinquenta por cento
 217 você conhece àquela pessoa; você tem mais facilidade de fazer o ato sexual e sua
 218 consciência vai estar tranqüila de que você não fez nada de errado escondido de
 219 ninguém”.

- 220 **Roberta:** “Agora quantas pessoas quantas mulheres ficam em casa achando que se
221 casou com o homem perfeito com a alma gêmea de sua vida e com o passar do tempo
222 descobre que teve uma grande decepção? será que ela casou com a alma gêmea?”.
- 223 **Cristina:** “Eu penso que a fala de Damaris não entrou dentro do contexto com relação
224 a AIDS porque ... acho que não tem nada a ver esse negócio de ter que encontrar a
225 pessoa certa prá/ fazer; a pessoa certa pode ter AIDS, e no casamento eu acho que
226 todo casal deveria usar camisinha porque seu marido ou sua esposa pode ter relações
227 com outras pessoas... infelizmente no mundo que a gente vive é assim; não tem nada
228 a ver você ser casado, você ser namorado, você ser ... entendeu? tem muitas pessoas
229 novas com a idade da gente quinze, dezesseis anos que já pode praticar e usa
230 camisinha e seu parceiro pode ter AIDS e você não pega; e uma pessoa casada com
231 vinte e cinco anos, dez anos, cinquenta anos e pode pegar AIDS porque você não
232 sabe se você vai ter relações com outras pessoas e se seu marido vai ter relações
233 com outras pessoas; eu acho que a camisinha aí é essencial em qualquer
234 relacionamento seja você casado ou não”.
- 235 **Damaris:** “Não é que seja a pessoa certa... eu não tô/ falando prá/ ser a pessoa certa
236 mas que seja depois do casamento; é bom porque a sua consciência estará limpa, e o
237 caso de usar camisinha ou não vai da preferência sua; eu acho que a gente deve usar
238 SIM. Em relação a ser casado ou não, deve usar sim, até mesmo porque é uma
239 recomendação médica prá/ você ter mais saúde e fazer com segurança. Mas eu acho
240 que quando a gente faz (sexo) aleatoriamente, não sendo casado, é aquele negócio:
241 tem mais facilidade de ter a doença? Certo. Usando camisinha tudo bem, pode não ter
242 a facilidade, mas eu tenho certeza que a consciência vai pesar ... certo?”.
- 243 **Klaudiana:** “Acho que você (Damaris) está envolvendo o seu preconceito com quem
244 faz antes do casamento”.
- 245 **Lucas:** ((sorriu)).
- 246 **Mirian:** “Como Damaris falou, ela tava falando do sexo como uma forma vulgar; eu
247 não acho que o sexo é uma forma vulgar; tem certas partes (lugar/cultura) que vê o
248 sexo como uma forma de demonstração de amor e carinho principalmente se você e
249 seu parceiro se amam; se vocês se amam agora, vamos dar um exemplo: se vocês se
250 amam agora e tem a forma de demonstrar isso, os dois fazendo com amor e com
251 carinho, porque não? e se não tem possibilidade de se casar por que não tem
252 condições financeiras e vários outros motivos ...;’ ((não concluiu o pensamento)).
- 253 P: “Mas a questão seria como se prevenir das DST?”.
- 254 **Mirian:** “Éh:: ... a forma de prevenção mais popular falada é a camisinha”.
- 255 **Lucas:** “Acho que a forma de prevenir primeiramente vem da bíblia. A ordem de Deus
256 é: depois do casamento ... o certo. Mas hoje em dia anda muito complicado, tá/ muito
257 difícil realmente o jovem se conter até o casamento; porque realmente ((risos)) é
258 complicado; mas o correto seria primeiramente esse. Caso você não consiga o ideal é
259 a camisinha pois sem ela você pode fazer um filho que vai acarretar vários problemas;
260 é isso: o principal é a bíblia depois a camisinha”.
- 261 P: “Lucidalva?”
- 262 **Lucidalva:** “Não”.
- 263 P: “Roberta?”
- 264 **Roberta:** “Acho que o fundamental é o preservativo; eu não conheço outro meio de
265 prevenir a não ser o preservativo; se houver eu não sei”...
- 266 **Lucas:** “Anticoncepcionais, a pílula do dia seguinte” ((muitas vezes))
- 267 **Roberta:** “Assim... da AIDS quando você precisar receber sangue ter o certificado que
268 o portador daquele sangue não tinha AIDS; quando for levar uma injeção, ter certeza
269 que aquela é uma injeção nova; isso é uma outra forma de prevenir também”.
- 270 **Damaris:** “Antes de fazer o ato sexual é bom ir no médico buscar informações clínicas
271 e sociais para você se auto informar-se... antes de você fazer você tem que ir no
272 médico”.
- 273 P: “Cristina ia falar?”
- 274 **Cristina:** “não”

- 275 P: “Quem mais gostaria de contribuir?
276 ((não houve manifestações)).
277 P: “O grupo não quer mais contribuir?”
278 **Klaudiana:** ((comentários sobre uma situação divergente da temática em discussão))
279 P: “Mais alguma contribuição?”
280 ((Silêncio no grupo))
281 P: Nada mais?”
282 ((Silêncio no grupo))
283 P: “Então nós encerramos por aqui as contribuições desse grupo sobre as doenças
284 sexualmente transmissíveis e suas formas de transmissão”.

1 ANEXO G - GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 1 – (GFNR1)

2
3 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA4
5
6 DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E FORMAS DE PREVENÇÃO

7
8 **P:** “Estamos nesta ocasião reunidos aqui na Escola Francisco Madeiros, com um
9 grupo de adolescentes, e nesta ocasião nos faremos uma discussão sobre as doenças
10 sexualmente transmissíveis e as suas formas de proteção. Então, uma primeira
11 questão que nós desejamos que ela seja debatida pelo grupo, é ver **o que os**
12 **adolescentes entendem por doenças que sejam sexualmente transmissíveis.**

13 Quem poderia iniciar?

14 ((Silêncio no grupo))

15 **P:** O que são as doenças sexualmente transmissíveis?

16 **Dionísio:** “Uma delas é a AIDS conhecida normalmente no mundo inteiro não só por
17 jovens mas também por adolescentes; um meio de se prevenir é usar preservativo
18 conhecido como camisinha.”

19 **Diana:** “Uma delas além da AIDS é a sífilis.”

20 **P:** “Helena, talvez”.

21 **Helena:** “Não sei não viu” ((risos)).

22 **P:** “Outra pessoa? Joaquim?”

23 **Joaquim:** “Uma doença transmitida através do sexo”.

24 **P:** “Que outra idéia?”

25 **Aparecida:** “A gonorréia”.

26 **P:** “Alguma outra idéia alguma outra contribuição?... Aparecida?”.

27 **Dionísio:** “Não sei....” ((não prosseguiu))

28 **P:** “Petrus?”

29 **Petrus:** “Tem também a crista de galo, conhecida também, né/.”

30 **P:** “Mas o que você acredita que seja uma doença sexualmente transmissível?”

31 **Petrus:** ((não responde))

32 **P:** “Mariangela?”

33 **Mariangela:** ((apenas sorriu))

34 **P:** “Ivany?”

35 **Ivany:** “São as doenças que são transmitidas através do ato sexual ou seja uma
36 pessoa que tem AIDS pode passar essa doença se tiver relação com outra pessoa; no
37 caso essa pessoa pode até não TER e passa a TER, devido ao outro que tinha no ato
38 sexual.”

39 **Dionísio:** “Ou seja praticando a sexualidade.”

40 **P:** “Stefânia?”

41 **Stefânia:** “A única doença que eu conheço é a AIDS outras eu não conheço não.”

42 **P:** “E o que é uma doença sexualmente transmissível?”

43 **Stefânia:** “É aquilo que Dionísio falou.”

44 **P:** “Muito bem. Então vamos para uma segunda questão: **Quais são as doenças**
45 **sexualmente transmissíveis que são do conhecimento dos adolescentes e dos**
46 **jovens?”**

47 **Petrus:** “AIDS, sífilis, gonorréia também... há várias mas do meu conhecimento só
48 essas três.”

49 **P:** “Que outra pessoa?”

50 **Joaquim:** “Só lembro do nome dessas também.” (citadas por Petrus); ((risos no
51 grupo))**Dionísio:** “Não sei se é transmissível: os corrimentos também”.

52 **P:** “Que outra contribuição? Diana?”

53 **Diana:** “É o que ele (Joaquim) falou aí; só conheço essas também.”

54 **P:** “Quem mais colabora? Mariangela?”

- 55 **Mariangela:** “Não.” ((indicando que nada tem a acrescentar))
 56 P: “Stefânia?”
 57 **Stefânia:** “Como falei, eu também só conheço a AIDS.”
 58 P: “Diana?”
 59 **Diana:** ((sorriu; não fez comentários))
 60 P: “Na comunidade o que os jovens falam dessas doenças? as DST são também
 61 chamadas de doenças venéreas. Isso vocês talvez já ouviram falar na comunidade, no
 62 colégio, talvez algum colega... alguma colega mencionou algo nesse sentido; o que
 63 vocês podem falar a respeito?”
 64 **Dionísio:** “A expectativa é pouca. Poucos adolescentes falam. Por que isso? de cem
 65 adolescentes cinco comentam essas doenças; não é muito comum. Para os
 66 adolescentes chegar e conversar, isso só acontece com os adolescentes masculinos;
 67 conversar com os femininos, elas pensam que estão queremos chamá-las pra praticar
 68 o ato sexual; é muito comum encontrar isso”.
 69 **Diana:** “Às vezes sabem e mesmo sabendo não acreditam que pode acontecer.”
 70 **Ivany:** “Não é um termo que é bastante discutido talvez por vergonha medo e até
 71 pensar que nunca vai acontecer comigo mas não ... a doença tá aí é sério deve ser
 72 tratada e tomar cuidado assim ... que deveria ser um termo mais discutido embora não
 73 seja.”
 74 P: “Quando você fala em medo e vergonha, de quê ou de quem?”
 75 **Ivany:** “Assim ... tá/ num grupo de adolescente e aí chegar assim ... ah: ... eu fiz isso
 76 e aquilo tipo assim ... mas tem vergonha de dizer ...: ah:.... fiz...SEI LÁ, a vergonha de
 77 falar do ato sexual, talvez não da doença, mas do ato.”
 78 P: “Que outra idéia? Helena?”
 79 **Helena:** “Eu vejo assim, que a AIDS não tem cura; tem que ter relações com
 80 camisinha”.
 81 P: “Mariangela?”
 82 **Mariangela:** ((apenas sorriu))
 83 **Dionísio:** “Muitas pessoas... adolescentes de catorze ou dezesseis anos, a pessoa vai
 84 conversar com eles sobre a prevenção sobre esse ato da sexualidade prá/ ele se
 85 prevenir e ele acha que a pessoa está maltratando, agredindo; aí ignora a pessoa, não
 86 leva em consideração porque se conselho fosse bom não se dava, vendia”.
 87 P: “Alguma outra contribuição? Aparecida?”
 88 **Aparecida:** “Eles estão falando por mim aí.” ((sorriu)).
 89 P: “Quais são sexualmente as doenças transmissíveis que você já tomou
 90 conhecimento?”
 91 **Aparecida:** “Assim... eu já ouvi falar mas, a que chama mais atenção na comunidade
 92 é a AIDS; mas muitas pessoas já tem conhecimento da doença, sabem que ela pode
 93 transmitir por relações sexuais; mas muitas delas não leva adiante... pensa que isso
 94 não vai acontecer, tem vergonha de falar... SEI LÁ”.
 95 P: “Quem prossegue?”
 96 **Ivany:** “Eu acho assim, que o sexo ele é uma palavra forte... muita gente tem aquele
 97 medo... falar de sexo, ai meu Deus, já tô/ com aquela preocupação; muitos pais
 98 também têm vergonha de falar com os filhos por acharem... SEI LÁ... que vão colocar
 99 no caminho do ato sexual. Já começa por aí: pessoa fica desligada da doença. A mais
 100 conhecida é a AIDS, de fato, por não ter cura; existe tratamento mas cura eu acredito
 101 ainda não tenha... então esse termo é muito forte para algumas pessoas mas muitas
 102 acham normal; para outras, existe aquela cisma devido aos pais que não orientam,
 103 não conversam, não explicam os meio de prevenção... vai por aí”.
 104 **Dionísio:** “Discordo. O pai que não orienta o seu filho é um ignorante, porque devido
 105 ao pai e à mãe deve sentar com o filho, não importa a idade e orientar...” ((não
 106 prosseguiu))
 107 **Ivany:** “Existem pais que querem proteger e não falam logo cedo sobre o sexo na
 108 maneira de prevenir, por vergonha de falar com o filho. Isso acontece... qual o pai que
 109 vai chegar para a filha: filha você tá/ tendo relação sexual? tome cuidado, use

110 camisinha. Acho que não existe um pai que vai falar isso. Também não vai dizer:
 111 chegada a hora, quer fazer, faça, mas tenha cuidado. Mas prá/ uma pessoa que tem
 112 dezesseis anos como eu, meu pai não chegaria prá mim prá/ tratar de um assunto
 113 desse e falar: OLHE vai fazer? use camisinha, tome cuidado com a doença. Meu pai
 114 não faria isso jamais... eu não acho que ele seria ignorante, mas para me prevenir.
 115 Não existe só o risco da doença sexualmente transmissível, mas corre o risco da
 116 gravidez na adolescência”.

117 **Petrus:** “Mas também muito pai não tem conhecimento disso prá/ poder discutir esse
 118 assunto com o filho”.

119 **Joaquim:** “Uma questão de cultura”.

120 P: “Alguma outra idéia?”

121 **Dionísio:** “Eu sustento minha palavra. Eu acho ignorância dos pais. Se o pai não tem
 122 conhecimento, provavelmente a mãe deve ter conhecimento; mínimo ela tem. Deveria
 123 chegar conversar com a filha e o pai com o filho ou então pai e mãe sentar e conversar
 124 com o filho ou a filha”.

125 P: “Alguma outra contribuição?”

126 **Aparecida:** “Em relação a tudo isso eu ainda não participo de relação sexual mas
 127 minha mãe me aconselha; ela fala na minha adolescência, ela fala que não tá/ me
 128 incentivando a fazer relação sexual, mas ela disse que no dia que tiver de acontecer
 129 isso eu usasse camisinha eu me prevenisse. Meu pai não, porque eu não tenho muito
 130 contato com ele mas minha mãe e minha vó me incentivam muito... elas falam assim”.

131 **Ivany:** “Minha mãe também me aconselha, tipo a mãe de Aparecida...quando chegar a
 132 hora se previna, se cuide.”

133 **Joaquim:** “Voltando ao assunto, ela (Ivany) concorda comigo; veja que a mãe dela
 134 abriu o jogo com ela; como eu só tenho mãe, ela abriu o jogo pra mim: vai acontecer
 135 isso, use isso, isso e isso; se previna, procure saber quem é a pessoa, se previna de
 136 todos os modos; foi o que eu procurei.”

137 **Ivany:** “Eu falei assim, que existe... em geral... eu não falei da minha mãe nem do meu
 138 pai nem da minha vizinha... falei geral, que existe assim: o pai que não freqüentou a
 139 escola tem aquela cisma, é um tipo de preconceito prá/ tratar com os filhos desse
 140 assunto.”

141 P: “Alguma outra contribuição? Mariangela?”

142 **Mariangela:** “Às vezes os pais querendo proteger os filhos termina prejudicando eles
 143 né/? ... não falando sobre assuntos de sexualidade termina prejudicando eles.”

144 P: “Que outra contribuição? quem gostaria de prosseguir?”

145 ((não houve comentário do grupo)).

146 ((Vozes no corredor))

147 P: “Alguém gostaria de prosseguir?”

148 ((Silêncio no grupo))

149 **P:** “Muito bem. Outra questão. **Como é que as doenças sexualmente**
 150 **transmissíveis aparecem no corpo? Quais são os sinais, quais são os sintomas?**
 151 **Como é que o adolescente sabe que pode ter adquirido uma doença**
 152 **sexualmente transmissível?”**

153 **Joaquim:** “Manchas avermelhadas e dor nas partes genitais”.

154 P: “Que outra contribuição?”

155 **Dionísio:** “Escorrimento...” ((não prosseguiu))

156 P: “Que outra idéia?”

157 **Ivany:** “Eu li por alto que... parece que na sífilis surge uma ferida nos órgãos genitais e
 158 parece que na boca se não me engano.”

159 P: “Outra idéia?”

160 **Dionísio:** “Apesar de eu não ter bastante conhecimento, de seis em seis meses eu
 161 procuro o meu médico, aí ele me explica... mas eu não lembro agora”.

162 P: “Que outra contribuição? Stefânia?”

163 **Stefânia:** “Não... não sei”.

164 P: “Diana?”

- 165 **Diana:** “No momento não sei falar”.
- 166 **Dionísio:** “Eu vi um vizinho falando que saiu com uma mulher e pegou uma doença;
- 167 doença era essa que não descobria; indiquei um médico a ele e ele foi... pode ser até
- 168 um outro nome, mas ele disse que era esporão de galo... doença no órgão sexual ao
- 169 homem que faz cair a pele todinha”.
- 170 P: “Outra idéia?”
- 171 ((Silêncio no grupo))
- 172 P: “Nada mais?”
- 173 **Ivany:** “SEI lá... a AIDS é bastante discutida só que os sintomas parecem não
- 174 aparecer assim na cara; é uma doença silenciosa que vai acabando a pessoa aos
- 175 poucos; tem que ter cuidados porque os sintomas não estão muito na cara... na AIDS”.
- 176 P: “Que outra idéia?”
- 177 ((Silêncio no grupo))
- 178 P: “Nada mais?... Aparecida?”
- 179 **Aparecida:** ((não falou))
- 180 **P:** “Muito bem. **E quais são as formas de se prevenir das doenças sexualmente**
- 181 **transmissíveis?”**
- 182 **Dionísio:** “Uma das principais é usando a camisinha”.
- 183 P: “Que outra idéia?”
- 184 **Joaquim:** “Só conheço preservativo”.
- 185 P: “Camisinha”
- 186 P: “Outra idéia?”
- 187 **Ivany:** “Acho que a principal e mais conhecida é a camisinha. Éh::... outros meios... sei
- 188 lá... a pessoa deve se cuidar, se conhecer também, se tiver com uma doença procurar
- 189 o médico; é uma forma de evitar, de proteger você e seu parceiro”.
- 190 P: “Outra idéia?”
- 191 **Petrus:** “Éh::... tem camisinha, camisinha feminina...” ((não prosseguiu a fala))
- 192 **Dionísio:** “Éh::... mas a camisinha feminina ela não evita a doença a não ser a
- 193 gravidez e isso não é doença; eu acho que o portador de doença, não importa qual
- 194 seja ele, não deveria cometer o ato sexual com o seu parceiro; por mais que ele seja
- 195 insistente ou ela, deve chegar, ter consciência e dizer tô/ com tal doença e nós não
- 196 devemos ter isso; só quando eu me curar”.
- 197 **Ivany:** “Éh::... nesse ponto eu concordo contigo (Dionísio); deve cuidar de si e da
- 198 pessoa que tá/ ao teu lado”.
- 199 **Joaquim:** “É isso, tem que ter respeito”.
- 200 P: “Que outra idéia?”
- 201 **Dionísio:** “E... não é só respeito mas amizade também”.
- 202 P: “Mariangela?”
- 203 **Mariangela:** ((sorriu apenas))
- 204 P: “Alguém gostaria de fazer um comentário sobre alguma das questões faladas
- 205 aqui?”
- 206 **Ivany:** “Eu gostaria. Você que é adolescente, comece a se ligar que as doenças
- 207 sexualmente transmissíveis tão aí, não é uma brincadeira. É preciso tomar cuidado e
- 208 se proteger em relação ao ato sexual, a outras coisas mais, à sua saúde e à pessoa
- 209 que ta do seu lado. Eu acho”.
- 210 **Dionísio:** “Já que os pais, vocês, amigos, parentes, vizinhos não tem conhecimento,
- 211 vamos procurar se conscientizar, se prevenir. Uma vez que os pais não tem tanto
- 212 conhecimento como nós temos hoje, porque não tiveram oportunidade de estudar, de
- 213 ter conhecimento (pausa). aí nós devemos mesmo conscientizar amigos, parentes e
- 214 até conhecidos”.
- 215 **Ivany:** “E assim... para os adolescentes o termo sexualidade é um tipo de vergonha.
- 216 Mas não gente, isso é normal, é até uma besteira a gente ter vergonha (pausa); tem
- 217 de se cuidar. Se for fazer use camisinha que é o certo; é a melhor maneira de se
- 218 prevenir”.

- 219 **Dionísio:** “Mas a AIDS não é só transmitida pelo ato sexual, mas por um beijo
220 também...” ((não prosseguiu))
221 **Ivany:** “Se você tiver com a boca cortada e der um beijo numa pessoa ela pega... uma
222 ferida nos lábios...” ((não prosseguiu))
223 **Dionísio:** “Até uma cárie dentária... você deve se prevenir de todas as maneiras
224 possíveis”.
225 **Diana:** “Toalha também de banho”.
226 P: “Mais alguém?”
227 **Ivany:** “Não” ((risos no grupo)).
228 **Petrus:** “Eu soube que com um menino aconteceu com transfusão de sangue no
229 próprio hospital. E deveria ter mais essas reuniões nos colégios, porque esse assunto
230 não é muito discutido”.
231 **Dionísio:** “Não só nas escolas, mas nas praças públicas... em todos os cantos...
232 orientação”.
233 P: “Muito bem. Estivemos reunidos aqui com um grupo na Escola CERU Francisco
234 Madeiros, onde discutimos questões relativas às doenças sexualmente transmissíveis
235 e formas de prevenção.

1 ANEXO H - GRUPO FOCAL RELIGIOSO 2 – (GFR-2)

2
3 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA4
5
6 CONHECIMENTO SOBRE MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS

7
8
9 **P:** “Estamos aqui reunidos com o grupo GR2, onde vamos fazer uma discussão sobre
10 o conhecimento dos adolescentes a respeito de métodos anticoncepcionais. A primeira
11 questão que nós propomos, é **o que os adolescentes entendem por**
12 **anticoncepção?**” Com a palavra?

13 **Apolo:** “Anticoncepcionais, vem mais de uma prova... um problema assim... de
14 proteger o adolescente na hora do sexo; uma proteção de que o jovem não adquirira
15 tantas doenças”.

16 **P:** “Isto seria anticoncepcional, mas anticoncepção o que seria?”

17 **Apolo:** “Anticoncepção seria a conscientização do jovem antes para que ele se
18 proteja; esteja ciente do que ele vai fazer. Tenha consciência do ato que ele vai fazer”.

19 **Alfredo:** “Anticoncepção nós entendemos o seguinte: conceber, no caso seria dar a
20 luz. Então anticoncepção seria prevenir isso, ou quem sabe proteger ou qualquer coisa
21 desse tipo assim. Então, anticoncepção seria tomar algumas medidas para que não
22 viessem acontecer a concepção”.

23 **Solange:** “Seria uma maneira mais apropriada para que os jovens se prevenissem de
24 outras questões, no caso, quando tiver tomar anticoncepcionais; são jovens que fazem
25 sexo antes do casamento e não querem engravidar. Essa é a maneira de se prevenir,
26 usando anticoncepcionais”.

27 **P:** “Outra contribuição?”

28 **Heráclito:** “Éh:... essa parte de anticoncepção é boa, tem o seu lado bom e o seu
29 lado ruim. Sabemos hoje que várias doenças está por aí, como HIV, HPV, são DST e
30 esses anticoncepcionais foram inventados prá isso; prá uma prevenção dessas
31 doenças, desse sexo que fazem por aí, né/.... por brincadeira”.

32 **Solange:** “Eu acho que a melhor prevenção é não praticar, porque se você não pratica
33 você não vai ter nenhum problema”.

34 **Alfredo:** “Eu estava lendo um livrozinho – “Tudo sobre a sexualidade” – é o nome do
35 livro. Ele mostra dados que indicam que a sexualidade, a questão do sexo e dos
36 anticoncepcionais... em relação a isso que ela (Solange) falou, é um pouco difícil
37 porque quase ninguém consegue se conter; esperar passar o tempo todo e tal. E para
38 isso foram colocados os métodos anticoncepcionais”.

39 **Heráclito:** “E o maior causador dessa praticada de sexo... acho que o que mais
40 influencia é a mídia... a mídia bota novela, músicas... isso leva as pessoas a querer
41 fazer isso (sexo) por brincadeira e acontece o que temos hoje: superpopulação,
42 doenças, mortalidade infantil”.

43 **Solange:** “Principalmente muito abandono porque muitas mães, principalmente as
44 adolescentes, acham que fazer sexo está na moda; todas querem fazer; não, porque
45 meu namorado diz, se você gosta de mim me prove... e tem gente que ainda pensa
46 dessa forma e depois fica grávida e fala: meu Deus e agora? Aí vem e aborta, deixa
47 na porta da casa das pessoas. A malhação passa às cinco e meia da tarde; minha
48 irmã de dez anos assiste... se ela não tiver uma estrutura familiar, ela vai pensar que é
49 normal porque a mãe abandonou e ela foi criada por outra mãe; agora está grávida”.

50 **P:** “Isso que você aborda são conseqüências, mas voltando à anticoncepção, o que
51 vocês acreditam que os jovens pensam que seja anticoncepção?”

52 **Alfredo:** “Uma primeira coisa: eles (adolescentes) já pensam nos instrumentos, por
53 exemplo, a camisinha. Eles vão pensando nessas coisas. Quando eu falo
54 anticoncepção aí se liga à idéia de anticoncepcional, aí vem as pílulas”.

55 P: “Vamos ouvir a Gianny”.

56 **Gianny:** “Eu ia falar que todo mundo conhece, já sabe sobre o assunto. Aí você tem
57 várias influências na adolescência. Por exemplo, eu tô/ em grupo de amigos aí um
58 chega e diz assim: eu fiquei com àquela menina e aconteceu isso e isso; aí para que o
59 outro não fique por baixo, diz: eu também peguei aquela e fiz isso, isso e isso. Isso
60 acontece muito”.

61 **Solange:** “Eles acham que a questão de anticoncepcional vai livrar qualquer coisa;
62 acham que a camisinha não pode furar, que a pílula não pode falhar... e sempre estão
63 achando que são milagreiros... pode se dizer que não é; tudo falha, nada é perfeito.
64 Então muita gente tem essa idéia: porque eu tô/ me prevenindo não vai acontecer
65 nada; Se você não usa camisinha você pode pegar AIDS porque a pílula não vai livrar
66 isso; você pode pegar outra doença e com a camisinha pode acontecer alguma coisa”.

67 **Apolo:** “Anticoncepção, eu particularmente não tenho uma visão de que sei
68 especificamente o que é aquilo, porque a sociedade como ele (Heráclito) tinha falado
69 aqui, aborda. Em poucas das casas das famílias brasileiras que falam sobre sexo, pais
70 e filhos, não explicam o que é anticoncepção, explicam mais o que é anticoncepcional.
71 A população está mais preocupada em anticoncepcional do que com o significado de
72 anticoncepção. A mídia não aborda isso, aborda só os efeitos: que os
73 anticoncepcionais traz benefícios e que a falta deles traz malefícios”.

74 **Solange:** “Muitos pais passam isso para os filhos. Por exemplo, no meu caso, mãe
75 não é assim de dizer como é que as coisas acontecem. Ela em nenhum momento da
76 minha adolescência ela chegou prá mim e explicou qualquer coisa; o que eu sei é de
77 revistas, televisão, comentários de amigos; isso leva com que muitas jovens... todo
78 mundo sabe... mas às vezes chega uma jovem a engravidar. Por exemplo: Se eu não
79 soubesse uma consequência por que não aprendi em casa”.

80 **Alfredo:** “Como Apolofalou, não é tão fácil definir anticoncepção. Ao meu modo de
81 ver, como falei antes, no caso é proteção, medidas preventivas, outras coisas mais”.

82 P: “Alguém mais deseja fazer alguma colocação?... Ninguém mais?”

83 ((Não houve manifestações no grupo)).

84 **P: “Quais são os métodos de anticoncepção que os jovens conhecem?”**

85 **Apolo:** “Os métodos de anticoncepção que eu conheço, são para a prevenção sua.
86 Além das informações seria a conversa com os pais; pais e mães chegar aos filhos e
87 conversar. Só que no meu modo de ver não acontece mais; não é que eles não
88 saibam e não queiram falar; é mais por uma vergonha que eles têm de se sentar com
89 os filhos e falar isso. Como meus avós não chegaram prá falar isso com os filhos e até
90 repreendiam eles se eles chegassem em casa e falassem uma coisa dessas, então
91 eles tem medo de passar isso pros filhos. Então na informação vinculada a
92 anticoncepção acho que é isso: o melhor modo de prevenção que o jovem pode
93 adquirir é a informação”.

94 **Heráclito:** “Essa questão de métodos de prevenção é... como ele (Apolo) falou que os
95 pais não levam a informação direta aos filhos, leva alguns filhos a irem buscar grupos,
96 vamos dizer: meninos de onze, doze anos está na puberdade, não tem nada, aparece
97 um caroço no peito e vai perguntar aos amigos que dizem: isso não é nada não; eu
98 também tenho isso aqui. A menina menstrua, não sabe o que é e vai perguntar a
99 outras pessoas da sua própria idade, que não também não sabem do assunto e
100 inventam coisa da cabeça; e também esses poucos filhos tem de vergonha de chegar
101 e perguntar ao professor também”.

102 P: “Mas quanto aos métodos que se ensinam sobre anticoncepção, o que se fala
103 sobre eles? Quais são os métodos que se tornam mais conhecidos dos
104 adolescentes?”

105 **Alfredo:** “Os preventivos, no caso as pílulas anticoncepcionais, a camisinha, existem
106 outros mas a princípio só lembro estes”.

107 **Solange:** “A pílula do dia seguinte...” ((não prosseguiu a fala))

- 108 **Heráclito:** “Esse é o mais abortivo que tem. Esse ano no teve uma grande polêmica
109 sobre a pílula do dia seguinte. O governo quis distribuir essa pílula só que a igreja não
110 liberou: eles (a igreja) levaram isso como aborto e aborto para a igreja é pecado”.
- 111 **Giany:** “Realmente é um aborto”.
- 112 **Alfredo:** “Existe uma questão bem polêmica com relação à camisinha. A camisinha
113 previne mas também incita o jovem a começar a sua vida sexual mais cedo. Porquê?
114 Já sabe que é seguro, que é sexo seguro como é colocado aí pelas pessoas, pela
115 mídia, pelos meios de informação. Então vamos fazer e tal; só que esquece muitas
116 vezes da responsabilidade que tem; então isso é promiscuidade. Então vai fazendo
117 com um, com outro, com outro e a sociedade vai perdendo aos pouquinhos os seus
118 valores. O casamento hoje... casar e separar, hoje, é normal; algum tempo atrás não
119 acontecia isso. Então isso não é um problema que está totalmente ligado aos métodos
120 anticoncepcionais, mas esta é também uma questão polêmica que a camisinha traz”.
- 121 **Heráclito:** “É isso que Alfredo falou. A pílula do dia seguinte e a camisinha incita o
122 jovem a começar o sexo um pouco mais cedo, sem responsabilidade. O jovem hoje
123 em dia, tipo ficar e transar está seguindo no mesmo caminho. Se você tem uma mesa
124 com um monte de comida, você ta ali prá provar: os jovens com as meninas e as
125 meninas com os jovens. Tem cara que fica com três, cinco... e assim vai provando”.
- 126 **Solange:** “A questão de camisinha, muita gente acha que pelo fato de ta usando a
127 camisinha não vai acontecer nada. Só que é assim: nem todas as vezes é usada a
128 camisinha, principalmente entre os adolescentes. Tem gente que não tem acesso
129 porque não sabe que nos postos de saúde é distribuído camisinha e
130 anticoncepcionais. Aí hoje fez com camisinha, certo; só que você não faz uma vez só;
131 quem faz a primeira vez sempre faz outra; ninguém come uma só vez ((risos no
132 grupo)). Hoje usou camisinha, amanhã não, e diz: Eita/ eu não usei camisinha ontem e
133 aí vai tomar anticoncepcional. Só que às vezes não sabe como funciona o
134 anticoncepcional; às vezes não sabe que tem que tomar depois da menstruação. Aí
135 toma um dia depois que transou. Não vai adiantar de nada. Se você já tiver grávida,
136 você não pode fazer mais nada; só se tomar a pílula do dia seguinte; aí é um aborto; a
137 igreja não permite.
- 138 P: “Que outra contribuição? Giany?”
- 139 **Giany:** “Eu acho por uma parte certa e por outra está errada. Tá certo que você tá se
140 prevenindo e tudo mais; mas em outra você já pode tá grávida e aí ta tirando uma
141 vida. Prá igreja isso é inadmissível”.
- 142 **Heráclito:** “Além disso que ela (Giany) falou, leva também a irresponsabilidade. Os
143 jovens pensam que doenças podem ser somente o cara que ta lá transando com a
144 menina só vai pegar doenças por aquele ato que ta fazendo ali. Mas pode pegar
145 através de beijo que leva ao sexo e através de tudo mais”.
- 146 P: “Que outra contribuição sobre métodos anticoncepcionais? Desses métodos que
147 vocês citaram qual àquele que ao adolescente parece ser mais seguro?”
- 148 ((todos: camisinha)).
- 149 P: “Vocês podem explicar por quê?”
- 150 **Solange:** “Todo mundo aqui acho que já usou camisinha. É a maneira que impede que
151 os espermatozóides penetrem no óvulo da mulher”.
- 152 **Heráclito:** “É tipo uma capa de proteção”.
- 153 **Solange:** “Isso, uma capa de proteção”.
- 154 **Apolo:** “É também uma coisa de fácil acesso você ter uma camisinha; você pega ali,
155 coloca no bolso e vai prá todo canto; já a pílula do dia seguinte já é mais difícil você ter
156 na sua frente”.
- 157 **Alfredo:** “Digamos que é uma prevenção mais instantânea, mais prática quem sabe,
158 para alguns. Para alguns que não tem prática já surgem algumas barreiras,
159 dificuldades. Para o jovem o mais indicado, o melhor o que as pessoas acham mais
160 acessível, mais seguro, até mesmo pelas informações que se tem seja a camisinha”.
- 161 Pesquisador: Que outra contribuição?

162 **Heráclito:** “Como ele falou (Alfredo) é uma prevenção instantânea... o sexo não é
163 programado... você não programa o sexo pra usar um método anticoncepcional que é
164 o da pílula; sabe-se que a mulher a qualquer hora ela vai fazer sexo e o homem
165 também; então coloca uma camisinha que é pra prevenir. Tem também a camisinha
166 feminina que é outro grande demais, custa muito dinheiro e não é distribuída
167 gratuitamente.

168 P: “Nada mais?”

169 ((não houve manifestações do grupo))

170 **P:** “**Vocês acham que a anticoncepção deve ser praticada ou estimulada entre**
171 **jovens?**”

172 **Solange:** “Na minha concepção a melhor forma de se prevenir é a abstenção: é não
173 praticar. No final tá livre de tudo. Mas no mundo de hoje tudo muda, vai da cabeça de
174 cada um, se é pra fazer, é melhor se prevenir”.

175 **Alfredo:** “Eu não concordo com a utilização desses métodos anticoncepcionais antes
176 do casamento. Não concordo porque tá levando os jovens a ter uma idéia deturpada
177 do que na verdade é. A pessoa fica achando que pega um aqui, outro ali... e a
178 sociedade vai caminhando assim e no futuro também vai assim. Eu não acho
179 adequado por que o jovem pode não estar preparado, não ter a responsabilidade pra
180 ter uma vida sexual ativa; eu creio que seria melhor pra ele depois do casamento,
181 porque o casamento é uma instituição sagrada. Se for assim, ninguém mais vai querer
182 casar, porque o negócio do casamento é justamente onde você vai ter conhecimento
183 de outra e tal; e aí você vai praticar relações sexuais, e na verdade era isso há alguns
184 anos atrás. Infelizmente isso foi modificado. Então tá querendo a sociedade como?
185 Totalmente voltada para o sexo. Então hoje tudo gira em torno de drogas, sexo e
186 dinheiro. Qual é a sociedade que nós estamos querendo, se há um incentivo pra
187 prática da vida sexual logo na juventude aos treze ou catorze anos? Então, tá/
188 querendo uma sociedade como? Não importa se com casamento ou sem casamento.
189 Se eu posso transar na hora que eu quiser, eu vou casar pra quê? Não adianta”.

190 **Solange:** “Outra questão é que muita gente critica a igreja pelo fato de proibir usar a
191 camisinha. Quando trocou o Papa muito gente criticou que ele disse que não aceitava
192 a camisinha. Falaram a questão da África que tem o índice maior de AIDS, que lá tem
193 que usar a camisinha ou então todo mundo vai morrer, pois lá é o lugar mais pobre,
194 mais miserável, principalmente o Sul da África. Tem esses casos. Acho que deveria
195 haver uma exceção, mas o pensamento da igreja é: se é proibido o uso de camisinha,
196 consequentemente os jovens vão também parar de fazer sexo antes do casamento. A
197 igreja proíbe nessa intenção de diminuir o começo da sexualidade, do sexo ativo dos
198 jovens; a posição da igreja é essa. Só que acho que devia pensar em dois pontos: Se
199 for totalmente liberada vai ficar do jeito que tá/; a tendência é piorar, porque no tempo
200 da minha mãe o povo casava virgem, pois tinha padre que não aceitava casar quem
201 não fosse virgem, porque na bíblia diz que você tem que se guardar para o seu marido
202 e o marido tem que se guardar para a sua mulher. E realmente, é uma coisa muito
203 especial, tanto para o homem como para a mulher. Você casar com um homem
204 sabendo que ele foi só seu e você casar com uma mulher sabendo que ela foi só sua?
205 Nessa forma eu acho que você vai casar porque você quer transar com aquela
206 pessoa, você gosta daquela pessoa”.

207 **Heráclito:** “É onde nasce o amor”.

208 **Solange:** “Concordando com Heráclito, é onde realmente nasce o amor. Mas hoje
209 quantas pessoas casam porque estão grávidas, principalmente em cidades pequenas?
210 Quando o pai descobre que a filha teve uma relação sexual antes do casamento, tem
211 que casar a filha... pode tá/ grávida ou não”.

212 **Giany:** “Ou põe pra fora de casa”.

213 **Heráclito:** “A igreja condena o uso de anticoncepcionais por conta de que teria o
214 desencadeamento do sexo livre entre os jovens. Na igreja católica, a minha religião, o
215 sexo é um dom de procriação que Deus deixou para todos os seres vivos da terra. O

216 sexo só deveria ser feito para a procriação e não de farra. O sexo é um dom divino
217 que Deus deixou prá/ procriar os nossos descendentes”.

218 **Heráclito:** “E não prá/ brincadeira”.

219 **Alfredo:** “Como falei, são sou a favor de métodos anticoncepcionais antes do
220 casamento, mas no casamento, sim. Não vejo problema no uso da camisinha depois
221 do casamento. Mas você não venha dizer que o seu parceiro está sendo infiel e por
222 isso você está se prevenindo. Você está casado e quer usar, use. Sou contra, antes
223 do casamento porque incita e banaliza o ato do sexo por essas idéias”.

224 **Heráclito:** “Depois do casamento? Essa questão de usar camisinha acho que não tem
225 nem prá/ quê. Hoje existem métodos... minha mãe teve três filhos e cortou as trompas
226 e não teve precisão dela ta/ usando camisinha. Não quer ter filho, então o homem tem
227 como cortar o canal prá/ não soltar espermatozóides e a mulher corta as trompas.
228 Então não precisa de camisinha depois do casamento. Agora, que usar use, é uma
229 questão pessoal”.

230 **Apolo:** “Heráclito falou de uma questão da consciência das pessoas. Vai da maneira
231 de cada um pensar o que quer fazer prá/ se prevenir, prá/ continuar isso. Vai da
232 medida que a sociedade vê isso aí.

233 P: “Alguma outra contribuição?”

234 **Giany:** “Também sou contra porque com isso se os jovens não pudessem usar esses
235 métodos antes do casamento com certeza seria melhor. A maioria das culpas são dos
236 jovens porque fazem sem compromisso... aconteceu? depois deixa prá/ lá, não tá/
237 nem aí; ficam crianças nas ruas, sofrendo, pedindo esmola; e com certeza isso iria
238 melhor se fosse obrigatório, só depois do casamento”.

239 P: “Mais alguma contribuição?”

240 ((nenhuma manifestação do grupo)).

241 P: Nós agradecemos ao grupo ter nos ajudado a discutir essa temática. Quero dizer
242 que foi muito agradável ter estado aqui com vocês.

1 ANEXO I - GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 2 – (GFNR-2)

2

3

4 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

5

6

7 CONHECIMENTO SOBRE MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS

8

8 **P:** “Estamos reunidos com adolescentes da Escola Henrique Dias, e nesta ocasião
9 nós vamos fazer uma discussão sobre anticoncepção e métodos anticoncepcionais. A
10 primeira questão que nós gostaríamos de ver debatida, é a idéia que **os adolescentes**
11 **tem sobre o que seja anticoncepção?**” Quem tem a palavra?

12 **Floriano:** “Anticoncepção é um modo de prevenção para o adolescente. É um remédio
13 anticoncepcional que é para a mulher não engravidar. É uma prevenção”.

14 **P:** “Esclarecendo, anticoncepcional é uma coisa, anticoncepção é outra. Então nós
15 temos aí duas coisas diferentes. Mas sobre anticoncepção, nas aulas de biologia ou
16 de ciências, o que os professores ensinam como anticoncepção?”

17 **Givaldo:** “Eu não tenho conhecimento sobre anticoncepção e aí fica meio difícil prá
18 explicar”.

19 **P:** “Outra pessoa?”

20 **Walbia:** “Eu também não tenho conhecimento; não posso explicar uma coisa que não
21 sei”.

22 **Suetônio:** “Eu também tenho a mesma opinião dos dois” ((Givaldo e Walbia)).

23 **P:** “Outra idéia?”

24 **Givaldo:** “Todo mundo tem a mesma idéia; a gente não tem conhecimento sobre esse
25 negócio (anticoncepção) aí”.

26 ((Muitas vozes))

27 **Givaldo:** “Todo mundo tem a mesma idéia... a gente não tem conhecimento sobre esse
28 negócio aí”.

29 **P:** “Outra questão: **Quais são os métodos anticoncepcionais que os adolescentes**
30 **escutam falar ou que tem realmente conhecimento?**”

31 **Givaldo:** “Os anticoncepcionais que eu vejo falar é as pílulas prá/ não engravidar”.

32 **P:** “Outra idéia?”

33 **Walbia:** “Eu acho que só as pílulas, mas também a camisinha e outros métodos que
34 tem”.

35 **P:** “Que outra idéia?”

36 **Pedro:** “Eu tenho a mesma idéia dos dois” ((Givaldo e Walbia)).

37 **P:** “Que outra idéia?”

38 **Suetônio:** “Eu não sei direito como é, mas tem um DIU que a mulher utiliza; quando
39 ela tem relação sexual ela não engravida. E também ela pode fazer a cirurgia que não
40 menstrua mais e não passa mais óvulos; e no homem também... que é a vasectomia”.

41 **P:** “Que outra idéia?”

42 **Carlison:** “Outro método também de prevenção é aquele tipo de camisinha que no
43 momento que ela estoura libera um produto que elimina os espermatozóides e não
44 tem perigo de engravidar”.

45 **P:** “Que outra idéia?”

46 ((não houve manifestações)).

47 **P:** “**Dos métodos que vocês citaram, qual o que parece mais seguro?**”

48 **Walbia:** “Acho que os anticoncepcionais são mais seguros”.

49 **P:** “Por que?”

50 **Walbia:** “Quer dizer, é mais seguro e não é, porque se esquecer de tomar não adiante,
51 não faz efeito. Acho que seja porque a camisinha corre o risco de estourar e o remédio
52 se você tomar todo dia não corre o risco”.

- 53 **Suetônio:** “Mas o mesmo risco da camisinha estourar é o mesmo risco de você
54 esquecer de tomar o remédio. O método mais seguro é o DIU porque a mulher coloca
55 lá o negócio”.
- 56 **Walbia:** “Mas tem que ficar todo mês trocando”.
- 57 **Givaldo:** “Todo método tem o seu risco”.
- 58 P: “Você pode dizer quais são os riscos?”
- 59 **Givaldo:** “A camisinha pode estourar; o anticoncepcional a mulher pode esquecer de
60 tomar; ir pela tabela, pode ser que atrase ou adiante a menstruação da mulher”.
- 61 **Suetônio:** “Então o mais seguro é fazer a cirurgia; corta lá e pronto”.
- 62 **Carlison:** “Será que o comprimido anticoncepcional não possa falhar?”.
- 63 **Floriano:** “Como Saulo falou, acho que o comprimido anticoncepcional depende do
64 organismo da mulher. Uma colega minha ficou aviciada/ em anticoncepcional e o
65 médico disse que ela parasse porque podia engravidar e o nenê podia nascer com
66 problemas”.
- 67 P: “Outra idéia?”
- 68 **Givaldo:** “Mas tem muita gente que toma de bolo; vai na farmácia e compra; mas esse
69 remédio tem que ser tomado com prescrição médica... com acompanhamento”.
- 70 P: “Outra idéia?”
- 71 **Suetônio:** “Prá/ mim o jeito mais seguro, que não vai trazer nenhum problema é fazer
72 a vasectomia mesmo. Cortou, já era”.
- 73 **Walbia:** “E se no futuro desejar ter filho, tem como reaver?”
- 74 **Givaldo:** “A vasectomia tem”.
- 75 P: “Outra idéia?”
- 76 ((Não houve manifestações))
- 77 **P: “A anticoncepção deve ser estimulada ou mesmo praticada entre
78 adolescentes?”**
- 79 **Givaldo:** “Acho que sim, porque tem acontecido que muita gente tá/ tendo filho com
80 onze, doze, treze... catorze anos, mas não tem estrutura... idade prá/ ter filho; ter a
81 responsabilidade”.
- 82 **Carlison:** “Devia ser estimulado sim, mas tem aquela questão: quando a pessoa é
83 pobre, a única diversão dele é fazer aquilo porque não tem outra coisa prá/ fazer.
84 Deviam inventar algum tipo de... atividade prá/ esse pessoal fazer”.
- 85 P: “Carlison acha que o sexo quando ocorre entre as pessoas menos favorecidas e
86 jovens, ocorre porque eles não têm outras atividades. O que vocês acham a respeito?”
- 87 **Walbia:** “Acho que é falta de informação. Tem casos que a gente não tem essa
88 conversa com os pais; agente procura essa conversa fora e a gente tem informações
89 erradas sobre isso”.
- 90 **Givaldo:** “Acho também que seja isso”.
- 91 P: “Mas será que as informações mais adequadas são as informações dos pais?”
- 92 **Suetônio:** “Depende dos pais”.
- 93 **Givaldo:** “Pois é, não adianta ele (pais) dar uma informação sem ter certeza que é
94 aquilo”.
- 95 **Suetônio:** “Tem que ser uma pessoa informada; não precisa ser diretamente dos pais;
96 do médico, por exemplo”.
- 97 P: “Pedro ia falar?”
- 98 **Pedro:** “Hoje os adolescentes já pegando o ritmo dos pais que já tão do mesmo jeito
99 deles. Hoje tem crianças que tão entrando nisso através de bebedeira, droga; às
100 vezes faz isso com o próprio pai”.
- 101 **Walbia:** “Como João falou é pelos pais. Mas às vezes a gente vê dos pais prá não
102 fazer aquela coisa; minha mãe engravidou com dezessete anos, mas não é por isso
103 que eu vou engravidar; eu já quero prá mim uma coisa totalmente diferente do que ela
104 teve”.
- 105 **Givaldo:** “Não é tudo que o meu pai faz que eu vou fazer, mas tem certa influência. Se
106 meu pai fuma, é massa, então eu vou fumar também”.

- 107 **Carlison:** “Acho que existe influência dos pais sim, mas muito mais de amigos. Você
108 erra com o pai se quiser; mas a influência não é tão especificamente como a dos
109 amigos”.
- 110 P: “Voltando à questão da anticoncepção, esta deve ser estimulada, praticada entre
111 adolescentes? Vamos ouvir o Herculano?”
- 112 **Herculano:** “Sim. Acho que é uma forma de você ter uma vida sexual sem riscos; traz
113 segurança aos jovens”.
- 114 P: “Outra idéia?”
- 115 **Carlison:** “Acho que essa idéia de prevenção é boa mas deve ser mais divulgada
116 porque muita gente não tem tanta informação”.
- 117 **Givaldo:** “A galera faz muita reportagem sobre a miséria, fome, desemprego, mas tem
118 muita gente que não vê que isso tá/ acontecendo por causa disso mesmo: não tá/
119 tendo a divulgação dos anticoncepcionais. O pessoal de doze, treze anos tem filho... aí
120 tem que arranjar emprego; daqui a quinze anos já tá/ grande, procurando emprego
121 também. Aí uma mãe de vinte anos tem um filho de dez anos; com trinta anos tem um
122 filho de vinte e aí os dois já estão concorrendo ao mesmo mercado de trabalho; aí vem
123 o desemprego”.
- 124 P: “Essa palavra de Givaldo é uma palavra interessante. Dentro de casa todos estão
125 concorrendo ao mesmo emprego. Ele acredita que isso está acontecendo porque os
126 jovens estão tendo atividade sexual muito cedo e sem proteção. O que vocês acham?”
- 127 **Pedro:** “A família aumenta, a população aumenta sem um plano familiar adequado”.
- 128 **Givaldo:** “Tudo isso porque faltou informação para se prevenir no começo”.
- 129 P: “Utilizando método de prevenção, isso parece significar que o adolescente deve ter
130 atividade sexual. Se ele se proteger, tudo bem. É isso? O que vocês acham?”
- 131 **Floriano:** “Na minha opinião, é. Claro que é, mas não exageradamente; porque vamos
132 se prevenir prá dar tudo certo e fazer direto? Não pensar só em fazer isso; é preciso
133 também planejar a vida e pensar no futuro”.
- 134 **Walbia:** “Como ele (Floriano) falou, a gente, primeiro tem que planejar o futuro agora
135 prá/ poder pensar em relação. Eu vejo em casa uma coisa assim: relação só depois do
136 casamento. Nossos pais pegam mais no nosso pé (moças). Se a gente não fizer nada
137 de errado, a gente não vai engravidar. Depois que casar sim: já tenho marido, já posso
138 ter uma renda maior”.
- 139 P: “Walbia diz que o sexo só deve ser realizado antes do casamento. O que vocês
140 acham?”
- 141 **Givaldo:** “Acho que não. Porque se você fizer sexo com prevenção, qual vai ser a
142 diferença entre fazer antes ou depois do casamento?”.
- 143 **Carlison:** “Concordo com Givaldo por um motivo: Se depois do casamento os dois
144 tiverem empregados, tiverem um filho e depois perderem o emprego, não é a mesma
145 coisa de ter feito antes do casamento?”
- 146 **Walbia:** “Sim, mas depois de casado você já tem maior maturidade do que o
147 adolescente; adolescente não quer nada sério, só quer curtir. Vocês querem uma
148 coisa séria agora, vocês não querem: vocês querem sair, beber, vocês querem curtir.
149 Uma pessoa mais velha já tem sua maturidade e vai trabalhar e não é só em trabalho
150 de boyzinho; é preciso sustentar o filho”.
- 151 P: “Pedro?”
- 152 **Pedro:** “Eu acho que não deve só rolar relação depois do casamento; mas pode ser
153 antes também, desde que teje/ um pouco maduro, tenha consciência do que tá
154 fazendo. Casa hoje amanhã separa”.
- 155 **Carlison:** “Não existe mais aqueles casamentos de vinte, trinta anos”.
- 156 **Walbia:** “Acho engraçado uma coisa: se tem o casal e a menina vai e engravida? Ah,
157 então bora/ logo casar... não sei o quê, não sei o quê. Então prá/ que essa agonia
158 todinha?”.
- 159 **Givaldo:** “Mas quantas pessoas jovens você já viu que tiveram relação e ela
160 engravidou e os dois decidiram casar porque ela engravidou?”.
- 161 **Walbia:** “Tenho uma colega que tá/ vivendo isso agora”.

- 162 **Givaldo:** “É porque eles geralmente têm mais a influência do pai: e agora, meu pai vai
163 dizer isso, isso, isso; então vamos casar, senão meu pai vai fazer isso, isso e isso. É
164 tudo com medo do pai; porque se o pai chegar lá e apoiar: você engravidou,
165 aconteceu, beleza. Se ele chegar e der todo o apoio a ela, beleza”.
- 166 P: “Walbia está dizendo que os jovens (homens) não estão desejosos da prática do
167 casamento. O que vocês acham?”
- 168 **Carlison:** “Na maioria das vezes quando a menina engravida antes do casamento os
169 pais querem que casem só prá/ não sujar o nome da família. É um problema social”.
- 170 P: “Que outra idéia?”
- 171 **Pedro:** “Antes ou depois do casamento o importante é fazer com segurança”.
- 172 **Givaldo:** “E responsabilidade”.
- 173 P: “O que seria essa responsabilidade?”
- 174 **Carlison:** “Um modo de prevenção”.
- 175 **Walbia:** “Tem meninos que diz: vamos fazer e não vamos se prevenir não. Isso é falta
176 de responsabilidade. Vai que ocorre da menina engravidar, depois pensa: tá/ vendo,
177 se eu tivesse usado camisinha não teria ocorrido isso”.
- 178 **Pedro:** “Não só os meninos, mas às vezes as meninas tão um pouco assanhadas”.
- 179 **Suetônio:** “A questão da prevenção não é só engravidar... mas pegar doença, você já
180 era; pegar AIDS, sífilis, gonorréia, cancro mole... acabou a sua vida ali”.
- 181 P: “Mas, ele fala no cancro mole, o outro fala na sífilis e na gonorréia também. Mas o
182 cancro mole e a gonorréia têm o poder de matar?”
- 183 **Suetônio:** “Não é uma questão de matar; é uma questão de você ser uma pessoa
184 doente... vamos dizer... com sua mulher... você é novo e tal e faz sexo sem
185 camisinha... aí quando você for fazer com a sua mulher vai ter que fazer com
186 camisinha... se você tiver uma doença sexualmente transmissível vai passar prá/
187 qualquer pessoa que você fizer sexo”.
- 188 P: “Alguma outra contribuição?”
- 189 **Givaldo:** “Discordo de Walbia quando bota a culpa nos meninos que influenciam as
190 meninas a fazer sem prevenção: a culpa é dos dois”.
- 191 **Ketman:** “Tem gente que faz sexo só por fazer. Acho que é vida, é prazer... tem que
192 ter responsabilidade, planejamento”.
- 193 **Givaldo:** “Mas sexo é prazer. Se você não tem prazer de fazer aquilo, prá/ que vai
194 fazer?”.
- 195 P: “Outra contribuição?”
- 196 ((Não houve manifestações))
- 197 P: “Muito bom. Nós agradecemos a colaboração do grupo nessa discussão. Quero
198 dizer que foi muito agradável ter estado com vocês nesta ocasião”.

1 ANEXO J - GRUPO FOCAL RELIGIOSO 3 – (GFR-3)

2
3 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA4
5
6 PERCEPÇÃO DA SEXUALIDADE

7
8 **P:** “Estamos nessa ocasião reunidos com o Grupo GR3, aqui no Colégio Estadual
9 Professor Jerônimo Gueiros. A temática dessa ocasião refere-se à percepção que os
10 adolescentes têm a respeito da sexualidade. A primeira questão que nós gostaríamos
11 de iniciar a discussão... é vendo **o conhecimento... ou seja... o que é que os**
12 **adolescentes chamam de sexualidade. Quem começaria”**

13 ((indecisões no grupo))

14 P: “Quem gostaria de dar a sua primeira opinião?”

15 ((Silêncio no grupo))

16 P: “Bem... estão vamos começar com Janice”.

17 **Janice:** “O que eu entendo por sexualidade é o contato não físico, mas o contato
18 emocional; não vem ao caso se é entre um homem e uma mulher... e não só o contato
19 físico no namoro, tudo é sexualidade, mas também a amizade, a convivência com
20 pessoa do sexo oposto. A sexualidade tá/ ligada a tudo isso”.

21 P: “Quem prossegue?”

22 **Gleydes:** “É um conjunto das sensações, dos sentimentos que a pessoa tem; tudo
23 isso envolve a sexualidade da pessoa”.

24 P: “Quem prossegue?... uma voz masculina então?”

25 **William:** “Eu acho que a sexualidade tem que ser uma coisa planejada; você pode
26 fazer algo sem estar pronto, sem desenvoltura e também um amadurecimento”.

27 P: “Outra opinião? Quem prossegue?”

28 **Janice :** “Eu acho que as crianças já nascem mais inteligentes para esse tipo de coisa;
29 mas quando criança você brinca com meninos mas com aquela inocência: não que
30 como adolescente você não tenha, mas você já pensa de outro tipo, como eu já pensei
31 em namoro. Mas em relação ao sexo, a sociedade hoje em dia julga muito as pessoas.
32 Antigamente as meninas pensavam... eu vou casar virgem... hoje em dia não tem mais
33 isso, alguns acham bregas outros concordam. São opiniões diferentes”.

34 P: “Josely ia falar?”

35 **Josely:** “Quanto à sexualidade como M3 citou, antes as pessoas (moças) se casavam
36 virgens; começavam namorando com uma só com uma pessoa e com essa pessoa se
37 casavam. Hoje, dependendo da pessoa, fica com um, às vezes com dois e sempre
38 tem relação sexual. A maioria das pessoas hoje, só fica, nem conhece a pessoa
39 direito, corre risco de engravidar. Antes, com dez anos agente brincava de boneca,
40 hoje as meninas com dez anos não brincam mais, já querem maquiagem, baton...”
41 ((não prosseguiu a fala)).

42 P: “Gleydes?”

43 **Gleydes:** “É porque tudo se desenvolveu... a tecnologia... e porque o conhecimento
44 não ia também evoluir? Hoje em dia nas escolas, alunos da terceira e quarta série já
45 estudam o corpo humano, já estão vendo toda essa parte. Acho que a tecnologia
46 ajudou muito nisso, porque antigamente agente brincava de boneca; hoje não, menino
47 de nove anos na internet é só o que vê; televisão que ensina... novelas”.

48 **Janice :** “A sexualidade está sendo estimulada desde pequenininho pela mídia, pela
49 internet, pela tecnologia. Desde pequenas as crianças já estão sendo estimuladas a
50 conhecer, a saber o que é. Uma criança é curiosa e ela vê na televisão: Use
51 camisinha; então a criança vai querer saber o que é”.

52 P: “Uma voz masculina?”

53 **Ricardo:** “A sexualidade é um tema mais voltado para os adolescentes porque a
54 criança tem aquela inocência e hoje em dia a adolescência ela já vem praticamente

55 em termo de sexualidade. Crianças falam em amor, mas com inocência; o adolescente
56 fala em amor, mas com segundas intenções”.

57 **Paula:** “Eu acho que os colégios deveriam se empenhar mais a respeito da
58 sexualidade, porque não são todos os colégios que debatem (o tema); acho que
59 deveria ter uma matéria prá/ debater não só com os adolescentes mas também com
60 os alunos do fundamental”.

61 **Janice:** “Acho que os pais também deveriam (ensinar). Se os pais não falam, você
62 não aprende em casa, você pode aprender até de uma forma errada. Acho que isso
63 devia partir de casa; os pais ficam com vergonha de falar. Às vezes a menina com
64 certa idade pergunta uma coisa e os pais têm vergonha de responder, porque acham
65 que ela é muito nova prá/ entender; mas acho que seria fácil. A minha mãe sempre
66 conversou comigo, mas eu vejo umas amigas minha que a mãe jamais toca no
67 assunto. Acho melhor saber em casa como é tudo, do que saber na rua com amigo ou
68 com pessoas que possam lhe ensinar até de forma errada”.

69 **Tarcísio:** “Eu acho que a família devia informar mais. Meu pai procura mais os filhos
70 homens para conversar; já com as meninas ele não dá aquelas informações por que
71 aos catorze anos já não é essa inocência toda”.

72 **Paula:** “Acho que para os pais é mais fácil eles saberem que os filhos homens têm
73 relações do que para as filhas mulheres”.

74 **Ricardo:** “No caso, os pais ajudam muito porque se os pais tivessem certo contado de
75 ensinar essas coisas para os filhos; hoje o índice de adolescentes grávidas aumentou
76 muito; se for ver, são pessoas de favelas, de famílias rebeldes, de pais que não
77 apóiam as pessoas; se os pais dessem um pouco mais de informações a seus filhos,
78 isso podia ser evitado”.

79 **Janice:** “Tenho amigas que não são mais virgens e os pais não sabem. Uma delas me
80 disse que foi ao médico e o médico lhe disse que tinha que fazer tal exame, mas que
81 não podia fazer para que os pais não soubessem. Se ela tivesse espaço para falar
82 com os pais, seria melhor porque eles iriam dar informações, poderiam livrar de uma
83 gravidez ou de doença”.

84 P: “Damião gostaria de falar?”

85 **Damião:** “Os pais, eles não têm certa informação prá/ passar prá/ seus filhos. Às
86 vezes os filhos não chegam a seus pais. A mulher, como Janice falou, tem medo de
87 falar com o pai para não levar uma surra, ficar de castigo. Às vezes tem a ameaça do
88 pai, da mãe... só que aí tem os seus amigos que vão ficar por trás: Vamos que é bom;
89 ficam convencendo”.

90 **William:** “Tem a questão da religião, de seguir a bíblia. A bíblia diz que é para fazer
91 (sexo) depois do casamento. Alguns pais não seguem isso e outros já seguem. Por
92 exemplo, alguém tem um pai religioso e a filha por acidente ou algum desejo, fez sexo
93 antes do casamento, ela vai ter medo de chegar ao pai por que sabe que o pai vai
94 dizer que ela errou”.

95 **Tarcísio:** “Eu acho também que nós da cidade temos mais informações que os do
96 sítio. Eu soube que no sítio tinha um pessoal que fazia sexo, depois lavava a
97 camisinha e colocava no varal e os filhos curiosos perguntavam aos pais prá que
98 servia aquilo”.

99 **Eloisa:** “Acho que os pais deveriam dar informações e o colégio também”.

100 **Martha:** “A gente sabe das coisas porque passa nos comerciais, mas com o pai da
101 gente não”.

102 Felipe: ((Comentário não relacionado ao tema em discussão))

103 P: “Uma outra questão nós gostaríamos que também pudéssemos discutir... por
104 exemplo... **que importância tem a sexualidade para o adolescente?**”

105 **Paula:** “Para os homens, esse termo que dizer que ele vai ser mais homem junto dos
106 seus colegas... porque fica com àquela menina e fica se sentindo mais do que os
107 outros. Acho que isso vai muito da influência... eles estão sendo influenciados eles
108 fazem mais sobre pressão, prá/ dizer aos colegas que fazem o que não fazem ou
109 fazem mais do que os outros”.

- 110 P: “O que nós gostaríamos de saber, é que importância tem para cada um a sua
111 própria sexualidade? Como vocês se vêem dessa forma? Como cada um se vê na sua
112 própria sexualidade?”
- 113 **Ricardo:** “Eu acho que o prazer do homem é maior que o da mulher; mas a vontade
114 que o homem tem eu acho que a mulher tem também. É o medo que não deixa levar a
115 acontecer”.
- 116 **Martha:** “Ou também a questão da religião. Cada um tem sua religião, sua opção”.
- 117 P: “Mas a questão, vejam só: é importante para o adolescente a sua sexualidade?”
118 ((Todos respondem: É))
- 119 **Janice:** “Acho que é importante até para a maturidade”.
- 120 **Paula:** “Também acho que é importante porque a sexualidade já está presente na vida
121 do homem e da mulher desde que eles nascem. Quando ele vai crescendo vai
122 amadurecendo, vendo a diferença entre homem e mulher... a diferença dos corpos e
123 isso vai ajudando. Se não tiver sexualidade ele não vai ter entendimento do que é
124 certo, do que é errado... das diferenças que existem entre homens e mulheres. De
125 certa forma é bom esse estímulo porque desde criança ele já vai vendo essas
126 diferenças”.
- 127 **Paula:** “Em relação à sexualidade da mulher eu acho mais complicado porque, para a
128 mulher na medida que ela crescendo o corpo vai se desenvolvendo e pru/ homem
129 não... pru/ homem é mais fácil”.
- 130 **William:** “Sempre houve essa questão do homem, quando começa a ter vida sexual
131 ativa, achar que é o mais importante... MACHÃO. Acho que todo crescimento deve ser
132 de acordo com o que vai sendo feito... você vai crescendo, vai amadurecendo, se
133 preparando prá quando chegar essa hora. Não adianta cortar caminho e seguir logo
134 direto sem ter certa maturidade”.
- 135 **Janice:** “Eu acho que estão dando importância errada à sexualidade hoje em dia,
136 porque alguns meninos fazem só prá/... as meninas também, mas é menos. Conheço
137 um caso que diz: a minha amiga não é mais virgem então eu também não posso ser
138 porque sou carente.. a importância vem de você. Em algumas pessoas a religião
139 ajuda; tanto evangélicos como católicos sabem que sexo antes do casamento, de
140 certa forma é errado; mas se você tem outro pensamento não é religião que vai
141 empatar. Isso não vem da religião, vem dela mesmo; do modo que ela foi criada; dos
142 pais... do que vê com as amigas, com os amigos”.
- 143 **Josely:** “O sexo Deus deixou como uma prova de amor também... (para) depois do
144 casamento. Tem pessoas que fazem antes e avacalham demais. Faz só por prazer
145 somente”.
- 146 **Janice:** “Eu não sou contra o sexo antes do casamento, sou contra o sexo feito por
147 brincadeira, por prazer. Desde que haja amor entre os dois, eu sei que é errado pelo
148 lado da bíblia, mas o meu ponto de vista eu acho que é menos. Às vezes as meninas
149 ficam e faz relação sexual; eu acho isso errado. Mas muitas vezes tem o casamento,
150 mas não tem amor naquele casamento. Aí pronto, foi depois do casamento, mas não
151 adiantou de nada porque você fez porque casou, não fez porque amava. Então,
152 independente do casamento desde que seja feito por amor àquela pessoa, com
153 atenção, com carinho eu acho que não é uma coisa tão errada, como quando se faz
154 só por brincadeira ou por prazer”.
- 155 **William:** “Essa questão de casamento sem amor, um caso aqui no colégio: a menina
156 casou e se separou na lua de mel. O casamento não é uma coisa só por escrito; deve
157 ser feito quando os dois tão/ certo daquilo. Às vezes a pessoa pensa: vou me casar
158 prá/ ficar tudo certo; pode tá/ certo pela lei, mas e pela lei de Deus?”
- 159 **Damião:** “Tem que ver que o adolescente ou o jovem que tem relação antes do
160 casamento, no futuro vai atrapalhar ele, por que? Não vai precisar se casar prá/
161 conseguir o eu quer. Se ele tem o que quer antes do casamento, porque ele vai querer
162 casar, construir uma família”.
- 163 **Tarcísio:** “Ele não achou a pessoa certa prá/ se casar; o amor não entrou nos
164 corações dos dois. Ele achou o que quis, não achou a pessoa certa”.

- 165 **Damião:** “Aí tem o preconceito. Às vezes as pessoas não acreditam em conversão;
 166 que uma pessoa era de um jeito e mudou. Aí se você é um homem que vive pegando
 167 uma mulher, pega uma hoje, pega outra, pega outra, fica o preconceito contra você. Aí
 168 diz (a moça) eu não vou namorar, casar com ele porque ele é galinha. A mesma coisa
 169 é o pensamento do homem com uma mulher: se você vê uma mulher saindo com
 170 todos os homens, qual é o seu pensamento? Você vai casar prá levar gaia?”
- 171 **Eloisa:** “Ainda existe um pouco de preconceito quando ela perde a virgindade.
 172 Ninguém quer nada sério com ela”.
- 173 **Janice:** “Eu tava/ conversando ontem com a minha vó/ e ela falou que o prazer de
 174 uma menina é casar virgem. Então eu falei que não, porque se uma menina se
 175 entrega a um namorado e ele deixa ela, talvez aquela pessoa já não fosse prá/ casar
 176 com ela. Futuramente você ia casar com ele, fazer sexo com ele, mas talvez ele não
 177 fosse a pessoa certa prá/ você porque ele não ia lhe amar o suficiente. Porque se ele
 178 lhe deixou não importa se foi antes do casamento ou depois do casamento; realmente
 179 ele só lhe queria só praquilo/ (fazer sexo). Muitos homens tem preconceito prá/ casar
 180 com a mulher que não é virgem, mas acho que não tem nada a ver”.
- 181 **Eloisa:** “A mulher tem de se dar valor”.
- 182 **Janice:** “Eu acho que não é só por não ser virgem que você NÃO TÁ se dando valor.
 183 Você tem que ter a consciência, porque tem menina que perde a virgindade hoje,
 184 amanhã começa a namorar com outro e já se entrega prá/ ele; eu acho que isso tá
 185 errado”.
- 186 P: “Mais alguém?”
 187 ((Silêncio no grupo))
- 188 **P:** “Outra questão eu gostaria de discutir com vocês... **como fazer a diferença entre**
 189 **a sexualidade e o sexo?”**
- 190 **William:** “Sexualidade é uma coisa em geral e o sexo é o ato. O sexo é uma parte da
 191 sexualidade”.
- 192 **Martha:** “A sexualidade todo mundo tem; o sexo são as emoções” ((fala com largo
 193 sorriso, acompanhada por risos do grupo))
- 194 **Janice:** “A sexualidade tá/ em tudo. Namorar quando criança lógico que tem
 195 sexualidade... são dois sexos: Homem e mulher. Tem sexualidade mas não o ato
 196 sexual; tem a sexualidade de namorar beijar na boca... que não deixa de ser
 197 sexualidade; o ato sexual tem diferença... faz parte da sexualidade mas não é”.
- 198 **Damião:** “Sexualidade é mais uma forma de conversa... amizade... uma forma de
 199 contato com as pessoas; o sexo é mais um ato. A gente tá/ conversando aqui... é um
 200 ato de sexualidade; sexualidade não é só chegar lá e fazer e tal... isso é o sexo em si”.
- 201 **Ricardo:** “A sexualidade pode ser considerada como um todo; sexo é um ato,
 202 consequência da sexualidade”.
- 203 P: “Uma opinião feminbina...”
- 204 **Janice:** “Eu acho que a sexualidade é o conjunto de tudo: conjunto das sensações,
 205 dos sentimentos, das relações entre sexos opostos ou sexos iguais... tudo isso; e sexo
 206 como William disse é o ato, é a relação sexual”.
- 207 P: “Outra opinião? Josely?”
- 208 **Josely:** “Como Janice citou, sexualidade é em geral; o sexo é o ato, independente de
 209 ser homem ou mulher”.
- 210 P: “Alguém gostaria de dar outra opinião?”
 211 ((Não houve manifestações))
- 212 **P:** “Mais uma questão então, apenas... **existe alguma relação entre a sexualidade e**
 213 **o ajustamento do adolescente à vida?”**
- 214 **Paula:** “Como assim?”
 215 ((Comentários de alguns no grupo sem relação com o tema)).
- 216 P: “A sexualidade ajuda o adolescente a ajustar-se à vida? Se nós analisarmos a vida
 217 como uma participação geral: A vida na escola, a vida no trabalho, a vida na igreja, a
 218 vida nos esportes, a vida na igreja, a vida na família, a vida na música, a vida na

- 219 vizinhança. A sexualidade ajuda o adolescente a ajustar-se a esses diferentes
220 ambientes da vida?”
- 221 **William:** “Acho que o desenvolvimento do corpo do adolescente faz parte da
222 sexualidade dele; se você tá/ desenvolvendo você passa pela puberdade; o
223 desenvolvimento do corpo é também uma forma de se ajustar fisicamente na
224 sociedade”.
- 225 **Janice:** “Alguns pais acham que a sexualidade atrapalha... eu acho que não.
226 Desenvolvendo o corpo você fica uma pessoa mais amadurecida... mas também não
227 lhe torna uma pessoa diferente; muitos pais julgam que uma pessoa que fez sexo
228 antes é menos responsável que uma pessoa que não fez; acho que isso não muda... a
229 responsabilidade da pessoa... a personalidade não tá/ nisso”.
- 230 **William:** “Toda criança menino... (quando) pequeno tem aquela rixa de sempre ser
231 contra a mulher; quando você começa a desenvolver a sexualidade, você começa a
232 ver com outros olhos: Àquela mulher que eu tinha rixa eu já vejo como um aliado perto
233 de mim porque os caras vão ver e dizer: Olha ali... o cara tá andado com mulher. Se
234 eu não desenvolvesse a sexualidade, na escola eu não ia/ sentar perto de mulher. Por
235 que não? No trabalho se você tem uma concorrente mulher e você não desenvolveu
236 essa questão de ser sempre contra a mulher, isso atrapalha a vida na sociedade”.
- 237 **Janice:** “Com a sexualidade você aprende que o outro independente do sexo é um ser
238 igual a você. Com o tempo você vai aprendendo a conviver com pessoas de sexos
239 diferentes”.
- 240 **Ricardo:** “Acho que a vida da pessoa pode ser considerada por etapas; acho que a
241 sexualidade pode ser uma etapa da vida do adolescente; quando ele descobre essa
242 etapa da sexualidade vai desenvolver sobre aquela área”.
- 243 **Gleydes:** “Acho o contrário: A sexualidade é a vida. Ela está presente na vida toda; ela
244 não é uma parte da vida. A puberdade, a adolescência são etapas já da sexualidade
245 que a pessoa está sempre desenvolvendo; ela nunca para de aprender e está sempre
246 em contato com outras pessoas principalmente com o sexo oposto; desde criança ela
247 aprende a conviver, aprende as diferenças. A sexualidade é que está dividida em
248 etapas da vida”.
- 249 **Janice:** “(É que não é só relacionada a adolescência: acho que ao resto da vida”.
- 250 **Ricardo:** “Sim, a sexualidade existe mas ela tá/ escondida dentro de você; quando
251 você chega a uma certa parte da sua vida então você começa a desenvolver; não é
252 que ela chegue de REPENTE... mas ela está não desenvolvida. Na adolescência é a
253 parte que você mais desenvolve essa questão; na adolescência você não é adulto
254 nem criança você tá/ num meio termo, você tá/ saindo da criança prá/ ser adulto.
255 Nessa parte da adolescência se você não desenvolver essa sexualidade você não vai
256 ter como se ajustar na sociedade”.
- 257 P: “Outra opinião?”
- 258 ((Silêncio no grupo)).
- 259 P: “Nada mais?... Quando ocorre o silêncio parece que o assunto já foi
260 satisfatoriamente explorado... foi muito agradável ter estado aqui no Colégio Jerônimo
261 Gueiros, com esse bom pessoal aqui...”

1 ANEXO K - GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 3 - (GFNR-3)

2

3

4 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

5

6

7 PERCEPÇÃO DA SEXUALIDADE

8

9

10 **P:** “Estamos reunidos nessa ocasião com adolescentes da Escola Agobar Valença e
 11 neste momento nós faremos uma discussão sobre a percepção que têm os
 12 adolescentes a respeito da sua própria sexualidade. Então a questão que nós
 13 gostaríamos inicialmente de debater e **o que os adolescentes entendem por**
 14 **sexualidade?** Quem começa?”

15 ((Indecisões...))

16 **Helenilda:** “Sexualidade muita pensa que é fazer as químicas; mas quando a gente
 17 vai colocar em objetivo, vê que não é só as químicas que a gente deve fazer, mas
 18 sexualidade”.

19 **P:** “Que outra idéia? Helenilda gostaria de falar?”

20 **Pietra:** ((sorri, mas não contribuiu à discussão))

21 **P:** “Maria Luiza deseja falar?”

22 **Maria Luiza:** “Não”.

23 **P:** “Que outra opinião podemos ter sobre o que os adolescentes entendem por
 24 sexualidade?”

25 **Sergio Paulo:** “Quando os adolescentes vê/ essa palavra sexualidade o que vem logo
 26 na cabeça é em relação a sexo, mas também em relação ao sexo da gente... se você
 27 pretende ser homem ou se você quer ser gay ... mulher... né/... isso aí é gosto de cada
 28 um... sabe? isso é um fato prá/ agente também debater... a sexualidade de cada um”.

29 **P:** Sergio Paulo está se referindo a uma questão de identidade sexual, mas o que
 30 desejamos debater é o que vocês chamam de sexualidade. A questão é, o que os
 31 adolescentes entendem ou acham ser a sexualidade?”

32 **Erinaldo:** “Uma diversão, uma aventura”.

33 **Araci:** “Uma aventura muito grande que pode dar errado”.

34 **Reginaldo:** “Um mero prazer”.

35 **Roberto Carlos:** “Principalmente para os homens que só querem chegar... e créo/...;
 36 deixa prá lá”.

37 **P:** “Que outra idéia? Maurício, talvez?”

38 **Maurício:** “De certa forma se conhecer... sexualidade é quando chega a idade de ter
 39 relacionamento sexual... de conhecer o próprio corpo”.

40 **P:** “Outra idéia? Elielza deseja falar?”

41 **Elielza:** ((com gestos indicou que não)).

42 **P:** “Walter?”

43 **Walter:** “A sexualidade prá/ os homens é mais diversão... assim... em sentir prazer e
 44 não em dar prazer... principalmente os homens eles tende mais a sentir e não dar
 45 prazer à pessoa com quem ele tá/ se relacionando”.

46 **P:** “Walter está abordando mais uma questão de competência sexual. Mas, voltando à
 47 questão, o que os adolescentes têm na mente quando falam de sexualidade?”

48 **Araci:** “Assim... sexualidade como a gente aqui... tá/ todo mundo perdido... ninguém
 49 tem uma idéia própria... ninguém tem uma coisa certa prá dizer... é isso que os jovens
 50 pensam... não tem nada certo”.

51 **Reginaldo:** “Eu acho que esse negócio sobre sexualidade... os adolescentes de hoje
 52 em dia não tem uma idéia fixa sobre sexualidade... quando fala em sexualidade pensa
 53 logo no sexo... no prazer... pensa logo nisso... se for perguntar a outra pessoa vai ser
 difícil ter outra resposta”.

- 54 P: “Qual seria a dificuldade de compreensão do adolescente em relação à
55 sexualidade? Porque você julga que os adolescentes não têm assim, muito jeito prá
56 dizer o que seria sexualidade?”
- 57 **Erinaldo:** “Falta de diálogo”.
- 58 **Sergio Paulo:** “É a falta do diálogo que tem muitas vezes nas escolas... e também dos
59 pais em casa... é a falta de informação que lá fora também não passa nada falando
60 disso... por isso que prus/ jovens sexo é isso... prazer... diversão ou alguma coisa
61 assim parecida”.
- 62 P: “Alguma outra contribuição?”
63 ((não houve manifestações)).
- 64 **P:** “Muito bem... vamos ver uma segunda questão: **Qual seria a importância da
65 sexualidade para o adolescente? Qual é o papel da sexualidade na vida do
66 adolescente? É importante o exercício da sexualidade para o adolescente?”**
- 67 **Erinaldo:** “Claro... acho que é porque quando você tem uma relação você se sente
68 mais maduro... você se sente mais livre... mais solto ((risos no grupo)).
- 69 P: “Erinaldo está apontando uma questão de comportamento sexual, de vivência
70 sexual; faz parte da sexualidade, mas será que o comportamento sexual é a própria
71 sexualidade?”
72 ((silêncio no grupo)).
- 73 P: “Que outra idéia podemos ter? Por exemplo: Como se sentem os adolescentes
74 sendo masculinos e outros femininos? Os adolescentes masculinos como se sentem
75 com o fato de serem masculinos?”
- 76 **Reginaldo:** “Bem eu agradeço a Deus porque eu me sinto masculino. Isso vai da
77 cabeça de cada um; cada um tem a sua opção”.
- 78 P: “Outra idéia?”
- 79 **Erinaldo:** “Pode fazer de novo a pergunta?”.
- 80 P: “Como os adolescentes masculinos se sentem com esse fato de serem
81 masculinos? É bom ser masculino, por quê? É bom ser feminino, por quê?”
- 82 **Sergio Paulo:** “É bom ser masculino porque tem mais liberdade, principalmente em
83 casa; é homem, tem mais autoridade também; é mais livre prá/ sair, ter relação sexual.
84 Se você for um menino, todo pai deseja que o menino seja... sabe (macho) pratique, já
85 que é prá ficar... (homem) sabe? ((risos no grupo)). O menino, eles (pais) incentivam
86 mais do que a menina”.
- 87 P: “Sergio Paulo está abordando uma questão de gênero: Sexualidade e gênero. Ele
88 diz que é importante ser masculino por causa dessa liberdade, do poder. Que resposta
89 têm as meninas?”
- 90 **Araci:** “Eu acho que todos os pais fizeram isso deste o tempo... antigamente, que o
91 homem fosse o chefe. Mas a mulher também pode ser; isso não tem nada a ver;
92 mulher pode sair. Como antigamente, mulher não saía, ficava tudo em casa
93 costurando e eles pelo mundo, e a mulher não. A mulher tem de ter direito de tudo o
94 que eles fazem”.
- 95 **Reginaldo:** “Mas temos que concordar uma coisa: Um homem na família é tratado
96 como... sei lá! Pode fazer tudo que quiser. Mulher tem hora certa prá chegar em casa,
97 homem não; ele tem mais incentivo. Com a mulher, não; os pais dão muitos
98 conselhos, falam muito com ela sobre isso”.
- 99 P: “Qual a resposta feminina que temos para Reginaldo?”
- 100 **Araci:** “Ele (Reginaldo) falou que o homem pode ir prá festa, que o pai deixa e a
101 mulher não. Porque, como os homens no tempo de hoje tão muito perdidos... a mulher
102 não, a mãe vê, assiste muitas coisas e a mãe diz: olhe, é assim, assim, assim, prá ver
103 se ela presta atenção e pode ser uma grande mulher prá/ frente”.
- 104 P: “Outra contribuição feminina?”
- 105 **Maria Luiza:** “Os pais sempre tem mais crédito (cuidado, atenção) com as mulheres
106 do que com os homens. Aos homens diz: se vire, você é de maior; e à mulher, não.
107 Ela sendo de maior, vivendo com ao pais, eles ainda tem cuidado; quando ela vai sair

- 108 de casa ter cuidado; se sair com o namorado... sempre dão muito conselho... prá/
109 voltar cedo”.
- 110 P: “Outra contribuição? Elielza?”
- 111 **Elielza:** “Eu acho assim: O homem desde antigamente, não é de agora, tem a
112 passagem livre e a mulher já é mais presa. Agora, por que isso? A mulher ser presa?
113 Não são dois seres humanos?”.
- 114 P: “Quem tem a resposta?”
- 115 **Roberto Carlos:** “A mulher é mais frágil”.
- 116 **Elielza:** “Não tem nada a ver, nada a ver. Os seres humanos têm direitos iguais, e
117 aí?”.
- 118 P: “Roberto Carlos acredita que é por que a mulher seja mais frágil”.
- 119 **Elielza:** “Mas aí vai depender da confiança”.
- 120 P: “Elielza acredita que a confiança do pai é que vai estabelecer a forma dele se
121 relacionar com ela. O que vocês acham?”
- 122 **Sergio Paulo:** “Na minha opinião é porque o homem tem mais malícia; acontecer
123 alguma coisa assim: você vai prá uma festa, aí acontece de vir alguém te assaltar ou
124 coisa parecida, é claro que ele não vai pro/ seu lado; se vir, você tem aquela malícia. E
125 a menina, não: é um assalto, passa tudo”.
- 126 **Elielza:** “E a gente vai reagir fazer feito vocês? Não”. ((risos no grupo)).
- 127 **Sergio Paulo:** “É o que tô/ dizendo: vocês não têm... não têm essa malícia de chegar,
128 enrolar até ele dá um vacilo e vocês correr”.
- 129 **Reginaldo:** “Essa questão sobre os pais ser mais liberais com os homens do que com
130 as mulheres, isso é uma questão que só quem pode responder são eles. Os pais
131 incentivam seus filhos homens a praticar o sexo mesmo sem chegar a idade; até
132 comentam entre eles: Ah, não, já é tudo homem, tem namorada. Qual é o pai que vai
133 incentivar a mulher (filha) a praticar sexo? Quem de vocês aí (meninas do grupo) o pai
134 já incentivou?”.
- 135 **Erinaldo:** “Mas teu pai (referindo-se a Reginaldo) te incentiva a fazer sexo?”
- 136 **Reginaldo:** “Incentiva” ((risos no grupo)).
- 137 **Erinaldo:** “acho assim, que o homem quer sempre tomar a frente de tudo; e a questão
138 de horário, é uma questão de disciplina. Eu moro com minha mãe porque meu pai
139 mora fora e passa muito tempo; então eu convivo mais com ela (mãe); e o mesmo
140 cuidado que ela tem com minha irmã e meu irmão mais novo ela tem comigo. Nem
141 meu pai nem minha mãe me incentiva a fazer sexo; o que eles dizem é: tenha
142 cuidado, use camisinha e tal. Mas incentivar, acho que isso não existe”.
- 143 P: “Erinaldo trata de uma questão de gênero. Mas, e a questão da sexualidade? Isso é
144 importante para a nossa vida, exercer a nossa sexualidade?”
- 145 ((não houve manifestações)).
- 146 **P: “Muito bem... uma terceira questão: Existe diferença entre a sexualidade e o
147 sexo?”**
- 148 ((silêncio no grupo)).
- 149 P: “Vocês estão dizendo que os pais incentivam os filhos homens a fazer sexo e
150 negam essa oportunidade às filhas, as meninas. Há diferença entre a sexualidade e o
151 comportamento sexual? O que vocês acham?”
- 152 **Erinaldo:** “Sexualidade, acho que o sexo é mais momentâneo; a sexualidade leva a
153 várias coisas”.
- 154 P: “Walter?”
- 155 **Walter:** “Eu posso falar que é porque... que quase todo mundo ainda não entrou no
156 clima de sexualidade e sexo aqui na sala (grupo); que ainda tá/ uma discussão... então
157 nessa discussão tá/ havendo um equívoco do que é sexo e sexualidade. O
158 adolescente em geral ainda não tá/ sabendo definir sexualidade e sexo. Acho que isso
159 é uma discussão que tende a abranger outras escolas, outros adolescentes, prá/ ver a
160 diferença, o porque que eles ainda não sabe diferenciar o sexo e a sexualidade. O
161 meio de comunicação é grande. As escolas agora que tão/ pondo professores prá/
162 debater o sexo dentro da sala. Os professores não tinham essa liberdade prá/ falar de

- 163 sexo; por isso que os adolescentes ainda se enrolam quando vão falar de sexualidade
 164 e de sexo”.
- 165 P: “Mas na sua idéia (Walter) o que seria a sexualidade?”
- 166 **Walter:** “Prá/ falar a verdade, nem eu tenho idéia do que seria a sexualidade”.
- 167 P: “Alguma outra contribuição?”
- 168 **Reginaldo:** “O que ele (Walter) falou é verdade. O que o adolescente tem mais idéia
 169 hoje é sobre o sexo, o ato, a prática; não sobre a sexualidade. Eu também não
 170 tenho uma idéia concreta sobre sexualidade”.
- 171 P: “Outra contribuição? Dagoberto?”
- 172 ((risos no grupo. Dagoberto esboçou um sorriso, mas não contribuiu)).
- 173 P: “Maria Luiza?”
- 174 **Maria Luiza:** “Eu sei lá”.
- 175 P: “Elielza?... Helenilda?... Ninguém mais?”
- 176 ((silêncio no grupo)).
- 177 P: “O que vocês acham ser o sexo?”
- 178 **Walter:** “O sexo, prá/ muita gente é sentir prazer”.
- 179 P: “De que forma?”
- 180 **Walter:** “Sentir prazer, dar prazer ao seu corpo; não fazer sexo porque você gosta da
 181 pessoa... você quer dar prazer ao seu corpo”.
- 182 P: “Alguma outra contribuição?... Nada?”
- 183 ((mistura de vozes))
- 184 **P:** “Muito bem... mais uma outra questão... o que nós gostaríamos de ver agora é **se**
 185 **existe alguma relação entre a sexualidade e o ajustamento da pessoa à vida?**
 186 Será que a sexualidade ajuda o adolescente a se sentir melhor, a se sentir mais
 187 adaptado à família, à escola, ao trabalho – em alguns casos, aos esportes? O que
 188 vocês acham? Que comentários vocês fazem?”
- 189 ((silêncio no grupo)).
- 190 P: “O fato de ser menino tem alguma influência no ajustamento à vida? Por exemplo:
 191 Se fala que os meninos têm mais liberdade; essa liberdade ajuda ele a adaptar-se
 192 melhor à vida presente?”
- 193 ((silêncio no grupo)).
- 194 P: “O fato de ser mulher, isso ajuda ela a adaptar-se à vida? A sexualidade (...)
- 195 **Araci:** “Mulher, não”.
- 196 P: “Por que?”
- 197 **Araci:** “Porque o homem quando tá/ numa turma de amigos e diz: eu não sou mais
 198 virgem... ele é o cara. Mulher, não; mulher não tem essas coisas... é mais fechada... é
 199 mais quieta; pode até comentar com sua amiga, amiga mesmo ou com sua mãe... só.
 200 Pronto. Ela não sai dizendo assim, a todo mundo”.
- 201 P: “O que vocês acham?”
- 202 **Reginaldo:** “O que ela (Araci) tá/ dizendo é verdade. Quando no meio dos meninos
 203 tem um que ainda é virgem, aquela pessoa é discriminada; chamam ele de donzelo.
 204 As mulheres não debatem esse tipo de coisa”.
- 205 **Roberto Carlos:** “É porque vai da honra da mulher; porque ninguém vai querer casar
 206 com uma mulher toda daquele jeito. Se eu for casar um dia e a minha mulher não for
 207 virgem eu não quero mais” ((risos no grupo)).
- 208 **Araci:** “Em todo caso, se tu for casar, se tu gostar dela amanhã, tu num/ vai casar com
 209 ela?”.
- 210 **Roberto Carlos:** “Ôxe/, vou nada” ((risos no grupo)).
- 211 **Reginaldo:** “É o seguinte: O homem que tiver uma relação sexual com uma mulher e
 212 ela tiver relação com outros, então o cara não vai mais querer ela; o cara vai dizer:
 213 Ah:... não... ela já se entregou prá/ outro cara... discrimina logo; diz que é puta... que
 214 bota doença... o cara pensa: se eu ficar com ela, ela vai chegar e botar outro cara
 215 aqui”.
- 216 P: “As mulheres o que acham dessa fala do Reginaldo?”

- 217 **Araci:** “Eu acho que ele (Reginaldo) tá/ certo, mas como o menino (Roberto Carlos)
218 disse ali: se ele for casar um dia com uma mulher e ele descobrir que ela não é mais
219 virgem... mas ela não pode ser isso tudo que o Reginaldo disse. Ela pode ter (tido)
220 relações (só) com o ex-namorado dela, mas só eles dois; aí tá/ errado (rejeitar a moça
221 não virgem para o casamento”.
- 222 **Erinaldo:** “Ela pode tá/ apaixonada por ele naquele momento... e muito cara faz
223 porque é legal e depois que consegue o que quer... aí tchau. Às vezes é a única vez
224 da mulher, aí quando casar descobre que ela não é mais virgem, aí vai fazer o quê?”
- 225 **Maria Luiza:** “Acho errado o que ele (Roberto Carlos) disse. Se a menina não for
226 virgem ele não quer mais ela; e ele também? ela podia fazer a mesma coisa também:
227 se você não é virgem eu também não quero mais você, pronto” ((risos no grupo)).
- 228 **Araci:** “Estava passando um programa que tinha um casal que os dois namorava/ faz
229 muito tempo e os dois era/ virgens. É opção sexual deles”.
- 230 **Reginaldo:** “Isso é uma besteira, porque se você for casar com uma mulher e tudo
231 mais você não vai sair perguntando: tu é/ virgem? Se não for, não quero não?”.
- 232 **Roberto Carlos:** “Prá/ encontrar uma virgem por aqui é difícil”. ((fala com ar de
233 descrença; risos no grupo)).
- 234 P: “Mas nós estamos falando de liberdade sexual, aliás, liberdade prá/ fazer ou deixar
235 de fazer sexo. Mas a questão seria essa: A sexualidade ajuda a pessoa a ajustar-se à
236 vida?”
- 237 **Erinaldo:** “Ajuda”.
- 238 **Roberto Carlos:** “Principalmente a mulher quando engravidar a primeira vez, da
239 próxima vez ela vai pensar” ((comentário em tom de brincadeira; risos no grupo)).
- 240 P: “Alguma outra contribuição?”
- 241 **Walter:** “Quando faz em sexo prá se ajustar na vida, muitos se encontram, outros não;
242 ficam totalmente perdidos prá/ a partir do sexo ele dar um jeito na sua vida. Eu acho
243 que nem todos buscam o sexo prá/ se encontrar na vida”.
- 244 P: “Outra contribuição?”
- 245 **Roberto Carlos:** “Dá um jeito na vida quando o pai obriga o cara a casar com a filha
246 dele” ((risos no grupo)).
- 247 P: “Alguma outra idéia?”
- 248 ((não houve comentários)).
- 249 P: Estivemos aqui reunidos com um grupo de adolescentes da Escola Agobar Valença
250 e nesta ocasião fizemos uma reflexão sobre a percepção dos adolescentes a respeito
251 da sexualidade.

1 ANEXO L - GRUPO FOCAL RELIGIOSO 4 - (GFR-4)

2

3

4 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

5

6

7 VIVÊNCIAS SEXUAIS NA ADOLESCÊNCIA

8

8 **P:** Estamos nesta ocasião, reunidos aqui no Colégio Diocesano, com um grupo de
9 adolescentes e, nesta ocasião também, faremos uma discussão sobre vivências
10 sexuais na adolescência. Uma primeira questão que nós gostaríamos de debater, é o
11 significado ou o sentido que tem a sexualidade para os adolescentes. Então a questão
12 seria: **O que os adolescentes entendem por sexualidade?** Com a palavra?...
13 ((silêncio no grupo)).

14 **P:** Quem gostaria? ... ((silêncio))...

15 **P:** Vamos começar com o Antonio ((risos no grupo))

16 **Flávio:** “Acho que infelizmente prá/ juventude de hoje em dia... eh:: o termo é bem
17 amplo, sexualidade se tornou um simples sexo... muito vulgarizado... o sexo puro...
18 não existe mais a sexualidade... hoje só sexo”.

19 **P:** Quem prossegue?

20 **Vitória:** “Eu acredito que essa promoção foi ocorrida/ pela mídia; a mídia hoje de
21 encarrega de banalizar o sexo e todas as purezas de sentimento vividas com ele. Hoje
22 não se fala mais de sexo... a indústria do amor... o sexo em busca de complemento,
23 mas o sexo como busca do prazer. Isso faz com que as pessoas achem que isso já
24 basta... que é o suficiente prá/ ser feliz, prá/ estar realizado. Então muitos jovens
25 acreditam que... por estar fazendo... tem que manter relações sexuais, esquecendo da
26 sua própria... do seu interior, suas convicções, da sua própria sexualidade... de cuidar
27 de si próprio”.

28 **P:** quem prossegue?

29 **Peres:** “Como é a pergunta?”

30 **P:** O que é a sexualidade para os adolescentes?

31 **Peres:** “Eu creio que a sexualidade ainda permanece como opção sexual... que o
32 jovem ou a jovem esCOLHE. Como os nossos colegas falaram, hoje em dia
33 infelizmente... repetindo as palavras do colega, está se tornando uma coisa nojenta
34 (vivências sexuais)... a opção que o jovem escolhe não lhe dando mais uma coisa de
35 sentir-se orgulhoso por escolher... né... por viver a sexualidade; mas agora estar se
36 tornando uma coisa... para muitos se torna nojenta... é TRISTe mas é a realidade”.

37 **P:** Outra colaboração?

38 **Flávia:** “Eu acho que a juventude é imediatista... estão começando a fazer as coisas
39 cada vez mas cedo porque temos cada vez menos tempo e cada vez mais correria.
40 Então o que antes, por exemplo, há muitos anos atrás, começava a namorar... sei lá...
41 aos quinze ou dezesseis anos, hoje tem meninas de nove, oito anos que já tem
42 namoradinho no colégio. Tá/ começando tudo mais cedo, tudo mais rápido, querem
43 aproveitar ao máximo a vida... a juventude porque tá/ passando tudo muito rápido”.

44 **P:** Nós ouvimos Flávia. Leandra?

45 **Leandra:** “Outra questão também que deve ser tratada aqui é a questão da
46 informação. Antigamente... eh::... tudo o que se relacionava a sexualidade era feito
47 sepaRADO... os pais não conversavam com os filhos... e hoje tem toda uma
48 informação, hoje tem toda abertura que é trazida pela geração... aos jovens. Agora o
49 que é que ta/ acontecendo? Os meus colegas aqui falaram, não tá/ sendo aproveitado
50 de modo certo, ou seja: o jovem tem tanta informação... eh::... que realmente... se
51 tornou banalidade... como M6 falou... ou seja: estão tratando do sexo como uma coisa
52 qualquer, como um centro de mero prazer e não um ato de amor... né?... que na
53 realidade é o real significado da sexualidade é esse... é um complemento... não um
54 todo, mas uma parte”.

55 P: Flávio?

56 **Flávio:** “Como todo mundo aqui falou, o sexo está sendo encarado como o todo do
57 relacionamento... não um tempero, digamos assim, não um toque a mais, o ápice... ele
58 (o sexo) está sendo encarado como o início, o meio e o fim de um relacionamento. E
59 essa questão de... eh::...se iniciar cada vez mais cedo, tanto o namoro quanto a sua
60 sexualidade por conta dessa informação como foi falada, mas a informação vulgar...
61 àquela informação distorcida, danificada. Por isso crianças... eh::... (ininteligível) ainda
62 sem personalidade formada entram nessa vida tão cedo”.

63 P: Vitória?

64 **Vitória:** “Antes, a base de um relacionamento... tudo que se construía era baseada em
65 sonhos, em sentimentos. Hoje não, está sendo baseada em sexo. Como Leandra
66 falou, tá/ tendo muita informação mas não tá/ tendo formação. Hoje os pais não se
67 sentam mais à mesa com seus filhos, não conversam... então todas as fontes que eles
68 (filhos) têm... buscam na mídia... eh::... na escola e nos amigos e é aí que encontram
69 informações mais defasadas. Os pais não tão/ mais conversando com os filhos e os
70 filhos não conseguem ter mais uma ligação... com seus pais. Então, as informações
71 acabam deformando quando não há informação... familiar”.

72 P: Lú ia falar?

73 **Lú:** “Eh::... eu acho assim... que hoje em dia o jovem olha muito o sexo mais como
74 prazer... ele vê assim ... muitas vezes vê os amigos... e por influência deles ou não...
75 não, foi bom e tal (a experiência sexual vivida)... aí muitas vezes de deixa influenciar
76 por isso... não leva sua própria opinião. Aí escuta muitas vezes: não, pô/, se você não
77 fizer não... eh::... vai ser bebezinho. Aí acaba deixando se influenciar por certas
78 amizades”.

79 P: Outra contribuição?

80 ((silêncio no grupo))

81 P: Antonia?

82 **Antonia:** ((sorriu))

83 P: Alberta?

84 **Alberta:** “Ah::... os meninos já falaram praticamente tudo... o que os jovens pensam
85 sobre esse assunto.

86 P: Apolônio?

87 **Apolônio:** “Hoje ser virgem é motivo de mangação, de vergonha. Um jovem tem
88 vergonha de falar que é virgem por causa dos amigos que ficam mangando,
89 provocando... e dá motivo... e o jovem como foi falado, segue por desejo e não por
90 amor, mas por desejo”.

91 P: Aí seria comportamento sexual. Mas em relação a sexualidade, como você
92 entende? O que seria prá/ você a sexualidade?... A sexualidade humana o que seria
93 ela?

94 **Apolônio:** “Assim... a sexualidade que eu entendo é normal em todo ser humano, né...
95 prá todo ser humano depois do casamento pode ter a relação... do sexo. Mas os
96 jovens hoje não tão/ tendo mais a relação por amor, mas sim pelo desejo”.

97 **Vitória:** “Uma área da sexualidade que não tá/ sendo abordada é quanto à opção
98 sexual que as pessoas escolhem. Quando você nasce e acaba sendo atraída por
99 outra jovem, é um desvio da sua sexualidade, você não tá/ mais sendo quem você,
100 digamos, nasceu para ser... é uma expressão que eu costumo usar... mas está sendo
101 isso: seus desejos... a mesma coisa que o lado masculino. A opção pelo
102 homossexualismo ou bissexualismo, coisas que segundo a religião não são corretas...
103 são abomináveis”.

104 P: Outra contribuição?

105 ((silêncio no grupo))

106 P: Nada?

107 ((silêncio no grupo))

108 P: Muito bem. **Como os jovens vêm as vivências da sexualidade hoje? Como é
109 que os jovens podem viver a sexualidade?**

- 110 **Flávio:** “Se tiver personalidade (o adolescente) acho que pode encarar (as vivências
111 da sexualidade) como uma coisa normal... porque... como falei no começo,
112 sexualidade não se resume só a sexo... é um todo. Sexualidade inclui cuidado com
113 seu corpo, cuidado com sua índole... eh::... relacionamentos... eh::... sexualidade é um
114 conjunto; não são coisas específicas. E... tem coisas hoje em dia que tão/ agredindo a
115 sexualidade, principalmente de meninas como por exemplo, músicas... eh::...
116 novelas... alguns tipos de roupas que deixa a sexualidade... não corpórea, digamos
117 assim, mas deixa de qualquer forma a sexualidade exposta. Vou citar um exemplo
118 bem vulgar: Uma menina que tá/ de saia, que tá/ com uma blusinha mostrando a
119 barriga e tal, não vai ser tão respeitada como uma menina que tá/ vestida composta e
120 tal”.
- 121 P: Mas essa não é uma forma dela viver a sexualidade dela?
- 122 **Flávio:** “Sim, é àquele jogo de sedução... àquele jogo de atração talvez”.
- 123 P: Vitória?
- 124 **Vitória:** “O problema do jogo de sedução é a pessoa que você está incitando; se você
125 quer passar por esses rapazes e não quer ouvir piadas você não deve usar (roupas
126 sensuais?). Mas tem muita gente que se veste como tal e quando recebe alguns
127 predicados ou adjetivos... acham ruim. Acho que quando você tem o seu corpo você
128 tem que zelar... não precisa tá/ mostrando seu bumbum”.
- 129 P: Outra contribuição?
- 130 **Peres:** “Eh::... já vendo aí essas colocações dos colegas, como viver a sexualidade?
131 Foram apresentadas várias formas de viver a sexualidade tanto neste encontro, nesta
132 reunião como na outra. Aquelas pessoas que respeitam as orientações da religião e
133 seguem aquele ritmo... tradicional... e hoje há um novo jeito de viver a sexualidade,
134 né... aquela coisa natural, espontânea, de momentos é uma forma de viver a
135 sexualidade”.
- 136 P: Outra idéia?
- 137 ((silêncio no grupo))
- 138 P: Mais alguém? M4?
- 139 **Flávia:** “Acho que já tocaram em todos os pontos nesse aspecto”.
- 140 P: Lú?
- 141 ((silêncio no grupo))
- 142 P: **Para os adolescentes hoje, o que realmente se pode chamar de vivência
143 sexual?**
- 144 **Flávio:** “Fazer sexo”
- 145 **Alberta:** “A grande maioria”
- 146 **Flávio:** “Banalizando mesmo: fazer sexo”.
- 147 P: Flávio acredita que a vivência sexual seja exclusivamente a realização de uma
148 forma de sexo.
- 149 **Flávio:** “Infelizmente”.
- 150 P: “Que outra idéia?”
- 151 **Alberta:** “A curiosidade também”.
- 152 **Leandra:** “Porque... assim... Flávio falou fazer sexo apenas... a maioria dos jovens tem
153 essa mesma concepção que Flávio falou agora. Mas também a gente tá/ falando aqui
154 de uma maioria mas não do todo; não são todos os jovens que vêem o sexo dessa
155 forma. Tem muita gente que fala assim... eh::... a questão do tempo, do momento...
156 isso também varia muito porquê? Porque o sexo em si ele vem do amor... né/... às
157 vezes ele vem do amor, né/... Então... existem jovens... eh::... com a religião ela tem
158 essa tese aí que somente depois do casamento, que é o certo, né/... que é o momento
159 certo. MAS a gente tem que ver também que além de seres humanos, de pessoas que
160 pensam, pessoas que têm idéias, somos pessoas que tem instintos, somos pessoas
161 que agem também que agem pelos instintos... somos pessoas que sente desejos...
162 somos pessoas que... muitas vezes a gente se deixa levar muito pelo que a gente
163 sente. Isso acontece principalmente com as meninas... assim... eu vou enfatizar as
164 meninas, porquê? Porque as meninas elas se apaixonam e elas se deixam levar por

165 esse amor entre aspas, né?... porque muitas vezes agente acha que ama mas não
 166 ama. Então... a mulher, a menina, a jovem ela se deixa levar por esse amor então ela
 167 se entrega, mas ela se ENTREGA porque ela TÁ/ sentindo, ou seja, ela se sente
 168 preparada naquele momento prá/ isso. Muitas vezes ela pode depois se arrepender,
 169 mas para a maioria dos jovens... a concepção que Flávio falou é essa: fazer sexo. Mas
 170 prá/ outros não é... muitos jovens hoje se entregam... existem jovens que se entregam
 171 por amor sim, porque não? Claro que existe. Existe pessoas que vê o sexo como
 172 complemento do amor, como uma consequência do que você sente pelo outro”.

173 P: Outra idéia?”

174 **Lú:** “Acho que o sexo é uma forma de amor, uma forma de carinho que você tem pelo
 175 seu parceiro; quando jovem e tal você gosta daquela pessoa, você quer ter aquela
 176 vivência com aquela pessoa, aí você TEM vamos dizer uma vivência sexual
 177 diretamente com aquela pessoa. Sim, porque você ama”.

178 P: Vitória?

179 **Vitória:** “Acredito que a maior dificuldade aí não está quando você faz o sexo com
 180 sentimento. Acho que a maioria dos jovens hoje fazem com sentimento. Entretanto,
 181 tem que levar em consideração que sentimento é esse... porque... acreditam estar
 182 amando e às vezes não é amor... às vezes é uma coisa ilusória, ou muitas vezes
 183 como Leandra falou das meninas, elas realmente estão amando, elas realmente estão
 184 apaixonadas, mas a pessoa que está com elas não está. Por isso é que a igreja, ela
 185 impõe que seja depois do casamento. Que a partir do namoro você passa a conhecer
 186 realmente a pessoa que estar do seu lado e se ela sente o mesmo por você. Aí
 187 quando tomarem uma decisão juntos é prá/ ser prá/ toda vida ou pelo menos enquanto
 188 durar. Mas se é uma decisão tomada juntos, com o tempo você consegue perceber,
 189 porque aí não é só eu ou você, mas também o outro”.

190 **Leandra:** “Eu vou falar assim porque eu convivo com todos os jovens... e eu vou falar
 191 de uma opinião que os jovens FORA... daqui da nossa conversa... jovens que vêem o
 192 sexo de outra forma. Eh:... através da minha convivência com outros jovens, eu
 193 também converso com amigos sobre... em relação a isso. E eles também vem o sexo
 194 de uma forma como.... eh:... uma carteirinha de apresentação. Isso também é uma
 195 das formas de você expor o sexo ou seja, isso também com os homens. Se você não
 196 for virgem você tá/ ferrado ou seja, você não tem... você é um Zé ninguém... você só
 197 passa a ser alguém quando você já praticou o sexo... isso também é uma forma de
 198 sexualidade e é o que os jovens fora vêem... só prá/ trazer assim um pouquinho a
 199 personalidade deles”.

200 P: “Outra contribuição?”

201 **Lú:** “Hoje o vergonhoso é a pessoa dizer que é virgem... é uma contradição com
 202 antigamente; antigamente o vergonhoso era você dizer que não era virgem. Daí é
 203 mais uma coisa dos tempos de hoje mesmo... dos tempos que tão/ mudando”.

204 **Flávia:** “Acho que prus/ homem/ nunca teve isso de ser vergonhoso... pelo contrário,
 205 desde os tempos medievais os pais contratavam prostitutas prus/ filhos se iniciarem
 206 desde cedo. Agora tá/ um pouco mais aberto isso e tá/ acontecendo também entre as
 207 meninas... mas não pode fingir... por exemplo, se uma mulher já teve relações sexuais
 208 com várias pessoas, não é uma carteirinha de apresentação boa, pru/ homem é, prá/
 209 mulher não... porque se o homem já fez sexo com várias meninas ele é o garanhão,
 210 ele é o cara... se for uma menina, é puta mesmo”.

211 **Flávio:** “Acho que isso não seja confundido... eh:... de uma certa forma com o caráter
 212 da... assim... vou citar as meninas: Não é que agora as meninas tão/ tendo desejos...
 213 desde muito antes elas sempre tiveram desejos, sempre tiveram necessidade. Só que
 214 agora as informações, as concepções, as idéias tão/ sendo mais abertas digamos
 215 assim; antes tinham muita preocupação com a reputação... hoje não tanto. Então não
 216 é que hoje as mulheres tão/ tendo desejo mais cedo e tal. É que agora está sendo
 217 mais aberto, agora ta/ dando ênfase à liberdade. Por isso muito gente confunde essa
 218 liberdade e em vez de descobrir o mundo e seus prazeres aos poucos quer descobrir
 219 tudo de uma vez. É o que acontece com boa parte dos jovens tão cedo”.

- 220 **Vitória:** “Antigamente tinha a preocupação com a reputação e hoje foi quebrada essa
 221 barreira. Mas deve existir. Eu não sei dos rapazes aqui presentes, mas muitos rapazes
 222 banalizam o sexo. Então as moças são normais ter relação com outros homens, mas
 223 quando eles vão procurar mulher para ter compromisso sério, para casar, para ter
 224 filhos, para construir uma família, eles procuram as virgens... procuram as que nunca
 225 foram de ninguém... e aí Flávio balança a cabeça... essa é a opinião da maioria dos
 226 homens. Por mais que eles queiram que tenham mulheres fáceis nas mãos deles, e
 227 muitas vezes eles incitam para que as próprias namoradas se entreguem a eles, mas
 228 futuramente eles vão/ procurar aquelas que são puras para manterem relacionamento.
 229 Então eu acho que cabe a mulher saber se preservar”.
- 230 **Flávio:** “É como se fosse uma separação: O grupo das fáceis... assim... o grupo das
 231 prá/ ficar e o grupo das prá/ namorar”.
- 232 P: “Muito bem. Outra questão: **Como é que acontecem as vivências de sexo entre**
 233 **adolescentes? Como é que ocorrem essas práticas? O que seria mais comum?**”
- 234 **Leandra:** “Eu acho que... como acontece... em qualquer lugar... de qualquer forma e
 235 hoje de várias formas”.
- 236 P: “Por exemplo?”
- 237 ((risos no grupo))
- 238 **Leandra:** “Estão dois jovens numa festa se conhecendo... e de repente eles ficam...
 239 ficam e logo depois vem a proposta, vem a vontade de fazer sexo; então eles saem
 240 tranquilamente da festa e vão/ e ficam juntos num motel que hoje é o que mais tem...
 241 ou em qualquer lugar. Como acontece é dessa forma, não é uma coisa planejada, não
 242 é uma coisa premeditada... é uma coisa que acontece de repente. Você vê uma
 243 pessoa, você gostou... você fica”.
- 244 **Flávia:** “Muitas vezes o ambiente, a bebida, tudo influencia e manda você naquela
 245 direção. Ta num ambiente que todo mundo tá/ incitando você a fazer isso... tem o
 246 álcool... todo mundo quer que você beba... fica uma pessoa lá e... acontece. Nada
 247 planejado”.
- 248 P: “**Mas será que mesmo não sendo nada planejado, o sexo é vivido de uma**
 249 **mesma maneira entre eles? Ou ocorre de maneiras diferentes?**”
- 250 **Flávia:** “Como assim, entre homem e mulher?”
- 251 P: “**Sim, ou entre pessoas do mesmo sexo**”. **O que vocês acham? Pelo**
 252 **conhecimento que vocês têm dos outros colegas adolescentes, às vezes não**
 253 **religiosos, por aquilo que eles comentam, como é que ocorrem as experiências**
 254 **sexuais entre adolescentes?**”
- 255 P: “**Vocês estariam inibidos para falar dessa temática?**”
- 256 ((risos no grupo))
- 257 P: “Beijar é uma forma de sexo?”
- 258 **Flávio:** “Não, é uma forma de sexualidade”.
- 259 P: “Mas o beijo, digamos, apaixonado pode conduzir a uma vivência de sexo?”
- 260 **Flávia:** “Pode”.
- 261 P: “Qual seria a vivência de sexo mais comum entre os adolescentes?”
- 262 **Leandra:** “Como assim, por onde começa?”
- 263 ((risos no grupo))
- 264 P: “Quando se fala de formas de sexo, hoje por exemplo, há o sexo vaginal e outras
 265 formas de sexo. Entre os jovens existe alguma preferência?”
- 266 ((risos no grupo))
- 267 P: “Na verdade é o que vocês lêem... o que vocês escutam na comunidade, às vezes
 268 até mesmo na própria classe”
- 269 **Leandra:** “Se o sexo é preferência do jovem?”
- 270 P: “O sexo é uma preferência. Agora, normalmente quando o jovem tem essa opção
 271 de fazer sexo, existe alguma forma preferida por ele?”
- 272 ((risos no grupo))
- 273 **Flávio:** “Eu acho que se for sexo com amor, vai ser sempre escolhida a forma
 274 convencional. Mas se fizer o sexo por prazer vão conseguir formas inovadoras”.

- 275 P: “Por exemplo?”
- 276 **Flávio:** “Eh:... sei lá... o oral, o anal”.
- 277 P: “Sexo oral e sexo anal são práticas hoje muito difundidas entre adolescentes.
- 278 Parece que Flávio parece ter uma inibição (para falar) mas isso que ele falou são
- 279 práticas muito difundidas e preferenciais entre adolescentes. Como é que vocês vêem
- 280 isso? Na verdade, não é uma questão de vida pessoal, mas do que vocês lêem, do
- 281 que escutam”.
- 282 **Alberta:** “Sinceramente, um nojo”.
- 283 P: “O quê?”
- 284 **Alberta:** “Oral e anal. Se torna vulgar demais... quando uma pessoa mal conhece...
- 285 por exemplo... tá/ numa festa e sai prá/ fazer sexo com outra pessoa e já anal, oral...
- 286 acho que isso torna muito vulgar”.
- 287 P: “Que outra palavra?” M6?
- 288 **Vitória:** “É até você buscar, digamos, o ápice do prazer sem se preocupar com o bem-
- 289 estar do outro. Quando se realiza sexo anal a mulher não sente... na verdade sente:
- 290 Dor... porque diante de muitos comentários que já ouvi é a única coisa que a mulher
- 291 sente. O homem sim, ele sente muito prazer, mas aí quando isso acontece não há
- 292 uma preocupação com o bem-estar do outro. Então está havendo muito egocentrismo
- 293 em relação ao sexo... você quer sentir (prazer) não se importando com o sentimento
- 294 do outro”.
- 295 P: “Outra idéia? Apolônio, vamos ouvir Apolônio”.
- 296 ((não houve comentários))
- 297 P: “Muito bem. **Quais são as satisfações e os conflitos que surgem das vivências**
- 298 **de sexo entre adolescentes? Que satisfações trazem... que frustrações trazem as**
- 299 **vivências de sexo entre adolescentes?”**
- 300 **Lú:** “Muitas vezes a pessoa por curiosidade deixa levar pelo momento e vê que aquele
- 301 ali não era... realmente a hora certa e só vai descobrir depois que já fez (sexo). Aí... se
- 302 deixa levar pela curiosidade”.
- 303 **Antonia:** “As vezes se deixa levar pelo prazer, pela curiosidade e às vezes se
- 304 arrepende depois, né/... de ver que não era a pessoa certa... de ver que não era o
- 305 momento... que ele depois não procurou você... a cabeça dos jovens... principalmente
- 306 a mulher, ela fica pensando... ele me achou vulgar. Nunca tive essa experiência ainda,
- 307 mas eu penso assim”.
- 308 **Leandra:** “Essa é uma frustração. Agora uma satisfação... que o jovem sente é
- 309 realmente na hora. A maioria volta a falar, não são todos que fazem o sexo realmente
- 310 por amor e (os que fazem) não se arrependem e se sentem satisfeitos porque fez com
- 311 a pessoa que ama... em primeiro lugar... e a satisfação realmente vem na hora. Acho
- 312 que depois que acontece, aí vem a frustração porque muitas vezes a jovem é virgem e
- 313 depois como Antonia disse... será que foi realmente a hora certa? Por isso que a Igreja
- 314 Católica ela faz questão da maturidade ... o jovem não está maduro porque ele tem
- 315 uma concepção com relação a uma coisa hoje e amanhã ele não tem mais. Ele tá/
- 316 sempre mudando de opinião; tanto é que uma das questões que o jovem tem mais
- 317 dúvida é a questão do vestibular. Muitos jovens hoje faz vestibular mas não faz o que
- 318 quer... muitas vezes ele escolhe mais depois se arrepende, porquê? Porque ele tá
- 319 sempre sofrendo essa mutação, sempre tá/ mudando de opinião. Com relação ao sexo
- 320 também. Por isso que o igreja prega que o sexo comece a partir do momento que a
- 321 pessoa já é adulta e já tem certeza do que quer”.
- 322 P: “Que outra idéia?”
- 323 **Peres:** “Repita a pergunta por favor”.
- 324 P: “Quais são as satisfações e as frustrações que o sexo traz aos adolescentes?”
- 325 **Peres:** “A satisfação que eu pelo menos ouço falar... eh:... da mulher eu não sei, mas
- 326 do homem escutei muito falar, dizer que... é prá/ ele se tornar hominho ((risos no
- 327 grupo) fez sexo ele já é hominho. Isso pru/ ego do indivíduo deve ser massa... além do
- 328 prazer, se é que sentiu prazer na hora do... né/... essa é uma das satisfações do
- 329 homem prá/ que o respeito dele seja elevado... no grupinho dos colegas lá... que esse

330 grupinho é... deveria acabar... nessa parte da amizade... e na sociedade. Acredito que
331 este... é uma das sensações ótimas levam também o jovem a... pá... A mulher, eu não
332 sei se elas sentem um prazer ou somente depois da... principalmente a que era virgem
333 e teve o seu primeiro momento... eu nunca tive contato com meninas nessa
334 experiência... mas eu acredito que elas sintam que... quando não é no momento certo
335 elas fiquem frustradas e talvez nem queiram mais" ((participante é seminarista
336 católico))

337 **Leandra:** "Essa questão da preocupação... a mulher, a maioria das mulheres hoje,
338 com quem eu converso, elas estão preocupadas em satisfazer o homem, não em se
339 satisfazerem... por isso que hoje existem várias formas de se fazer sexo. Porque o
340 homem propõe... à mulher e a mulher faz".

341 P: "Dessa formas que são lhe conhecidas quais seriam?"

342 **Leandra:** "A forma anal, que a gente já falou... ((risos no grupo)) eh:... essa é a forma
343 que a mulher não sente de jeito nenhum... prazer"

344 **Vitória:** "E oral"

345 **Leandra:** "Não, oral a mulher sente, não tanto quanto o homem, mas sente... então
346 essa é a preocupação da mulher em satisfazer o homem... porque a partir daí o
347 homem vai ficar satisfeito e a mulher vai ter a sensação que o seu parceiro tá/
348 satisfeito com você. Muitos relacionamentos hoje são segurados através do sexo".

349 P: "Algum outro comentário?"

350 **Flávia:** "Também prá/ satisfazer o parceiro acontece outra coisa. Muitos homens
351 acham que usar camisinha é uma coisa que não é de homem, de macho mesmo.
352 Então... muitas vezes propõe fazer o sexo sem camisinha... aí depois quando tiver
353 DST, quando tiver a gravidez... nessa história de fazer tudo o que o parceiro quer, a
354 coisa fica ruim".

355 **Vitória:** "Acho que a satisfação e a decepção... é quando uma jovem... isso é o maior
356 dos exemplos... acredita que realmente aquilo é amor e se entrega ao seu namorado e
357 depois de alguns meses vê o namoro terminar. Oscila a satisfação e a frustração é
358 como se fosse uma queda de pára-quadras, cai das nuvens para a terra sem saber se
359 embaixo vai ter como se proteger".

360 P: "Outra idéia?"

361 ((não houve comentários do grupo))

362 P: "Não havendo, então nós encerramos aqui a nossa discussão e agradecemos mais
363 uma vez a colaboração desse grupo para a compreensão da sexualidade do
364 adolescente aqui na nossa cidade".

1 ANEXO M - GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 4 - (GFNR-4)

2
3 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA4
5
6 VIVÊNCIAS SEXUAIS NA ADOLESCÊNCIA

7
8
9 P: “Estamos aqui reunidos no Colégio Diocesano com um grupo de adolescentes,
10 onde nesta ocasião faremos uma discussão sobre as vivências sexuais na
11 adolescência. A primeira questão que nós gostaríamos de analisar com o grupo, é o
12 conceito que o grupo tem do que seja sexualidade. **O que seria para esse grupo a**
13 **sexualidade?** Quem começa?”

14 ((silêncio no grupo))

15 P: “Quem gostaria de começar?”

16 **Januário:** “Sexualidade, principalmente na adolescência é uma iniciação da vida
17 sexual... no caso, uma passagem para garotos e garotas, mudando sua vivência, seu
18 conceito, se tornando homens e mulheres com a sua iniciação sexual”.

19 P: “Que outra idéia?”

20 **Alberto:** “Essa idéia de R6 (tornando homens e mulheres) isso assim...
21 biologicamente porque em muitos deles ainda a maturidade não alcançou esse nível.
22 Geralmente são... uma idade de dezoito, dezessete anos mas com uma mentalidade
23 de uma pessoa de doze, treze anos. A sexualidade no meu ponto de vista é um
24 aumento do relacionamento afetivo com uma pessoa do sexo oposto... ou não” ((risos
25 no grupo)).

26 P: “Que outra idéia?”

27 **Lúcia:** “A sexualidade... ela deriva da sensualidade. Hoje em dia (ininteligível) o jovem
28 por mais feio que ele se ache ele quer despertar sensualidade em alguém. Aí (como
29 foi dito) quem é muito imaturo, vem a despertar o desejo em alguém e na hora de
30 realmente acontecer uma coisa mais séria ele não tem capacidade de entender o nível
31 do que vai atingir a gente, como vai ser depois (ininteligível). A gente tem que pensar
32 direito no que tá/ fazendo. Esse negócio de sexualidade e responsabilidade, a gente
33 tem que pensar bem porque como a gente é jovem e muita gente até que é mais
34 velha, que já chegou aos seus trinta, vinte cinco anos e ainda tem uma cabeça de
35 jovem... ainda não tá/ preparada prá/ isso” ((ruído de máquinas ao fundo da sala)).

36 P: “Que outra idéia?”

37 **Antonio:** “Acho que sexualidade não se limita só a iniciação de uma vida sexual... eu
38 acho que... já no caso de nós jovens, sexualidade se limita a muitas coisas...
39 descobertas... como... em que comunidade você se adéqua, se você... está nos
40 padrões que a sociedade lhe impõe... alguma comunidade, algum grupo... por
41 exemplo, tem gente que não curte a Garanheta (Carnaval fora de época em
42 Garanhuns) mas vai à Garanheta porque a maioria se diverte lá e você quer ser igual
43 a eles, é legal, é bom ser igual a eles... ser famoso... pegar as meninas por aí... quero
44 ser igual a eles... então eu vou”.

45 P: “Que outra idéia?”

46 **Lúcia:** “Acho assim... que prá/ você começar uma relação você tem que ter uma boa
47 idéia definida de quem você é, do que você realmente gosta, do jeito que você tem
48 que se comportar ou não... do jeito que você acha certo ou não. Primeiro, não se pode
49 ir pela cabeça dos outros porque nem sempre você vai se dar bem; às vezes uma
50 pessoa já é mais madura ou não e se você é influenciável ou não... pode se dar mal
51 porque você pode ter uma idéia errada, criar um trauma ou alguma coisa assim. Antes
52 de tudo tem de se ter muita maturidade, com uma boa conversa... que nem sempre a
53 gente tem com os pais que principalmente a gente deveria ter. Prá/ você fazer isso
54 tem que pensar muito bem antes”.

- 55 P: “Outra idéia?”
- 56 **Kácia:** “Assim... feito Lúcia falou que muitas pessoas começam certo momento prá/ se
57 tornar um grande homem... porque... principalmente acham que as meninas tem que ir
58 pela cabeça deles... tem que pensar na gente... porque é bom a gente tá/... ah:...
59 porque eu te amo, porque vamos casar... não é bem assim. Faz principalmente a
60 cabeça da gente... mulheres prá/ ir na ondinha deles... só que depois que acontecer
61 tudo, eles não são... homens suficiente prá ficar prá si mesmos, vão dizer aos
62 amigos... espalhar... e como vai ficar a nossa vida lá fora? Porque diz que isso é
63 intimidade mas não é... é uma coisa que vai ser aberta prá/ todo mundo, porque... por
64 mais (ininteligível) que o homem seja ela não vai ter maturidade suficiente e... tem que
65 se pensar muito bem antes disso.... poderá vir conseqüências e tem que tá/ preparado
66 prá/ assumir”.
- 67 P: “Outra idéia?”
- 68 **Geraldo:** “Acho que a sexualidade é um momento íntimo entre duas pessoas que se
69 amam ou também não, né/... também tem jovens... assim... que não tem como viver,
70 que às vezes usa da sexualidade prá/ ganhar a vida, ganhar dinheiro... essas coisas”.
- 71 P: “Outra idéia?”
- 72 **Severino:** “É... a vida sexual dos jovens hoje em dia tá/ mais avançada... meninas
73 novas... até rapaz já começa a vida sexual mais cedo e... às vezes comete até erro...
74 engravidar. Acho também que tinha que ter orientação adequada dos pais... muitos
75 pais também não dá/ orientação certa prá/ seguir adiante”.
- 76 P: “Outra idéia?”
- 77 **Betinha:** “Eu acho assim... que na... (vivência da) sexualidade tem que ter um
78 compromisso... assim... uma responsabilidade das duas pessoas. Porque não é
79 porque a gente é jovem que vamos ser irresponsável... não, tem que se cuidar.
80 Quando a gente é muito novo é tudo muito por impulso, então tem que ter consciência
81 do que tá/ fazendo... não pode fazer a coisa assim por momento sem pensar na
82 conseqüência; tem que pensar muito bem, esperar o máximo que puder prá/ fazer a
83 coisa com consciência, sem o risco de arrependimento depois”.
- 84 P: “Outra idéia?”
- 85 **Frederico:** “Acho que a sexualidade tá/ muito avançada prus/ jovens... começam a vida
86 sexual muito cedo... muitos começam a se prostituir”.
- 87 P: “Outra idéia?”
- 88 **Alberto:** “Não que a sexualidade esteja muito avançada, mas sim, que a sexualidade
89 atualmente está banalizada... porque o ato sexual... o que acompanha... é um negócio
90 escrachado/” (rebetado).
- 91 P: “Outra idéia?”
- 92 **Januário:** “Só para complementar o que Alberto disse, só que a sexualidade vem
93 sendo banalizada por causa da mídia, televisão, música, novela... tudo fala de sexo
94 como se fosse uma prática até... animalesca... é homem fazendo sexo com homem,
95 mulher fazendo sexo com mulher... isso tudo mostrado expostamente na mídia e
96 muitas pessoas que não tem acesso à (boa) informação pensa que a televisão, mídia,
97 música é um tipo... é um de informação mas só que passa um tipo de informação
98 errada... prá/ jovens, adolescentes... aí muitos de deixam levar por essa influência da
99 mídia, da televisão como falei, aí acaba fazendo e acaba fazendo muito besteira por
100 causa dessa falta de informação”.
- 101 P: “Há outra idéia?”
- 102 ((silêncio no grupo; não houve manifestações de fala))
- 103 P: “**O que os jovens chamam de vivências sexuais? O que são as vivências
104 sexuais para os adolescentes?**”
- 105 **Antonio:** “A experiência... principalmente a primeira vez. Eu acho que a vivência
106 sexual se inicia quando o jovem tem interesse por outra pessoa... outra adolescente
107 no caso e a partir desse interesse é que ele começa a formar opiniões, a se adequar a
108 algum grupo, a criar ou a não criar a personalidade... e vai daí... da primeira relação”.
- 109 P: “Outra idéia?”

110 **Lúcia:** “No meu ponto de vista a sexualidade prá/ os homens não tá/ na questão de
111 ser boa, de ser ruim... não importa a idade; melhor prá/ os homens, quanto mais cedo
112 melhor prá/ poder contar um para o outro. Eu vejo assim, de fora... eu não sou homem
113 não posso dizer de certeza, mas o que eu vejo é que os homens eles gostam de
114 comentar e que prá/ eles isso é uma vitória; quanto mais cedo melhor”.

115 P: “Mas o que é uma vivência sexual?”

116 **Lúcia:** “Prá/ os homens acontece o seguinte: eu vejo por meu irmão, ele tem quinze
117 anos; prá/ ele a vivência começou quando ele tinha catorze anos; a vivência dele prá/
118 mim começou muito cedo e aconteceu prá/ ele uma coisa que foi do momento mesmo;
119 depois ele comentando falou que foi muito errado o que ele fez... não por ele mas por
120 causa da menina. A vivência sexual dele, foi essa; prá/ ele foi um erro... não devia ter
121 acontecido tão cedo”.

122 P: “Outra idéia?”

123 **Elizabete:** “Acho assim, falando sobre a questão do homem, da sexualidade ser
124 diferente...”

125 P: “Mas nesse momento nos gostaríamos de entender bem o que é que os
126 adolescentes entendem como uma vivência sexual. Quando é que há um
127 comportamento que nos dizemos que é uma vivência sexual?”

128 **Elizabete:** “A vivência sexual é quando se tem uma relação íntima com uma pessoa
129 que você gosta que normalmente é o que deveria acontecer, que nem sempre é
130 assim; acho que é mais um momento de realização, sei lá... qualquer coisa do tipo;
131 nem sempre é com a pessoa que você gosta, nem sempre é com quem você tinha
132 planejado antes; muitas pessoas hoje fazem só por uma questão do momento... eu
133 acho que o sexo não tem diferença tanto o homem quanto a mulher, os dois são
134 pessoas iguais. Não é porque p homem é mais safado não... acho que depende da
135 personalidade dessa pessoa... do jeito que ela foi criada, o que ela acha certo ou
136 errado; acho que não tem questão de homem ser mais safado, porque eu mesma vejo
137 muito homem que é bem mais comportado do que muita mulher; acho que isso vai de
138 cada um”.

139 P: “Outra idéia?”

140 **Kácia:** “Prá/ mim a vivência sexual (ocorre) a partir da relação, independente de que
141 seja com amor ou não porque muitas pessoas vão por impulso. Só que eu não
142 concordo com Elizabete porque ela tá/ falando assim; mulher é bem mais reservada
143 do que homem apensar como ela falou, tem mulher que é mais danada do que
144 homem, isso sim; mas no caso é muito difícil você ver uma mulher contando o que fez
145 ou deixou de fazer; se for prá/ uma festa o máximo que ela vai comentar é com quem
146 ficou prá/ amigas mais íntimas; não vai chegar prá/ todo mundo e dizer, feito homem;
147 eu tiro muito pelos meninos da sala que eu vejo o comentário deles; a vivência deles
148 pelo que eu vejo é por brincadeira”.

149 **Antonio:** “Homem não se limita só... se pega ou não uma mulher; acho que homem
150 tem que provar que é homem nas atitudes; é o que a gente tá/ vendo aí, totalmente ao
151 contrário do que Kácia disse; acho que o homem... a verdade tem que ser dita... acho
152 que não tem essa do homem gostar de mulher fácil ou mulher difícil; homem gosta de
153 mulher, sendo ela fácil, difícil ou não. Acho que isso parte da carga de informações
154 que a gente tinha desde quando criança, pelos pais, pelos amigos mais velhos... acho
155 que é isso aí”.

156 **Cidinha:** “Homens, na maioria, tem a necessidade de falar das vivências sexuais.
157 Assim como ela (Kácia) falou, não é uma questão de pegar mulher, a questão é dizer:
158 eu peguei, eu fiquei; e tu? Ficasse com quantas? A necessidade de dizer o maior
159 número de mulheres (com quem) ficou, como fez. Como ela (Kácia) falou, mulheres
160 tem aquela reserva, não tem necessidade de mostrar que fez isso, que fez aquilo”.

161 P: “Outra idéia?”

162 **Geraldo:** “Acho que tem muito homem que também não quer só prá/ dizer que pegou,
163 né/... tem homem também que quer pegar as mulher só prá/ sentir o desejo né/...
164 realizar os desejo... essas coisas, né/?”.

- 165 P: “Outra idéia?”
- 166 **Frederico:** “Muitos homens também pegam as mulher só prá/ sentir prazer e outros
167 não... eh:... como se fosse um troféu, prá/ contar prus/ amigos o que fez, o que deixou
168 de fazer”.
- 169 P: “Outra idéia?”
- 170 **Kácia:** “Mas assim, independente feito eles falaram, de ser pelo desejo ou não, eu
171 vejo muitas pessoas que namora há muito tempo e o homem depois que consegue
172 com a namorada e eu acho isso mais do que errado, vai contar aos amigos; então eu
173 vejo assim... eu tenho um amigo que é apaixonado pela menina e ele chegou e
174 comentou o que fez e o que não fez com ela; então não é questão de... de qualquer
175 jeito prá/ eles é uma vitória e eles vão/ dizer”.
- 176 P: “Outra idéia?”
- 177 **Januário:** “Mas só que vivência sexual não se limita simplesmente a prazer, a sexo,
178 com quem fez, com quem não fez; acho que a vivência sexual parte principalmente de
179 um ato de respeito entre homem e mulher; agora, só que vai da cabeça de cada um,
180 se ele quiser se reservar ou não a esse momento, porque... eh:... eu vejo muito ato
181 de respeito, carinho, entre homens e mulheres e eu nunca vi faltar com o respeito de
182 uma parte ou de outra; isso aí também parte da maturidade de cada um, se vai
183 comentar ou não; isso aí você vai pela sua cabeça se você achar que isso aí vai soar
184 bonito prá/ sua namorada ou prá seu parceiro; isso aí vai da consciência de cada um”.
- 185 P: “Outra idéia?”
- 186 ((silêncio no grupo))
- 187 P: “Mais alguém?... Não? Muito bem. Uma outra questão: **Como é que acontecem as
188 vivências de sexo entre adolescentes? Como se dão, como ocorrem as
189 vivências de sexo entre adolescentes?**”
- 190 **Cidinha:** “Assim... pelo momento. Você conhece uma pessoa e tá/ ficando com ela. Aí
191 chega um momento ali e você vai ficando, vai apimentando o momento... assim... um
192 impulso. Acontece ali e você nem percebe... EITA o que foi que eu fiz? Ninguém sabe
193 nem como começa. Você tá/ ali curtindo o momento e de repente acontece”.
- 194 P: “Outra idéia?”
- 195 **Lúcia:** “Complementando o que ela (Cdidinha) disse, acontece por impulso porque
196 hoje em dia, principalmente hoje em dia, é muito difícil você vê um jovem sair com
197 outro sendo amor de verdade. A gente se relaciona assim, a atração física, no máximo
198 porque gosta, porque tá/ afim... agora, porque ama mesmo é muito difícil... você vai
199 por aquele momento mesmo. Às vezes você pode tá/ andando no comércio (local de
200 maior movimento social da cidade) de mãos dadas com o seu namorado e não tá/
201 acontecendo nada, e de repente você para ali no ponto de ônibus e fica com ele e vem
202 o desejo, é só vontade mesmo. É só aquele momento. Depois se você vai se
203 arrepender ou não é muito difícil você na hora pensar. Vem pensar bem depois; é por
204 impulso mesmo”.
- 205 P: “Outra idéia?”
- 206 **Alberto:** “Mas assim... por esse ponto de vista (Lúcia) ele basicamente remete o ser
207 humano à questão de um animal, que ali é de momento, é de impulso, acabou-se. Não
208 generalizando, mas é verdade que isso realmente... essa parte de impulso e tal, só por
209 prazer mesmo. Mas assim... ainda há aqueles que fazem... ter a relação sexual por
210 causa de... uma questão realmente de gostar, de querer das duas partes”. ((uma voz
211 feminina diz baixinho que é muito difícil))
- 212 P: “Muito bem. A questão, por exemplo, da vivência de sexo, quais são as formas de
213 sexo preferidas pelos jovens, pelos adolescentes? A respeito do que vocês lêem, do
214 que vocês escutam na comunidade, na sala... quais são as vivências sexuais
215 preferidas... ou mais vividas pelos adolescentes?”
- 216 ((risos no grupo))
- 217 P: “Não entenderam? O sexo pode ser feito de diferentes formas, pode começar por
218 um beijo e pode prosseguir para outros comportamentos. Mas quando os
219 adolescentes e jovens tem experiências sexuais, isso pode ocorrer de diferentes

- 220 formas. Quais são as formas de sexo mais vividas ou mais experienciadas pelos
 221 adolescentes?
- 222 **Frederico:** “Muitas vezes a pessoa tá/ numa festa e rola bebida... droga... essas coisa/
 223 aí a pessoa não fica consciente, gera aquele impulso pela bebida, pelo álcool essas
 224 coisa/ prá pessoa fazer sexo”.
- 225 P: “De que forma?”
- 226 **Frederico:** “A pessoa tando/ embriagado a pessoa num/ pensa ((risos no grupo))
 227 P: “Vai de todo jeito ((em tom de descontração))
- 228 **Frederico:** “Vai de todo jeito... bora/ simhora/ e vai” ((risos no grupo)).
- 229 P: “Por exemplo: quando vocês lêem sobre o sexo, há diferentes formas de sexo. O
 230 sexo convencional, o sexo vaginal entre heterossexuais, há o sexo homossexual entre
 231 pessoas do mesmo sexo quer sejam masculinas quer sejam femininas. Mas em se
 232 tratando dos adolescentes, quando eles se relacionam sexualmente, se eles tiverem a
 233 oportunidade de ter relação sexual, qual seria a forma preferida de viver o sexo?”
- 234 **Januário:** “Não... porque normalmente, tem muitas pessoas que não tem tanta prática
 235 ou então tantas experiências diferentes com duas ou três mulheres que nem/ muitos
 236 homens desejam, ficar com duas mulheres. Querendo ou não, a pessoa sente aquele
 237 desejo, só que normalmente prá/ o jovem aqui na cidade ou na região... é... o sexo é
 238 praticado de forma básica, normal, como um sexo comum”.
- 239 P: “Januário acha que os adolescentes tem uma preferência pelo sexo comum; esse
 240 sexo comum, talvez fosse exclusivamente o sexo vaginal. Mas será que essa é
 241 realmente a experiência dos jovens?”
- 242 **Lúcia:** “Não por experiência nem por tá/ buscando entender, mas pelo que... como a
 243 sociedade é hoje em dia, quanto mais explícito for as coisas, quanto mais você
 244 aparecer melhor... eu acho que hoje em dia TODO mundo bota na cabeça que tem
 245 que fazer alguma coisa inovadora. Acho que não vai ser aquele negócio que seu pai e
 246 sua mãe fazia não”.
- 247 P: “Um exemplo?”
- 248 **Lúcia:** “Se você tiver numa festa, por exemplo, eu tô/ na casa dela, aí lá ela quer ficar
 249 com um menino, tem um canto reservado lá, mas aí ela não vai querer aquele canto
 250 tão reservado, vai querer um canto que todo mundo... que todo mundo nunca... que
 251 nunca fez... que nunca foi lá. Eu acho, que cada dia mais tá/ buscando coisa
 252 inovadora; não sempre a mesma coisa como era”.
- 253 P: “Outra idéia?”
- 254 **Antonio:** “Eu acho que não existe formas de sexo não; sexo é sexo e pronto. O que
 255 existe é impulso, a vontade de fazer, a gente vai lá e faz”.
- 256 P: “Outra idéia?”
- 257 ((silêncio no grupo))
- 258 P: “O pessoal parece que está inibido para falar dessas particularidades. Por exemplo:
 259 Uma vivência que pode ser comum na adolescência, a masturbação”.
- 260 **Frederico:** “Muitos jovens começam a primeira experiência pela masturbação; muitos
 261 não começam pelo sexo... a maioria começa pela masturbação, principalmente
 262 quando são novo/ que é...assim moleque, menino amarelo ((risos das moças no
 263 grupo)) que... é até impulsionado pelos colega/ que não sabe até que isso existe”.
- 264 P: “Outra idéia?”
- 265 **Januário:** “No caso, como Frederico disse, masturbação ele começa com... acho que
 266 nas primeiras experiências com dez, onze, doze at...é treze anos, os meninos não
 267 sabem basicamente o que é isso; estão descobrindo essa área sexual aí começa com
 268 essas experiências, comentários de amigos, garotos mais velhos falando sobre isso.
 269 Acho que começa também por... curiosidade, por besteira, até por conhecimento do
 270 próprio corpo, principalmente nos homens. Acho que... masturbação significa isso:
 271 conhecimento do seu próprio corpo ou então do seu próprio ser, quando você tá/
 272 partindo prá/ uma fase de criança prá/ pré-adolescente ou então prá/ adolescente
 273 mesmo. Acho que se limita a isso”.
- 274 P: “Outra idéia?”

- 275 **Elizabete:** “Como Januário disse, acho que masturbação é mais como um meio de
276 descoberta mesmo; acho que é... sei lá, conhecer o corpo, uma preparação maior”.
- 277 P: “Outra idéia?”
- 278 ((silêncio no grupo))
- 279 P: “Nada? Por exemplo: Já leram alguma reportagem adolescente sobre sexo oral?”
- 280 ((silêncio no grupo))
- 281 P: “Já leram?”
- 282 ((Já))
- 283 P: “Alguém poderia comentar?”
- 284 **Frederico:** “Assim... na maioria das vezes entre adolescentes que acontece sexo oral é
285 quando já tem uma certa experiência. Não quando é a primeira vez; a primeira vez é
286 mais assim... entre o homem e uma mulher é mais vaginal; aí quando a pessoa vai
287 adquirindo mais experiência, vai ficando mais maduro assim, a gente começa a fazer o
288 sexo oral... e até muitas pessoas prefere o oral do que o normal, vaginal”.
- 289 P: “Outra idéia?”
- 290 **Geraldo:** “Além do sexo vaginal e oral tem também o sexo anal ((risos)) que tem
291 outras pessoa/ que também gosta de praticar”.
- 292 P: “Outra idéia?”
- 293 ((silêncio))
- 294 P: “Sobre essa fala trazida pelo R1, sexo anal. Como vocês acham que isso ocorre na
295 adolescência?”
- 296 ((Silêncio))
- 297 P: “Alguém gostaria de comentar? ... Não?”
- 298 P: Muito bem. Uma última outra questão: **Quais são as satisfações, quais são as**
299 **frustrações que surgem da vivência de sexo na adolescência?”**
- 300 P: **“Quando o jovem tem satisfações e quando ele tem frustrações por ter vivido**
301 **experiências sexuais?”**
- 302 **Januário:** “Satisfações é no ato, na hora quando a pessoa sente o prazer... aquele
303 negócio todo... aí dá aquela satisfação na pessoa, mas depois... muitas vez/ a pessoa
304 pega doença, aí gera frustração; doença, eh::... engravida... e várias outras coisa que
305 fica assim... mei/ sujo assim o nome da pessoa”.
- 306 **Januário:** “Bem... frustrações eu creio que... da parte do homem pode... acontecer do
307 arrependimento, não é nem da parte dele mas da parte da garota, porque muitas
308 vezes as garotas iniciam essa vida sexual eh::... de uma forma errada ou por não
309 querer... outras vezes até por pressão do namorado: Não que se não acontecer isso a
310 gente termina ou... etc. Mas só que ocorre, mas essa frustração não é nem da parte
311 dele, porque parece que homem é movido por testosterona... ele é movido por
312 impulso, ele quer sexo ali e pronto, ele num/ vê a parte sentimental ou emocional da
313 namorada; não sabe se a namorada ta/ pronta ou não. Eh::... como já falei muitas
314 outras vezes, isso também parte da maturidade de cada um, tanto do homem como da
315 mulher. Agora, já satisfação eu acho que é quase cem por cento das vezes que pratica
316 sexo. Agora só que da parte da mulher, não; da parte da mulher ela leva prá/ parte dos
317 sentimentos, das emoções, pelo momento, pelo carinho. Pela convivência mais com o
318 namorado”.
- 319 P: “Outra idéia?”
- 320 **Alberto:** “Assim... a parte de frustração, de arrependimento do homem, basicamente
321 pode ser de acontecer alguma coisa: se pegar uma doença, engravidar... alguma coisa
322 assim. Essa parte de frustração... vai mais a questão da mulher, porque depois se
323 arrepende... eh::... porque não devia ter feito isso, porque num/ era hora, porque isso,
324 porque aquilo. Mas pru/ homem não, por aquilo ali... aconteceu, aconteceu... cabou-
325 se/; passar prá/ próxima... e assim, a parte de prazer é isso: Aconteceu lá o ato e...
326 cabou-se/”.
- 327 P: “Que vocês acham dessa palavra que ele traz? Vamos ouvir uma voz feminina”.
- 328 ((sem manifestações no grupo))

- 329 P: “Ele acredita que as frustrações das vivências de sexo são mais para as meninas.
330 O que vocês acreditam?”
- 331 **Lúcia:** “É o seguinte... como Januário falou: Quando você tem um namorado que você
332 é impulsionada a fazer aquilo (sexo) você vai fazer prá/ não perder ele, eu acho que
333 isso foi como uma obrigação... não foi porque você quis, então a frustração vem disso.
334 Agora, eu acho que quando acontece ali, você tá/ tão envolvida no momento... você
335 pode até se arrepender... dizer assim: Eita/ eu não devia ter feito agora, mas se
336 arrepender de algum trauma que isso vai ficar... alguma coisa... assim, uma coisa
337 psicológica, mas você num/ vai ficar, você vai só TER uma culpa... vai dizer, não, num/
338 devia ter feito agora, devia ter esperado; mas quando realmente acontece... se você
339 marcar... vamo/ hoje, tal hora, tal canto e tal, acho que você já vai com o seu
340 psicológico muito carregado, você já vai com aquela obrigação, aí você já vai carregar
341 pelo resto da sua vida, que é a sua primeira vez foi frustrada.”
- 342 P: “Outra idéia?”
- 343 ((sem manifestações no grupo))
- 344 P: “Outra idéia?”
- 345 **Alberto:** “Mas assim... a própria sociedade atual é que impulsiona a isso porque...
346 assim... se o homem pega dez mulheres aquele é o cara, aquele é o garanhão, não
347 sei o que. Mas prá mulher, ela ficou com dois, aquela mulher é puta... aquela mulher...
348 é fácil. A própria sociedade é que faz com que isso aconteça. Essa questão do
349 arrependimento, da frustração vem mais também da própria sociedade que condena e
350 no mesmo tempo apóia o que acontece”.
- 351 **Elizabete:** “Acho assim, como Alberto disse, acho que não é questão da sociedade
352 atual. É porque há anos e anos a gente foi criada numa sociedade machista. Todo
353 mundo acha que o cara, ele deve começar a se envolver com alguma menina desde
354 cedo, desce seus treze anos, por aí. Quando alguém fala assim... por exemplo, numa
355 relação de pai e filho, o pai nem se importa se o filho tá/ namorando ou não. Agora,
356 quando é a menina, aí tem de ser mais preservada. Se o pai tem um filho e uma filha,
357 por exemplo, o filho pode namorar com quantas quiser, mas a filha tem que ser mais
358 acatada (reservada). O homem pode fazer o que der na telha dele, mas a menina tem
359 sempre que pensar MAIS prá/ fazer alguma coisa porque senão ela vai cair na boca
360 do povo... e o homem não vai cair não? Eu não sei se os homens pensam assim, mas
361 prá/ meninas a idéia fica meio/ manchada: Não, aquele cara é um galinha, então eu
362 não vou ficar com ele, se eu sei que um dia vou namorar com ele e ele vai me trair”
363 ((repetições de falas)).
- 364 P: “Outra idéia?”
- 365 **Kácia:** “Eu acho assim, feito M5 falou: A mulher no que fizer ela vai sair manchada e o
366 homem também. Só que... são poucas as mulheres que... o homem faz o que faz; se
367 tiver afim dele, ela não vai pensar se ele é galinha, ou que ele for. E também a
368 questão da mulher se preservar mais do que o homem, que acho assim que o homem
369 não vai ter conseqüências do que fizer, porque ele assumir é uma coisa, mas tá/ com
370 uma mulher é outra. É muito fácil, ele assume o filho, dá uma pensão, mas a
371 conseqüência é da mulher” ((repetições de falas)).
- 372 P: “Outra idéia?”
- 373 ((sem manifestações no grupo))
- 374 P: “Ninguém mais? Nada mais?”
- 375 **Frederico:** “Tá/ bom por hoje” ((voz baixa)).
- 376 P: “Então nós encerramos aqui nossa discussão sobre as vivências sexuais do
377 adolescente na nossa cidade. Agradecemos a colaboração de todos por haverem
378 ajudado neste nosso trabalho de pesquisa.”

1 ANEXO N - GRUPO FOCAL RELIGIOSO 5 (GFR-5)

2
3 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA4
5
6 ORIENTAÇÃO DO DESEJO SEXUAL

7
8
9 **P:** Estamos aqui no Colégio Quinze de Novembro, com um grupo de alunos
10 secundaristas, onde nesta ocasião, estaremos fazendo uma discussão sobre algumas
11 questões que tratam da orientação do desejo sexual entre adolescentes. A primeira
12 questão que nós gostaríamos de debater, é: **O que os adolescentes entendem por**
13 **orientação de desejo sexual**. Quem poderia começar?

14 ((Silêncio no grupo))

15 **Fábio:** “Acho que esse desejo vai além de se conhecer... ser amigo ou então gostar
16 da pessoa. Desejo sexual é uma coisa relacionada a química, um olhar... eh:... você
17 pode nem conhecer a pessoa e se sentir atraído sexualmente por ela, sem ser
18 necessariamente amigo, sem necessariamente conhecer”.

19 **P:** “Outra idéia?”

20 ((Silêncio no grupo))

21 **P:** “Quem gostaria de prosseguir?”

22 **P:** “Mais alguém?”

23 **Wellington:** “Eh:... pelo que fiquei sabendo também, essa questão de orientação...
24 sexual tem a ver também com a questão genética. Alguns estudos indicam que alguns
25 genes interferiram na sexualidade... no caso a orientação”.

26 **P:** “Outra idéia?”

27 ((Silêncio no grupo))

28 **P:** “Todos podem falar com tranquilidade”.

29 **Silvana:** “Eu discordo que a orientação sexual dependa da genética... porque só foram
30 feitos dois sexos e, com certeza, depende da genética, feminino e masculino. A
31 parte... a questão de ter outra orientação sexual é psicológico, eu acho... é de
32 personalidade, questão sua. Acho que a genética não tem nada a ver com isso”.

33 **P:** “Outra idéia?”

34 ((Risos no grupo))

35 **José:** “Eu também concordo com Silvana. Eu acho que essa atração pelo mesmo
36 sexo é mais... eh:... um convívio social e... essas coisas, tipo... leva a ter atração pelo
37 mesmo sexo, acho que isso vai depender muito do jeito como vive... de sua criação”.

38 **P:** “Outra idéia?”

39 **Nair:** “Eh:... acho que é uma questão do desejo sexual pode ser uma coisa física,
40 química como falou Fábio, mas isso também, a parte genética não deve alterar muito a
41 respeito disso não. Porque, eu acredito que a personalidade de uma pessoa de optar
42 ou não por uma pessoa do mesmo sexo ou oposto, seja eh:... uma escolha, mas
43 também uma vivência. Se ela convive num ambiente que acha que uma pessoa do
44 mesmo sexo seria a opção certa... não é apoiado pela sociedade, mas eu acho que
45 não deveria interferir no meio não.

46 **Silvana:** “Eu acho assim como Nair disse... de conviver com uma pessoa de mesmo
47 sexo, não, porque o fato de você conviver... num/ canto com várias mulheres... no meu
48 caso, eu já morei com seis mulheres e nem por isso... ((risos do grupo e da pessoa
49 que está falando)). Eu acho assim, que a sua orientação sexual não depende da sua
50 convivência com homens ou com mulheres... porque você pode fazer (sexo) com
51 homens ou com mulheres. Se você pode optar por homens, no meu caso, por que eu
52 vou optar por mulheres? Eu acho que é uma questão psicológica, não é uma questão
53 de conviver com “a” ou “b”. Eu acho isso”.

- 54 **P:** Mas nós estamos dando alguns exemplos. Mas se fossem procurar um conceito do
 55 que seria orientação do desejo sexual haveria um conceito que pudesse ser dado para
 56 esse termo?
- 57 **Nair:** “Não... isso entra muito na parte química e física... isso não tem uma questão
 58 sentimental desse tipo. Se você, mesmo que goste muito de uma pessoa, que tenha
 59 uma relação MUITO afetiva, não é necessariamente dizer que você tem realmente
 60 desejo por essa pessoa; isso é uma coisa química. Tem que ter uma... combinação...
 61 alguma coisa que... atração que faça com que você sinta esse desejo”.
- 62 **P:** “Que outra colaboração?”
 63 ((Silêncio no grupo))
- 64 **P:** “Vânia, talvez?”
 65 ((Risos no grupo))
- 66 **Vânia:** “Não... não”.
- 67 **Carla:** “Bom... acho que a orientação sexual não depende muito de genes ou essas
 68 coisas. Simplesmente depende das escolhas que a pessoa faz. Teve épocas que a
 69 maioria dos meus beijos era com meninas... a maioria das minhas colegas são
 70 sapatos ((risos no grupo)). Houve alguns parentes da minha família... algumas
 71 meninas que quiseram encostar em mim quando eu era menor. Quando eu tinha sete
 72 anos elas tinham dezessete, dezoito e queriam mexer comigo... mas isso não
 73 influenciou em nada não; acho que isso vai mais da pessoa mesmo... acho que é você
 74 que escolhe o que você quer na sua vida”.
- 75 **P:** “Outra idéia?”
- 76 **Cléa:** “Eu acho assim... que isso já vem com a pessoa quando nasce... sentimentos
 77 que vai surgindo... não é de uma hora prá/ outra, não é ninguém que vai incentivar
 78 isso...mas sim... a pessoa já tem isso, já nasce com isso, com esse desejo... sexual
 79 por outra, ou se não, por dois sexo/ ... esse sentimento pela outra pessoa”.
- 80 **Magnólia:** “Eu acho que vai da criação... dos pais por que... eu sei lá... é muito
 81 estranho. Pronto: lá em (cidade onde mora a pessoa que fala) tem um caso desse; um
 82 menino que é criado só com a mãe, não tem pai... o moleque é um viadinho ((risos no
 83 grupo)) perdido, desse tamanho (bem pequeno) ((risos no grupo)); assistindo desenho
 84 do Homem Aranha, fica com coisa (ininteligível), fica com aquelas coisa/ estranha... e
 85 minha tia também criou o meu primo e nem por isso ele é gay... vai da criação da mão,
 86 eu acho, da mãe e do pai”.
- 87 **Fábio:** “Essa história de criação... acho que não tem nada a ver não. Qual a mãe que
 88 ver seu filho ser um homossexual ou sua filha uma lésbica? Esse tipo de criação
 89 interfere na opção sexual da criança ou do adolescente se ele quiser; se ele já tem
 90 uma mente fértil, alguma coisa preparada e essa mente fértil dele possa desenvolver
 91 uma série de acontecimentos que leve a crer que ele deseja pessoa do mesmo sexo,
 92 isso é que pode... assim... a mãe certamente não quer que seu filho seja gay...
 93 questão de criação não tem nada a ver na minha opinião. Você só é gay se você
 94 quiser... quem é que vai mandar você ser gay? Quem vai querer que você seja gay?
 95 Quem vai querer que você seja lésbica?”.
- 96 **Magnólia:** “Não é uma questão de mandar. A mãe vai mandar, meu filho você vai ser
 97 gay... não, é da criação; ele tá/ lá... beleza, lá olhando prá/ mãe, vendo aquelas coisa/
 98 tudo afeminada... se ele pegar alguma coisa prá/ fazer ela já deve cortar do começo...
 99 por exemplo, ele vai pegar uma sombra prá/ passar, ela não meu filho, pode não, isso
 100 é de mulher... tem que cortar do começo; acho que isso vai mais da criação”.
- 101 **P:** “Outra colaboração?”
- 102 **Nair:** “Assim... a questão de criação... na minha família tem caso de um menino muito
 103 próximo que foi criado exatamente só pela mãe e por ter só primas, só tinha contato
 104 com mulheres. Não necessariamente ele nasceu gay, ninguém nasce gay; mas a partir
 105 do momento que ele convive em ambiente muito feminino, mesmo que ele não vá
 106 brincar de boneca, que ele vá passar maquiagem, mas ele passa a ter uma certa
 107 sensibilidade feminina, porque ele conviveu desde o início só com isso. E também, por
 108 ter contato com pessoas homossexuais ela passar... mesmo que tenha uma

109 formação... eh:... ter uma cabeça formada, mesmo assim ela pode ser corrompida,
110 porque o9 convívio demais com pessoa que tenha essa APTIDÃO... pelo mesmo sexo
111 assim, pode começar a se corromper e vai convivendo, vai convivendo e de uma hora
112 prá/ quando vai perceber tem atração por uma pessoas do mesmo sexo’.

113 **P:** “Outra colaboração?”

114 **Vânia:** “Eu acho que não é só a convivência, viver só com mulher, porque meu pai ele
115 foi criado só com minha vó e tinha três irmãs e nem por isso ele é gay. E outra coisa
116 ((risos no grupo)) o negócio de ser sensível num/ tem nada a ver não, porque... ele é
117 grosso, entendesse? Então ser criado só por mulher não tem nada a ver”.

118 **Nair:** “Tu falou de gay, é uma questão que influencia; não necessariamente pelo fato
119 de você conviver só com mulheres você não vai se tornar gay, mas que você tem uma
120 grande participação, TEM; Se você conviver num ambiente só tem mulheres ((outras
121 vozes interromperam a adolescente em sua fala))”

122 **P:** “Outra idéia?”

123 **Fabiano:** “Nós hoje vivemos na sociedade de (ininteligível) na qual... se fala muito que
124 um meio... o homem nasce bom e o meio é que determina... que o meio é que o
125 corrompe; eu acho que é justamente isso... que as pessoas são influenciadas por
126 outras e... é por isso que elas tem a opção sexual delas... é tudo uma questão de
127 escolha; cada um escolhe o que ele quer; o que ela quer”.

128 **P:** Muito bem. Uma outra questão que nós gostaríamos de debater: **Para os**
129 **adolescentes existe uma orientação de desejo sexual que pareça ser correta?** Há
130 alguma forma de orientação que os adolescentes entendam que seja realmente a
131 orientação adequada, a orientação certa? Quem gostaria de falar sobre isso?

132 ((Risos no grupo))

133 **P:** “Vocês estiveram dando alguns exemplos de pessoas que têm desejos sexuais por
134 pessoa do mesmo sexo. Então a questão é: Existe alguma orientação sexual que
135 tenha ou que seja correta?”

136 Todos: “Tem sim”.

137 **P:** “Ótimo. Quem pode falar?”

138 **Silvana:** “Não, eu acho assim que... eu... sou preconceituosa sim, porque Deus fez o
139 homem e a mulher, só isso; Então...((riso)) a orientação certa é você ser homem, você
140 ser mulher. É sim... ser gay ou ser lésbica não é certo... você tá/ sendo diferente de
141 tudo, você é incomum. Hoje tá/ se tornando comum por conta que tá/ aumentando a
142 quantidade, agora que não é normal; tá/ sendo aceito porque o pessoal diz, não vou
143 ser preconceituoso, cada um faça o que quiser da sua vida, mas que é errado, é. Você
144 nasceu prá/ ser homem ou ser mulher e não gay ou sapatão”.

145 **P:** “Alguém mais?”

146 **Clea:** “Eh:... tipo assim, se a sociedade discrimina tanto o homossexualismo e tal...
147 acho que a pessoa não escolhe eu quero ser GAY; ele sabe que vai passar por uma
148 barra, vai enfrentar a família, vai enfrentar a sociedade, vai enfrentar tudo isso; então
149 ele não vai dizer: Ah eu quero porque é uma moda e sim, é uma coisa que ta dentro
150 dele; acho que a pessoa já nasce com isso. Existe o certo que é homem prá/ mulher,
151 que é o correto como Deus criou, porque a mulher vai engravidar e tal. Mas acho que
152 ele não tem culpa de querer ser gay porque se eles pudesse desviar e ser um homem,
153 feito... foi feito prá/ ser, eles não iam correr o risco de enfrentar pai, ser discriminado,
154 ser banido da sociedade”.

155 ((Muitas vozes confirmando ser errada a homossexualidade))

156 **Fábio:** “É uma questão de... acho que quando a pessoa escolhe... escolhe não, aceita
157 a sua condição sexual, ele já vai destemido a enfrentar a sociedade, pai, preconceitos;
158 eu particularmente não sou preconceituoso, tanto que eu tenho um amigo gay...
159 mesmo assim eu não gosto de extravagância, aquela parte de eu sou gay, quero
160 mostrar prá/ todo mundo... ser tipo... o modo de andar, ser uma mulher propriamente
161 assim... tanto na cabeça quanto na parte física... eu não admito isso, apesar de aceitar
162 e muito menos acho certo. Você quer ser gay seja, mas mantenha a sua postura como
163 Deus lhe fez, como homem”.

164 **Magnólia:** “Eu sou preconceituosa sim, mas respeito... certo... convivo... quer ser,
165 seja; agora, que prá/ mim é errado... eu não sou obrigada a concordar, sou obrigada a
166 respeitar... eu vou fazer o quê? Mas se eu pudesse, eu acabava com tudinho ((risos
167 no grupo))”.

168 **P:** “Outra idéia? Nair.”

169 **Nair:** “Assim... essa questão de ser gay, ser aceito na sociedade, preconceito, é uma
170 coisa muito relativa porque, o fato da pessoa escolher isso, mesmo diante das regras
171 divinas escritas nas Escrituras ((pronúncia em tom de pouca credibilidade)) isso é
172 errado. Mas ninguém tá/ aí prá/ dizer se isso é certo ou errado... Deus deu o direito, o
173 livre arbítrio... então eu acho que... se chegou ao ponto da sociedade se dividir entre
174 pessoas que acham que conseguem assimilar o que está escrito e pessoas que não
175 querem aceitar isso, querem viver de outra maneira... acho que isso... poderia ser
176 mais aceito, melhor aceito pela sociedade porque acho que isso também é uma forma
177 de revolta, já que a sociedade recrimina TANTo essas pessoas que tem essa índole de
178 se tornar homossexual, acabam ficando mais revoltados ainda, tentando brigar mesmo
179 com a sociedade... porque se não tivesse uma pressão tão grande talvez existisse um
180 número menor de homossexuais no mundo”.

181 **P:** “Outra idéia?”

182 ((Barulho de crianças em recreio))

183 **Fábio:** “A questão de assim... você se sentir sob pressão da sociedade, da família...
184 acho que isso não determina não, a não ser que você seja um rebelde sem causa...
185 não porque ninguém gosta, eu vou ser; se você gosta, se você quer, seja. Acho que o
186 fato da sociedade não lhe aceitar do jeito que você é, isso é um fato determinante prá/
187 você manter a sua cabeça, não prá você mudar; se você já é e a sociedade discrimina
188 isso, isso deve ser um fator a mais prá/ você enfrentar... os demônios e continuar sua
189 cabeça feita; Agora, se a sociedade é um fator de mudança de opção sexual, acho
190 que não”.

191 **P:** “Outra idéia?”

192 **José:** “Acho assim... que todo homossexual tem saber que ele não pode ter o mesmo
193 direito que pessoas heterossexuais... isso daí, eu não concordo com isso; eles têm
194 que ver que quando eles assumem esse papel, eles têm que saber que vão passar por
195 uma certa discriminação e que... eh:... se eles tão/ prá/ isso mesmo, eles têm que ver
196 que vão enfrentar muita dificuldade e que o mundo lá fora não vai aceitar isso prá/
197 eles. O certo prá/ eles era... o certo prá/ eles e prá/ mim era que cada um mantesse/ o
198 seu sexo (comportamento esperado do sexo biológico”.

199 **P:** “Outra idéia?”

200 ((uma voz no grupo diz: quem manda se amostrar))

201 **Carla:** “Eu não concordo com Magnólia, essa história de gay nem de sapatão; agora
202 tenho muitos amigos gays em (cidade da adolescente que fala) tenho bem uns três e
203 nenhum é assim... homem... tudo tem o cabelo grande... eu não concordo; se na bíblia
204 tem dizendo que é desonroso para Deus, homem ter cabelo grande, imagine ser gay e
205 sapatão ((seguiu-se uma discussão religiosa que necessitou a intervenção do
206 pesquisador))”

207 **Fabiano:** “Eu sou preconceituoso em certa parte porque... prá/ mim, pessoas que não
208 são próximas eu não tenho a menor discriminação; agora se for amigos, essas coisas,
209 eu não tenho amigos assim... eu não gosto dessa influência ((risos no grupo)) eu não
210 gosto de ter amigos ou coisas próximas se for destinada a outros interesses. Agora, se
211 for externamente, relacionado ao meu convívio social eu não tenho o menor
212 interesse... ele pode fazer o que bem quiser da vida dele”.

213 **P:** “Outra idéia? Mais alguém? Silvana”.

214 **Silvana:** “Assim como ele (Fabiano) diz, por mim... eu tenho amizades sim, agora a
215 partir do momento que não me prejudica como pessoa, não denigre a minha imagem,
216 ta entendendo? Porque você vê, eu moro em cidade pequena, se tem uma pessoa
217 que é errada ninguém acredita que aquela pessoa resolveu ser certa; independente de
218 ser gay ou sapatão,... ladrão... agora é assim, eu tenho amizade sim... alô, tudo bem,

219 não discrimino apesar de não achar certo, falo, respeito, acho errado, mas andar junto
 220 não porque vai atingir a mim, porque em cidade pequena é assim. Se eu andar com
 221 uma turma de lésbicas, ninguém vai achar que a filha de (citou o nome do pai) vai tá/
 222 trazendo elas prá/ ser mulher... não... vai tá/ achando que eu fui pro/ lado de lá... dá
 223 prá/ mim não ((risos)).

224 **P:** “Outra idéia?”

225 **Wellington:** “Eu queria saber de José que direitos eles não teriam?”

226 **José:** “Direito de casar, direito de... ter filhos... eu acho que ter filhos... eu acho que
 227 eles tendo filhos eles iam dar uma influência aos seus filhos... isso ia até ser ruim prá/
 228 criação do filho, pois o preconceito que ele ia sofrer, por exemplo, os colegas... é isso”.

229 **Silvana:** “Eles que optaram por isso, sofrem os preconceitos devidos... agora, a
 230 criança vai sofrer preconceito na escola, vai sofrer preconceito aonde ele chegar, sem
 231 ele ter feito nada... eu mesmo não queria ser adotado... se não for prá/ ser criado por
 232 um pai e uma mãe,, por dois homens ou duas mulheres eu não queria não. Era melhor
 233 viver numa Fundac”.

234 **Fabiano:** “Deu-se até um caso na novela da Rede Globo, em que um filho tem um pai
 235 que é... bicha ((risos no grupo)). E... aquilo não acontece... se os amigos deles
 236 souberem não vão/ discriminá-lo com aquilo ali... eh:... continuo com a mesma idéia...
 237 que você não discrimine, agora que seja fora da sua cidade entre aspas, fora do seu
 238 convívio particular. Contanto que seja fora, que se dane prá/ lá ((risos))”.

239 **P:** “Muito bem. Outra questão que nós gostaríamos de discutir é: **Qual é a opinião**
 240 **dos adolescentes sobre o relacionamento com pessoa do mesmo sexo?** O que
 241 vocês acham a respeito?

242 ((Muitas vozes no grupo: Errado))

243 **Fábio:** “Como eu já disse, quem tem sua opção sexual, vá... contanto que isso não me
 244 afete; mas comigo... comigo não”.

245 **Cléa:** “Eu acho assim... se a pessoa tem a sua característica,,, já ta/ formada a sua
 246 personalidade... uma amiga... um contato assim não vai interferir em nada... tipo um
 247 relacionamento com uma homossexual; se eu tô/ relacionada com aquela menina, se
 248 eu tô/ andando com ela, mas eu tenho a minha opção, acho que não vai me atingir”.

249 **Nair:** “A questão de você andar com pessoa que tem relações com pessoas do
 250 mesmo sexo não vai interferir de maneira alguma na sua (opção sexual); vai da sua
 251 pessoa, viver prá/ que a sociedade não interfira, tipo, se você anda com pessoas que
 252 tem relações com o mesmo sexo, se você quer diretamente... eu tenho amigos gays e
 253 não me incomodo de maneira alguma de andar com eles, mas de alguma maneira já
 254 me criticaram dizendo que eu tinha uma opção sexual diferente da que tenho... por
 255 andar com pessoas desse tipo; mas assim... eh:... eu acredito que essas pessoas que
 256 tem atração por pessoas do mesmo sexo, tem relação com essa pessoa, se ela
 257 soubesse se impor, tipo, eu gosto de uma pessoa do mesmo sexo mas eu tenho um
 258 amigo que é do meu sexo e eu tenho atração, mas é amigo... tem que ser
 259 diferenciado; ela tem que aceitar a opção sexual da outra pessoa e conviver com a
 260 sua opção sem interferir no meio (grupo)”.

261 **P:** “Vamos ouvir Luzinete”.

262 **Luzinete:** “Tá/ certo, cada um tem a sua opção sexual... beleza, mas é o seguinte: Se
 263 você decide, eu quero ficar com um menino, mas aí eu ando com uma sapatão... eu
 264 tenho uma colega, só que aí a pessoa vai dizer... não, anda com ela, ela também é;
 265 porque a sociedade é muito preconceituosa; então, beleza eu gosta de menino, mas
 266 como ando com sapatão vão dizer que eu também sou ((seguiu-se um debate sobre o
 267 preconceito social referido aqui))”

268 **Magnólia:** “Minha cidade é desse tamanho (pequena) e lá quem anda mais com os
 269 gay é as rapariga, as quenga; se você tá/ andando com gay você já é rapariga e
 270 quenga e isso é o que minha mãe briga; eu gravo CD prá/ eles, eles vão/ na minha
 271 casa e pega CD, mas minha mãe não quer; eu não gosto de gay, só gosto dos gay de
 272 (sua cidade) porque são bonzinhos”.

- 273 **Carla:** “Acho que o fato de você andar com gays, lésbica não vai mudar a sua escolha;
 274 simplesmente eu tenho o que... eu tenho mais ou menos umas seis amigas que são
 275 lésbicas, uns três amigos que são gays, ando com eles, são gente fina, gosto deles,
 276 até meu pai fica olhando, sabe que elas são lésbicas, meu pai chega a achar que eu,
 277 só que eu não sou, que ele sabe que eu namoro ((risos no grupo)); mas simplesmente
 278 se ele (o pai) achar ou os outros tão/ achando que eu sou, o problema é deles, eu
 279 tenho a minha escolha, eu sei o que eu quero... simplesmente tô/ com uma pessoa e
 280 pronto”
- 281 **P:** “Mais alguém? Ninguém mais?”
- 282 **Wellington:** “Sobre o relacionamento entre dois gays, no caso, eu penso que
 283 atualmente eles tão/ prá se largarem dos limites da sociedade, tão/ mostrando muito
 284 sua intimidade”.
- 285 **P:** “Mais alguém?”
- 286 **Cléa:** “Eu acho assim... que a opinião de Wellington e dos meus colegas é tipo aqui na
 287 região de Pernambuco, uma cidade pequena como Garanhuns, a sociedade não tá/
 288 preparada... como também na minha família e tal. Mas acho mais fora, em capitais...
 289 Rio de Janeiro, eles tá/ mais preparado mais prá/ isso; então aqui é uma coisa muito
 290 estranha você andar, conviver com gay... vão falar. Mas isso já noutros países... Rio
 291 de Janeiro, São Paulo já é normal”.
- 292 ((Seguiu-se uma polêmica, interrompida pelo pesquisador, sobre a condição de ser
 293 homossexual)).
- 294 **Silvana:** “É essa a questão... o fato que ta se formando não quer dizer que teja/ certo.
 295 É isso que eu defendo... não mudo minha opinião, que é errado ser gay ou ser
 296 lésbica”.
- 297 **Nair:** “Por que?”
- 298 **Silvana:** “Porque é sim. Ninguém foi feito prá/ ser lésbica ou viado... foi feito prá/ ser
 299 homem ou mulher... foi feito assim. Agora, um pessoal além de distorcer ((discussões
 300 no grupo interrompidas pelo pesquisador)) além de mudar sua cabeça, além de ter
 301 contato com outra pessoa (do mesmo sexo) ainda quer mudar a vontade de Deus... aí
 302 é complicado... mudar a sociedade é complicado; se ele tiver cacife prá/ bater de
 303 frente com Deus, ele arroche”.
- 304 **P:** “Mais alguém gostaria de comentar?”
- 305 **Wellington:** “Cléa, tu acharia bonito, por exemplo, dois homem se beijando de cueca...
 306 na rua?”.
- 307 **Cléa:** “EU, eu não acho; não tô/ falando assim por mim e sim na sociedade; eu acho
 308 super-estranho, ainda não tô/ acostumada a ver isso, a conviver com isso. EU acho
 309 que tenho essa parte de preconceito e tento vencer cada vez mais essa barreira; eu
 310 sei que o mundo tá/ cada vez mais evoluindo e a gente tem que conviver com isso,
 311 respeitar”.
- 312 **Fabiano:** “Se evolução significa justamente isso eu prefiro não evoluir ((fala aplaudida
 313 no grupo))”
- 314 **P:** “Mais alguém?”
- 315 **Nair:** “A questão de conviver com... Fabiano falou em ver pessoas de mesmo sexo se
 316 beijando, demonstrando alguma coisa de afeto em público. Eu acho que no meio
 317 deles, eles vão/ ter uma compreensão melhor; a partir do momento que eles começam
 318 a ter demonstrações afetivas em público, na sociedade que a gente vive hoje, que não
 319 tem muito respeito pela opção sexual dos outros...”
- 320 **Wellington:** “Mas muitos gostam de impactar também”.
- 321 **Nair:** “Isso é praticamente... a pessoa que escolhe ser gay, a partir do momento que
 322 ela começa a se revelar prá/ sociedade, vai ter sempre uma fase da sua revelação que
 323 ela vai querer sempre chamar a atenção... vai querer toda a atenção voltada prá/ ela.
 324 Qualquer pessoa na vida já tentou chamar de alguma maneira, a atenção... qualquer
 325 pessoa faz isso. Só pelo fato deles admitirem que são gays, que sofrem o preconceito
 326 da sociedade, eles vão querer chamar a atenção mesmo... porque se já sofrem o
 327 preconceito, se já ninguém aceita, eu (eles) vou ficar quieto porquê? Vai tentar

- 328 interagir no meio da sociedade de qualquer maneira... ele quer que a sociedade aceite
 329 ele como é lhe direcione direitos iguais a todo mundo”.
- 330 **P:** “Mais alguém? ((silêncio no grupo)). Muito bem. Última questão: **Como é visto**
 331 **pelos adolescentes o relacionamento sexual que envolve tanto pessoa do**
 332 **mesmo sexo como do outro sexo?**
- 333 **Silvana:** “Gilete? Gilete... corta dos dois lados”.
- 334 **P:** “Como é que os adolescentes vêm essa forma de relacionamento hoje?”
- 335 **Silvana:** “Não... é bissexual, é?”
- 336 **P:** “É”.
- 337 **Silvana:** “Pior do que o ((risos no grupo)). Não, ele tá/ certo enquanto ele tá/ com a
 338 mulher; quando ele partir pro/ outro lado ele tá/ errado”.
- 339 **Vânia:** “Discordo, discordo. Se botar prá/ mim numa balança é uma coisa só; prá mim
 340 é errado do mesmo jeito”.
- 341 **P:** “Outra idéia?”
- 342 **Cléa:** “Acho que quando ele é bissexual não tá/ formado ainda o que ele quer;
 343 realmente tem adulto que é bissexual e tal, mas que ele não tem uma opinião própria,
 344 uma opinião certa porque... ou você é gay ou você é heterossexual; mas se você ficar
 345 pros/ dois lados eu acho que tá/ no muro, ele não tem uma opinião certa, não é
 346 concreta a opinião dele. Então eu discrimino as pessoas que são bissexuais”.
- 347 **Fábio:** “Éh::... na maioria das vezes é indecisão, mas tem pessoas que optam por
 348 isso... gostam até; é tipo... uma divisão de experiências... assim fazer parte das duas
 349 coisas ao mesmo tempo ((risos no grupo)); vê-se muito isso hoje... tem mais
 350 bissexuais do que gays. Como Nair disse... não tem meio certo... ou é certo ou errado.
 351 Assim... não que amenize, mas botando numa balança é a mesma coisa... mas eu
 352 queria chamar a atenção da indecisão; pode ser que ele esteja indeciso ou decidiu por
 353 isso... ele quer isso... aí é só seguir em frente”.
- 354 **P:** “Outra idéia?”
- 355 **José:** “Eu acho isso errado por que... essa pessoa quando ela decide os dois sexos...
 356 ela tem que ser ou um ou outro; e na minha opinião se uma pessoa, no caso um
 357 homem, ele pode ficar com cem mulheres mas uma vez que ele saiu com outro
 358 homem, a tendência dele é ser homossexual, né? Eu já conversei com gay ((risos no
 359 grupo)) sem levar pro/ mau sentido... e ele falou: Ah se aquele homem me quisesse...
 360 então eu perguntei prá/ ele: tu acha que se ele te quisesse ele era homem? Ele,
 361 CLARO... a argumentação dele era essa... que o homem pode ter as duas escolhas,
 362 mas quando ele vai ter uma relação com um gay ele pode ser um passivo ou um ativo.
 363 Só que eu discordo disso... eu acho que, na medida que ele vai ter uma relação com
 364 pessoa do mesmo sexo, acho que ele é homossexual”.
- 365 ((Comentários não alusivos à discussão e por isso, interrompidos pelo pesquisador))
- 366 **P:** “Vamos ouvir o Fábio”.
- 367 **Fábio:** “Um experiência própria aqui ((risos no grupo)). Esse cara que eu falei que é
 368 gay, que é meu amigo, ele tem relações tanto com homens como mulheres, só que a
 369 preferência dele é por homem. No dia que ele me disse... eu já desconfiava, não pelo
 370 jeito mas com quem ele andava... se ele fosse daqueles gay extravagante que quer
 371 chamar a atenção, eu não queria nada com ele, NEM FALAR. Ele disse assim: Fábio
 372 eu ainda não dei em cima de você porque eu sei a sua opção sexual, eu lhe respeito...
 373 você já chegou a suspeitar que eu era gay... eu falei, não; pois eu sou (o gay). Sério,
 374 eu falei... ele sou (o gay) ((comentários e gracejos do grupo)). Ele disse eu sou
 375 homossexual, respeito quem não é, agora quem eu vejo que tem a mesma opção
 376 sexual que a minha eu vou... senão eu respeito... tanto que eu tenho relações com
 377 mulheres, já tive relações a três” ((ares de espanto e comentários depreciativos por
 378 alguns no grupo)).
- 379 **José:** “Só prá completar o que eu tinha falado... eh::... eu acho que eles (bissexuais)
 380 não tem um argumento bom prá?... a respeito desse assunto. Porque... eles dizem...
 381 se o cara perguntar prá/ eles: se aquele cara te quisesse ele é homem, eles diz/ sim;
 382 aí o cara pergunta: Você teria relação com um viado aí eles diz/, não porque eu não

383 gosto de viado. Gay não gosta de viado ((risos fartos no grupo)). Se o viado vê outro
 384 viado ali diz logo, aquela bicha num/ sei o quê, num/ sei o quê. Eles só tem a mesma
 385 amizade se conheceram há pouco ou se... onde ele mora a sociedade é pouca. Mas
 386 se eles forem ver desse lado que eu vejo, se o homem que eles forem ter relação, eles
 387 tem que ver que esse homem não é bem um homem, né” ((risos e mais risos no
 388 grupo)).

389 **P:** “Outra idéia?”

390 **Nair:** “A sociedade discrimina essa questão... e eu converso com pessoas que são
 391 homossexuais e há uma certa desculpa para ter relações com pessoa do sexo
 392 oposto... é uma questão da sociedade não aceitar. Então, já que há um medo de
 393 enfrentar a sociedade, então eu vou maquiagem prá/ sociedade e viver no meio, dessa
 394 maneira, tendo relações com pessoas que fazem a minha opção sexual. E o fato que
 395 ele estava falando, gay não gosta de gay, não é bem assim... gay não gosta de gay
 396 afeminado... espriritado, que se veste de mulher e aquela coisa assim prá/ chamar
 397 muita atenção. Geralmente o gay ele gosta de homossexuais que é enrustido; a
 398 sociedade deles sabe que ele é gay, mas por saber que ele é gay não é obrigado ele
 399 ta se mostrando... ele é um gay, homem demais, bem discreto, calmo, bem na dele.
 400 Quando ele quer vai lá e dá em cima do outro, o outro que é meio espriritado dá em
 401 cima, se ele quiser ele aceita... geralmente os gays, tem o tipo homem que gosta dos
 402 espriritados e os espriritados gostam do tipo homem; é uma troca, justamente por
 403 isso... é como se fosse um homem e uma mulher, bem (mau) comparando, claro; mas
 404 é uma forma que eles, no meio deles, acharam para trocar essas... informações”
 405 ((risos no grupo)).

406 **Magnólia:** “Eu acho que o homem que sai com um gay, é pior do que ele, é mais
 407 safado do que ele. Em (cidade da adolescente) tem tanto homem casado que sai com
 408 os gay. As sapatão de (outra cidade) tá/ tudo lá morado em (sua cidade). Minha mãe
 409 não queria eu jogasse mais bola porque o treinador foi dizer a ela que só dava
 410 sapatão no jogo de bola feminino. Eu acho que um homem que sai com um gay é pior
 411 do que o gay e uma mulher que sai com outra mulher é pior do que a peste. Sabe que
 412 isso é cão dentro dessas pessoas? Isso é espírito maligno, isso é pombagira dentro
 413 dessas pessoas ((tom de brincadeira acompanhado de risos do grupo)); isso é a
 414 pessoa que não tem Deus dentro do coração... isso é anormal”.

415 **P:** “Vamos ouvir Wellington”.

416 **Wellington:** “Eu mesmo conheço um cara que teve filho recentemente mas tinha
 417 relações com outros homens. Aí o que acontece... ela ganhava prá/ isso. Agora... se
 418 for prá/ pensar bem, eu acho que ele é gay”.

419 **P:** “Nair”

420 **Nair:** “O fato que Magnólia estava falando sobre as pessoas homossexuais não ter
 421 Deus no coração, também não é assim pô. Existem igrejas... eu acho errado botar
 422 Deus no meio desse tipo de coisa... é errado; mas existem pessoas que aceitam, se
 423 unem entre si prá/ não largarem a Palavra de Deus... tem o idealismo da religião, mas
 424 por medo da sociedade criticá-los dentro da igreja, eles montam um grupo, montam
 425 uma igreja mesmo que... eu estava assistindo uma matéria um tempo desse aí... eu vi
 426 uma igreja evangélica de gays, onde o pastor era casado com um homem... eu fiquei
 427 passada. Confesso que nunca tinha visto formada por gays evangélicos... já tinha visto
 428 católica, espírita. Mas a evangélica me causou um certo transtorno pelo fato da
 429 evangélica ser preconceituosa ((intervenções de alguns do grupo)). A Igreja Católica
 430 não aceita diretamente, mas a partir do momento que você, mesmo homossexual tem
 431 a iniciativa de ir à igreja, ouvir a Palavra... mesmo que ela não lhe penetre totalmente e
 432 lhe faça voltar ao normal, porque isso não é uma coisa normal, acho que não devia
 433 dizer que essa pessoa não tem Deus no coração... porque a religião é uma coisa
 434 totalmente imparcial”.

435 **Fábio:** “Só queria discordar um pouquinho da palavra de Nair quando diz que a igreja
 436 evangélica é preconceituosa... não vale a pena generalizar... você não conhece todo
 437 mundo, como é que você vai generalizar isso ((discussões entre alguns do grupo

438 sobre o preconceito das igrejas)); o preconceito é o ato das pessoas; a doutrina não
439 permite e as pessoas vão/ fazer o quê? Eu já vi um gay na igreja e ele foi tratado muito
440 bem como qualquer pessoa ((seguiu-se uma breve discussão doutrinária)). Apesar de
441 ser evangélico eu não sou preconceituoso, mas quem quiser chamar a atenção como
442 você disse, por favor, distância”.

443 **Carla:** “Simplesmente tavam/ falando que os gays têm Deus no coração. Mas tem uma
444 frase na bíblia que ela não é escrita se nós somos por Deus, mas se Deus é por nós.
445 E tem no final da bíblia dizendo que os efeminados não entrarão no reino dos céus. E
446 simplesmente eu acho que ser gay é uma escolha sua e as nossas escolhas vão/
447 decidir prá/ onde a gente vai... e larga é a porta que leva à perdição. Você escolhe o
448 caminho. E simplesmente não tem essa de foi um gene ou foi algo como eu senti algo
449 na hora. Simplesmente Deus não deixa problemas prá/ gente que a gente não possa
450 suportar ((fala aplaudida no grupo)).

451 **P:** “Mais alguém?”

452 ((silêncio no grupo))

453 **P:** “Muito bem. Então já que o pessoal não quer mais se manifestar, nós encerramos a
454 aqui essa nossa discussão sobre a orientação do desejo sexual”.

1 ANEXO O – GRUPO FOCAL NÃO-RELIGIOSO 5 – (GFNR-5)

2
3 TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA4
5
6 ORIENTAÇÃO DO DESEJO SEXUAL

7
8
9 **P:** “Nós estamos aqui reunidos, no Colégio Nova Dimensão, com um grupo de alunos
10 da segunda série do segundo grau, e nesta ocasião faremos uma discussão relativa à
11 orientação do desejo sexual entre adolescentes. A primeira questão que nós
12 gostaríamos de debater com o grupo, é o entendimento que têm os adolescentes
13 sobre o que seja **orientação do desejo sexual**. Quem poderia começar? O que para
14 os adolescentes é **orientação de desejo sexual?**”

15 **Pablo:** “Bem... eh:... acho que seja... tipo campanhas... eh:... campanhas para focar
16 mais assim, questão de desejo principalmente da passagem da puberdade prá/
17 mostrar que é nessa fase que tá/ começando a despertar o desejo; focar,
18 principalmente na mídia, nem tanto no colégio, na mídia que hoje são/ onde os
19 adolescentes e na puberdade verem... mais imagens que venham fazer uma atração
20 assim... sentir uma atração por aquilo e sentir desejo de fazer”.

21 **Damiana:** “Eu penso que deve ser... tipo uma instrução como a gente direcionar esse
22 desejo prá/ nem deixar de lado nem correr riscos. Eu penso dessa... uma coisa assim”.

23 **Gildete:** “Bom, eu acho assim que pro/ adolescente, desde casa os pais devem tá/
24 dando alertas e informando os adolescentes sempre e... acho que no colégio
25 também... é muito importante o colégio tá/ sempre alertando e dando informações
26 pros/ jovens”.

27 **P:** “O que seria orientação do desejo sexual?”

28 **Mariano:** “Tipo uma orientação... assim, por parte de pais e amigos, assim... que ao
29 adolescente teria que ser dito essa orientação sexual... o homem se orientar para a
30 mulher... até por conta da questão da homossexualidade que muito comum hoje em
31 dia. Então... essa orientação sexual seria basicamente prá/ isso, mostrando qual é e
32 mostrando também os riscos das DSTs e outras coisas”.

33 **P:** “Outra idéia?”

34 **Terezinha:** “Eu acho assim que... partindo... já devia partir da família, já de casa... os
35 pais deviam orientar os filhos mostrando os riscos que correm principalmente as
36 meninas que querendo ou não tão/ engravidando cada vez mais pelo fato de não ter o
37 acompanhamento da família... porque a família acha assim: Não... ainda é
38 adolescente não vai fazer; mas pelo fato da família deixar os filhos de lado eles
39 acabam se revoltando e fazem as coisas erradas prá/ chamar a atenção dos pais para
40 que os pais sejam mais liberais com eles, mas muitas vezes não são. Deveria partir
41 mais da família e principalmente ter instituições que façam palestras com relação a
42 isso. Na minha opinião, se isso ocorresse ia diminuir bastante esses problemas de
43 gravidez e doenças sexualmente transmissíveis”.

44 **P:** “As vezes algumas pessoas entendem como orientação também a questão da
45 opção sexual. A opção sexual ela pode ter diferentes níveis... pode ser heterossexual,
46 pode ser homossexual, pode ser bissexual. O que vocês a respeito dessa orientação
47 de desejo do sexo?”

48 **P:** “Soraya com a palavra”.

49 **Soraya:** “Não, passa aí...”.

50 **Damiana:** “Eu acho assim... a pessoa tem que ser feliz, não importa a opção. Você
51 tem que ser feliz... agora... por exemplo, você ser um homossexual é diferente da
52 maioria, é; tem preconceito, tem; mais muita gente lida com esse preconceito...
53 assim... escraCHADO... assim... se vestindo de travesti; não precisa você dá um show
54 prá mostrar que você é, prá/ você tentar ser respeitado; porque você fazendo essas

55 coisas você não vai ser respeitado... porque você fazendo essas coisas é que você vai
 56 ser desrespeitado... porque não importa a opção que você fez... porque tem muito
 57 homossexual, tem muito gay que é muito mais homem do que esses macho/ que se
 58 dizem. E prá/ você seguir essa sua opção, você tem que ser corajoso prá/ assumir
 59 porque a sociedade é muito preconceituosa, você tem que ter também seu ato de
 60 responsabilidade... porque muitos homossexuais tem problema/ eh:... muitos/ pega
 61 DST nessas parada/ gay, por exemplo... não medem as conseqüências do que
 62 fazem...você tem que ter sua opção, tem que fazer o que você quer... agora tem que
 63 ser responsável... e você fazer de tudo prá/ chamar atenção aí é que vai ter
 64 preconceito... é o que eu acho. Você quer ser, seja... agora também não precisa tá/
 65 chamando a atenção”.

66 **P:** “Outra idéia? Sebastian?”

67 **Sebastian:** “Para complementar o que ela (Damiana) disse, acho que as pessoas
 68 homossexuais têm que agir de acordo com a sociedade. A pessoa não pode chegar...
 69 ah:... um homem vestido de saia, todo fortão, todo musculoso e na rua de saia... essas
 70 coisa/... acho que tem de agir de acordo com a sociedade... se não agir vai ter o
 71 preconceito... e cada sociedade tem suas regras”./

72 **P:** “Maximila”

73 **Maximila:** “Eu tenho amigos que são... gays, mas... sei lá... eu tenho amizade mas
 74 acho que eu particularmente... assim... não tenho preconceito mas eu não queria prá
 75 mim entendeu? Eu acho assim... que seria uma decepção prá/ um pai, você saber um
 76 filho seu ou uma filha sua... porque é assim... todo pai sonha o seu filho casando com
 77 uma mulher... qual é o pai que não sonha com isso? Qual é a mãe que não sonha... o
 78 sonho de uma mãe é casar uma filha, e não com outra mulher... sei lá, isso seria uma
 79 decepção... aí... sei lá”.

80 **P:** “Soraya ia falar?”

81 **Soraya:** “Não porque... como ela (Maximila) tava/ falando... eu não concordo, porque
 82 não é o certo esse negócio de homossexualismo...”

83 **Maximila:** “Perante a bíblia”

84 **Soraya:** “É”...”

85 **Damiana:** “Agora assim... religião à parte, essas pessoas tem que ter auto-satisfação
 86 né/... por exemplo, uma mulher que é homossexual, não adianta ela casar e ter filhos
 87 que ela não vai ser feliz; o marido vai ser corno do mesmo jeito... porque ela não vai
 88 deixar de se encontrar com uma mulher prá/ ser feliz... por causa do marido... prá/
 89 fazer os outros feliz... acho que a pessoa tem que se fazer feliz... entendeu? Mesmo o
 90 pessoal não aceitando”.

91 **Mariano:** “Mas ser feliz dentro dos limites porque... o caso do travesti... essas coisa/
 92 você poderia muito bem ser feliz ficando na sua...porque o homossexual prá/ ser feliz
 93 acho que ele não precisa se vestir de mulher, sair aparecendo fazendo escândalo na
 94 rua não”.

95 **Maximila:** “Eu acho que às vezes é prá/ chamar atenção. Agora, chamam atenção e
 96 acabam passando por ridículo porque em vez deles assumir/ a ordem que ele quer
 97 seguir, acaba sendo motivo de... chacota dos amigos, de quem passa na rua, começa
 98 a tirar pilherinha/ aí eles não gosta; Como é que eles querem fazer uma coisa e não
 99 ter uma sociedade como agente tem?”

100 **P:** “Ouvimos Maximila. Vamos ouvir Terezinha”.

101 **Terezinha:** “Acho assim... que muitas eles se veste/ desse jeito prá/ procurar um
 102 respeito, prá/ mostrar o que eles são; só que antes deles ter/ respeito das pessoas
 103 eles têm que se auto-respeitar. Então... nesse caso ele se respeitando, ele seguindo o
 104 modo de vida que ela acabou de... assim... ele é homem... ele se apaixona pela
 105 pessoa do mesmo sexo dele, então ele fica na dele... ele tem um caso com essa
 106 pessoa... continua tendo, mas... não esse caso de tá/ se vestindo de mulher... isso ele
 107 perde respeito, ele não tá/ se respeitando... ele seria mais feliz se ele vivesse do modo
 108 certo que a sociedade manda... porque talvez ele não seja feliz, mas evita de passar
 109 constrangimento e tudo”.

- 110 P: “Muito bem. Outra questão: A partir dessas considerações que vocês fizeram,
 111 **existe uma orientação de desejo sexual que o adolescente acredita que seja**
 112 **correta?”**
- 113 **Damiana:** “Pela sociedade eles acreditam que o certo é ser heterossexual... mas a
 114 maior parte talvez eles num/... ah:... o que ele queria ser num/ é... a pessoa num/
 115 escolhe... acho que a pessoa num/ escolhe de quem gosta”.
- 116 **Mariano:** “Eu acho que não... não sei... hum:... como é a pergunta professor?”
 117 P: “Se existe uma direção do desejo sexual que pareça correta?”
- 118 **Mariano:** “Acho que não existe essa orientação que pareça correta... hoje em dia o
 119 papo que... assim é mais falado é que o importante é ser feliz; então eu acho que o
 120 correto... prá/ muitas pessoas agora tá/ sendo ser feliz... e não ter uma orientação
 121 sexual que satisfaça a outra pessoa (ou a sociedade)”.
- 122 **Damiana:** “Agora... até assumirem eles tem que se preparar... até assumirem eles
 123 ficam... não tem como... eles ficam achando: não era prá/ eu ser isso... a sociedade
 124 não quer isso... até você assumir, acho errado, agora quando assumir não acho
 125 mais... quando você assume você chuta o balde; agora, até você chutar o balde fique
 126 na sua”.
- 127 **Maximila:** “Eu tenho um amigo que veio assumir prá/ mim ele... tava/ em dúvida...
 128 ele... sei lá... ficou tão assim... em dúvida; antes dele assumir ele ficou com
 129 vergonha... então ele quase que não se assumia, mas aí pelo que ele conversou
 130 comigo, aí eu fiz a pergunta a ele se ele era gay, aí ele se assumiu... ele disse, agora
 131 que você já entendeu né/? Aí... só que ele ficou em dúvida e até porque os pais dele
 132 não conversam com ele... tem uma relação muito trancada com os pais. Acho que se
 133 tivesse um diálogo mais aberto ele taria/ muito mais orientado né/?”
- 134 P: “Terezinha?”
- 135 **Terezinha:** “Prá/ eles, eles se empenham muito com as amigades pelo fato dele/ não
 136 ter uma auto-liberdade com a família. Então fica o seguinte: Eu tenho o meu melhor
 137 amigo e tal e eu sou... como é que eu vou chegar a ele? E se ele não quiser mais ser
 138 meu amigo o que é que eu vou fazer... então fica muito isso na cabeça. Tenho amigos
 139 que são e assim... aparentemente não parecem ser, mas quando você vai falar com
 140 eles, eles se trancam prá/ falar esse assunto; mas quando você mostra que você vai
 141 tá/ do lado dele, que você não vai deixar de ser amigo dele jamais por isso, eles/
 142 acabam tendo você como um... apoio prá/ eles, por eles seguir a vida mais tranqüila...
 143 porque a grande dificuldade com os pais e principalmente com as amigades... porque
 144 eles não conversam com os pais livremente; aí fica essa coisa... eu tenho medo de
 145 falar a meus amigos porque eles são a minha única base; como é que vou chegar e
 146 dizer? Se eles me deixarem em quem é que vou me apoiar?”
- 147 P: “Sebastian”
- 148 **Sebastian:** “Como assim?”
- 149 P: “Existe uma orientação de desejo sexual que lhe pareça correta?”
- 150 **Sebastian:** “Assim... pela sociedade a gente vê que o correto é a opção
 151 heterossexual... que isso é muito antigo... essa opção. Mas hoje... eu acho que muitas
 152 pessoas, até os héteros dizem que não existe assim... como já disse que o importante
 153 é ser feliz”.
- 154 P: “Soraya”
- 155 **Soraya:** “Prá/ mim a opção... a correta mesmo é o hétero; agora como todos já
 156 comentaram aqui, se ele quer ser homossexual, se ele é feliz assim, fazer o quê? Mas
 157 eu não acho... o correto mesmo é ser heterossexual”.
- 158 P: “Maximila?”
- 159 **Maximila:** “Sei não... porque tem um menino num colégio que teve ter seus onze,
 160 doze anos e... assim... tem um jeitinho já, um negocinho assim, uma coisinha mais
 161 delicadazinha... então sei lá se é de criança, mas acho que ele não nasceu gay não”.
- 162 P: “Outra idéia?”
- 163 **Mariano:** “Mais isso tem relação com a criação... na minha opinião. Porque se uma
 164 mãe cria uma criança mimada, fazendo tudo que ela quer, com àquele denço, ela

165 sempre vai ficar uma criança mais delicada, mais sensível e com isso,
166 conseqüentemente, vai atrair mais amizades com mulheres e aí... podendo aí... a
167 opção sexual dele... mudar”.

168 **P:** “Terezinha?”

169 **Terezinha:** “Agora eu acho assim que um erro da sociedade igualar... como Maximila
170 falou... delicadeza em homem com homossexualidade. Tem uma pessoa que é da
171 minha família e é muito delicada. Ele vira chacota do pessoal também da minha
172 família, dizendo que ele é homossexual. Só que, quando a gente interagiu mais com a
173 vida dele, a gente descobriu que ele não é; é porque ele é muito educado... ele é
174 culto... ele dá mais atenção... diferente da que os homens dão. Pelo fato dele ter sido
175 criado com as mulheres ele sabe o que as mulheres precisam que é ser feliz e
176 atenção; ele acaba dando atenção extra, ele acaba dando... coisas que nenhum
177 homem... dá quando tá/ numa conversação... e muita gente... igual a ele fala que é
178 homossexualidade; então eu acho isso um erro”.

179 **P:** “Mais outra idéia?”

180 ((Silêncio no grupo))

181 **P:** Muito bem. Outra questão que já engloba isso que vocês estão tratando. **O que os**
182 **adolescentes acham das pessoas que mantém relação sexual com pessoa do**
183 **mesmo sexo?**

184 **Damiana:** “É estranho”.

185 **P:** “Terezinha?”

186 **Terezinha:** “É porque a sociedade ensina... sexo oposto e não tem como entrar na
187 cabeça da gente que não é... no caso... que há uma relação; então fica estranho”.

188 **P:** “Mariano”

189 **Mariano:** “E a gente fica se perguntado também assim, como seria... qual é a graça
190 que... porque a gente sabe que entre um homem e uma mulher, a gente sabe que na
191 mulher, a mulher tem um órgão que... possa dar o prazer a ela... a questão do clitóris,
192 que dá uma sensação de prazer a ela; e... entre... tipo duas mulheres, dois homens?”

193 **Pablo:** “Sou totalmente contra, tenho totalmente preconceito e acho que o certo é
194 hétero, desde que o mundo é mundo, homem com mulher e sempre tem que ser
195 assim; acho que a mídia tá/ enfocando muito esse negócio de homossexualidade,
196 botando casal de gays na televisão, lésbicas... então influencia muito, principalmente
197 porque as crianças assiste/ aí faz por curiosidade, tipo uma modinha, isso é o que eu
198 acho que a mídia tá/ influenciando muito, muito mesmo”.

199 **Maximila:** “Mas meu amigo disse... eu fiz essa pergunta a ele: o que é que tu sente
200 assim... ele disse que gosta de mulher, mas ele não tem o mesmo prazer beijando
201 uma mulher... não é uma questão de atração, ele fica com os dois... ele diz que é
202 muito mais prazeroso beijar uma pessoa do mesmo sexo que ele”.

203 **P:** “Essa questão aí nós pegaremos logo a seguir. Mas em relação às pessoas, quem
204 mantém relacionamento sexual com outra do mesmo sexo? Cecília?”

205 **Soraya:** “Como é?”

206 **P:** “O que o adolescente acha do relacionamento sexual com pessoa do mesmo
207 sexo?”

208 **Soraya:** “Assim... eu tento respeitar, mas eu acho que eu nunca vou concordar com
209 isso, porque eu acho errado”.

210 **Gildete:** “Eu tenho preconceito também com relação ao homossexualismo, mas a vida
211 é de cada um e acho que a sociedade não deve impor tanto não, já que as pessoas
212 não aceitam e... também acho que a mídia influencia muito hoje em dia e tão até
213 aceitando casamento de homossexuais... acho que isso prá/ cabeça de uma criança
214 que até os homossexuais estão criando... eh::... fica meio estranho e a criança acaba
215 levando também esse lado da homossexualidade... acaba despertando isso; As vezes
216 a criança nem tem vontade de ser e acaba experimentando porque vê isso dentro de
217 casa e acha que isso é normal”.

218 **P:** “Damiana?”

- 219 **Damiana:** "Eu acho que todo adolescente acha isso estranho... não tem como,
220 principalmente quando você vai a uma festa. No festival de Inverno do ano passado foi
221 o que eu mais vi... era casal de homem se beijando, casal de mulher... é estranho. Eu
222 particularmente acho nojento, mas eu vou fazer o quê? Eles não tão/ se sentindo
223 bem? Então eles têm que fazerem o que eles querem... agora eu acho que todo
224 mundo acha isso estranho; mesmo tentando entender... é estranho".
- 225 **Soraya:** "Se eu tiver alguns amigos assim... amigos mesmo que tejam/... que converse
226 comigo, que tejam/ dizendo assim... não porque eu penso assim ser... eu faço o
227 possível prá/ dar conselhos prá/ não seguir, sabe? No que depender de mim, eu ajudo
228 assim prá/ não ter esse negócio de homossexualidade".
- 229 **P:** "Sebastian?"
- 230 **Sebastian:** "Faço a mesma coisa que ela (Cecília)... tento respeitar, mas acho feio
231 homens se beijando, acho feio, não gosto de ver".
- 232 **P:** "Outra idéia?"
- 233 **Damiana:** "Não".
- 234 **P:** "Muito bem. Então, uma outra questão: **Como os adolescentes percebem o**
235 **relacionamento de pessoas que mantém sexo com ambos os sexos? De uma**
236 **pessoa que se relaciona com ambos os sexos?"**
- 237 **Maximila:** "Como a gente percebe?"
- 238 **P:** "Qual é a opinião dos adolescentes sobre alguém que se relaciona
239 independentemente do sexo?"
- 240 **Terezinha:** "Acho que é uma pessoa confusa... que não sabe o que quer... sente
241 atração pelos dois lados mas... não sabe necessariamente qual dos dois é o
242 verdadeiro que ele tá/ sentido. Eu também que é por falta de conversação com alguém
243 mais experiente que se torna isso; mas eu acho que é uma pessoa muito confusa da
244 vida".
- 245 **Mariano:** "Acho assim, que se você já ficou com homem, se você já ficou com mulher
246 você sabe muito bem qual é a sensação dos dois. Então eu acho até... desculpe a
247 palavra, uma safadeza essa questão de tá/ ficando com os dois porque você já provou
248 de um, provou do outro e continua... você vai passar a vida só provando prá/ ver do
249 qual é que gosta? Não concordo com isso".
- 250 **Soraya:** "Essa questão tem muito que falar, como Terezinha falou, uma pessoa
251 confusa".
- 252 **Amaralina:** "Eu concordo que é estranho você namorar com uma pessoa que é
253 bissexual... imagine assim, eu tá/ namorando e de repente imagino que o menino
254 também gosta do mesmo sexo que ele e tal; a mulher se sente mal sendo traída por
255 uma pessoa do mesmo sexo; imagine eu (sendo traída) com um menino e ele
256 (ficando) com outro menino... sei lá... é uma questão que você fica sem reação na
257 hora, né/? É meio complicado".
- 258 **Gildete:** "Eu também concordo que o bissexualismo é mais errado ainda".
- 259 **P:** "Sebastian?"
- 260 **Sebastian:** "Acho que falta consciência".
- 261 **Maximila:** "Eu também não sei não, não entendo não porque... o pessoal assim que
262 eu conheço... sei lá, prova dos dois, sabe? Ou ele tá/ ficando meio doido ou é
263 safadeza mesmo. Outra coisa: essa pessoa não assume (sua homossexualidade)".
- 264 **Mariano:** "E também assim, você ficando com duas pessoas você pode até... até sem
265 querer, você pode acabar machucando alguém... porque éh:... tipo... se eu fosse
266 bissexual aí tivesse ficando com Cecília e com um menino... ao mesmo tempo Cecília
267 começasse a sentir alguma coisa por mim, eu taria/ machucando tanto ela como a
268 outra pessoa, porque isso... você começa a brincar com o sentimento das pessoas... e
269 isso é uma coisa muito séria você brincar com os sentimentos da pessoa".
- 270 **Terezinha:** "Fora que se machuca também porque... ele não vai tá/ provando uma
271 coisa melhor e se ele se sentir atraído pelas duas... porque... ele tem dúvida... então
272 ele pode muito bem se sentir atraído pelas duas" ((vozes que se misturam)).
- 273 **P:** "Damiana?"

274 ((vozes que se misturam no grupo))

275 **Pablo:** “Eu acho uma falta de respeito como já falaram... totalmente... porque não tem
276 como namorar... é esquisito; você é hétero e tá/ com uma pessoa gay, não tem como
277 isso aí... é uma falta de respeito; você conhece ela como sexo oposto e quando
278 descobrir que ela é bissexual, não concorda com isso... totalmente é contra. Eu acho
279 que o bissexualismo é tipo uma mangueira de esconder o homossexualismo... é tipo
280 eles se disfarçarem; eu acho que não tem como a pessoa se relacionar com dois
281 sexos... ou é um ou é outro”.

282 **P:** “Soraya?”

283 **Soraya:** “Eu penso assim, essa pessoa bissexual é que não escuta muito falar sobre
284 isso aí fica querendo saber, interessada. Aí pega e fica experimentando de um lado e
285 de outro... falta de conversa também com os pais, principalmente”.

286 Amaalina: “Eu concordo que é estranho você namorar com

287 **P:** Outra idéia?

288 **Damiana:** “Não”

289 **P:** “Nada mais? Alguma outra contribuição?”

290 ((silêncio no grupo))

291 **P:** “Bom, não havendo, nós encerramos aqui a nossa discussão sobre a orientação do
292 desejo sexual entre adolescentes”.